C. Malheiro Dias

Em redor de um Grande Drama

Livrarias Aillaud e Bertrand
Aillaud, Alves & C.ia
PARIS — LISBOA

EM REDOR

DE UM GRANDE DRAMA

OBRAS DO MESMO AUTÔR

Filho das Hervas, romance, 5.º milhar. . . . 800 reis

Os Telles d'Albergaria, romance, 2.ª edição. 800 reis

Paixão de Maria do Céu, romance, 2.ª edição. 800 reis

A Vencida, contos. . . . . 600 reis

O Grande Cagliostro, romance . . . . 800 reis

Amôr de Mulher, romance no prélo, ... 800 reis

Cartas de Lisboa :

1.ª Serie. 600 reis

2.ª Serie. 600 reis

3.ª Serie. 600 reis

Do Desafio á Debandada :

I. — O Pesadêlo. . . . . 600 reis

II. — Chéque ao Rei. . . . . 600 reis

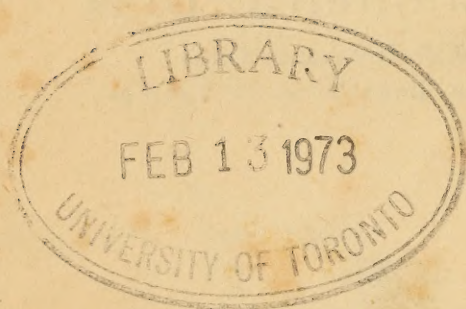
EM REDOR
de um
Grande Drama

Subsidios para uma
Historia da Sociedade Portuguêsa (1908-1911)

POR

Carlos Malheiro Dias

Da Academia de Sciencias de Lisboa
e da Academia Brasileira de Lettras

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
LISBOA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
RIO DE JANEIRO

A imparcialidade é a mais difficil das coragens.

A publicação em volume, com o titulo *Do Desafio á Debandada*, das correspondencias que, entre os mezes de abril a novembro, sobre os successos de Portugal despreoccupadamente, *corrente calamo*, escreveramos para o jornal brasileiro *Correio Paulistano*, obedeceu ao intuito de nos exceptuarmos da acusação que envolvia os colaboradores portuguêses da imprensa do Brasil e os apontava como sendo os detractores systhematicos da Republica, que ao longe iam atacal'a, a salvo de responsabilidades e de perigos. No dia em que assim vimos posta a questão, o nosso dever era só um : o de facilitar desassombradamente ao conhecimento do publico os nossos escriptos incriminados. Esse dever, que tanto se ajustava com a leal boa fé das nossas intenções, sem vacilar o cumprimos. Com essa resolução nos arriscavamos a ser mal julgados por todos quantos applicam ao exame dos successos politicos decorrentes o criterio exclusivo das suas paixões. Não era este porém motivo que nos detivesse. Simples narrador de factos, nunca nos movera o empenho de lisongear vencedores ou vencidos, nem o de pesar sequer na balança da nossa opinião meritos ou erros de adversarios e de correligionarios politicos, que não nos estorvam no isolamento obscuro em que vivemos. Todavia, o inadmissivel equivoco que dera motivo á aprehensão pela policia do Porto, na manhã de 17 de novem-

bro, pela denuncia alvar de um typografo, das primeiras folhas impressas da nossa obra inofensiva, concorrera para sobre ella projectar esse perigoso prestigio do escandalo, só prejudicial a uma obra que de modo algum poderia corresponder ás exigencias dos leitores, estimuladas pelo reclamo gratuito da policia. Muitos foram então os que anciosamente aguardaram o aparecimento do livro, prematuramente lançado ao *Index* republicano pela mesa censoria de alguns esbirros de opera-bufa, para assistirem á execução rhetorica do regimen... e provavelmente á execução sumaria do escriptor.

O livro apareceu, saudado por alguns jornaes, antes de lido, com epigrammas que não nos molestaram sequer a epiderme. Depois, quasi em toda a imprensa, o silencio. Constatára-se que elle não era tão vulneravel para o ataque como se dizia, nem tão convidativo ao elogio, como se presumira. Os dois jornaes, *O Dia* e *As Novidades*, que na vespera do seu aparecimento haviam transmittido aos leitores, sob a forma de entrevistas, o seu sumario analytico, no qual denunciavamos com integra e leal franqueza a orbita modesta a que se circumscrevera a nossa intenção de jornalista, esses mesmos se abstiveram de exprimir a sua opinião, o que iniludivelmente nos revelava, dadas as relações affectuosas que com os seus directores nos lisongeamos de manter, que ella nos era antes desfavoravel que benigna.

Mas se os jornaes se calaram ante o nosso inadmissivel attentado de imparcialidade — pois que no jogo das paixões os imparciaes aparecem sempre como impertinentes, — as cartas choveram sobre a nossa mesa de trabalho e mensageiros

numerosos vieram traser-nos as reprehensões, as censuras, o echo das recriminações que se levantavam contra a nossa, no seu entender inexplicavel, attitude.

Pretendemos a principio systhematisar em dois grupos essas acusações verbaes e epistolares, para lhes responder em bloco. Logo porém tivemos que desistir do inviavel intento, pois que impossivel se tornava, entre a confusão inextrincavel das opiniões contradictorias, agrupar methodicamente esses libellos e classifical'os. Uns nos chamavam clericaes porque expuzeramos e narraramos os preliminares da questão religiosa — que segue a sua marcha cyclica dentro da logica inflexivel de que sempre se revestiu semelhante fenomeno social. E contra esses regorgitava de replicas decisivas o nosso archivo, desde as indignações provocadas pela publicação, em 1902, de *Os Telles d'Albergaria,* até á curta mas violenta campanha que sustentaramos em 1909 com a gazeta ultramontana *O Portugal :* essa batina impressa, com que se abanou o fogo da reação anti-religiosa. Outros inflamadamente nos acusavam pelo crime de havermos feito a apologia de Paiva Couceiro, quando o nosso delicto consistia apenas em termos chegado por outro caminho, — o da imparcialidade, — acceitando o resoluto campeão monarchico tal como o viramos retratado nos jornaes republicanos de outubro, a uma opinião equivalente á dos nossos acusadores atribiliarios, pelo que respeita á acção da aventura politico-guerreira da Galliza. Finalmente, os monarchicos severamente nos reprehendiam por termos ousado projectar sobre as suas defeções, os seus montões de erros, as suas culpas indefensaveis, os seus condestaveis em fuga,

os seus generaes burlescos, as suas cizanias immoraes, a luz clarissima, já em todos os espiritos infiltrada, da verdade, explicando a victoria da Revolução simultaneamente pelo acervo das suas culpas no passado e pelo prodigio da sua inepcia na hora do conflicto, em que os coagia a consciencia paralysante da culpa. Narrando os factos, tentando tornal'os comprehensiveis, nós não tomavamos o partido dos derrotados contra os vencedores, nem vice-versa iamos arrancar aos velhos pés decrepitos dos loureiros as suas brunidas folhagens para engalanar os Lycurgos victoriosos.

Desertando da politica, guardando nos recessos do coração as nossas convicções inalteraveis, as nossas affeições e as nossas magoas, não desertaramos da lucta — pois n'esta jamais haviamos entrado. Que foramos nós, dentro da monarchia, perante os régulos dos partidos, mais do que um devaneador cuja voz nunca ascendera até ás regiões onde se concertavam as grandes combinações politicas, que entregaram o regimen, atado de pés e mãos, aos republicanos ? O *comité* monarchico excommungára a nossa obra? Quem eram os vogaes d'esse invisivel tribunal censorio? De onde vinham? Da capitulação do dia 5? Por que bulas pontificavam esses papas do *espiritismo* monarchico? Qual a sua jurisdição sobre a nossa liberdade de pensar e de agir? Que compromissos firmaramos com essas entidades occultas?

Uma só aspiração podia, nitida, explicita, deprehender-se do conjuncto dos pensamentos expressos no decurso das setecentas paginas do nosso depoimento jornalistico : a aspiração da paz. Hoje, como hontem, perseveramos em crêr que no em-

bate tormentoso das paixões desflagradas, a nacionalidade se desfaz. Ha annos que sobre Portugal e cada vez com mais recrudescida violencia, se desencadeia uma tempestade. Urge applacal'a, sem o que as devastações engrandecer-se-hão em catastrophe. Não se lobrigam porém signos de bonança, nem se enxergam ainda os providenciaes debelladores d'esta insanía. Ao debil conflicto remanescente da monarchia com a Republica veio juntar-se a questão religiosa. Revigoraram-no com o enxerto. Se é esta a *patria nova* que, na sessão memoravel de 20 de novembro de 1906, o deputado Antonio José d'Almeida, de pé na poltrona, a trunfa romantica em desalinho, como um Passos Manuel resurgido, convidava os soldados, n'um repto de eloquencia tribunicia, a fundarem com as suas bayonetas, o proprio caudilho terá de confessar que ella mais parece uma patria na senectude — ou moída pelas coronhas das armas, cujas bayonetas não chegaram a resplandecer como um feiche de raios solares na madrugada historica de 4, quando alvorecia a Republica.

O regimen, até hoje, não poude curar as tres grandes enfermidades nacionaes : as suas tres grandes crises ou lesões organicas — a do dinheiro, a da fé e a da disciplina. Somos uma sociedade depauperada, desiludida e indisciplinada, sem a vocação do trabalho, da austeridade e da ordem. Esta sociedade, tal como se acha constituida, explica a falencia do liberalismo e a desorientação da democracia. Nasceu pobre. Endividou-se. Nasceu fraca. Viciou-se. Nasceu turbulenta. Anarchisou-se. *A prosperidade* — proclamava-o ha dias o chefe do governo francez — *é a ordem em movimento.* Por isso nós não prosperamos.

E' provavel que esta reincidencia de opinião volte contra nós, iradas, as mesmas vozes que nos acometteram. Não fecharemos os ouvidos ás suas advertencias. Recolhel'as-hemos na memoria e juntaremos ás numerosas cartas de hontem as reprehensivas cartas de amanhã, reservando a resposta a umas e outras para mais opportunos tempos. Entre aquellas uma ha porém que não nos é permittido conservar secreta e á qual um dever indeclinavel nos obriga a dar publicidade. Essa pertence ao numero restricto das que não nos trouxeram recriminações nem doestos, mas rectificações a factos involuntariamente falseados. Assigna-a o ultimo presidente de ministros da monarchia: o sr. TEIXEIRA DE SOUSA.

Eis a parte substanciosa que fica d'esta carta — unica que interessa á Historia :

« *Permitta-me diser que na sua obra ha algumas passagens que, por se prestarem a interpretações equivocas, eu peço lisença para rectificar. O meu amigo, que, com a sua attenção de escrupuloso observador, tem seguido tudo quanto se relaciona com o movimento de outubro, terá encontrado os rastos de uma campanha de diffamação contra mim, no tocante ao meu proceder como chefe do governo, feita por aquelles que, dominados por antigos odios, nem sequer vêem que a revolução me levou tudo quanto eu havia conquistado em vinte annos de luctas politicas : a situação social, a chefia de um grande partido, o meu logar na camara dos Pares, as minhas gran-cruzes, o emprego publico de cujo rendimento eu carecia para o meu viver e o campo de acção para a minha actividade politica. Logo em seguida á revolução, escrevi um livro sobre os acontecimentos de outubro e que agora está para*

ser publicado. Ha muitos meses o teria sido, senão fosse a obstinação de alguns amigos meus em me affirmarem a sua inopportunidade. Não é um livro de politica, de que me afastei inteiramente; não é uma obra de Historia por que não quero que seja uma obra de critica, mas é um trabalho de verdade, sem odio nem paixão, para que bem se veja a quem pertencem as responsabilidades da queda do regimen monarchico e para que nitidamente se reconheça que eu cumpri honradamente o meu dever na defesa do que por honra minha tinha de defender.

« Aproveitarei a publicação d'este meu livro para, em notas, rectificar algumas passagens da sua obra « Do Desafio á Debandada », que certamente obedeceram a incompletas informações. São ellas :

1.ª) « Antes que o « Amelia », onde embarcára toda a familia real, proseguisse na sua róta, interrompida por algumas horas ao largo da Ericeira, o rei confiára ao sr. Serrão Franco, corrector official da Bolsa de Lisboa — que n'aquelle lance d'angustia prestára aos fugitivos um decisivo auxilio, — a seguinte carta archivada pela Historia, e endereçada ao chefe do governo, já destituido a essa hora das suas funcções pela revolução triumphante, *etc.* » *(Pag.* 90 *do* 1.º *volume.)*

« Já bastantes semanas tinham passado depois da proclamação da Republica, o « Correio da Manhã », sempre meu implacavel adversario, noticiou a existencia da carta pelo meu amigo transcripta, acusando-me de não lhe haver dado publicidade. Mais tarde, o mesmo jornal affirmava que a carta havia sido confiada ao sr. Serrão Franco para me ser entregue e exigia que esse documento historico appa-

recesse e fosse publicado. Eu era réu de mais esse delicto, sonegando a publicação de um documento que, no pensar do jornal referido, muito interessava á causa monarchica. Já cançado de vêr formulada mais esta calumniosa accusação, escrevi no dia 18 *de desembro ao sr. Serrão Franco, referindo-lhe o boato de que D. Manuel lhe entregara uma carta para mim e que eu não recebêra, apesar de, com conhecimento geral, me encontrar ferido, na rua do Andaluz, n.º* 49, *onde me conservei até ao dia* 15 *de outubro, e pedindo-lhe que me dissesse :* 1.º *se tal carta lhe fôra entregue;* 2.º *o motivo por que m'a não entregara;* 3.º *o destino que lhe dera. Respondeu-me o sr. Serrão Franco sem aludir ao assumpto da minha carta, para me dizer que* « **se alguem o houvesse encarregado de qualquer missão, só a essa pessoa teria de responder e assim que lhe permitisse dizer-me que só auctorisado por essa pessoa podia responder ás minhas perguntas** ».

« *Aqui tem a prova documentada de que me não foi entregue a carta de D. Manuel, a qual, pela primeira vez, appareceu publicada no* **Correio da Manhã** *de* 4 *de janeiro de* 1911 (1).

2.ª) « Comprehende-se e justifica-se o procedimento do rei — um adolescente de pouco mais de 20 annos — cedendo ao contagioso accesso de pavor que effeminisara os seus aulicos, obedecendo ás solicitações

(1) Ainda não é pois d'esta vez que o enygma da carta régia se esclarece. Da resposta do sr. Serrão Franco poder-se ha deduzir que, por motivos para nós ignorados, elle cuidou dever devolvel'a ao signatario, declinando assim a missão que lhe fôra confiada? Seja como fôr, o documento, já vulgarisado, não vale o trabalho de um mais efficaz inquerito aos motivos da sua sonegação.

do governo, deixando-se arrastar para Mafra, para a Ericeira, para Gibraltar ». *(Pag.* 113 *do* 1.º *volume.)*

« *Tambem fui acusado de aconselhar D. Manuel a sair do paiz. D'ahi o motivo porque á verdade historica convem explicar a sua frase : « obedecendo ás solicitações do governo.* »

« *Só no dia 7 de outubro soube pelo conde de Mesquitella, que me visitára na minha cama de enfermo á rua do Andaluz, que D. Manuel havia saido de Mafra e havia embarcado na Ericeira. Não só não aconselhei o embarque, como do facto ninguem me deu conhecimento antes de realisado, o que não admira porque, estando Lisboa em poder dos republicanos, todas as comunicações eram impossiveis. Mas aconselhei eu D. Manuel a sair de Lisboa para Mafra? E' certo. Na madrugada de 4 d'outubro o quartel general organisara uma columna composta de infantaria 2 e cavallaria 2, que devia atacar os revoltosos na Rotunda. A' columna seria agregada a bateria de Queluz, que até cerca das* 11 *horas da manhã esteve junto das Necessidades. Quando esta recebeu ordem de ir juntar-se á columna, D. Manuel telephonou-me instando por que ella se conservasse junto do Paço para evitar o desembarque dos marinheiros. O Paço tinha sido bombardeado e D. Manuel já se encontrava instalado em uma das construcções do parque. A bateria de Queluz era a unica artilharia de que o quartel general podia dispôr, e sem artilharia toda a acção contra a Rotunda era inutil. Por outro lado, da columna envolvente, organisada de manhã, ainda áquella hora não havia noticias nem tinha entrado em acção. Era, além d'isso, de bem simples evidencia, que a columna em questão não dispunha da necessaria força para re-*

dusir os revoltosos n'uma acção efficaz. Perante estas diversas circumstancias, aconselhei D. Manuel a sair para Mafra acompanhado de um esquadrão da municipal, com o que imediatamente concordou. D'esta maneira, não só era dispensada junto das Necessidades a unica artilharia que em Lisboa havia fiel ao regimen, mas ficavam em liberdade infantaria 1, *caçadores* 2, *duas companhias da guarda municipal e* 150 *praças de infantaria* 16, *para poderem ser utilisadas na acção contra os revoltosos. Como o general de Divisão informou o conselho de officiaes reunido no dia* 5, *antes da adhesão á Republica, aquellas forças, repetidas vezes mandadas marchar para o Rocio a fim de ser organisada uma nova columna de operações, não obedeceram. Taes foram os motivos que me levaram a aconselhar D. Manuel a sair para Mafra, onde reunia facilmente* 500 *homens da Escola Pratica de Infantaria* (1). *Como o meu amigo sabe e o diz no seu trabalho, a sahida de D. Manuel, de Mafra, foi obra do infante D. Affonso, de João d'Azevedo Coutinho e das pessoas do seu serviço* (2). *Eu não*

---

(1) Convem deixar rectificado o erro em que labora n'este ponto o sr. Teixeira de Sousa. De facto, o contingente normal da Escola de Mafra regula por umas 700 praças. N'este momento, porém, este achava-se redusido a uns 100 soldados, commandados por officiaes que ao sr. Azevedo Coutinho pareceram « desalentados ».

(2) Aqui ainda o sr. Teixeira de Sousa se equivoca, o que a ninguem póde surprehender sabendo-se que elle não foi testemunha dos acontecimentos a que se refere em sua legitima defesa. O sr. Azevedo Coutinho sahiu de Mafra aconselhando vehementemente o rei a retirar sobre o Porto e isso mesmo elle o diz a Paiva Couceiro na entrevista entre os dois officiaes havida em Cintra. O Infante, esse não ha negal'o, não só convidou o soberano a embarcar, como foi o mais tenaz partidario da róta de Gibraltar, considerando « uma loucura » o desembarque no Porto, onde a guarnição se conservava todavia ainda fiel ao regimen, já deposto em Lisboa pela revolução.

dei conselho nem opinião sobre isso e do facto só tive conhecimento no dia 7 de outubro.

3.ª) « Convidado na noite de 3 a ausentar-se para Cintra, obstinou-se em permanecer nas Necessidades. A manhã de 4 encontrou-o (a D. Manuel) fardado, disposto para a lucta. Por duas vezes, entrevendo o seu dever de generalissimo, pretendeu pôr-se á frente das tropas. Mas que tropas? » *(Pag.* 113, 1.º *volume.)*

« *Reconhecendo eu a inconveniencia de immobilisar numerosas forças para guardar D. Manuel no Paço, fui de opinião que depois do jantar do marechal Hermes da Fonseca o rei saisse para Cintra. E grande erro foi não proceder assim. D. Manuel conformou-se. Foi o ministro dos Estrangeiros que opinou por que ficasse nas Necessidades e n'esse sentido se resolveu. Pretendeu pôr-se á frente das tropas? E' possivel, mas não o fez, não me fallou, nem o commandante da Divisão de qualquer desejo n'esse sentido. Não desmereço nas qualidades de D. Manuel, mas cumpro a obrigação de repellir a accusação que me fizerem de que eu impedi que tomasse o commando das tropas. Que tropas? Não eram poucas as que estavam junto do Paço : infantaria* 1, *que passava por ser o regimento mais fiel á monarchia, caçadores* 2, 150 *praças de infantaria* 16, *duas companhias de infantaria da municipal e* 1 *esquadrão de cavallaria. Mas devia o governo aconselhar D. Manuel a tomar o seu commando? Não. Não só o commandante da Divisão nenhuma duvida tinha sobre o triumpho para a causa monarchica, mas ainda a vida do rei correria imminente risco. Morto elle, o regimen monarchico teria* IPSO FACTO *o mesmo e immediato destino. Não podia*

eu aconselhal'o a expôr-se, mas não o demovi de o fazer.

4.º) « Não tiveram que combater senão a guarda municipal, que lhes era lançada em fragmentos, por uma tactica macabra, para a chacina. Demais, só arremedos de resistencia. Os generaes, os coroneis, os commandantes dos regimentos e das companhias eram apenas simulacros de adversarios. Como ultimo recurso viu-se a monarchia trespassar a direcção da lucta das mãos flacidas mas fieis do general Gorjão para outras mãos que acabaram por pulverisar os elementos de resistencia ainda sobreviventes, de modo a facilitar o chéque mate da marinha... » *(Pag. 27 do 1.º volume.)*

« Os tres primeiros periodos do que deixo transcripto do seu trabalho são a absoluta expressão da verdade. Mas a direcção da lucta não esteve sempre nas mãos do general Gorjão? Esteve sempre. No dia 3 á noite o governo entregou ao seu commando toda a guarnição militar de Lisboa, incluindo as guardas Municipal e Fiscal e ainda a policia civil. No dia 4 foram-lhe rectificados absolutos poderes, em officio, para proceder na defesa do regimen e no restabelecimento da ordem publica como se o estado de sitio estivesse decretado. D'estes discreccionários poderes usou, indo até conceder o armisticio e a render o quartel general sem conhecimento meu.

« Não accuso ninguem, mas tambem não quero que se me atribuam responsabilidades no que nenhumas responsabilidades o governo teve. Aqui tem, meu amigo, o que eu entrego á sua critica de historiador. Ser-me-ia muito commodo, quando tanta gente correu a declarar que prestara grandes serviços á implantação do regimen republicano, deixar correr

o que pudesse levar á conclusão de que eu não defendi o posto que á minha honra fôra confiado, por desleixo, fraqueza, ou por menos dedicação pela causa monarchia, mas assim deixaria eu macular o nome que pretendo legar limpo aos meus. Isso não. A politica não é hoje o objecto de minha preoccupação, embora em mim se não apagasse a dedicação pela causa publica, mas que apenas agora me leva a desejar que o paiz tenha prosperidade que condiga com a grandesa de sua historia.

« Se, investido no cargo de maior confiança da monarchia, eu a não defendesse mais do que á minha propria vida, que estive na imminencia de perder-então teria o justo odio dos vencidos, mas não menor despreso dos vencedores. E' satisfação que dou á Historia e não áquelles que, tendo concorrido efficazmente para o regimen se perder, me assacam responsabilidades que não tenho. Só calaria a minha defesa se ella pudesse ser considerada como a pretenção de reivindicar a confiança dos meus detractores, o que não procuro nem quero.

« Creia-me sempre seu muito dedicado amigo,

TEIXEIRA DE SOUZA. »

Vidago, 1-1-912.

Eis a carta do ultimo presidente do Conselho do regimen monarchico fielmente transcripta com seu consentimento prévio. Ella vem corregir, embora com deficiencias inevitaveis, alguns pontos das narrativas, todas redigidas com as velocidades

do jornalismo, que colligimos na obra já demasiadas vezes citada. Poderiamos, sobre os themas palpitantes que ella offerece á analyse de quem a lê, produzir variações inumeraveis, pois que tão importante documento nos revela alguns dos syndromas do verdadeiro caso de pathologia politica que é, encarado no seu aspecto monarchico, o 5 d'outubro. Mas não só as declarações que constam da carta do ultimo *primeiro ministro* de D. Manuel (versando explicitamente adulterações involuntarias de alguns factos relacionados com a queda do antigo regimen) não bastam para se ajuizar em todos os seus pormenores o desenvolvimento da opinião que sobre os successos de outubro e sobre os seus actores, suas causas remotas e suas contribuintes immediatas, professa o exilado de Trás os-Montes, como as promessas de que não demorará a publicação do seu integral depoimento são motivos de sobra que nos interdizem a tentativa de uma analyse, condemnada a restringir-se á pequena área de uma carta.

Um equivoco porém pretendo deixar esclarecido : o que na epistola do amargurado estadista me agracia com as honras indevidas de historiador, cujas responsabilidades são elevadissimos direitos de mercê applicados á nossa obra modesta de jornalista, privados como nos encontramos até dos sensacionaes favores que a sorte reserva a um Galtier, escolhido por um monarcha para redigir a sentença dos seus politicos e proclamar ao mundo o seu programma de illusões.

De uma vez por todas é preciso dizel'o : a obra a que démos o titulo de *Do Desafio á Debandada* não tem a estulta pretenção de sêr um livro de Historia, e muito menos da Historia da Revo-

lução. Erros de apreciação e erros de facto (1), muitos d'elles difficilmente destrinçaveis, pois não entrou ainda na plena luz grande parte da figuração historica dos successos de hontem, devem inçal'a, sem contar as injustiças a que a contracção de vastos assumptos a uma generalidade insuficiente ou a resumos aforisticos, de simples effeito litterario, dá motivo constante em escriptos d'essa natureza, como por exemplo seja a condemnação em globo da obra dos politicos monarchicos — o que além de importar uma injustiça é um absurdo (2). A nossa *historia* fizemol'a em parte pelo processo empregado pelo conde de A... para satisfazer a curiosidade impaciente do juiz instructor do seu

(1) E para que se reconheça a importancia a que podem assumir aquelles erros que passam por ser veniaes, a occasião nos parece excellente para transcrever estes periodos de uma carta que nos dirigiu o eminente escriptor, honra intellectual do partido republicano, que se chama José Pereira de Sampaio (Bruno): « Permitta á minha senectude que proteste contra a designação de sexagenario com que me brinda. No passado 30 de novembro completei 54 annos, faltando-me, portanto, ainda seis para a conta. N'esta quadra da vida, seis annos para mais ou para menos, é alguma coisa. Deus consinta que eu os aproveite, já que estraguei dos 54 nada menos de 40, pois que foi aos 14 que principiei na faina chimerica quem se subscreve », etc...

(2) Um dos fenomenos que mais chamará de futuro a attenção dos historiadores é o despreso com que os contemporaneos se referem á acção civilisadora dos estadistas do liberalismo, atribuindo-lhes exclusivamente a nossa situação secundaria no mappa europeu, quando a verdade é que a monarchia constitucional, em 3/4 de seculo de existencia, aproveitou na administração do paiz os seus homens mais eminentes em todos os dominios da intelligencia, o que prova, pelo menos, que as responsabilidades do erro teem que ser repartidas entre o paiz e o regimen, e o que prova mais que a nossa incapacidade administrativa é um mal de educação e de vocação, em que todos somos partes, em que todos somos solidarios, e que nos impõe por isso mesmo o dever de olharmos com mais indulgencia para os erros ainda reparaveis de hoje do que olhamos para os erros já irreparaveis de outr'ora.

processo, e que o interrogára poucos dias passados sobre a sua prisão como conspirador. Imaginando-o no segredo da conjura monarchica e compromettido n'ella, o magistrado, sorrindo com benevolencia, promettendo-lhe que as suas revelações seriam consideradas como influentes attenuantes ao seu delicto, animava-o a contar-lhe o que sabia da conspiração. E era tal a avidez do juiz em ouvir-lhe a narrativa — fosse o que fosse ! — que o prisioneiro, para o satisfazer, começou narrando o que sabia : as povoações da Galliza em que se achavam alojados os soldados de Paiva Conceiro, quantos eram, quem os commandava, o caminho provavel da invasão, as protecções evidentes de que dispunham, os projectos militares do paladino... E a penna do escrivão corria rapidissima no papel, archivando o depoimento portentoso. Era toda a conspiração revelada, denunciada, compromettida. E o delator imprudente continuava a contar a sua historia e o juiz esfregava, jubiloso, as mãos, sem deixar de sorrir com a mesma argucia subtilissima, até que, attingindo na escala progressiva do espanto as surpresas maximas, se não conteve de perguntar, maravilhado : — E onde soube V. Excia tudo isso? Então, com uma modestia sincera, o prisioneiro politico, assim interpelado, responde : — Foi no *Seculo*. V. Excia encontra lá tudo isto, muito bem explicado, no numero de ante-hontem !

Como o conde de A... (1), para me habilitar a

---

(1) Uma outra anecdota, que lhe é egualmente atribuida, não é menos denunciadora de um bom humor raro entre os sombrios portuguezes O mesmo juiz, que fôra á Amadora, onde o conde de A... se achava preso, para o interrogar, ven-

transmittir ao Brasil a noticia dos successos de Portugal, eu li os jornaes, muitos jornaes, os jornaes de todos os partidos, de todas as facções, e não me seria ainda hoje difficil documentar com as referencias exactas das fontes jornalisticas algumas das passagens mais discutidas da minha obra, que não passa, se quizerem, de uma novella sobre a aventura politico-guerreira da Galliza, dramatisada por um romancista obstinado, como tal considerado sempre pelos pavões verde-rubros e azues e brancos da politica — que hoje se permittem grasnar contra a nossa liberdade de opinião, como se algum salario em qualquer tempo tivessemos recebido da sua munificencia para lhes servir em pratos de oiro, cinzelados de estylo, os louvôres em que era mestre o Tolentino.

Historia, não! Mesmo porque uma *Historia da Revolução* não pode inaugurar-se com a narrativa dos acontecimentos que immediatamente precederam o movimento de outubro. Quando o chefe do partido regenerador — de um dos partidos regeneradores, pois que na barafunda partidaria em que liquidava a politica monarchica tambem o sr. conselheiro Campos Henriques reclamava o direito de se apelidar o successor de Hintze, — era chamado a organisar com um programa de

---

do no relogio que lhe faltam apenas poucos minutos para alcançar o tramway de Lisboa, dá o interrogatorio por concluido e, pondo o chapéu, péde ao prisioneiro para que o assigne depressa. « Senão perco o comboio... » explica o juiz ao conspirador. — « Então V. Ex^cia^ perderá o comboio, não tenha duvidas — responde o prisioneiro, pesaroso — O meu nome de familia é extensissimo e não posso reduzil'o para ser agradavel a V. Ex^cia^. Seria uma fraude Ha só um meio de V. Ex^cia^ ainda conseguir alcançar o comboio : consentir-me que assigne o meu titulo...

liberdades e de administração o seu efemero ministerio, a revolução estava organisada. Já nada a poderia, a essa hora, deter. Era uma fatalidade que tinha que cumprir-se. Podel'a-iam debelar uma energica cohesão na defesa, uma fulminante opposição dos elementos militares ainda fieis ao regimen, pois que ella, uma vez desflagrada, denunciou-se desordenada e vulnerabilissima. Ao rompêr a manhã do dia 4, o nucleo revoltoso da Rotunda, onde palpitava o proprio coração do movimento, poderia ter sido golpeado á baioneta. As declarações do sr. Machado Santos — e nem essas seriam necessarias para se poder aquilatar a debilidade dos insurrectos, — constituem o mais tremendo libello contra a inepta indolencia dos agredidos. No dia 4 de outubro, a monarchia nada mais fez do que preparar o desenlace rapidissimo da capitulação do dia 5. A acção d'esses dois dias está narrada em depoimentos numerosos. Não terá que hesitar o historiador para, coordenando os elucidativos elementos de apreciação, facultados de uma parte e outra ao conhecimento publico n'essa trasbordante confissão que submergiu as paginas dos jornaes nas semanas que se seguiram á proclamação da Republica, delinear com mão firme, em todas as suas linhas essenciaes, o successo deploravel. Quem hoje pretenda descrever a acção de outubro, confinada entre o assassinio do professor Bombarda e a capitulação do Quartel General, encontra, revelado, patenteado, depurado até pelas confrontações de depoimentos contradictorios, com o superfluo da anecdota, o indispensavel material. Nunca uma revolução de semelhante alcance se desenrolou em menor perimetro, em menor praso e em condições de melhor

poder ser abrangida e analysada em todos os seus multiplos pormenores. Para a focar não se torna necessario sequer o emprego de uma grande angular, pois que ella cabe no raio visual de uma pupila.

Mas o 4 d'outubro não passa do epilogo da Revolução. Não é a enfermidade, é a agonia. Não é a lucta, é o extertôr. Historicamente, o 4 d'outubro não explica nada. E' um desenlace. Toda a acção do drama lhe fica anterior. No dia 4 d'outubro, a monarchia tropeça, cahe no laço que lhe armaram, e expira, tal o macaco da fabula, que, sendo o unico animal da creação que não sabe nadar, põe as mãos na cabeça, fecha os olhos e se deixa afogar.

Ao amanhecer o dia historico, a intervenção dos politicos cessa. Estes sahem de scena, recolhem a bastidores. A monarchia é representada n'esse instante supremo, em que vae decidir-se a partida, pelo exercito. A tunica monarchica é jogada aos dados pelos centuriões da Rotunda e do Quartel General.

Como explicitamente o assevera na sua carta o conselheiro Teixeira de Souza, na noite do dia 3 o governo abdicára nas mãos atarantadas do general em chefe da divisão militar de Lisboa todas as iniciativas da lucta.

Entregara-lhe, com poderes discrecionários, os elementos de combate de que ainda dispunham as instituições.

Como Pilatos, o governo lavou as mãos na cumplicidade do erro inverosimil que ia cometter-se. Pode talvez estranhar-se que, tendo trespassado para o commando da divisão a sua auctoridade, o governo se não haja reunido ao rei,

no paço das Necessidades (1). Mas o ministerio por ventura projectava lá ir, dentro de poucas horas, levar-lhe, collectivamente, a noticia do triumpho... E em que teria podido a sua presença nas Necessidades modificar os acontecimentos? A verdade é que, depois do banquete de Belem, emquanto o rei joga o bridge no paço com os seus ajudantes e camaristas, a sorte da monarchia está nas mãos do general Gorjão, que declara ter ainda tempo para tomar tranquilamente o seu café quando em Belem o chefe do governo lhe confirma a imminencia do movimento revolucionario. Desde que os primeiros tiros se disparam, inaugurando a breve refrega com que vae epilogar-se uma monarchia de oito seculos, os ministros, a começar pelo da Guerra — cuja carreira de pedagôgo fôra a menos propria para treinar a energia militar de um soldado e o sangue-frio corajoso de um chefe (2), — falam, discutem, gesticulam, mas não governam. Por mais que se procure chamar á responsabilidade essas sombras, ellas esvahem-se. A sua interferencia no desastre á nulla. Se nada fizeram para evital'o, quando elle se prefigurava inverosimil, tambem em cousa alguma concorreram para o facilitar. A sua influencia na acção, a contar da manhã de 4, foi nenhuma.

A Historia avaliará mais tarde se essa inacção o absolve ou o condemna. Nunca tambem um

---

(1) Em uma carta do sr. Lara Everard, publicada no *Correio da Manhã*, se conta que o ministro dos Estrangeiros lhe dissera na noite de 4, em casa do chefe do governo : « O nosso logar não era aqui, era no paço, ao lado do Rei. »

(2) Sangue-frio que elle aliás revelou, tomando consoladamente o seu caldo de galinha no quartel-general de S. Domingos emquanto os insurrectos desmoronavam lá fóra a monarchia.

ministerio se constituira com elementos menos aptos para se defrontarem com um conflicto d'esta natureza. Excepção feita dos conselheiros Teixeira de Sousa e José d'Azevedo, ambos trasmontanos, ambos de temperamento combativo, mas cuja impulsividade, — que se manifestou incoherente, — longe de os auxiliar só lhes comprometteu as resoluções, os secretarios de Estado, incluindo os ministros da Guerra e da Marinha, eram homens de gabinete, sem vocação para luctar, e ninguem pode surprehender-se de os vêr, na hora do combate, apagarem-se. O ministerio fôra organisado para o trabalho, não para a guerra, sob um criterio puramente administrativo, com a participação de um economista eminente na pasta da Fasenda e de um theorista juridico na da Justiça, encarregado de interpretar as preponderantes correntes liberaes nos conflictos recem-abertos com a Egreja e nas questões de doutrina que constituiam compromissos ministeriaes de ordem politica. Não era um ministerio de homens de Estado; era um gabinete de funccionarios do Estado. Este ministerio em nada concorreu para atear a Revolução. Encontrara-a organisada ao assumir o governo. Quem pretendesse abrir a *Historia da Fundação da Republica* com o seu advento, debater-se-ia no vácuo. O unico grande erro politico de que se poderia legitimamente inculpar o gabinete, votado pela sorte a ser o derradeiro do regimen, é o de não se haver preparado, *ab initio*, para debeladôr do conflicto politico anunciado. Essa não fôra porém a incumbencia que da corôa recebera. A sua função era a de limpar os estabulos d'Augias da administração publica, inaugurando a politica

economica preconisada como o elixir da longevidade monarchica. Trabalho este era, certamente, digno da invocação de Hercules. Mas não lhe fôra comettido o exterminio da hydra de Lerna, mesmo porque as condições politicas em que se organisara lhe impediam, por desfavoraveis, quaesquer iniciativas corajosas n'essa directriz temeraria. O governo assumira o poder deparando com a maioria dos partidos e das facções politicas do regimen colligadas contra elle. Progressistas, nacionalistas, henriquistas iam combatel'o nas eleições com um ardôr de que nunca tinham usado nos combates eleitoraes contra os adversarios das instituições. N'essa hora de perigo commum, quando a náu do Estado já metia agua por todas as cavernas, os defensôres da monarchia entregavam-na, sangrada de forças, ao inimigo : o *tertius gaudet* da contenda. Os republicanos exultavam ao presencearem o clericalismo, o paço dos Navegantes, os dissidentes regeneradores e as proprias antecamaras das Necessidades conluiados contra o 5.º ministerio de D. Manuel.

E não obstante, este era o ultimo trunfo do jogo da realesa, o seu naipe de oiros, pois que consubstanciava o programa de uma activa reforma economica e financeira, delineada pelo mais notavel economista português, e as reivindicações mais vulgarisadas da opinião liberal, o que ia permittir-lhe a aliança do radicalismo monarchico da dissidencia progressista e por ventura a coadjuvação do espolio ainda valioso da influencia eleitoral do franquismo.

Que queriam os descontentes?

Entendemos que a maxima de Voltaire : « *on doit des égards aux vivants et la vérité aux morts* »,

deve ser rectificada n'uma transposição completa.
E' aos vivos que se deve a verdade; aos mortos que é devido o respeito.

E' aqui que cabe, para explicar o fenomeno enygmatico, a evocação retrospectiva da decadencia dos partidos monarchicos. Estes entravam no ultimo reinado esfacelados. Pulverisavam-se. Já não eram partidos, mas esqueletos de partidos, que se desarticulavam pelas frageis synóstoses.

Com esta curta perspectiva historica abrange-se já sufficientemente o quadro todo. A datar de 1900, vêem-se os grandes sustentaculos do regimen estremecerem nas bases, desmoronarem-se, rolar aos trambulhões pelo despenhadeiro, desconjuntados, perdendo as cabeças, projectando de si os membros, desfasendo-se. De longe a longe, na queda vertiginosa, um obstaculo, logo transposto, detem-os por momentos. E' a visita de Eduardo VII, a do imperador Guilherme, a do presidente Loubet; são os estratagemas sagazes da habil politica internacional do rei D. Carlos; é a questão dos tabacos resolvida; é a expedição dos Cuamatos victoriosa; é a construcção da rêde complementar dos caminhos de ferro do Estado emprehendida... Mas o movimento inicial, assim detido, não se paralysa : redobra de intensidade, accelera-se. A derrocada prosegue. E n'essa descida para o abysmo vêem-se as victimas cegas de uma mesma catastrofe atacarem-se, pelejarem, aggredirem-se, empurrando-se, esboroando-se em colisões furiosas de inveja e de ciume, correndo, os que ainda teem pernas, atrás de *penachos* que o vento impelle. E é então, fitando bem, ao proprio ruir da monarchia que se assiste. O espectaculo assume proporções dramaticas inauditas.

Já póstas e coagulos de sangue ficam no rasto da avalanche, que vertiginosamente vae a attingir o abysmo hiante aonde se irá sumir de escantilhão, ao fragôr ululante dos finaes canhoneios, que na Rotunda salvam ao funeral da realesa. E ao mesmo tempo que a monarchia, enovelada nos politicos, dá no escorregadío declive os saltos mortaes do regicidio, do Credito Predial e dos adeantamentos, uma procissão, que de longe parece minuscula, sobe a vertente opposta da montanha com alguns homens na frente que gesticulam, outros que agitam jornaes, outros, mais numerosos, atrás, que brandem armas e imprimem, a uns engenhos esfericos, de ferro, o movimento oscilatorio de arremesso do *Discobolo*... São os republicanos que trepam.

* * *

Quando, em maio de 1901, o conselheiro João Franco se separa do partido regenerador, a politica do constitucionalismo achava-se representada pelos dois grandes e poderosos organismos partidarios, convencional e tradicionalmente donominados conservador e liberal. Era o *rotativismo*. A essas duas olygarchias eleitoraes, funccionando n'um paiz de incultura quasi geral — 3.914:514 analfabetos n'uma população de 5.039:744 habitantes, segundo o censo ultimo, — que transitára para o liberalismo pelo solavanco brusco de uma guerra civil, sem tirocinio evolutivo, se atribuia com visos de razão a decadencia moral dos costumes politicos, denunciada no desperdicio, na venalidade e no sacrificio cada vez maior dos interesses da

nação aos esfaimados, insaciaveis apetites das clientélas. Mas se por um lado esse condominio do poder pelas duas hegemonias partidarias estimulára a propagação dos vicios originaes das classes dirigentes, certo é tambem que elle correspondia na evolução do constitucionalismo a uma irreprimivel tendencia historica de consolidação, commum a todos os regimens congéneres. Não fôra sem luctas ardentes, sem multiplicados embates, sem conflictos inumeraveis que se atingira bipartir o usofructo da influencia politica por esses dois unicos organismos omnipotentes, que respectivamente contavam como chefes successivos, transmissores do patrimonio eleitoral : o partido regenerador — Rodrigo da Fonseca Magalhães, Joaquim Antonio d'Aguiar, Fontes Pereira de Mello, Antonio de Serpa Pimentel e Hintze Ribeiro; o partido progressista — Passos Manuel, o duque de Loulé, o marquez de Sá da Bandeira, o Bispo de Vizeu, Anselmo Braamcamp e José Luciano de Castro. Haviam sido numerosas as vicissitudes dos dois partidos. Numerosas tinham sido as disensões que os agitaram em fases alternadas de engrandecimento e declinio. Mas o poder de agregação, inherente á sua dynamica evolutiva — fenomeno social equivalente á do periodo de desenvolvimento fisico das especies, — pudera resistir, victorioso, a essas perturbações funccionaes, que não lhes attingiam a estructura, acabando elles sempre por attrahir, aglutinar e reabsorver as celulas irradiantes ou, quando menos, cicatrizar sem demora as lesões sofridas, restaurando-se, celeres, do traumatismo.

Para só falar das scisões mais recentes, que haviam pretendido sem exito destruir a cohesão

dos dois partidos, basta lembrar o rompimento de Barjona de Freitas, em 1887, depois da morte de Fontes, que deu logar á fundação da efémera *Esquerda Dynastica*, de tão precaria existencia como o *nacionalismo* de Casal Ribeiro e os *constituintes* do conselheiro Dias Ferreira. Do mesmo modo as tentativas de José Estevão, resuscitando o partido democratico de Passos, de collaboração com os futuros republicanos Elias Garcia e Latino Coelho (1861) se malogravam e a dissidencia altiva do bispo de Vizeu — o prelado que dizia ao soberano que a sua corôa ninguem lh'a tirava e as dos reis ás vezes cahiam, — acabava por capitular no pacto da Granja (1876), integrando-se no partido historico.

Finalmente, depois de aquietadas as grandes luctas intestinas, os dois partidos adquiriram uma homogeneidade que ia durar pouco. Separando-se do partido regenerador para fundar o *rito* nacionalista — partido que só podia subsistir com a funcção secundaria de aliado eleitoral de qualquer dos já constituidos, embora buscasse dissimular com um programa de principios a subalternidade evidente — o sr. conselheiro Jacintho Candido inaugurava o desmembramento d'essas olygarchias monopolisadoras do poder, que se consideravam imutaveis como as mechanicas dos systhemas planetarios. Vã presumpção, pois que o fugaz resplendôr de poderio, correspondente ao zenith da evolução partidaria do constitucionalismo, ia gradualmente flectir descensionalmente até ao nadir de 5 d'outubro.

A scisão Jacintho Candido significava ainda, sob o disfarce de um novo partido implantador de novas doutrinas, a colligação dos elementos cle-

ricaes, que se consideravam na posse de uma influencia politica sufficiente para justificar a sua emancipação e entendiam chegado o momento de erguer o collo. Não deixa de ser digno de reparo — por isso o apontamos aos historiadores, — que a essa revelação de poder corresponde desde logo o recrudescimento da campanha anticlerical do partido republicano. E' que a funcção historica d'este principiava devéras com o declinio dos adversarios, e ao que vae assistir-se é á progressão da ideia republicana acompanhando par e passo a depressão do constitucionalismo monarchico. Nada estorvará mais esta dupla marcha ascensional e depressiva. Emquanto a monarchia se debilita em scisões consecutivas, a democracia fortalece-se. Ao tempo que os partidos monarchicos se fragmentam, no partido republicano integram-se novos elementos de actividade. Um dossara-se; o outro solidifica-se. Não era já apenas por grupos, mas por unidades que a dispersão se operava (1). As vaidades susceptiveis do talento melindradas? As ambições desmedidas do orgulho insatisfeitas? Mas o facto é que a disciplina partidaria se rompe, que o prestigio dos chefes empallidece, que o exemplo das desersões está dado. A' scisão do partido regenerador, em maio de 1901, segue-se a scisão do partido progressista em 1905. A morte de Hintze Ribeiro, em 1907, precipita a catastrofe para que caminha o partido conservador. E é hasteando os pendões da moralidade que o conselheiro João Franco se divorcia, como o conselheiro José d'Alpoim se divorciará

(1) José Dias Ferreira, Mariano de Carvalho. Emydio Navarro, Antonio Ennes, Augusto Fuschini, João Arroyo e o general Dantas Baracho, para só falar dos principaes dos desertôres

em nome d'essa mesma moralidade offendida. Pretextos? Mas pretextos terriveis em uma terra de moral duvidosa, perante um povo sem vocação para a austeridade e sempre prompto a acceitar como veridicas as denuncias que attingem o caracter e constituem o argumento permanente das disputas politicas.

Já não ha ter mão na derrocada dos grandes partidos em dissolução. Vae acabar de arruinal'os, depois de subdivididos e debilitados, a peleja inexoravel dos transfugas. Em 1906, o ministerio progressista estatela-se na questão dos tabacos, que exige o holocausto de um partido para se resolver. Os adversarios agora são, para cada governo que se succede, numerosissimos. Não é mais um partido hostilisando outro partido com uma intensidade proporcional ao praso em que lhe deva sêr devolvido o poder. A lucta inicia-se no proprio dia em que o Diario do Governo publica os decretos nomeando os novos secretarios de Estado. Já não ha armisticios. Decisivo, o anno de 1906 marca na historia dos partidos uma data memoravel. Cahiram os liberaes. De ambas as partes : dos regeneradores e dos progressistas, os chefes observam o campo de batalha e tomam disposições. Hintze julga-se o arbitro da politica portuguêsa e, vendo os republicanos avançarem, quer oppor-se-lhes. José Luciano vê o seu partido em chéque pela escamoteação imprevista da confiança da corôa, — que assim de certo modo consagra as campanhas jornalisticas dos tabacos, — e quer salval'o na alliança com a virtude franquista, que lhe restituirá o condominio de um poder que o rei lhe arrancou com desaire.

N'essa hora de perigo, o monarcha hesita e

suppôe tudo salvar jogando a carta fatal que vae decidir da sorte da realesa em poucos lances. Sustentando os regeneradores, facilitaria talvez a reconstituição dos dois grandes partidos, recompondo em novas bases e novos programas o equilibrio estavel da politica. Tudo deixava prevêr a infusão dos dissidentes progressistas no partido regenerador e a fusão dos progressistas desalentados no franquismo absorvente. Abandonando Hintze Ribeiro, chamando o conselheiro João Franco ao poder, o rei, que é antes de tudo um soldado (1), não conta com o machiavelismo do chefe progressista, que tem duas contas a ajustar e as ajustará : com o soberano, que o immolou ao inimigo, e com o chefe dos regeneradores, que lhe negociára secretamente a successão, ao suppôl'o na agonia. Chegada a hora inevitavel em que o conselheiro João Franco apelará para a dictadura — tanto porque isso estava na logica do seu temperamento como porque as estrondosas refregas parlamentares iam sêr um estôrvo aos seus sonhos messianicos de reformador, — o partido progressista abandonal'o-ha, enfileirando-se entre os que combatem o rei e o dictador. Com a morte de Hintze, succedida em 10 de agosto de 1907, e que morre theatralmente n'um cemiterio, com a sua farda de conselheiro de Estado, o Tosão de Ouro ao pescoço e a placa da Torre e Espada no peito lealissimo, o monarcha está definitivamente isolado. O que faz o rei n'essa hora de perigo? Sentindo-se ludibriado, o

(1) « O rei, simples no seu trato como um guerreiro, d'um sangue frio imperturbavel, levava bravamente a sua audacia até ás extremas temeridades. » — *A Concentração monarchica* pelo sr. dr. Bernardino Machado (1908, Março).

orgulho melindroso do neto de D. Maria II regeita todas as transacções com os politicos. Contra elles abre hostilidades declaradas. Destruil'os-ia. Reedificaria a politica monarchica com novos chefes, em novos alicerces. Transaccionar parecia-lhe incompativel com o seu brio. Quem eram afinal, perante o paiz, aquelles inimigos da corôa, locupletados de dictaduras, que lhe moviam guerra em nome de uma Liberdade que tinham prostituido? Os administradores incapases — outros diziam os delapidadores, — dos bens nacionaes, os responsaveis pela decadencia das instituições. Castigal'os-ia! E então se assiste a este contrasenso politico: o rei abalando os ultimos apoios da monarchia — os seus cumplices — demolindo os sustentaculos do regimen, passando por cima do Conselho de Estado, prestando-se a dissolver a camara dos Pares, incompatibilisando-se com as proprias municipalidades dissolvidas, ampliando o conflicto até aos longinquos reductos do caciquismo eleitoral das provincias.

Os atacados replicaram ao desafio imprudentissimo com um escarcéu clamoroso. O rei virava-lhes as costas? Atacariam o rei. N'essa altura, se fosse dignamente possivel aos republicanos garantirem a conservação das influencias e dos predominios aos grandes regedores politicos da monarchia — a monarchia constitucional sem rei, como a exprimiu o sr. Cunha e Costa (1) — a Republica poder-se-ia ter

---

(1) « Ella (a Republica) carece de mudar de prompto a sua orientação, procurando a unica formula que, por ora, se adapta ao modo de ser da sociedade portuguesa : o de uma monarchia constitucional, mas verdadeiramente constitucional, sem rei. » — Do artigo *O Anno politico*, publicado n'*O Dia* de 31 de Dezembro de 1911.

fundado com um simples pacto. Os republicanos consubstanciavam n'aquella hora, na sua campanha contra o regimen, a secreta aspiração de muitissimos dos politicos da monarchia, votados ao ostracismo da corôa : o castigo do rei pela morte politica — a deposição (1). A lucta já não era contra o dictador subalterno. Era contra o thrôno responsavel. Provas? Os historiadores irão colhêl'as aos depoimentos publicos dos jornaes archivados nas bibliothecas : essas testemunhas ajuramentadas, que depoem perante a posteridade. E via-se na primeira fila dos atacantes o *Correio da Noite*, o orgão dos progressistas — os recem-aliados do franquismo ! — dando o exemplo da lucta sem quartel á realesa. A herva não crescia na rua dos Navegantes (2) ! O palacio do Machiavelo liberal era o centro irradiante da conspiração politica contra o monarcha imprudente que ousára affrontar o seu valetudinario conselheiro, cujo cerebro ainda relampejava de intelligencia. Os proprios conservadores lá vão buscar o santo e a senha da batalha. Era a revivescencia da lucta dos barões feudaes contra o soberano : o feudalismo politico em guerra contra a corôa.

Depois é o 28 de janeiro, é o 1 de fevereiro. A monarchia ficára sem rei. Tinha agora a presidil'a uma creança, servida pelos adversarios do pae, e a

---

(1) « Quando nos propozemos a combater a tirannia em Portugal, propuzemo-nos a depôr o rei e o regimen. Que aquelles que n'esse momento não pensassem em depôl'os, nos atirem a primeira pedra. Nós fomos mais corajosos. Nós pensámos em fazel'o e tentámos fazel'o. » — João Chagas, 1908, prefacio.

(2) Atribue-se ao conselheiro José Luciano de Castro, por occasião da demissão do ministerio progressista, em 1906, a frase de desafio a corôa : — « A herva não crescerá, emquanto eu viver, diante da minha porta ! »

quem faltava a compleição exigida a um restaurador de regimens decrepitos.

Os grandes partidos politicos, as fortes aggremiações partidarias, essas tinham para sempre desapparecido. Apparentavam de vivas. Prestidigitação! Illusionismo! Atacara-as a caria. Na Camara dos Pares, tres annos antes, o conselheiro João Arroyo, abrangendo, com um d'esses golpes de vista percucientes que eram a especialidade da sua perspicacia, a barafunda politica em que se afundavam as instituições, tivera uma phrase pittoresca e elucidativa: « Chegou o momento de baralhar os partidos e dar cartas de novo. » Mas na realidade o momento passara. Se durante o reinado do voluntarioso D. Carlos imperara o *rotativismo* — excepção das horas de perigo, como as do ultimato e da crise, em que a corôa, vendo fallir os monopolisadores do poder, recorrera ás transitorias situações extra-partidarias, — durante o reinado de D. Manuel impera o *hybridismo*. No decurso movimentado de 3 annos, um só ministerio caracterisadamente partidario: o ultimo. Os restantes reflectem de um modo impressivo a decadencia irremediavel dos outr'ora poderosos organismos politicos. Convidados, perante os despojos sangrentes da dictadura, a assumirem o mando, os olygarchas — tão soffregos das victualhas do poder quando a sombra de Banquo não ameaçava vir inquietar-lhes os chilos de giboia, — recusam, concertam aliarem-se para afrontarem juntos o panico e entregam o poder — que hão de subrepticiamente arrancar-lhe na hora propicia, — a um almirante, que commandará a náu do Estado na procella...

Os conselheiros Ferreira do Amaral, Campos Henriques, Sebastião Telles e Wenceslau de Lima

presidem a situações estructuralmente precarias, de conciliação apparente, de concentração illusoria, que não passam de expedientes governativos. Tendo-se renovado em 1907, após a morte de Hintze Ribeiro, o estratagema de que se lançára mão depois da morte de Fontes : a direcção provisoria do partido por um comité de ministros honorarios; como em 1887 a lucta pela chefia dividira provisoriamente o partido em duas correntes : uma em prol do conselheiro Teixeira de Sousa, outra em favor do conselheiro Julio de Vilhena, — divergencia que finalisára na submissão do primeiro candidato. Este assim salvava temporariamente a hegemonia do partido, no qual a chamada ao poder do conselheiro Campos Henriques, em 27 de dezembro de 1908, ia abrir porém uma nova, incicatrizavel scisão.

Para onde se caminha? Para a Republica — diz alguem, que na presença do conselheiro João Franco, a quem fôra feita a pergunta, se lhe antecipára na resposta. E o exdictador, meneando a cabeça, admitte a plausibilidade da hypothese : « *um regimen que se apoia em baionetas oscilantes arrisca-se a espetar-se.* »

Tudo se desmoronava. Foi sob essas ruinas que se subverteu a realesa.

E' dentro d'este polygono que terão de manobrar as argucias dos historiadores para explicarem o 5 d'outubro. O grande prologo da revolução cabe na narrativa do fortalecimento do partido republicano pelo esfacelamento dos partidos monarchicos, cariados. As ultimas eleições do regimen, realisadas a um mez do advento da Republica — e em que se presenceara transmudada n'uma peleja obcena de ambições, de despeitos e de invejas em conflicto, perante o regosijo dos adversarios, a

imprescriptivel defesa das instituições, — são o corolario, a prova superabundante da cachexia partidaria, cuja etiologia esboçamos.

Os monarchicos morreram desavindos. A entredevorarem-se rolaram no coval onde se sumiu com elles a realeza. Eis a Historia : os delineamentos geraes da Historia, onde caberão depois os esclarecimentos dos detalhes. Esta a materia do primeiro volume de uma Historia da fundação da Republica. Não nos abalançaremos nós, testemunha pouco esclarecida dos successos, a redigil'a. O subsidio que traremos á tarefa laboriosa dos historiadores futuros — pois não pode haver historiadores *contemporaneos*, se bem que nos compendios escolares se intentem já abusivamente lavrar sentenças definitivas sobre os acontecimentos ainda palpitantes de hontem, — limitar-se-ha a um desenvolvido estudo sobre a individualidade, sob tantos aspectos enygmatica, de Carlos I. Em volta d'este projecto já se murmurou a palavra *apologia*, que provisoriamente repellimos, substituindo-a pela unica expressão verbal que aos nossos intuitos corresponde : a de um *inquerito*. O nosso plano não consiste de modo algum em manufacturar um panegyrico. Ignoramos aonde nos conduzirá o nosso estudo, a que conclusões attingirá a nossa inquirição meticulosa. Mas propomo-nos a encaminhal'a com desassombro pelas mais escabrosas veredas, analysando exhaustivamente os motivos que fundamentaram as capitaes acusações articuladas contra o infaliz assassinado de fevereiro. Como até aqui, nos elevaremos acima da politica, de todas as politicas, ás quaes não nos ligam os minimos compromissos. Entre a nossa tarefa solitaria de escriptor e os interesses dos politicos regeitamos

quaesquer afinidades. Reclamamos o direito de dizer o que sabemos — como sabemos. Não servimos com a nossa penna incorruptivel ambições de ninguem. Somos um escriptor. Reivindicamos para a nossa profissão as imunidades que lhe competem, não querendo expôr aos ventos desabridos, soprem de onde soprarem, a chamma debil, mas pura, do nosso pensamento.

* * *

A obra despretenciosa que vae lêr-se comprehende tres especies de escriptos : os inéditos, os folhetins publicados no jornal *O Commercio do Porto* sob a rubrica de *Cartas de Lisboa* e alguns artigos, poucos, que em jornaes brasileiros, no tempo da monarchia, foram publicados. Singela compilação de alguns subsidios para esclarecimento de quem um dia se tente a escrever a historia pittoresca da sociedade portuguesa no longo periodo revolucionario que decorre desde a dictadura franquista até... não sabemos quando, a estes artigos falta continuidade chronologica, de que os privamos voluntariamente subtrahindo á publicidade as paginas intercalares, não só porque as julgamos de menor interesse, mas porque entendemos assim evitar que se nos atribuisse a ambição de retratar uma epoca com a ligeireza e superficialidade de uma penna de chronista. Não é este um livro de opiniões, mas tão sómente de impressões. Não terá peso algum na balança onde se estão pesando as intenções mais reconditas dos homens no pretorio inquisitorial da sordida politica portuguesa. Lançamol'o á impetuosa torrente da opinião publica como um barco de papel, que se submergirá sem estrondo ou sobrenadará sem gloria.

EM REDOR
DE UM GRANDE DRAMA

EM REDOR DE UM GRANDE DRAMA

1908

1 de Janeiro.

Os ausentes esquecem. Muitos me considerariam já talvez um desertor e será quasi necessario recordar-lhes a nossa convivencia de tres annos para que se lembrem d'este correspondente indiscreto dos domingos, que á hora do almoço lhes vinha contar essas mil anecdotas com que se faz, bem ou mal, a historia palpitante das sociedades. Mas outros, presos a estas cartas sem belleza, mais pelo habito de as lêrem do que pelo valor que ellas porventura possam ter, lisonjeiramente me animaram a recomeçal-as, lastimando que se interrompesse esta fita cinematographica — e tão trémula ! — da vida de Lisboa.

A ultima sessão do meu defeituoso cinematographo precedeu de um mez a minha ida ao Brasil, quando se inaugurava com os disturbios universitarios de Coimbra a dicta-

dura do conselheiro João Franco, que nos promettera um governo *á inglêsa*. E n'este dilatado praso, em que se renovou Lisboa, de modo a offerecer-me themas inéditos para o exercicio da minha observação? Ai de mim! Nada mais fiz do que Lisboa, que nada fez... Ao desembarcar no caes de Santos, foi como se apenas na vespera me tivesse separado da cidade, que sete mezes antes, por uma tarde suavissima de primavera, deixára, entre as penumbras côr de rosa do occaso, erecta, como um presepio colossal, á margem de um rio glorioso.

Vinha de uma cidade que em mutações de magica todos os mezes se alterava, de entre os tumultos vivificantes do progresso, e este regresso á immobilidade da tradição opprimia-me de melancolia e desalento.

Foi só aos poucos, gradualmente, que a antiga idolatria renasceu, com essa ternura indulgente que é o segredo das amisades e dos amores indestructiveis. E já agora esta Lisboa só immovel á superficie, principia a transmudar-se a meus olhos, entreabrindo á minha curiosidade surprehendida novos horisontes, desvendando-me segredos nunca presentidos, revelando-me um repertorio infindavel onde ha de tudo, desde a tragedia á farça, desde o drama á comedia, desde o

sainete á *feeria*. E' que uma cidade é sempre a synthese emocionante da civilisação e da vida, o reservatorio insondavel aonde affluem todas as caudaes da humana energia e do esforço humano. Os triumphadores, como os vencidos, instinctivamente a procuram, ou para melhor estadearem a victoria, ou para n'ella occultarem, como n'um regaço discreto, a vergonha e a dôr. Tanto como Pariz, Lisboa podia ser a inspiradora fecunda de um Balzac. Se é certo que não ha assumptos máus para um escriptor experimentado não é menos certo que Lisboa é ainda um d'esses incomparaveis assumptos, que de um chronista mediocre faria um escriptor attrahentissimo.

Quantas vezes a mim proprio não tenho perguntado porque se não lembrou ainda a municipalidade de crear um museu da cidade, á imagem do museu Carnavalet, constituindo-o, de começo, com o pequeno mas já valioso nucleo de documentos historicos em seu poder ou de acquisição pouco dispendiosa. A esse museu ficariam annexos os archivos da camara e não lhe seria certamente necessaria uma dotação consideravel para, em breves annos, encelleirar inapreciaveis elementos, hoje dispersos e em vesperas de desapparecerem, que mais facil tornariam ao

investigador o delinear, embora a largos traços, a historia pittoresca de Lisboa (1)

Este projecto, aliás de uma execução nada difficil, pela primeira vez me acudia, ha quatro annos, quando o ministerio das obras publicas adquiriu por uma bagatella os planos encommendados pelo marquez de Pombal ao engenheiro Mardel para a ampliação de Lisboa a norte do Passeio Publico, em direcção ás Hortas da Cêra e Valle do Pereiro : melhoramento que só passados seculo e meio o municipio emprehendeu sobre os planos do conselheiro Ressano Garcia. Esse mappa, verdadeira preciosidade historica, fôra offerecido á camara municipal, que se eximira a compral-o, com o pretexto respeitabilissimo de falta de verba consignada no orçamento para tal fim. O que em Portugal se tem desbaratado de dinheiro... por falta de verba!

Lisboa tão digua de um museu, que de segredos não reservas áquelles que te sabem amar e comprehender!

O palacio Cadaval em Pedrouços.

Hontem ainda, mãos amigas nos abriram as portas, obstinadamente fechadas ha setenta e quatro annos pe-

---

(1) Este museu existe hoje.

rante as reiteradas solicitações da curiosidade litteraria, de uma casa que era, até hontem, um dos segredos inviolados de Lisboa : o palacio da familia Cadaval, em Pedrouços, que os ultimos duques deixaram para sempre quando, em julho de 1833, as tropas miguelistas, acompanhadas de legiões de frades e fidalgos, abandonaram Lisboa ao exercito do duque da Terceira, acampado em Cacilhas.

Em volta d'esse palacio êrmo, ha quasi um seculo deshabitado, a imaginação dos phantasistas entretecera uma lenda que para elle chamava, desde muito, a curiosidade de todos os amadores do pittoresco. Dizia-se que a moradía suburbana de Pedrouços se mantinha até hoje tal como a havia deixado a nobilissima familia, n'essa manhã dramatica da fuga. Havia ainda roupa nas gavetas das commodas; a mesa estava posta para o almoço; na estante do piano permanecia aberta a partitura italiana que a duqueza, na vespera, estivera tocando; na secretária do duque viam-se ainda o sinete, o lacre, as pennas de pato, que tinham servido á redacção dos ultimos despachos do governador militar de Lisboa... Caso raro, caso talvez unico, o palacio de Pedrouços reconstituia authenticamente, no seculo XX, o vivêr de

uma grande familia do principio do seculo XIX. Comprehende-se assim a curiosidade dos investigadores de historia, dos annotadores de costumes e dos amadores de *bric-á-brac.*

A lenda é, porém, mais linda do que a realidade. Pelos aposentos e salas do palacio de Pedrouços andamos hontem, com o recolhimento piedoso de quem atravessa um cemiterio. Os objectos tambem se decompõem como os corpos. Um bafio de catacumba erra n'aquelles salões, por onde outr'ora resoaram as botas de montar dos duques militares, sob aquelles tectos que ouviram o francês de Versailles da delicada princezinha de Luxemburgo, por toda essa casa lendaria e mysteriosa, onde viveu uma das mais poderosas e opulentas estirpes portuguêsas do antigo regimen, cujo fausto hombreou com o dos reis, de quem era parente.

No seu voluntario exilio de França, n'essa nobre mansão de Pau, perto de Lourdes, onde ha tantos annos reside, é de presumir que a opulenta familia dos Cadavaes esquecesse os thesouros abandonados nos seus solares, palacios e vivendas de verão, para só se lembrar dos vastos dominios territoriaes e da massa de propriedades urbanas que constituiam em Portugal o seu morgadio principesco.

A longa ausencia no Brasil, aonde a altiva familia acompanhára a côrte em 1807, e a agitação politica em que as luctas civis a envolveram no regresso, haviam naturalmente determinado irregularidades consideraveis na administração de uma casa cujos bens, pela sua dissiminação e extensão, exigiam os permanentes, minuciosos e auctoritarios desvellos de uma fiscalisação vigilante.

A guerra punha, porém, impedimentos inamoviveis á regularidade dos trabalhos agricolas. Como acrescentar as manadas de gado, quando o invasor arvorava o saque em direito legitimo e para sustento dos exercitos se assaltavam as herdades e se convertiam em improvisados matadouros as abegoarias? Como lavrar e semear os campos, quando os francêses, os hespanhoes e os inglêses, os soldados de Junot, de Godoy e de Wellington n elles davam batalhas e os regavam com sangue? Podiam os administradores e os feitores ruraes zelar com dedicação exemplar os interesses da familia emigrada para lhe sustentarem na côrte brasileira a proeminencia e o fausto. De surprehender seria que esses esforços lograssem manter intacto o rendimento ducal, sem as depreciações importantissimas consequentes da guerra desfla-

grada. Demais, o seculo XVIII foi, em Portugal, de pessimos administradores, quer da fazenda publica, quer da particular, excepção do primeiro ministro de D. José; e no seculo XIX se entrára com os mesmos costumes perdularios e a mesma incapacidade administrativa.

A casa de Cadaval, como todas as grandes casas do reino, occultava sob um simulacro de administração uma ruinosa incuria. A ausencia do morgado inevitavelmente desorganisou esses restos de administração, que debalde os procuradores pretendiam manter por entre o panico das invasões e as depredações da rapina, impotentes até para salvar do saque o palacio solarengo do Rocio. Quando, com a côrte, a familia reentrou nos seus lares, mal tempo teve de repousar das fadigas da viagem maritima. Era de novo a guerra que estalava. Assim, em 34, ao chegar a hora do segundo exilio, a familia opulentissima achava-se embaraçada em taes difficuldades que houve de lançar mão da venda de baixellas para acudir a despezas inesperadas e de cercear o seu fausto principesco diante da ameaça inesperada da ruina.

Desde essa hora, a administração da casa Cadaval entra em nova phase. No exilio, os nobilissimos senhorios, desonerados dos

cargos palatinos e alliviados das agitações da politica, attentamente se dedicam á restauração da opulencia passada, e de tal maneira conseguem crear servidores dedicados e incorruptiveis, que em breve tempo os embaraços se desvanecem e n'um crescendo se avolumam as rendas da casa poderosa até ao apogeu do presente, em que encabeça o rol das grandes fortunas portuguezas.

Mas, ao passo que os extensos bens territoriaes e a propriedade urbana progressivamente se desenvolviam em área e rendimento, outros thesouros jaziam ao abandono, expostos ao ultraje do tempo, padecendo do orgulhoso e inflexivel afastamento dos emigrados realistas. Os palacios de Evora e Muge, do Rocio e Pedrouços, fechados a todo o visitante, ficaram sendo os symbolos protestantes do divorcio aberto entre a prosapia dos grandes fidalgos do absolutismo e o triumpho popular do liberalismo.

A lenda d'esses thesouros enterrados n'esses palacios tumulares, n'esses palacios jazigos, attingira com o tempo as mais exaggeradas e romanescas proporções.

Dizia-se que as salas da herdade de Muge estavam decoradas com tapeçarias de Arrás, que havia télas de Velasquez nos gabinetes ás escuras do palacio de Evora e que em Pe-

drouços se amontoava, intacto, um inestimavel museu de objectos de arte. A lenda não se exhaurira em fazer o inventario phantasioso d'essas riquezas. Fôra mais além. Povoára esses palacios de phantasmas e decorára-os com scenarios de tragedia. Para a vivenda de verão de Pedrouços encontrára a imaginação romantica do povo, a secundal-a, uma legenda erudita, que affirmava conservar-se o palacio, ainda hoje, tal como o haviam abandonado os duques, com a mesa posta na casa de jantar, as gavetas repletas de roupa, os trabucos da criadagem encostados á parede, os *tromblons* dos cocheiros nos cabides da cavallariça. Mas como constatar a veracidade d'esse murmurio, que vinha descendo o seculo sem deparar um contradictor auctorisado ou o depoimento comprovativo e infallivel de uma testemunha insuspeita? Todas as tentativas para esclarecer o emocionante mysterio tinham até agora fracassado perante a *consigne* inflexivel e a mudez obstinada dos administradores da casa de Cadaval. A lenda ficava de pé, resistindo ao encolher de hombros dos incredulos. E foi sob a sua influencia prestigiosa, que por uma tarde soalheira do mez passado, com uma auctorisação da duqueza viuva, entramos n'esse palacio lendario, d'onde teriamos

de regressar com uma illusão a menos.

Logo o aspecto exterior da casa se não harmonisa com a lenda sumptuosa e romanesca que, ao abrigo dos altos muros, a engrandeceu.

E', como o geral das nossas moradias fidalgas, um casarão conventual e asymetrico, entre vastos jardins e pomares hoje abandonados, e a que uma rampa larga dá accesso através de dous terreiros senhoriaes, onde se erguem as edificações do picadeiro, das cavallariças, das cocheiras, das adegas e dos celleiros. São depois, com seu ar de pequeno povoado parasitario, os edificios do pessoal, que albergavam o immenso sequito de lacaios e serviçaes, apanagio das grandes familias portuguezas do seculo XVIII.

A fachada do palacio é quasi modesta, ao fundo do terreiro, para onde deitam as cosinhas, forradas de azulejos, e cuja lareira enorme ostenta ainda o brazão ducal dos descendentes de D. Nuno Alvares Pereira.

Abre-se finalmente essa porta impenetravel, diante da qual capitularam tantas curiosidades, e é já em vão que tentamos dissimular a desolada surpreza ao subirmos os degraus de uma escada de caracol, illuminada por uma alta cupula e que nos dizem ser o que resta das restaurações mandadas

executar por essa linda princezinha de Luxemburgo Montmorency, a duqueza D. Maria Carlota, que D. Miguel Caetano enxertou na linhagem fidalga dos Cadavaes, alliada dos Lorenas, dos Moscosos, dos duques de Gandia e dos senhores de Ville Roy.

Uma pequena balaustrada em estylo Luiz XVI cinge o vestibulo circular da escadaria, que mais parece a da « Torre de Malborough » da improvisada aldeia do Pequeno Trianon ou a sahida discreta de um esconderijo galante, que a entrada do palacio e verão dos primos dos reis de Portugal.

E comtudo foi por aquella escada que na tarde de 1 de agosto de 1820, o sexto duque de Cadaval, D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, conduziu pelo braço a sua noiva D. Maria Domingas Francisca Clara Maxima Senhorinha Raphaela Gonzaga Joaquina de Bragança Souza e Ligne, filha dos segundos duques de Lafões.

O casamento realisára-se na igreja patriarchal. Debruçados n'aquella balaustrada fragil, por onde tantas vezes deslisaram as mãos macias de D. Maria Domingas, rememoravamos o cortejo nupcial, que subira aquella mesma ingreme ladeira por onde, havia instantes, tinhamos trepado, e que áquelle terreiro chegára com os seus batedores

conduzindo a azomola com o degrau coberto de velludo verde agaloado a ouro; o estribeiro a cavallo levando ao lado e a pé o criado com o teliz brazonado; depois, ricamente trajados de velludo verde agaloado a prata, os dous volantes que precediam a carruagem dos noivos. Era esta envernizada de azul e ouro imitando charão e puxada por quatro cavallos castanhos da caudelaria da casa Cadaval, (indo um criado de libré á faceira de cada cavallo) com arreios cobertos de ferragens douradas, ostentando pennachos brancos na cabeça e as clinas engrinaldadas de flôres. Ainda de cada lado da carruagem dos noivos quatro moços da camara, conforme a ordem da antiguidade dos seus alvarás, eram seguidos por quatro criados de farda e outros tantos moços de estribeira a cavallo, rodando atraz o coche do Estado, côr de laranja, puxado a duas parelhas de cavallos de Alter.

Ha 87 annos! E os nosso olhos procuravam em redor os vestigios da sumptuosidade passada, espiando a nudez de uma sala, que apenas algumas cadeiras de mogno, d'esse degenerado estylo Imperio que floresceu no tempo banal da Restauração, decoravam pobremente. Onde estava o palacio lendario, que a minha imaginação visionára?

E era tão grande a minha surpreza, que o funccionario d'essa verdadeira secretaria, que é a administração da casa Cadaval, e em quem a duqueza delegára a missão de acompanhar-me na emocionante visita ao palacio de Pedrouços, a comprehendeu.

— Esperava encontrar a casa de 1833? Essa já desappareceu! É certo que por muitos annos existiu. Mas, quando se demoliu o palacio do Rocio e foi necessario arrecadar em Pedrouços o pouco mobiliario que o guarnecia, deparou-se-nos a ameaça imminente de uma ruina. Não havia que hesitar. Foi preciso desmanchar a *mise-en-scène* d'estas salas onde, havia cincoenta annos, não entrava luz, ar ou gente. Fizeram-se grandes obras. Arrumaram-se as mobilias. Dobraram-se as tapeçarias. Arrearam-se os lustres. Só ficou, intacta, a bibliotheca.

A lenda desvanecera-se. Estivemos quasi decididos a renunciar a uma visita que phantasiáramos cheia das mais intensas emoções. Mas já um criado abrira de par em par as portas de uma janella. Avançamos sem enthusiasmo para uma pequena sala. E então quasi reprimimos um alvoroçado grito.

Qual o pintor que, a não ser Velasquez, podia no seculo XVI fazer com aquella maestria o retrato admiravel da arrogante mulher

vestida de brocado, com a sua gorgeira branca, encanudada e turgida de gomma, que parecia fitar-nos com a sua pupilla azul? Qual o pintor, a não ser Rembrandt, capaz de inundar de luz e sombra a prodigiosa cabeça que immerge da mysteriosa penumbra de outra téla?

As figuras elegantes, cavalheirescas ou heroicas dos antepassados enchiam de repente a mudez d'aquellas salas. Vestido de ponto em branco com o morrião de plumas e o montante de Aljubarrota, o condestavel parecia presidir áquella assembleia de duques, principes e reis. Empoado, com a mão feminil apoiada ao punho de ouro do espadim, era a propria gentileza que sorria nas feições delicadas de um fidalgo vestido de azul claro. Bisonho, com o olhar enviezado, a cruz de Christo ao peito, D. João IV surge, em frente do retrato authentico do padre Antonio Vieira. São depois os retratos do duque e da duqueza de Cadaval por Pellegrini e o de Magdalena de Voyer de Argenson, dama da rainha Maria Antonietta, avó materna do duque D. Nuno, que não ficaria deslocado na companhia dos Van Loos, dos Latour, dos Vigée-Lebrun e dos Nattier de Versailles!...

Todos os quadros que decoravam as salas

do palacio tinham sido reunidos, armazenados alli. A vivenda de Pedrouços não era mais — com excepção da bibliotheca, conservada intacta, com as suas estantes e cadeiras de mogno em estylo Imperio, o soalho recoberto de esteira, um lustre de bronze pendendo do tecto, — que uma arrecadação de preciosidades, mais apropriada a um inventario do que a uma descripção. Os pannos de Arrás, os tapetes da Persia e de Aubusson, dobrados sobre as mesas, corrompiam-se de traça. Nos armarios, os serviços de porcelana de Sèvres, de Saxe, da India e do Japão enchiam as prateleiras profundas. A porta aberta de um esconderijo sombrio deixou que o sol alumiasse por momentos os esmaltes sumptuosos de enormes talhas da China, dignas de um palacio real, alli condemnadas á obscuridade. Os moveis, amontoados, não permittiam ajuizar do que fôra, nos dias de esplendôr, a moradia de verão dos Cadavaes. Mas assim mesmo desmontada, como a *mise-en-scène* de uma peça retirada do cartaz, a casa de Pedrouços, com seus thesouros de Ali-Baba encafuados nas sombras, não constituia um thema menos fascinante para as reflexões de um historiador de costumes.

Lisboa revolucionaria.

E, se do inventário pittoresco de Lisboa descermos e mergulharmos no turbilhão humano que ha tantos seculos agita o seu seio profundo, só embaraçará o chronista a difficuldade na escolha do assumpto e o receio de invadir os dominios da Historia. Lisboa é tanto mais na hora presente um mysterio fascinador e emocionante quanto é certo estar gerando no seu seio recondito uma revolução...

Sob a apparente immobilidade, sente-se a agitação das suas entranhas. Os feiticeiros hesitam em se pronunciar sobre os seus destinos, como esse chiromante que, interrogado por um homem de espirito sobre a data presumivel do futuro terramoto, respondeu que só Deus redigia esses programmas de calamidades e não os confiava a ninguem, quando pelo contrario tão facil seria ao mais modesto dos feiticeiros vaticinar o terramoto proximo, cujos ruidos procursores já se distinguem. Nem por isso, depois d'essa declaração humilde, a chiromancia perdeu todavia o seu prestigio sobrenatural. Lisboa é uma cidade eminentemente favoravel aos chiromantes. A Lisboa sceptica tem o culto supersticioso da feitiçaria. Lisboa recorre á cartomante para saber quando cahe o minis-

terio, em que numero sahe a sorte grande, quando se dará uma vaga na repartição, quando uma menina solteira encontrará marido. Madame Brouillard é uma omnipotencia, em Lisboa. Ha tres annos que os jornaes annunciam o seu consultorio da rua do Carmo com a mesma seriedade com que, tres linhas adiante, annunciam a Polyclinica da Praça de Camões. Madame Brouillard trata as almas com a mesma competencia com que os professores da Eschola tratam os doentes. Nunca ella virá a queixar-se da falta de clientes. As almas afflictas são legião. Na sala de espera do seu consultorio encontrareis sempre algumas d'essas almas inquietas á busca da verdade. Não podereis dizer sequer que essa feiticeira especula com o terror e o sobrenatural, como qualquer especialista de doenças nervosas. A' parte a anã que vos abre a porta do santuario, nada na moradia da sybilla que vos perturbe o espirito favoravelmente á consulta da divindade. Madame Brouillard é a affabilidade e a simplicidade em pessoa. Logo de entrada vos inspira confiança a bonhomia da deusa. Dirieis que ella exerce de facto um sacerdocio, não uma mystificação.

A coberto da Lei, reclamada pela Imprensa, favorecida pela Fortuna, respeitada pela

Opinião, madame Brouillard tem por ella todas as forças sociaes.

Sómente, esta sybilla que predisse a queda do imperio brasileiro, não se resolve a afiançarnos o advento da republica portuguesa; e a sua falta de segurança n'este assumpto desacredita-a, pois que tendo já nós a nossa *questão do collar* — os adiantamentos — só nos falta Cagliostro e as suas profecias para dar como inaugurado o periodo da revolução.

Este porém já começou de facto. Este anno de 1908, que apenas agora começa, ficará assignalado pelos mais graves acontecimentos que desde a revolta malograda de 1891 agitaram os annaes pouco pacificos da monarchia constitucional portuguêsa. Quando mesmo se desvanecessem os perigos imminentes que ameaçam o paiz, nem por isso o conflicto politico, privado do seu desenvolvimento dramatico, deixaria de manter-se em espectativa, como um inimigo que recua sem capitular, como um exercito que retrograda sem dar batalha. Os mais optimistas poderão, como aspirações maximas, protelar temporariamente um epilogo funesto, que a logica não deixará substituir por um desenlace pacifico. De uma doença que assumiu um caracter agudo podem talvez as transi-

gencias, as pusilanimidades e a prudencia timorata dos homens conseguir derivar uma doença chronica, de marcha menos acelerada. Mas essa therapeutica conciliadora, sem extirpar ou debellar o mal, prolongal'o-ha apenas. Elle acabará por corromper até ao aniquilamento o organismo politico que está infeccionando. Assim se fará — nada mais — de uma pagina incisiva de historia um volume prolixo.

Diz-se que Portugal está em paz. Communicam-no ao mundo os telegrammas da Havas. Assevera-o o ministerio. Confirma-o madame Brouillard. E evidentemente, contra o que dizem as sybillas, contra o que propagam os telegraphos, contra o que proclamam os ministros, Portugal não está em paz. As crianças ainda dormem tranquillas, sonhando com os anjos. Os lavradores continuam semeando o pão nos campos recemlavrados. Ainda as mães embalam a sorrir os berços dos filhos. Ainda ha mulheres que cantam, n'esta terra soalheira onde tanto se canta. Ainda se dão beijos, ainda se ama em Portugal... Mas de quanta inquietação reprimida é resultante esta paz aparente!

Esta normalidade á feita de anomalias.

Esta paz é a paz armada. Desalgemae este socego e logo o vereis transmudado em

agitação. Tirae a mordaça a este silencio e ensurdecereis com o seu clamôr. A paz, sim, mas com os partidos monarchicos colligados contra a realeza, mas com o parlamento dissolvido, mas com a liberdade de pensamento extincta, mas com a liberdade de reunião suspensa, mas com os corpos da guarda municipal de prevenção nos quarteis, mas com o ministro da guerra a visitar constantemente as casernas, mas com as desordens do 18 de junho nas ruas de Lisboa, mas com as associações secretas aguardando nas suas catacumbas a passagem de Cesar e dos lictores, mas com o presidente da Camara arrojando de si os seus arminhos, mas com dez jornaes supprimidos em oito dias, mas com as prisões cheias de suspeitos, mas com explosões de bombas de dynamite...

A paz, sim! Era a paz que ha um mez, n'uma velha casa do Minho, eu sentia envolver-me a affagar-me no socego de uma paz dominical. Do terreiro vinha uma voz fresca de mulher que cantava. O murmurio da agua no chafariz parecia um instrumento melodioso a acompanhal'a. Pombas mansas vinham pousar nos peitoris de ferro da varanda. Sentados nas soleiras das portas, á volta da missa, os aldeões falavam de feiras

e colheitas. No céu muito azul, de onde um vento brando dispersava os ultimos e tenuíssimos novellos de nuvens, um sol de inverno descia, amornando a terra.

Sinos de ermidas tangiam ao longe. Um aroma de urze e giesta embalsamava o ar leve e puro. Era a paz. Mas n'essa mesma hora em que eu assomava á varanda, fazendo voar as pombas, lá ao longe, em Lisboa, num quarto andar da rua do Carrião, dois homens morriam, victimas de uma tarefa sinistra, despedaçados pelos estilhaços de um engenho explosivo.

O tragico estampido dessa bomba, que detonou entre as mãos do preparador imprevidente, era a voz da revolução respondendo á voz do rei, que a um jornalista francez acabava de garantir a tranquillidade do seu reino. Só os surdos terão deixado de escutar esse desmentido formidavel, sahido de uma bocca de ferro, entre uma explosão homicida de metralha. De norte a sul todo o paiz ouviu essa voz aterradora. O paiz inteiro a comprehendeu, menos a sybilla da rua do Carmo : a mesma que predisse a revolução do Brasil. Diante d'esse testemunho inilludivel, os alviçareiros da paz emmudeceram. Aquella bomba não era a arma do miseravel arremessada á tyrannia do capital. Não a

manipulára um anarchista. Quem carregára aquella bomba fôra a prepotencia de um dictador. Aquella bomba fratricida era irmã das balas de ferro que os canhões de D. Pedro IV vomitavam contra os acampamentos miguelistas, com a unica differença de que estas eram arrojadas á distancia de mil metros do adversario, por machinas de ferro e bronze, e aquella destinada a ser arremessada por machinas de carne, musculos e nervos, a dez passos se tanto do inimigo...

* * *

7 de Janeiro.

As manhãs elegantes do Campo Grande.

A's segundas e quintas-feiras, por estas lindas manhãs de inverno, apenas envoltas n'uma tenuissima *écharpe* de neblina bordada a ouro pelo sol, que são o privilegio de Lisboa, a moda reune nas alamêdas do Campo Grande um esquadrão mundano de amazonas e cavalleiros, que das dez ao meio dia trota e galopa pelas duas avenidas de manejo ou apeia em frente ao *chalet* das Cannas, com a chibata debaixo do braço, para jogar freneticamente o « Dia-

volo ». Esse grupo mundano, com todos os seus accessores, procura assim transportar para Lisboa o nobre e hygienico *sport* matinal do *Bois de Boulogne* e do *Hyde-Park*, sustentando as tradições esvahidas dos picadeiros fidalgos do velho regimen. São essas mesmas amazonas gentilissimas, entre as quaes sobresahe a airosa figura de uma Sabugosa, e esses cavalleiros de chapéu de feltro ou *bonnet* de velludo, que ás tardes animam os chás elegantes do Hotel Internacional e decoram á noite os camarotes de S. Carlos com as suas *aigrettes* de aves do paraizo, os decotes de pôlpa côr de rosa e a impertinencia decorativa de leões do janotismo.

Lembrou-se um chronista de analysar com azedume esse batalhão sagrado de mundanas, tão heroicamente empenhado em crear um simulacro de vida elegante n'esta Lisboa revolucionaria, e da sua satyra se conclue que nem os chás do Internacional se parecem com os do Ritz nem as manhãs do Campo Grande logram ser outra cousa mais do que a caricatura pauperrima das assembleias matinaes de Armenonville.

Ora, a não ser que as diversões equestres se fizessem em Cacilhas, utilisando os gericos decrepitos de Almada, e se passasem a dar

na Perna de Pau e na Rabicha os *five o'clock*, obrigando-se as senhoras a comparecer em trajes de saloias, não vejo possibilidade de evitar que o azedume do chronista compare as reuniões do *chalet* das Cannas ás *redoutes* hippicas do Cours la Reine e os chás do Avenida Palace á *kermesse* americana do Elyseu e do Ritz. Desde que uma mesma cultura reduziu a vida, para cada classe, a normas universaes, a originalidade — essa flôr que só desabrocha no isolamento — foi aos poucos, forçosamente, succumbindo.

Pretender que o snr. Eduardo Romero, cavalgando de manhã, no Campo Grande, na sua égua inglêsa, se difference originalmente dos seus antigos camaradas de Saint-Cyr, que na avenida do Lago cortejam as *demi-vierges* viciosas de Nova-York, é tão absurdo como pretender evocar os tumultos elegantes das cinco horas do Elysée Palace ante a familiaridade tranquilla dos chás do Internacional.

Póde discutir-se se essa uniformidade não trouxe á vida moderna, pela facilidade das communicações e pela cultura cosmopolita uma accentuada monotonia.

Mas d'ahi até tornar responsaveis as amazonas do Campo Grande de não terem os palanquins e os elephantes dos rajahs para

passearem de manhã, a fim de se distinguirem das suas similhantes do bairro Monceau, vai uma distancia consideravel.

Ninguem ignora que essa longa e estreita fita de arvoredo, tão pobre e inesthetica, onde Lisboa vai buscar a compassiva illusão de um parque que lhe falta e o municipio parece pouco resolvido a conceder-lhe, não passa de uma alamêda de villa de provincia. Mas d'aqui a trinta ou cincoenta annos, quando os nossos netos pudérem levar os filhos, de manhã, a esse entresonhado immenso parque, em cujo *rond-point* decorado de estatuas irá desaguar a grande via urbana da Avenida da Liberdade — que não póde, de maneira alguma, terminar na mesquinha rotunda Marquez de Pombal, antes deverá proseguir através dos terrenos do projectado parque Eduardo VII, até á amplidão arborisada do parque do Campo Grande — elles lamentarão talvez o desapparecimento das gentis amazonas, de nome heraldico, que nas manhãs de 1908 trotavam pelas ruas êrmas da antiga alamêda e cortavam e neblina com a sua chibata de punho de ouro, ou paravam no pavilhão das Cannas, com a cauda do vestido arregaçada, para jogar o « Diavolo ». E essa saudade pelas gentilezas do passado será bem mais comprehensivel e razoavel

que as dos sobreviventes das gerações de 1840, que severamente condemnam o nosso cosmopolismo contemporaneo e se lembram melancolicamente dos tempos magnificos em que a senhora infanta D. Anna de Jesus Maria voltava das touradas de Villa Franca em carro de bois e as lisboetas iam a S. Carlos em *deshabillé* ou em traje de passeio e tiravam os chapéus no camarote...

S. Carlos em 1840. Não sabemos o que pensa do S. Carlos de hoje o severo censor do mundanismo lisboêta. E' provavel que lhe evoque as noites da Grande Opera, do Covent Garden e do Theatro Real, para da evocação extrahir a seu modo, em corollario, a imagem caricatural do nosso lyrico. E, entretanto, o que faz a nossa inferioridade nos restantes aspectos da vida elegante, restricta a uma classe pouco numerosa, onde todos são quasi parentes e se conhecem da infancia, de modo a dar-nos a imprensão de que esses privilegiados monopolisaram em proveito de um *clan* todos os prazeres da vida e constituem uma especie de Companhia por acções explorando um exclusivo, ou uma grande familia disfructando um patrimonio, dá a S. Carlos uma singular animação, que debalde se procuraria

nas grandes e solemnes salas de opera de França e de Inglaterra.

Sem perder esse caracter de intimidade que teve sempre o espectaculo lyrico em Lisboa, creado e mantido pela constancia de um publico, sempre o mesmo, occupando logares quasi hereditarios, é indubitavel que progressivamente foi ganhando em esplendor e concorrencia até se igualar, na sua geral physionomia, ao brilho mundano dos espectaculos similares do estrangeiro.

Que differença enorme entre o S. Carlos de hoje e o S. Carlos de 1842, como o descreve no seu estylo sarcastico e pittoresco o principe Lichnowsky!

Então, durante dois mezes, revezavam-se no cartaz a « Rainha de Golconda » e as « Prisões de Edimburgo ».

A sala era illuminada a vellas de cêra. Em frente do camarote da rainha thronava o conde de Farrobo, principe da finança e Mecenas dos artistas, que recusára as offertas de Verdi e mandára vir Frondoni para Lisboa. Os camarotes, de paredes nuas, sem tapete, tinham por unica mobilia bancos compridos, sem uma almofada sequer para lhes suavisar a dureza de utensilios de carcere.

Durante todo o tempo do espectaculo, e mesmo quando a côrte estava presente, do sa-

lão e dos corredores, onde se fumava como nos cafés e se conversava e altercava como nos botequins, vinham rumores altos de vozes e nuvens pestilentas de fumo.

A plateia ficava quasi deserta. Apenas no momento em que a *prima-donna* cantava a aria célebre — pois havia sempre uma aria célebre nas operas execraveis do repertorio de 1842 — os politicos e os janotas acudiam dos corredores, de chapéu na mão e *badine* debaixo do braço, para applaudir a soprano ou patear a contralto. De resto, toda a animação refluia para os camarotes, onde as senhoras davam beija-mão, recebiam visitas e faziam concorrencia ás cantoras com os seus risos sonoros.

E como iam as lisboetas do tempo de Costa Cabral para os seus hereditarios camarotes de S. Carlos? Como nol-o conta o inconveniente Lichnowsky : — « as mais das vezes com chapéus e vestidos *en négligé*, e os homens com sobrecasaca de passeio e luvas detestaveis ! » As senhoras tiravam então, ordinariamente, os seus chapéus, e sentavam-se nos banquinhos, de costas para o palco, entretidas em activa conversação para dentro dos camarotes, abanando-se a leques compridos. N'esta sem ceremonia havia, porém, uma etiqueta. Por via de regra, o ultimo cortejador que che-

gava desalojava o visitante anterior, e isto continuava até perto da meia noite, em que o panno cahia pela ultima vez...

O principe Lichnowsky e o Porto.

Estas foram as impressões que de uma noite de S. Carlos archivou nos seus apontamentos de viagem o principe polaco, cuja ironia inclemente a vista da Porto ia transmudar em transportes de enthusiasmo. Porque Lichnowsky é um dos mais apaixonados admiradores do Porto. Logo ao chegar a Villa Nova de Gaya, o panorama empolga-o, e desce do cavallo para saudar a cidade famosa que, « pelo papel decisivo que representa em todos os movimentos do paiz, attrahira, por uma longa série de annos, as attenções de toda a Europa. »

« Visto de longe — diz o principe — o Porto é talvez menos bello e grandioso do que Lisboa. Comtudo, o que lhe dá immediata proeminencia sobre a metropole, é a vida, a actividade, tanto sobre as aguas como em terra; o grande numero de barcos que se apinham sobre as vagas do Douro; as laboriosas massas de povo que se agitam nas ruas e nas praças, apresentando o quadro de uma grande cidade commercial cheia de animação

e de energia; e, finalmente, pareça embora insignificante o que vou acrescentar, além de todas essas bellas e grandes cousas, a cidade possue tambem uma torre! Saudei, pois, com um sentimento de intima recordação patria, a torre dos Clerigos, essa que no Porto se diz ser a unica torre de Portugal e d'onde se avistam as fortificações, os reductos e as trincheiras que serviram á heroica defeza da Liberdade! »

Ai de nós! Lichnowsky, se ainda pertencesse ao numero dos vivos, poderia ouvir esta noute a Carelli cantar a « Zázá » em S. Carlos perante um auditorio *trié sur le volet.* Mas não veria já, do alto da torre dos Clerigos, as fortificações, os reductos e as trincheiras erguidas em defeza da Liberdade, n'estes tempos em que já nos aborrecemos da Liberdade e nos governa um dictador...

* * *

12 de Janeiro.

D. João da Camara.
A sua morte.

Ha já uma semana que acompanhei ao cemiterio o envolucro mortal d'esse espirito gentillissimo que foi D. João da Camara, e agora ainda, ao recordar o amigo

certo e bom que venho de perder, maguadamente o deploro com sincerissimo pesar. Tem isto de bom a dôr — traz-nos, de longe a longe, entre o seu dote funesto, a convicção suave de que não logrou ainda a penosa experiencia das cousas e dos homens comprometter a sensibilidade do nosso coração.

Seria uma historia bem longa a que tentasse descriminar todos os subsidios intellectuaes e affectivos da contextura d'esta amisade, que tanto me prendia ao auctor glorioso d' « Os Velhos » e da « Triste Viuvinha ». Até onde alcança a minha memoria, vejo-me, perdido entre o povo, nas galerias do theatro « Principe Real » do Porto, escapulido ás occultas de casa, vibrando n'uma exaltação que só as compleições romanticas conhecem, a ouvir representar o « D. Affonso VI » e o » Alcacer-Kibir ».

Tinham ficado sobre a mesa do meu quarto, sob a amortecida aureola vigilante do candieiro de azeite, os meus livros de estudo. E alli, em segredo, nas galerias do « Principe Real », embalado pelos versos da tragedia historica, com tanta emphase recitados por Brazão, a minha balbuciante vocação de homem de lettras fascinadamente sonhava com os destinos prestigiosos do dramaturgo,

que haveria de ser, um dia, meu collega no conselho de arte dramatica.

Quem o prophetisaria então ao collegial imberbe, nervoso e pallido, que se erguia entre o povo para applaudir a tirada do « D. Fuas » e reclamar a presença, no palco, do filho dos marquezes da Ribeira, o poeta fidalgo, que os meus enthusiasmos juvenis comparavam ao revoltoso Victor Hugo do « Hernani » e do « Ruy Blas »!

Muitos annos tinham passado sobre as récitas inolvidaveis, quando, uma noute, no camarim de João Rosa, em D. Maria, o grande actor, vestido de rei da Dinamarca — representava-se o « Hamlet », — me apresentou ao dramaturgo d' « O Pantano ».

Do theatro sahimos como velhos amigos, em companhia de D. Segismundo de Bragança. A noite era de chuva e todos tres, abrigados sob a arcada do largo de S. Domingos, tiritando de frio, sem coragem para arrostarmos com a chuva, a ventania e a lama, quedavamos indecisos.

— Se fossemos cear? — lembrou D. João da Camara na sua voz velada, que era quasi um murmurio indolente.

— Ao Domingos da travessa da Palha... — aventurou D. Segismundo de Bragança, filho de um duque de Lafões, bisneto de

uma princeza de Ligne, parente do rei de Portugal, representante da mais velha e illustre casa portuguêsa : a dos senhores de Souza.

— Melhor é aqui a Santo Antão. Tem gabinetes e um vinho branco de Torres que parece um velludo ! — aconselhou D. João, representante do descobridor da Madeira e oriundo de uma linhagem cujo chefe era já, em 1630, o quarto conde de Villa Franca.

Fômos, os dous fidalgos embiocados nos gabões, e eu atraz, de luvas brancas e casaca, em demanda da ceia. E na tasca das Portas de Santo Antão, n'um cacifo com reposteiro de chita de ramagens encarnadas, ceamos fidalgamente, por tres tostões, o auctor do « D. Affonso VI », o bisneto do tio da rainha D. Maria I e eu, não sei que iguaria execravel, regada a vinho branco de Torres !

Data d'essa noute nunca esquecida a amisade de D. João da Camara pelo antigo estudante de quinze annos, que sahia a occultas de casa para ir ouvir, trémulo e pallido de emoção, o « Alcacer-Kibir ». Nunca, ao depois, a nossa estima esfriou ; antes a engrandeceram e afervoraram a intimidade e o tempo. Quando a minha passageira veleidade de dramaturgo me conduziu para o theatro, nenhum abraço me commoveu como o que D. João me veio trazer, na noute do

« Grande Cagliostro », ao palco do D. Amelia. E' que esse abraço de camarada para mim symbolisava a realisação do sonho ambicioso que, havia dezeseis annos, embalara o espirito juvenil do espectador enthusiasta do « D. Affonso VI ».

Póde, a todos os que não conheceram de perto D. João, surprehender, como então me surprehendeu a mim, essa humilde bonhomia, esse desprendimento de preconceitos, essa resignação bohemia com que um tão grande fidalgo convidava para cear um conhecido de poucas horas, que um actor vestido de brocados, com uma corôa de lata dourada na guedelha medieval, lhe apresentára no camarim, n'um entre-acto do « Hamlet ».

Era, porém, assim, d'esta singeleza modesta, o grande poeta lyrico, que alguns pretendem haver reatado, na poesia como no theatro, a tradição de Garret. Não, porém, nas salas!

D. João da Camara era, como homem, a mais manifesta contradicção do mais illustre peralvilho do romantismo portuguez. Por isso, tambem, na capella do grandioso palacio dos marquezes da Ribeira, hoje convertido n'um collegio, todos os que alli foram visitar pela ultima vez, no seu caixão, o glorioso morto, podéram vêr, entre a multidão de fidalgos,

mais ou menos seus parentes, o pranto da « Rosa Engeitada »!

Por um phenomeno commum na nobreza de Portugal, D. João da Camara comprazia-se na convivencia dos *pequenos*. Essas obras magistraes de psychologia dos humildes, que são « Os Velhos » o a « Triste Viuvinha », admiravelmente testemunham a enternecida piedade do dramaturgo pela alma dorida dos que soffrem.

D. João possuia como ninguem esse segredo affectivo de captivar os corações e descer bondosamente, singelamente, sem qualquer esforço, á camaradagem a mais humilde.

Esse descendente de uma das mais nobres casas de Portugal, que bebera o leite de uma Lafões e em cujo sangue corria a seiva heroica e fidalga de uma estirpe de navegadores, de guerreiros, de diplomatas e de cortezãos, esse neto da grande condessa, modêlo de virtude e de arrogancia, que n'um corredor de Versailles puxava de uma pistola contra um atrevimento galante do regente de França, era com a mesma simplicidade sincera parente dos reis e amigo dos bohemios.

Destinado, pelos nascimento illustre, á frequencia dos salões e á proeminencia heraldica de cargos palatinos, nunca ninguem

o viu fazer profissão da sua fidalguia authentica ou recordar ao Estado o serviço dos avós, como direito á renda vitalicia de um emprego. Pobre, vivendo dos seus manuscriptos, não dos seus pergaminhos, D. João da Camara foi sempre, como fidalgo, um simples escriptor, e só como escriptor um grande fidalgo. Conductor de obras publicas até ha bem poucos annos, o filho do oitavo conde da Ribeira Grande e de D. Anna da Piedade Brigida Senhorinha Francisca Maxima Gonzaga de Bragança Mello e Ligne Souza Tavares Mascarenhas da Silva, filha dos terceiros duques de Lafões, obtivera do penultimo governo regenerador o logar obscuro de chefe de repartição dos caminhos de ferro ultramarinos, que accumulava com o logar de modestissimos proventos de professor do Conservatorio. Iam bem com a modestia inexcedivel do grande dramaturgo esses cargos quasi humildes. O seu desempenho em nada contrariava a singeleza dos seus habitos nem compromettia a sua integra individualidade moral. Na repartição era, apesar dos seus meritos, um funccionario obscuro, amado dos seus officiaes e amanuenses. No Conservatorio, era o professor paternal e amoravel, paciente e benevolo, que nos discipulos creára uma segunda familia e cuja influencia

affectiva para sempre se fará sentir, presumo eu, na resumida geração de actrizes e de actores que da sua aula sahiram para o theatro portuguez.

Tinha que vêr, na approximação dos exames, D. João da Camara, professor, fallando dos seus discipulos! Havia-os no seu curso bons e maus, intelligentes e estupidos. Mas nos mediocres descobria elle qualidades de coração e de caracter que os equiparavam aos melhores. Nunca na aula uma palavra aspera do mestre castigou uma falta. Elle soubera crear e desenvolver entre os discipulos o mais prestigioso dos estimulos: o do affecto. Para lh'o merecer todos se applicavam. E ainda, na hora decisiva dos exames, depois da longa catechisação do jury, que tão bem sabia preparar para a clemencia, chegava a enternecer o cuidado amoravel com que elle guiava o discipulo através das surprezas e difficuldades do interrogatorio. Nunca os seus saudosos companheiros do conselho dramatico esquecerão a alegria radiosa, a vaidade ingenua com que o dramaturgo glorioso exhibiu diante do jury a discipula predilecta, tão cedo privada do seu mestre, essa figurinha triste, de voz meiga, que é hoje, no theatro de D. Maria, a actriz Maria de Mattos, para cuja prova final, a

pedido de D. João da Camara, Julio Dantas escrevera esse acto encantador a que chamou « Rosas de todo o anno ».

O auctor d' « Os Velhos » era essencialmente um affectivo, mas de uma especie rara e preciosa. Dir-se-ia que a progenitura illustre do seu sangue transferira para essa affectividade todas as qualidades da fidalguia. O seu coração era um coração fidalgo. Esse grande coração tinha todas as gentilezas, todas as generosidades, todas as seducções, todos os donaires que são tradicionaes attributos da nobreza. E de tal maneira os absorvera, que deixára a D. João o aspecto exterior e illusorio de um plebeu...

Com a sua morte, a litteratura perde o seu maior fidalgo e a nobreza perdeu o seu maior... homem de lettras!

* * *

31 de Janeiro.

O Cinematographo. Os theatros de Lisboa — excepção de S. Carlos e dos que exploram a revista do anno, recuperada da liberdade antiga — atravessam um periodo angustioso de crise.

Debalde renovam quasi diariamente os

cartazes. O publico abandona-os e prefere ás suas grandes salas quietas as salinhas microscopicas dos cinematographos, onde o espectador entra e sahe a qualquer hora, de chapéu na cabeça e cigarro accêso, com dispendio que os mais prodigos não conseguem elevar acima de um tostão.

E' que o cinematographo singularmente satisfaz uma das mais vivazes preferencias do homem actual : a brevidade.

O cinematographo está para o theatro como o *magazine* para o livro. Explorando a emoção e o riso, como no theatro, o cinematographo conseguiu abalar os corações com tragedias que duram dez minutos e desencadear tormentas de hilaridade com comedias que cabem no limite vertiginosamente apressado de alguns segundos. Educado n'esta eschola de ligeireza, de flagrante verdade e de vigorosa synthese, o espectador de cinematographo, se porventura entra n'um theatro, agita-se impaciente ante o desenvolvimente moroso de uma acção, embora animada pela palavra, a que falta essa impressionante physionomia de realidade que a projecção photographica dominadoramente lhes imprime.

E entre esses dramas accelerados, terrivelmente breves, despidos de circumloquios, e

os longos, emphaticos, prolixos dramas em quatro actos, que exigem do auditorio a immobilidade e a concentração de tres horas, o espectador não hesita na preferencia pelos primeiros. Dir-se-ha que esse espectador se recruta entre a maioria inculta das cidades, para quem o theatro constituiu sempre mais um entretenimento emocional do que um aprazimento artistico. Mas hontem ainda, á porta de um cinematographo, um amigo — homem do mais elevado e penetrante espirito, que gastou a mocidade em leituras e viagens, no mais laborioso cultivo da intelligencia e do gôsto — travando-me do braço me fazia a apologia calorosa d'esse divertimento favorito dos analphabetos e das creanças.

— O animatographo? Mas é necessario, primeiro, comprehendêl-o, homem desdenhoso, para devidamente tributar-lhe as honras quasi divinas a que elle tem direito. Comparal-o ao theatro é amesquinhal-o na sua significação e alcance sociaes. E' ao livro que se torna preciso equiparal-o. O cinematographo é o livro dos que não sabem lêr : livro maravilhosamente emocionante e suggestivo, ao mesmo tempo romance, tratado de historia, compendio de geographia, com que o analphabeto chora e ri, que instrue e educa o illetrado, que inesperadamente restitue a vista

aos cegos e abre á ignorancia o conhecimento subito do mundo, com as suas civilisações e os seus phenomenos.

« Por isso, a estas horas, os dez ou quinze salões de animatographo que funccionam n'esta pequena cidade de quatrocentas mil almas, estão repletos. E entre esses espectadores, uma maioria que não sabe lêr, a estas horas, ávidamente, deslumbradamente, está lêndo !

« E se duvidas, toma o teu logar entre a multidão que assalta os *guichets*. Vai assistir á nova sessão que começa. Não te arrependerás, homem sceptico ! Não te aborrecerás, homem lettrado ! Não terás perdido o teu tempo, homem que tudo julgas saber ! Em mais breves instantes dos que os necessarios para lêr duas paginas de Loti, verás passar, n'um fascinante resumo, as mais variadas scenas, os mais exoticos aspectos das civilisações do Oriente : acrobatas hindús, sacerdotes de Boudha, gueishas de Yokohama.

« As cidades da India, os mercados da China, as ruas de Tokio, passarão celeres, com o seu longinquo formigueiro humano, ante os teus olhos. E verás as paizagens impressionantes dos mares polares, navegarás entre *ice-bergs*, verás fugir as phocas adiante dos caçadores, deslisar os trenós puxados a

rennas e erguer-se atraz das muralhas resplandecentes de gêlo o irisado sol da meia noute.

« As noções do universo, que os livros de viagem accumulam em milhares de paginas, essas noções, até ha poucos annos reservadas aos lettrados, distribue-as agora o cinematographo aos que não sabem lêr. E não são apenas os livros de aventuras e de viagens que os ignorantes lêem. E' toda uma bibliotheca por tres modestas moedas de vintem! O espirito dos grandes humoristas, a phantasia dos grandes escriptores de repente illuminam os cerebros densos dos que não sabem soletrar. E vê tu o bem inestimavel, a dadiva milagrosa que esse instrumento engenhoso, essa lanterna agora devéras magica, representa para um povo, immobilisado na ignorancia, como o nosso! Por isso tambem as quinze salas dos cinematographos se enchem desde o cahir da tarde. São mais quinze escolas que tem Lisboa, onde se administra uma instrucção variadissima. São quinze bibliothecas onde vai lêr a multidão dos que não sabem lêr. E, como se não fôra bastante a importancia social do cinematographo, debaixo do ponto de vista educativo, elle é ainda o mais surprehendente historiador da vida, capaz de transportar á distancia de

seculos a flagrante visão dos acontecimentos. A mim me surprehende como as grandes nações não principiaram já organisando archivos de pelliculas cinematographicas, que constituiriam de futuro a mais maravilhosa contribuição para o estudo da historia universal contemporanea. Porque já nenhuma duvida é possivel de que, nas grandes escolas dos seculos vindouros, o ensino será poderosamente auxiliado pelo cinematographo : esse fiel evocador do passado.

« Quando os professores de historia dos lyceus de Tokio narrarem aos pequenos japonêses do seculo XX a guerra heroica que os avós sustentaram com a Russia para assegurarem o predominio do Pacifico, o apparelho projector fará passar no quadro branco as peripécias, já então legendarias, de Porto-Arthur e da Manchuria. Complemento do phonographo, registrador da voz humana, o animatographo transportará, através de longinquos futuros, a imagem animada das acções dos homens. E será quasi a immortalidade conquistada pela sciencia do homem mortal.

« E' necessario reflectir em que poderiamos hoje escutar as orações de Cicero e de Demosthenes, que poderiamos assistir aos espectaculos ferozes dos circos romanos e á

partida de Cesar para as Gallias e ao supplicio de Christo e aos autos de fé do Rocio, para avaliar a emoção com que os homens do seculo XXX assistirão ao espectaculo sensacional — e para elles talvez banalissimo ! — que lhes reproduza as evoluções do primeiro balão dirigivel, o desembarque dos francêses em Marrocos, a sagração do rei Eduardo VII de Inglaterra e a corrida de touros realisada em Madrid por occasião do casamento do rei Affonso XIII. »

Assim fallou durante meia hora o meu amigo, emquanto desciamos lentamente a Avenida, desde a esquina da praça da Alegria, onde o encontrára á porta de um cinematographo, até á praça dos Restauradores, onde paramos a vêr o soffrego tumulto com que eram assaltadas as bilheteiras de um outro salão animatographico.

Já por um momento haviamos parado os dous diante da calçada da Gloria, intensamente illuminada pelos fócos electricos do novo cinematographo, installado no antigo salão do ephemero Grande Club de Lisboa, e até á rua de D. Pedro V, para onde seguiramos pelo Chiado, quatro vezes ainda estacamos, á entrada da rua do Almada, em frente do largo de S. Carlos, na rua da Trindade e no Loreto, ante outras tantas salas repletas, em

que funccionavam permanentemente, das sete da tarde á meia noute, projectores cinematographicos.

Alli nos separamos. Mas não sem que o meu amigo, frequentador assiduo de todos os quinze cinematographos de Lisboa, não rematasse a sua vibrante apologia com a confidencia de que, elle tambem e só para seu uso, tinha um cinematographo!

A sua voz esmorecera, enternecida.

— Para que tenho eu um cinematographo? Para revêr o meu lar de mocidade nas horas de tristeza e saudade da velhice. Assim, quando os meus filhos forem homens, poderei tornar a vêl'os a brincar no jardim; quando a minha companheira fôr como eu uma ruina, quasi a tombar na cova, poderei revêl-a risonha e juvenil, com os nossos filhos no regaço! Recapitularei então a minha vida, o meu passado : lerei a historia da minha mocidade esvaída; serei o espectador da minha propria vida.

Separamo-nos. E já eu ia longe quando o meu amigo voltou para traz, a chamar-me.

— Porque não leva você ámanhã a pequenada a minha casa?

— A'manhã?

— O tempo está lindo. Impressionavam-se umas pelliculas, e aos cincoenta annos póde

você tornar a vêr como eram traquinas os seus filhos... aos quatro annos!

* * *

6 de Fevereiro.

O Regicidio. Pois não se diria um tragico prenuncio esse mote de Shakespeare que, desde uma entrevista concedida pelo anterior presidente do conselho a um jornalista de Lisboa, a imprensa vinha glosando com desapiedadas ironias? Quando se evocava Shakespeare, facil era agourar a tragedia. E não é agora para lhe relembrar a violencia pathetica ou para lhe aproveitar o dramatico thema que as hesitações da nossa penna a encaminharam para este breve e deslocado exordio. E' já demasiado tarde para do grande lance dar a nossa versão. E' demasiado cêdo para com segurança o descrever com a decisiva fidelidade digna da historia.

A missão do chronista acabou e a do historiador não principiou ainda. O criterio historico não póde emancipar os factos da logica correlação das suas consequencias. Isolar d'ellas um acontecimento é como desprezar a fronde na descripção de uma arvore e reduzil-a summariamente ao tronco e ás raizes.

Quando um Oliveira Martins ou um Pinheiro Chagas do futuro, senhores de todo o *dossier* da tragedia e distanciados d'ella pelo tempo, que serena as paixões humanas e desannuvia os horisontes da Historia, abrirem o capitulo emocionante que chronologicamente principia na tarde de 1º. de fevereiro de 1908, terão diante d'elles, incontestavelmente, uma das passagens mais trabalhosas da sua narrativa, a que mais os convidará á meditação, a que mais ensejos lhes offerecerá para dissertar sobre a fatalidade, e que ha-de arrastal-os, por momentos, a essa metaphysica romanesca em que tanto se comprazia o novellista genial da « Vida de Nun'Alvares ».

O funebre capitulo provavelmente começará com a evocação da grandiosa praça, onde teve o seu paço, no apogeu das navegações e das conquistas, o primeiro rei D. Manuel, praça como nenhuma outra de tradições gloriosas, onde estrondearam os torneios de gala, onde desfilaram os cortejos reaes, onde reboaram os lamentos dos autos de fé; chão sagrado pela historia de quatro seculos, que viu desembarcar Filippe II de Hespanha e Eduardo VII de Inglaterra, e que Pombal escolheu, com o seu arco de triumpho, para erigir o glorificador monumento do rei manequim de que elle era o ventriloquo portentoso.

Quantas vezes, n'esse Terreiro do Paço, onde ha quasi um seculo se centralisa a vida politica da nação, onde desembarcaram com Passos Manuel os deputados setembristas e onde, com tanto regozijo e tanto fausto, o defunto monarcha, director invisivel da nossa politica internacional, esperou os reis e os imperadores, o meu olhar de incorregivel devaneador se immobilisou na estatua equestre de D. José ou no medalhão do seu ministro inflexivel para evocar o grande lance feroz d'esse outro regicidio : o patibulo de Belem a escorer sangue, a marqueza de Tavora inclinando sobre o cêpo a cabeça grisalha, o conde de Athouguia extertorando na fôrca, o duque de Aveiro esmagado com trancas de ferro : o terceiro duque que as tentativas de regicidio atiraram para o cadafalso em pouco mais de tres seculos de Historia !

E houve na hora terrivel quem olvidasse, na excitação perturbadora dos anathemas, D. Duarte morto por um mal suspeito e mysterioso, o sombrio D. João II morrendo envenenado em Alvôr, D. João VI morrendo envenenado na Bemposta, depois da merenda de Belem... Quão longa será essa tragica *rêverie* do historiador, invocando todos as personagens d'esse theatro de horrores, onde ha, no reinado de D. João IV, um mercador opulento

chamado Baeça e, no reinado de D. Carlos I, um professor de instrucção primaria chamado Buiça! (1)

* * *

11 d'Abril.

A Lisboeta nas Revoluções.

Quanto embaraçosa está sendo, para um chronista que durante quatro annos flagellou os pequenos ridiculos e as mansas vaidades da Lisboa leviana, a tarefa de descobrir sob o dramatico disfarce de revolucionaria a antiga cidade humoristica de Gervasio!

Forçoso é confessar que os humoristas foram sempre implacavelmente injustos para com ella. Lisboa teve sempre, agora como no tempo das cinturas de vespa e das musas anemicas e romanticas do Passeio Publico, a vocação dramatica dos pronunciamentos, das revoltas e das conspirações.

Houve um periodo em que um artigo de

(1) Os artigos que abrangem o periodo comprehendido entre o regicidio e a acclamação de D. Manuel acham-se compediados na monographia publicada com o titulo *Quem é o rei de Portugal.*

jornal ou um discurso nas camaras reunia de madrugada no Rocio a guarda nacional de bayoneta armada nas pederneiras. Mas, como na mesma noite os alferes da guarnição dansavam polkas apaixonadas com as alfacinhas vaporosas, o terror, assim temperado com o sentimento, era mais um estimulante romanesco do que uma ameaça inquietadora.

Hoje ainda, logo depois das algazarras sanguinosas, Lisboa seréna como uma hysterica alliviada por uma crise de nervos. Varrem-se as ruas a tiro e enchem-se os theatros.

O pintor que tivesse podido trasladar para a téla a scena surprehendentemente pittoresca que ao bater da meia-noite de segunda-feira se desenrolou no Rocio, teria deixado uma profunda pagina de historia, das que mais fazem pensar... e sorrir! Era no regresso dos theatros, quando uma onda de espectadoras friorentas, embuçadas nas capas, com as cabecitas embrulhadas em mantilhas, o saquinho do binoculo e do lenço a balouçar no pulso, afflue ao Rocio para o assalto dos electricos do Lumiar, do Campo Grande, de Bemfica, de Campolide, da Graça e de Belém. A praça estava occupada pela cavallaria. Patrulhas de lanceiros vigiavam as ruas. Um regimento de infanteria acampava em redor do monumento, de armas ensarilhadas, como

no *Rêve* de Detaille. As metralhadoras tomavam as emboccaduras da rua Augusta e da rua do Ouro. Os cavallos bebiam nas fontes. O Rocio, com todo esse apparato marcial, tinha o ar de uma esplanada de cidadella. Na noite fria soavam clarins transmittindo ordens ou respondendo á voz longinqua de outros destacamentos errantes pela cidade. Os electricos aguardavam em frente do theatro D. Maria e na rua occidental da praça, e só o tropear dos cavallos e o tinido das armas quebravam o silencio profundissimo da noite primaveril.

De repente, da rua nova do Carmo, a primeira e mais apressada alfacinha surge, pelo braço do marido, apanhando a saia de musselina de sêda. E logo, em legião, como um bando de aves migradoras, as lisboetas enchem os passeios, embaraçam o passo ás patrulhas, caminham por entre os soldados, roçam as saias pelas metralhadoras, como audorinhas que roçassem as azas pela armação de uma fôrca.

N'um instante, o aspecto dramatico do Rocio transforma-se. E' uma mutação de theatro. E — phenomeno singular! — essa creaturinha melindrosa, futil e garrula como um pardal, que sahiu de casa depois de um dia de agitação tumultuosa, quando os hos-

pitaes estão cheios de feridos, quando mal se desvaneceram os eccos das descargas, e riu toda a noite com as facecias de José Ricardo no « Menino Ambrosio », não tem um arrepio de pavôr ante a enscenação revolucionaria da cidade. Emquanto o homem — o animal forte — se impressiona e declama, ella acceita os acontecimentos taes como elles são. A guerra ! a revolta ! a revolução ! Por acaso deixaram as suas avós de ser *coquettes*, de se enfeitar, de dansar, de ir ao theatro, de namorar e de amar, porque Junot entrou em Lisboa, porque D. Miguel desembarcou em Belem, porque a sahida de Saldanha do ministerio provoca as archotadas, porque a chegada dos deputados do Porto provoca a revolução de setembro, porque se revoltam os marechaes, porque se revoltam os radicaes do Club do Arsenal, porque se revoltam os setembristas, porque se exilam os Cabraes, porque regressam os emigrados de 1844, porque os patuleias se agitam, porque os miguelistas conspiram?

A mulher tem uma philosophia historica *sui generis*. Fonte da vida, considera-se sempre superior e intangivel ás discordias dos homens. Instrumento universal da paz, quantas vezes tem assoprado com um beijo a labareda da guerra.

Emquanto o homem se arma, ella arranja-se

ao espelho. E com seus alaridos de panico ou seus ademanes de gata é sempre ella quem faz sossobrar as revoluções, como é sempre ella, depois das grandes crises que abalam e prostram a energia do homem, quem mais depressa resurge, levanta de entre as ruinas a esperança ferida e a põe de novo no seu throno radiante, como uma divindade immarcessivel.

Agora mesmo, entre o abatimento dos governantes e a desorientação dos politicos, uma grande figura feminina está dominando o drama português com a sua energia serena.

Essa é a rainha D. Amelia. Da tragedia que lhe arrebatou o marido valoroso e o filho bem amado, e lhe trocou os arminhos reaes por um manto de crépes, a bisneta de Luiz Filippe resurgiu maior, como uma guerreira que regressa da batalha, coroada de louros e martyrios. Digna neta d'essa nobre duqueza de Orléans, fiel á sua fé lutherana, fiel ao seu amor como ao seu Deus, fiel ao seu dever como ao seu amor, que a desgraça, a cada novo golpe, tornava mais sublime, a rainha ergueu-se mais forte e mais bella de entre os destroços do seu lar, de entre as ruinas do seu throno.

E' necessario vêl-a, para se poder avaliar a firmeza da sua alma varonil, a intelligencia

vigilante e clarividente com que esta mãe admiravel cuida desbravar o caminho por onde terá de passar, com o cilicio da corôa o seu filho adolescente. A fatalidade revelou-a uma leôa. O seu rosto, macerado por uma pallidez que *lhe vai bem*, adquiriu essa nobreza cesarea que caracterisa os Bourbons das grandes éras. Sahe-se de ao pé d'ella impressionado pela fé que a varonisa, commovido pela esperança que a anima, enleado de admiração e de respeito. E' mais do que uma rainha defendendo a sua corôa; é a mãe defendendo o seu filho. Na sua sala de audiencias do paço das Necessidades, a rainha D. Amelia está batendo-se por D. Manuel como ha setenta e quatro annos, nas linhas do Porto, D. Pedro IV se batia por D. Maria da Gloria...

* * *

9 de Maio.

A acclamação de D. Manuel.

O relogio da sala marca duas horas e dez minutos quando, ao som do hymno real, os porteiros da camara, os arautos, os passavantes e os reis de armas transpõem a porta da esquerda, sob a tribuna do corpo diplo-

matico. Um fremito de curiosidade anciosa percorre as archibancadas, onde duas mil pessoas, na maior parte senhoras, n'um só movimento se levantam. Como a solemnidade rompera, com seus privilegios de gala, o luto da côrte, a sala tem a decoração colorida dos primeiros vestidos de verão, que a engrinaldam a toda a volta do hemicyclo e fazem similhar as tribunas a *corbeilles* colossaes, onde tremulam as *aigrettes* e as plumas sobre os lilazes, as rozas e as glicinias dos chapéus. Na tribuna do corpo diplomatico, *au grand complet*, onde não faltam as cabaias de sêda do encarregado de negocios e do secretario da legação da China, entre a loira ministra da Allemanha e a morena marqueza de Guell, destaca a mocidade radiosa da nova ministra do Brazil, D. Leopoldina Itibiré da Cunha, vestida na Laferrière, e que com o prestigio da sua elegancia continua a dynastia das formosas ministras brasileiras, succedendo ao pállido donaire hespanhol de D. Sara Hamilton Fialho.

Os membros da conferencia internacional telegraphica — tão providencialmente chamados a assistir a uma grande ceremonia politica n'este paiz de *barbaros, ainda mal-preparado para a prática das instituições parlamentares* — e que occupam uma das tribu-

nas de primeira ordem, erguem-se tambem, n'um admirativo borborinho, para assistir á entrada do cortejo, que desfila na teia tapetada de encarnado, com os seus ornamentaes anachronismos, e onde os pequenos moços-fidalgos, trajados á Luiz XV, como as ampliações das figurinhas de um leque de Watteau, põem uma nota graciosa e gentil. E' depois a côrte que passa, precedida por D. Luiz Lobo da Silveira (Alvito), conduzindo a corôa real sobre uma almofada de velludo carmezim agoloado a ouro, e pelo conde de Figueiró, mestre-sala, empunhando o bastão branco do seu cargo palatino. O marquez de Castello Melhor descobre a cadeira do throno, que um panno de brocado, segundo uma indecifravel pragmatica, occultava como um sacrario da vista profana dos espectadores. Quando o mordomo-mór, conde de Sabugosa, precedido por seu filho, o conde de S. Lourenço, alferes-mór, com o estandarte real, entra na na sala, dando a direita ao velho duque de Loulé, filho de uma infanta de Portugal, e a esquerda ao commandante da guarda dos archeiros, um sussurro desce das tribunas cheias de senhoras e que dir-se-ia o rumor de milhares de beijos simultaneos. E' que, atraz do infante D. Affonso, que empunha, como condestavel, a espada de Nun'-Alvares,

avança o chefe do Estado, com o grande uniforme de generalissimo, o calção justo de anta, a bota de polimento negro á Chantilly com esporas de oiro, a banda das tres Ordens, o collar da Torre e Espada e, pendente dos hombros frageis, o manto real, de velludo vermelho, com cabeção de arminhos e todo bordado a quinas e castellos de ouro. Para esse adolescente, sagrado rei n'um baptismo de sangue, se dirigem todos os olhares. Muito pállido, D. Manuel, depois da vénia do estylo ao corpo diplomatico, sóbe solemnemente os degraus encarnados do throno. Diante da scena theatral, que é o desenlace de uma tragedia, todos os corações se commovem. Nunca um rei, certamente, foi acclamado perante uma commoção igual. As lagrimas descem pelas faces das mulheres n'uma crise contagiosa de sentimentalismo.

Quasi nos surprehendemos de vêr que as senhoras não estão vestidas á 1830 e sinceramente deploramos que no logar do snr. conselheiro Ferreira do Amaral não esteja o vulto juvenil e romanesco de Passos Manuel. Mas em vão os nossos olhos procuram na sala, entre os deputados e os pares, a revivescencia do tribuno ardente, idolo do povo, immolado pelas ambições soffregas dos politicos e por um conluio do paço...

Esta ceremonia, já agora historica, da acclamação de D. Manuel, nem se parece com as ceremonias identicas que desde D. Pedro V a precederam, nem poderia revestir o caracter singular que para sempre a fica caracterisando, se a divorciassemos das circumstancias tragicas de que ella foi a natural consequencia.

O romantismo representou em Portugal, como em toda a Europa, uma crise de sentimento, produzida pela reacção contra as luctas do movimento revolucionario, desflagrado na conquista da Liberdade. Não admira que, resuscitados todos os elementos compoentes d'esse phenomeno historico, elles produzissem o mesmo phenomeno moral.

A ceremonia de quarta-feira, 6 de maio, desenvolveu-se n'uma atmosphera accentuadamente romantica, a que só faltou o guarda-roupa dos chales de Tonkim, dos bandós, dos chapéus á Bolivar, das saias de trinta folhas, das casacas de briche e das gravatas de duas voltas.

Foi por entre um accesso de romantismo desencadeado nos corações, que se desenrolou a acclamação de D. Manuel, perante um publico de recita de amadores, que foi a S. Bento, como vae a S. Carlos para assistir a um espectaculo.

Aquelle publico numeroso, que enchia a sala, retrocedeu moralmente setenta annos, no momento em que, correspondendo ao *viva* do presidente da camara, rompeu em acclamações, saudando um pallido rei, ainda hontem uma creança e já hoje a esperança ultima e fragil da monarchia.

Para descrever o que se passou na sala da camara dos deputados, onde tantos lindos olhos choraram durante os vinte minutos que durou esse accesso delirante, seria necessario recorrer ao estylo fóra de moda dos escriptores do romantismo.

Os *vivas* irrompiam de todos os lados, desde a tribuna do corpo diplomatico até ás ultimas filas humanas das galerias do segundo andar. Os proprios prelados accenavam com os seus chapéus de borlas.

Nas tribunas, uma nuvem de lenços agitava-se sobre as flôres dos chapéus de verão, como um enxame de borboletas enormes voando sobre canteiros de jardim. Salvas de palmas estrugiam, infindaveis, sem um desfallecimento. O rei, de pé, limpava as lagrimas.

Assim ateado nos corações, o romantico incendio só tarde apagou as suas labaredas. Quando, á noite, no theatro D. Amelia, a orchestra de Berlim entoou o hymno real, a

sala inteira ergueu-se. Recomeçaram as acclamações e os vivas.

Bem está para os que com espectaculos romanticos se satisfazem. Mas a politica não é um thema propicio a devaneios romanescos. O repertorio theatral, inaugurado com a tragedia de fevereiro, deve considerar-se exgotado com a magica de S. Bento.

E' preciso desanuviar agora sem demora o espirito impressionavel d'esse rei, que ha tres mezes só vê presagios e lagrimas á sua volta. Para inaugurar uma éra de fé e de esperança, quer-se um rei com esperança e com fé.

A mocidade é uma flôr que definha na tristeza : essa obscuridade do coração. Deixem entrar o sol n'essa consciencia. Não é de um « Hamlet », acabrunhado e lutuoso, carpindo eternamente a morte do rei seu pai, que Portugal precisa, mas de um novo *Manuel o Venturoso*, que para destinos melhores conduza o reino, se taes destinos ainda são possiveis !

* * *

23 de Maio.

Desgrenhada sob as ventanias primaveris, que mal a alliviam dos calores africanos que principiam já a suffocal-a, Lisboa

entra na phase de semsaboria com que todos os annos cumpre a penitencia dos desmandos do inverno.

No Colyseu acabou já a *great attraction* dos luctadores, que o japonez Raku se divertiu a tombar, um a um, com os seus *armlocks* irresistiveis, entre as acclamações de um publico contente de vêr o pygmeu dominando os gigantes. Apenas as revistas do anno ainda conseguem immobilisar durante horas, em atmospheras viciadas, os espectadores que os cinematographos lhes cedem. A vida mundana, quasi paralysada pelo luto da côrte, mal consentiu á lisboeta exhibir os seus vestidos á Luiz XV e o desvario dos seus pomposos chapéus, *dernier cri*, de Virot. Ás comedias annunciadas substituiu-se uma tragedia com lances barbaros e patheticos á Shakespeare. S. Carlos acabou entre os bocejos dos espectadores do estupendo « Tristão e Isolda », n'um tédio que parecia propagar-se ás bailarinas e ás cantoras. Nas Necessidades, o rei continúa, com uma resignação heroica, a receber magistrados, militares e professores. Em S. Bento já estrondeiam as apostrophes, n'um torneio ardente de rhetorica. No campo de batalha, a despeito dos solemnes armisticios, recomeçam soando clarins de guerra.

Pelas estradas, á luz da madrugada, tinem os sabres dos duellistas. Uma excitação enervante prepara desenlaces dramaticos a incidentes futilissimos. Lisboa vive ainda nos ultimos estremecimentos nervosos do ataque hysterico que a acommetteu. Envolve-a uma atmosphera de combatividade, que propaga aos temperamentos mais pacificos uma irritação irreprimivel.

Um estadista habil e previdente teria já mandado despejar nos depositos do Alviella cem arrobas de brometo de potassa ou valeriana, a fim de acalmar os contagiosos hysterismos da capital, que debalde a bonhomia ironica do presidente do conselho tenta apaziguar com o seu formulario anachronico de sorrisos indulgentes, como succedaneo das réplicas desafiadoras da dictadura.

Ao menor descuido, o chronista vê-se transformado n'um historiador, se pretender desenhar as perspectivas d'este panorama social, tão escurecido de neblinas mysteriosas, pois se já do céu se varreram as nuvens da procella, não serenaram os ares electrisados pela torrasca.

Segunda-feira passada, a bordo do « Asturias », um inglês, pousando o binoculo com que de longe observava Lisboa, perguntava-me, como alguem que viesse do outro

mundo, se, *apesar da revolução*, um estrangeiro poderia desembarcar, sem grande perigo.

A revolução? Ah! meu bom alliado, que pena não teres chegado um dia antes para poderes descrever aos teus amigos de Inglaterra uma scena d'essa revolução que tanto assusta o teu conservantismo britannico!

Porque fôra na vespera que o Porto estivera em Lisboa... De uma janella do theatro de D. Maria pude assistir á sua chegada. Para lá teria levado commigo esse inglês pessimista e timorato, a quem não satisfaz o evangelho do « Times ».

O Porto não vinha com o seu capacete, com a sua lança e o seu escudo. Não o traziam, como ha sessenta annos, assomos bellicosos. Um velhinho octogenario conduzia-o pela mão. O Porto vinho visitar uma creança, e sem perda de tempo — *time is money*, havia de segredar-me o inglês — tomou o caminho do paço.

Pela segunda vez, elle subia, com este apparato sensacional, a escadaria do palacio dos reis. Fôra, da primeira, em 4 de novembro de 1837. O paço era outro : o de Belem.

N'esse dia, o portuense Manuel Passos fazia chorar de raiva uma rainha a quem salvava o throno e a vida... O Porto nunca foi um

cortezão. Os esplendores da côrte, em oito seculos de historia, nunca o seduziram. Quando entra na intimidade de um rei é nos estreitos amplexos de um cêrco, sob os trovões da artilheria. Então o burguez pacifico vai a Santo Ovidio envergar uma farda, vai á Torre da Marca entregar os bens, e caminha para as trincheiras, como um poeta romantico. Ao rei, vê-o queimado pelos sóes do Brasil, revestido de um simples titulo de duque, visitando os reductos, e aperta-lhe a mão, de soldado para soldado, democraticamente. Depois, erguido o cêrco, repellido o inimigo, vencida a guerra, despe a farda, refaz a fortuna, reedifica as ruinas.

Quasi repudiado pelos soberanos, que atraz dos mouros se foram indo para as terras mais suaves e cálidas do sul, o Porto fica durante seculos enconchado nas suas muralhas : formiga heroica e pacifica, a trabalhar para as cigarras bellicosas. E emquanto que Lisboa põe no mar as expedições e as frotas, despovoando as provincias para povoar novos mundos, o Porto, com a prudencia da formiga, trabalha, enche de rasas de ouro as torres albarrans, cultiva as terras do norte, multiplica-se, cria as immensas reservas de sangue e de energia que hão-de ser precisas á patria, quando os imperios da America e da India

se eclypsarem como sonhos e Lisboa sem rei, sem sangue e sem pão, abrir as portas ao cavallo estropeado de Junot... Quando essa hora sôa — como negal-o? — de Portugal só resta o Porto.

Heroicamente, abnegadamente, a formiga vai então remediar os erros da cigarra e sobre os destroços do absolutismo a cidade burgueza funda o liberalismo. Se o Portugal moderno é a sua obra, o Porto não esquece que tambem o rei de dezoito annos, que uma tragedia sentou inesperadamente no throno, é o terceiro neto d'esse duque, que lhe legou o coração e a cujo lado combateu nas trincheiras de Aguardente e de Paranhos. Essa creança, a quem mataram o pai, era tambem um pouco seu filho. A corôa que lhe opprimia a pallida cabeça, pagára-a o Porto com o seu sangue, derramado em Penafiel, Grijó e Souto Redondo.

Então, levando á sua frente, como a memoria viva do passado, um velho que era uma creança n'esses tempos longinquos, o Porto vem a Lisboa lembrar ao descendente de D. Pedro IV que em 32 era sósinho contra o reino inteiro e que o vencera.

Dir-se-ha que procuramos uma interpretação romantica a essa solemne affirmação de lealismo. Mas não é em pleno romantismo

que continuamos vivendo? Não renasce nas camaras a vibração romantica dos grandes duellos rhetoricos de 36? Não é uma revoada de sentimentalismo a que está, a estas horas, passando sobre Portugal desde essa ceremonia romanesca da acclamação, que está reclamando a sciencia pictoral de um Horacio Vernet? E essa rainha, ainda nova, envolta nos seus crépes de viuva — essas mortalhas do amor! — e esse rei de dezoito annos, com a sua pensativa tristeza, por acaso não são as personagens de um drama romantico? A propria agitação dos espiritos e tanta lagrima que se tem chorado não são os inilludiveis symptomas de um surprehendente regresso ao romantismo?

Quando o tenente Martins de Lima vem de Africa a Lisboa com o fito exclusivo de bater-se, não é em pleno romantismo que de surpreza nos achamos? Quando o conselheiro João Arroyo indica D. Pedro V como modelo ao soberano, não lhe assignala o caminho do romantismo?

Será, porém, esta solução romantica a que mais convém aos interesses do povo português?

* * *

22 d'Agosto.

A Feira d'Agosto. Não póde dizer-se que haja sido auspiciosa a estreia d'esse vago, famoso parque Eduardo VII, cujos vastos terrenos de semeadura a camara finalmente adquiriu ha mezes, depois de uma contenda que durou annos entre a avareza cupida da vereação o a resistencia do proprietario, que só veio a consentir no esbulho por fadiga. Senhor d'esse logradouro magnifico, aonde talvez um dia os nossos filhos possam mandar passear os nossos netos, á sombra de arvoredos ainda debeis, o senado lisboeta principiou por acampar n'esse scenario rustico de milharaes e de olivedos uma feira. E toda esta Lisboa estival, victimada de tédio, assaltou os *guichets* dos theatrinhos baratos, onde, á luz das lampadas electricas, resurgem as actrizes populares do Campo Grande e de Alcantara, exhibindo plasticas de hospital, de epidermes mal veladas em *maillots* tenues de algodão, e despejando sobre as plateias delirantes coplas equivocas...

Quando, mais tarde, um artista subtil, seduzido pelas tarefas laboriosas de reconstituir sociedades desapparecidas, intentar fazer,

á similhança do que os Goncourt, em França, fizeram com os periodos do Directorio e da Revolução, a chronica animada e pittoresca d'este anno dramatico e convulsivo de 1908, ha de quedar frequentemente perplexo, tanto o jornalismo — que é o depoimento diario do colossal processo da vida contemporanea — está, pela sua objectivação absorvente, descurando a historia moral dos acontecimentos e a analyse do meio social em que elles se desenvolvem.

São quadros sem atmosphera e sem paizagem os que a imprensa legará aos vindouros historiadores da vida portuguêsa.

A Lisboa sobresaltada e inquieta de agora, com os seus mysterios á Eugenio Sue, os seus crimes á Terrail, os seus mudos cinematographos e os seus ruidosos parlamentos; esta Lisboa das revoluções, das conspirações e dos regicidios, é ainda um thema inédito para os commentarios, os descriptivos o as analyses de um homem de lettras, que pretenda e saiba desenhar, embora em esboço, os singulares contrastes d'esta crise delirante, cujas influencias perturbadoras e fataes ainda ha bem poucos dias, á hora em que abriam os theatrinhos da feira, armavam sinistramente a mão forte do delicado estylista dos « Meus amores ».

Quando se possa, ao abrigo de indiscreções e compromissos de honra, delinear os retratos vigorosos dos homens que mais estão influindo na vida portuguêsa d'este primeiro centenario das invasões francêsas, o quadro, que n'este momento perplexo só impressiona os pensadores, apresentar-se-ha como o mais dramatico e intenso dos panoramas historicos.

A vida lisboeta, desde as rolêtas publicas do Monte Estoril até ás revistas immoraes da feira da Avenida, com as suas miserias clandestinas, os seus escandalos indiscretos, os seus crimes sensacionaes, os seus pasquins injuriosos, as suas intrigas freneticas, está a pedir o genio de um Balzac, para a desvendar e perpetuar em toda a sua complicação de melodrama. Quem, porém, a observar desattentamente do camarote de um theatro ou de uma varanda do Chiado, em vão suspeitará os reconditos lances que se agitam n'esta cidade de aspecto tão inoffensivo, com as suas praças soalheiras, onde discursam os pelotiqueiros, onde se apregoam capilés n'uma toada de romaria sertaneja, e em cujas mansardas pombalinas pousam os bandos de nédias pombas bravas, que á noite recolhem aos frisos gregos do theatro D. Maria.

Quando, vinte e oito horas depois da tragedia de fevereiro, o *sud express* despejou no

Rocio os jornalistas francêses, acudidos de Pariz, pallidos e sobresaltados, para fazer a reportagem sensacional da revolução, a Lisboa quieta, provinciana, enroscada ao sol como uma gata, desconcertou-os.

Todos partiram perplexos, sem terem penetrado a alma enygmatica da velha cidade, surprehendidos pelo contraste embaraçador da sua physionomia innocente e dos seus intimos alvoroços de criminosa. O scenario pareceu a todos improprio do drama que n'elle, uma vez mais, perpassára, manchando de sangue as suas ruas.

Lisboa não encontrou ainda o seu historiador. Com o advento do naturalismo, quando os discipulos de Balzac e de Zola levaram aos editores os seus primeiros manuscriptos, podia esperar-se que os novos escriptores iam emfim traçar-lhe a dramatica historia. Mas todos se detiveram a analysar-lhe, com um sorriso desdenhoso, os ridiculos que a dissimulam. Apenas Camillo, de longe, no seu delirio romantico, entreviu os seus mysterios tenebrosos. Lisboa não se deixa devassar sem resistencia. E, entretanto, para se obter a visão nitida dos acontecimentos que n'ella se desenrolam, é indispensavel violar os clandestinos segredos da sua vida intima, despil-a da confusão dos seus falsos sorrisos, açulal-a como a um leão

que dorme, para lhe vêr a crispação electrica da juba, para lhe escancarar as fauces temerosas e accender-lhe os olhos de phosphorescencias coruscantes.

N'esta hora dos duellos, dos pugilatos, das objurgatorias; n'esta crise aggressiva, que Lisboa atravessa, de conflictos diarios e incessantes escandalos, em que o homem do dia é sempre um espadachim ou um criminoso, a feira do parque Eduardo VII, com os seus cafés de *camareras*, os seus theatrinhos de coristas semi-nuas, as suas barracas de figuras de cêra e cosmorama, os seus restaurantes ao ar livre, singularmente reflecte a alma triste, corrompida e sceptica da cidade. Sob a sua corôa de lampadas electricas, em cujo clarão luminoso esvoaçam as bandeiras, a feira, toda ruidosa de musicas de revistas e zarzuela, com o seu bafio classico de azeite, agglomerada entre uma paizagem rustica de campos de milho, em frente da Penitenciaria, constitue o unico e grande attractivo nocturno da capital.

Desde as nove horas, pelas suas ruas ingremes, comprime-se uma multidão pittoresca e heterogenea, onde as companheiras da Geraldinha e da Josepha Maria acotovellam as senhoras do *carnet mondain* do « Diario Illustrado », e o chale de franjas se prende aos

colchetes dos vestidos Imperio do *Pariz em Lisboa*, n'uma promiscuidade que desconcerta a perspicacia myope dos moralistas de profissão.

Nos theatros, construidos de tábuas e de lônas, ennevoados pelo fumo dos cigarros, entre o rumor dos applausos e das pateadas, atraz das *charlottes* de bordados e de rendas, dos chapéus á Directorio e á Marlborough, as maltas do Bairro Alto vociferam nas archibancadas da geral, e um *frisson* percorre, sob as bretanhas transparentes das blusas, os hombros côr de rosa das mulheres, que disfarçam o rubôr atraz dos leques, simulando a incomprehensão da innocencia perante os ditos equivocos das actrizes, saudados pelas gargalhadas populares.

A essas mesmas horas, lá ao longe, em face do mar phosphorescente, para onde abrem as amplas janellas, na vasta sala do Casino do Monte Estoril, onde a musica de Wagner e Beethoven se mistura ao tilintar do dinheiro e das fichas, mãos faúlhantes de anneis, mãos lividas de vicio, mãos crispadas de ambição, mãos convulsas de mêdo, mãos trémulas de esperança, mãos indolentes de tédio, mãos diligentes de jogadores espalham sobre os numeros de um panno verde discos de madrepérola e marfim, moedas de prata e notas de

Banco — esse dinheiro, veneno e delicia da vida, que uns vão deixar nas salas illuminadas de uma casa de jogo e outros vão arrancar, nas solidões de uma azinhaga, ao pescoço de uma creança...

Este crime da azinhaga de Santa Luzia não teria certamente assumido as proporções emocionantes que attingiu, se a victima, crédula e infantil, não tivesse a carpil-a uma fabulosa familia, que atravancou as ruas no dia do seu enterro. Maria dos Anjos era varina. Ser varina, n'esta cidade de indifferenças inexoraveis e egoismos inflexiveis, é ter uma familia grande como um povo.

O côro de soluços e de lagrimas que se evolou em volta do seu esquife, onde o pobre corpo se decompunha perfumado de essencias, por tal maneira engrandeceu a pequenina morta, estrangulada entre um canavial, que o crime, de hediondamente vulgar, se transformou para Lisboa n'uma especie de romance-folhetim, que a cidade inteira está seguindo nos jornaes, dia a dia, com doentias soffreguidões.

Sob a acção dos grandes calores, propicios aos grandes carnivoros, o desgraçado animal humano, que as civilisações millenarias deixaram tão imperfeito entre as maravilhas semidivinas do progresso, tem as suas crises de

sanguinaria loucura. Rara é a semana, desde que se entra no solsticio de verão, que não deixe o seu registro tragico nos noticiarios dos jornaes. Julho acabou entre brazas solares e sangue humano. Agosto, o mez canicular, estreou-se no crime. As sêdes da canicula refrigeraram-se no sangue novo de uma virgem. Depois do crime bestial de Gouveia, o assassinio mysterioso da pequena Maria dos Anjos veio ainda depôr contra a ancestral crueldade da féra carniceira, que as religiões dotaram com uma hypothetica alma.

Matar uma creança, destroçar uma vida ainda em principio, com a insensibilidade com que o lobo despedaça uma ovelha, é, como nenhuma outra, uma acção abominavel, que degrada a especie e sobre toda ella se reflecte como dimanada da mesma fonte impura e creada da mesma materia vil.

Quando, porém, se pensa que esse monstro cruel commetteu impunemente o seu crime dentro de uma cidade — essas flôres da civilisação! — a cem passos das esquadras de policia, dos electricos, das avenidas, e conseguiu triumphar de toda a organisação omnipotente e orgulhosa do homem civilisado, estrangulando n'um caminho publico uma creança com a mesma impunidade com que nas solidões da montanha a aguia estraçalha

nas garras uma imprevidente cotovia, fica-se interdicto e inquieto.

E é então que, para nos distrahirmos da crueldade dos homens, tomamos o caminho da feira, a assistir ao espectaculo das suas miserias...

* * *

8 de Novembro.

A Visita Real ao Porto.

Na manhã do mesmo dia em que esta carta fôr publicada, o novo rei de Portugal embarcará na estação do Rocio, com tres dos seus ministros e a sua comitiva, com destino ao seu paço do Porto.

Esta viagem, no actual momento historico, tem uma singular significação. D'ella devemos esperar que resulte para o juvenil soberano uma lição — d'essas que os preceptores dos principes não pódem substituir por prelecções as mais sábias. O rei vai, finalmente, conhecer o seu povo, tratar e lidar com elle, escutar outras vozes differentes das que diariamente lhe fallam. Desemparedado do seu paço, o monarcha vai começar a viver. A sua magistradura póde afoitamente dizer-se que principia só agora a exercer-se. O rei vai percorrer

o reino, visitando o seu povo. A imagem que se fixará no seu espirito impressionavel, através d'esses vinte dias de festas consecutivas, certamente não corresponderá ás tristes realidades em que todos inquieta e afflictivamente vivemos. Mas esse simulacro de prosperidade venturosa, esse *sorriso entre lagrimas*, com que as provincias populosas do norte, depositarias das ultimas energias da raça, se preparam para receber o rei adolescente, não póde ser considerado — a menos de se lhe desvirtuar por completo a intenção — como um novo aspecto da contumaz mentira official, como um estratagema politico, como uma comedia urdida para contaminar de illusões perigosas a boa fé do soberano.

O rei sabe — e seria inadmissivel que o não soubesse! — que o paiz atravessa, como um navio isolado nos mares, uma zona de tufões.

Para Portugal soou a hora em que o destino lhe impõe o dilêmma terrivel : a regeneração ou a morte. E o que o rei vai poder ajuizar por si proprio é que a nação não quer morrer! N'essas festas com que o recebe, orgulhosamente ella lhe exhibirá as forças que lhe restam.

Longe de o desanimar com o espectaculo das suas desditas, o paiz pretende animal-o de esperanças, reaccender a fé no seu coração

de moço. Seria um crime occultar ao soberano a significação, ao mesmo tempo amoravel e terrivel, d'essas festividades com que as provincias laboriosas do norte, tão experimentadas pela adversidade, o vão receber. Esses jubilos são um protesto solemne contra o pessimismo dos que consideram na agonia um povo ainda capaz de recomeçar uma grande missão historica dentro da civilisação contemporanea. Essas festas são o depoimento orgulhoso e severo da nação contra os desmandos da administração publica.

Mostrando-lhe os seus progressos incessantes, a sua actividade infatigavel, a sua iniciativa corajosa, as suas industrias, as suas fabricas, as suas officinas, as suas adegas, o norte dirá ao rei, com essa muda e eloquente linguagem, que não é do povo a culpa de se achar o paiz á beira de um abysmo. Com essa festiva exhibição da sua força, a nação vai comminatoriamente reclamar perante o chefe de Estado o seu direito á vida e ao predominio. E quando os politicos disserem ao rei : — *Senhor, o reino está morto*, o soberano poderá responder : — *Mas a nação está viva !*

Se é para lastimar que as circumstancias não tenham consentido que a presente viagem se realizasse alguns mezes mais cedo,

em plena crise de sentimento, para louvar é a acertada resolução de a prolongar pelo espaço de quasi um mez, creando assim no Porto, capital do norte, uma segunda côrte — desligando da palavra todo o sentido aristocratico — que por todos os motivos conviria manter como uma praxe.

Foi o Porto a primeira côrte da dynastia liberal. A sua escarpa de granito, onde vieram recochetear as balas dos canhões miguelistas, foi o alicerce sobre que D. Pedro IV levantou o throno de sua filha; e deve constituir para o rei um ensinamento digno de profunda reflexão o vêr, setenta e cinco annos depois, a Lisboa miguelista elegendo uma municipalidade republicana e o Porto liberal, o Porto dos *malhados* e dos pedreiros-livres, receber o terceiro neto do regente com as alegrias festivas de uma dedicação obstinada...

A moda. Involuntariamente, a nossa penna ligeira de chronista nos ia conduzindo, de consideração em consideração, glosando o mote da viagem régia, á gravidade de um artigo politico tão ás avessas da frivolidade classica de um folhetim. Mas não está em moda a politica?

A moda — aqui está uma palavra que da penna nos cahe como uma providencia e nos

vem afastar, misericordiosamente, de uma prelecção historica, em que ia extraviar-se, sisuda e pomposa, a philosophia sceptica de um folhetinista. Que mais opportuno ensejo para fallar da moda, quando uma nova moda apparece com os primeiros arrepios friorentos do inverno? A esta mesma hora em que escrevemos, quantas mulheres, por todos os *ateliers* de modista do Porto, folheiam perplexas os figurinos de Pariz, hesitando na escolha dos vestidos com que hão-de apparecer na festa da Associação Commercial, no baile do Club, na recepção do Paço, na récita de gala.

Ah! esta moda, a que complacentemente, n'uma resignação de escravas, se submettem as mulheres, como ella traduz nos seus inverosimeis exagêros, na sua desnorteada ancia do *espantoso*, na sua originalidade suspeita, com todos os seus anachronismos absurdos e toda a sua complicação viciosa, o espirito d'esta época immoralista por excellencia e destituida por completo, a despeito dos prodigiosos progressos scientificos, d'esse caracter social que, projectado sobre as artes e as modas, produz o estylo!

Confinada ás especulações dos costumes Luiz XV, Luiz XVI, Directorio, Consulado e Imperio, tendo feito resurgir nas officinas dos costureiros da *rue de la Paix* os modêlos

dos retratos de Nattier, Van Loo, Lebrun, Gérard e David, a moda successivamente vai vestindo a mulher civilisada como as suas avós do tempo dramatico da Revolução ou do tempo heroico de Austerlitz, sem cuidar de saber quanto a resurreição do *spencer* de madame Tallien e da cinta curta das *maravilhosas* do Consulado póde ter de ridicula nos scenarios de uma vida a que presidem tão diversas noções da Belleza, da Moral e do Amor. Quem se reconhecesse com a paciencia necessaria para philosophar sobre essa frivolidade que é a moda, não teria, talvez, perdido o seu tempo apurando as razões que junto de um homem prosaico e inalteravelmente vestido de cheviote inglês colloca uma mulher theatral, uma mulher manequim, uma mulher cyclorama, que tão depressa joga o *tennis* em saia curta e sapato de camurça, como resurge n'uma sala *modern style* as tunicas á grega das marechalas de Napoleão. A revivescencia das modas do cyclo da Revolução e do Imperio não se produziu, é certo, no espaço breve de uma estação, pelo decreto dictatorial de um Paquin ou de uma Laferrière. Data de ha seis annos a primeira tentativa da resurreição das cintas curtas. Mas só agora, depois d'esse longo tirocinio evolutivo, a moda logrou o

supremo triumpho de substituir os *dessous* pelo *maillot* e attingir com o colleante vestido á Directorio o extremo opposto da crinoline de 1860. A' mulher balão, do reinado de D. Maria II, succede agora a mulher girasol. E, facto singularissimo, que demonstra quanto a esthetica feminina desobedece a todas as leis da proporção e da harmonia, ao passo que o vestido mingúa, enlaçando o corpo, o chapéu cresce e desenvolve-se. O corpo passa a ser a haste flexuosa de uma flôr enorme. Ao minusculo *cabriolet* da marqueza de Vianna succede a *cloche* monumental das condessinhas scepticas do *Sporting-Club* de Cascaes.

Já não nos podemos rir das nossas avós caricaturaes das *kermesses* do Passeio Publico. Com pouco mais que o estofo dos seus chapelinhos uma elegante de 1908 faria um vestido de passeio, mas não lhe chegaria a crinoline de uma saia de balão *á imperatriz Eugenia* para confeccionar, nas proporções regulamentares, o seu chapéu de *toilette*. Vista de dorso, a mulher contemporanea parece o cabide onde um mosqueteiro tivesse dependurado o feltro de plumas e a capa aventureira. O chapéu eclypsa-lhe por completo a cabeça. E' bonita? Não é bonita?

Hontem ainda, eramos tres no mesmo banco

do electrico, enleados na mesma curiosidade intensa. Mas apenas entre a alta gola á Maria Stuart e a sombra projectada pela aba enorme do chapéu, um torvelinho de cabellos chimicamente louros resplandece á luz das lampadas na raiz branca de uma nuca de estatua. O resto da cabeça desapparece sob a copa de sêda ornada a *amazonas*, de cuja plumagem ondeante largas fitas de velludo descem, afogando o pescoço. Por mais acrobatismos que façamos, não é possivel descortinar debaixo d'aquelle monumento de plumas uma nesga sequer do rosto — lindo ou feio? — que esse chapéu luxuoso e caricatural encobre.

E por agora, n'esta Lisboa fim de estação, que esperava em Cascaes a partida do rei para se transferir de vez para os camarotes de S. Carlos e para as avenidas do Campo Grande, os chapéus das audaciosas não fizeram ainda a sua apparição no Chiado.

Apesar das chuvas e do cahir accelerado das folhas, Lisboa não adquiriu ainda a sua physionomia do inverno. Ha restos de verão que se obstinam a viver nas temperaturas ainda suaves d'este fim de outomno.

No alto da Avenida, a feira de Agosto só ha poucos dias apagou as suas lampadas electricas de arraial. Os cinematographos continuam fazendo uma victoriosa concorrencia ás

comedias tediosas e aos dramas bafientos de D. Maria.

E, como se lhe não bastasse o fadario triste da sua illuminação escassa e do seu movimento diminuto, Lisboa inaugura o inverno fechando as lojas ás oito horas da noite. Acaba assim, com mais essa conquista de liberdade, para toda uma classe escravisada, a longa clausura nocturna do balcão, mas acaba tambem esse esplendor fugaz de bulicio que animava a cidade baixa á hora dos theatros.

Corridos os taipaes das lojas, que projectavam sobre os passeios de mosaico o luminoso reflexo da luz electrica e do gaz, as ruas, subitamente obscurecidas, parecem vastos e ermos corredores sombrios.

Para substituir a decoração das montras á rua de Lisboa faltam os annuncios luminosos, que nas grandes capitaes do estrangeiro dão um aspecto de festa ás arterias urbanas de grande movimento, as mil attracções do *réclame*, os grandes cafés, os grandes restaurantes, os theatros de *boulevard*, que prolongam até tarde a vida animada das ruas.

Com os seus theatros encafuados em travessas, os seus cafés modestos, a sua tristonha architectura pombalina, a sua Avenida ás escuras, Lisboa passou a ser, depois

das oito horas da noite, a mais melancolica das cidades.

N'este tédio cada vez maior que a envolve como não ha-de S. Carlos prosperar, se elle cada dia mais resume para os ricos o unico prazer que o dinheiro ainda póde comprar?

Por isso, emquanto uma multidão de operarios termina á pressa a decoração do velho atrio, e a revolução desconjunctada de janeiro se reorganisa na sombra, á bilheteira acotovella-se todo o snobismo, toda a finança e toda a nobreza alfacinhas, privadas de tudo quanto os snobs, os banqueiros e os fidalgos largamente usofruem lá por fóra, n'este abrir de seculo utilitario que transformou o prazer n'uma colossal industria.

Mais do que nunca, S. Carlos representa hoje o ultimo alento de vida mundana que ainda, por um fio debil, mantém a Lisboa um simulacro d'essa *alegria de viver*, que é a caracteristica de toda a vida social intensa.

O cargo de emprezario de S. Carlos, ante esse phenomeno, deixou de ser apenas uma prebenda lucrativa para passar a ser, na realidade, uma funcção social das mais complexas. Ora, Lisboa, n'este revolucionario anno de 1908, não se contentou em destruir a dictadura do conselheiro João Franco; findou com a dictadura lyrica do snr. Pacini.

* * *

23 de Novembro.

S. Carlos. Essa côrte ruidosa e festiva do Porto, que ha quasi um mez hospeda no modesto paço dos Carrancas, em volta de um rei adolescente, todos os dias coberto de flôres, os grandes dignitarios de palacio, de tal maneira está attrahindo e empolgando as attenções, que difficilmente um chronista, habituado a fazer viver a sua penna leviana das narrações indiscretas da vida de Lisboa, encontra assumpto que interesse a meia duzia de leitoras fieis, que ainda o lêem entre os goles de chá do seu almoço.

Emquanto em Lisboa se discute a attitude desabrida do mandarim de Cantão e se escurecem os horisontes com a prophecia de catastrophes imminentes, o Porto, entre os esplendores d'este dôce verão de S. Martinho, esfolha rosas e chrysanthemos no *landau* de um rei de dezenove annos e, revivendo o mesmo impeto amoravel com que acolheu o avô bellicoso, deixa-se enternecer na intimidade do neto romanesco.

Essa successão de festas jubilosas, essa exhibição de forças triumphantes, essa ma-

nifestação de energias e riquezas, com que os paizes populosos do norte estão comemorando a nova viagem real e fortalecendo de vigorosas esperanças o animo do monarcha, cujo throno se armou n'um duplo catafalco, principiam a ter, perante as inquietações perplexas do paiz, uma significação moral que já não cabe nos syllogismos da politica.

Algumas vozes graves, de mistura com algumas vozes combativas, estão insinuando que a grande cidade burgueza, capital trabalhadora das provincias laboriosas de além-Mondego, se desvaira entre tanto esvoaçar de bandeiras e vozear de acclamações, quando a verdade é que nunca como agora, desde os sacrificios heroicos do cêrco, o Porto prestou ao paiz um tão relevante serviço, dando-lhe o exemplo de uma fé que os perigos não entibiam, de uma resoluta energia que não esmorece diante da adversidade, e respondendo com a exhibição dos seus recursos ás vozes de alarma que já tocam a rebate e já teriam alastrado de norte a sul o panico, se as festas do Porto não lhe tivessem opposto uma barreira de colgaduras, de festões e da flamulas.

E não se vá pensar que só o Porto, perante as ameaças da China e as manobras dos especuladores de Bolsa, com o agio a subir incessantemente no barometro fragil da nossa

capacidade economica, e as cotações a descerem simultaneamente n'esse thermometro rigoroso, que marca aos olhos do mundo as agonias financeiras dos Estados — se diverte e folga e ri.

Emquanto o Porto mostra as suas poderosas industrias ao chefe do Estado, Carmen Villars, entre projecções electricas, exhibe no Colyseu dos Recreios o seu lindo corpo de jaspe. O agio sóbe e os theatros enchem-se. Póde o mandarim de Cantão ameaçar ao longe as particulas sobreviventes d'esse imperio oriental, que o genio e o valor dos vice-reis outr'ora nos conquistaram, que nem por isso deixam as mulheres de se decotar e de apparecer nos camarotes de S. Carlos.

Quem assiste a uma récita da moda no circo das Portas de Santo Antão e veja a nobreza de Portugal rir com as facecias de Little Walter, não acreditará, se da vida tiver uma noção ingenua, que ainda não passou o anno fatidico, que viu os ultimos gestos dramaticos da dictadura e em cuja parcella brevissima de tempo couberam paginas das mais tragicas na historia sete vezes secular do povo portuguez. O que o futuro nos reserva em recompensas ou castigos, não o podemos, certamente, adivinhar. Mas, para que occultar ao exame do futuro como viviamos

nas vesperas d'esses cataclismos, annunciados pelos augures do jornalismo e da politica? Aquelles que visionassem, n'este findar do anno de 1908, uma Lisboa estoica e sombria, alimentando em clandestinas fornalhas os fogos crepitantes do patriotismo, teriam sido as victimas de um monstruoso ludibrio.

As apprehensões pelo dia de ámanhã não logram ainda prejudicar, pelo menos nas apparencias, a vida d'esta Lisboa contradictoria e mysteriosa, que na trepidação dos seus seiscentos automoveis faz correr a trinta kilometros á hora, aproximadamente, tres mil contos de réis; que no espaço de uma semana cobre a assignatura de S. Carlos, extrahindo de entre as sêdas, as rendas e os farrapos cem contos de réis para ouvir musica; e a quem sobra ainda tempo, disposição e dinheiro, entre as récitas de « Manon » e da « Menina Josette minha mulher », para encher, desde a pista ao *promenoir*, o Colyseu.

Pódem os moralistas anathematisal-a pela sua leviandade incorrigivel. O Tejo não molha os alicerces de Sparta. Na ultima semana discutiu-se em Lisboa mais acaloradamente a companhia francêsa de S. Carlos do que a guarnição chinêsa da ilha da Lapa, e se alguem pôde soffrer com a dansa dos cambios e com a aria dos especuladores financeiros,

foi ainda o novo emprezario lyrico, que tem de pagar em oiro as bailarinas e as cantoras, sem poder lançar uma contribuição aos assignantes.

Em S. Carlos, o assignante constitue uma entidade privilegiada e tyrannica, em que o parlamento se devia inspirar para o desempenho das suas funcções fiscalisadoras dos actos do governo. Nunca um projecto de lei foi mais minuciosamente analysado nas duas camaras como o *elenco* de uma companhia lyrica o é pelos assignantes das impares e das pares; nem nunca as opposições exerceram mais severa e inexoravel vigilancia sobre os erros dos ministros do que os assignantes de S. Carlos sobre as desafinações das sopranos e contraltos. Vivendo do assignante, como o Estado vive do contribuinte, o emprezario de S. Carlos é, resignadamente, a victima dos seus caprichos e das suas exigencias. Essa apparente realeza carece, para ser disfructada sem opprobrio, qualidades excepcionaes de tino e de intelligencia. Não é emprezario de S. Carlos quem quer. Governar em S. Carlos é governar sobre um publico imperioso, educado no despotismo, exercido por uma maioria omnipotente contra um unico homem desarmado. Affrontar essa tyrannia, captivar esse amo caprichoso e multiforme e conseguir

dominal-o, a ponto de lhe fazer esquecer a sua força, paralysando-lh'a nas algemas da confiança, é tarefa que demanda predicados os mais raros.

O snr. Pacini obtivera esse milagre, que parecia assegurar-lhe indefinidamente a posse do exclusivo mundano de ser rei em S. Carlos, mesmo com o soberano no camarote. Porém, para que em tudo o anno de 1908 fosse um anno destruidor, as suas azas de furacão desthronaram tambem o rei de S. Carlos, e o snr. Pacini, deposto, teve de ceder o seu throno ao snr. Anahory. A realeza do snr. Pacini fôra um reinado de finanças prosperas, de cambio quasi ao par, ajudado por pequenas intrigas galantes e por numerosas récitas de gala. O seu successor recebia, no peor dos momentos, a mais difficil das heranças. O unico expediente com que podia assegurar o triumpho era o da audacia. O snr. Anahory não hesitou e dispendeu audacia até á prodigalidade e ao desbarato. Novo, tendo rompido na vida com as unicas armas da intelligencia e da ousadia, o snr. Anahory representa um singular exemplo d'esses homens de imaginosa iniciativa, a cuja familia pertencem os grandes millionarios e os grandes inventores e que a natureza se comprouve em dotar com esses irresistiveis predicados de attracção, que são

o distinctivo de todos os filhos dilectos da victoria. O snr. Anahory é um organismo admiravelmente disposto para o triumpho; e o insuccesso de alguns dos seus emprehendimentos não representa senão o tirocinio valorisador d'esse capital de iniciativa, que Rockefeller affirma ser o indispensavel alicerce de todas as grandes conquistas e de todas as grandes fortunas. Onde outro, mais experiente, teria fatalmente sossobrado, o novo emprezario, desafiando as incredulidades com as resoluções mais temerarias e as combinações mais engenhosas, parece ter triumphado. Quando, em face do aggravamento dos cambios e da crise de cantores italianos, os adversarios lhe prophetisavam a derrota, viram-no substituir ao tradicional repertorio tres companhias successivas de opera francêsa, italiana e allemã, procurando resolver em conjuncto as difficuldades maiores que o embaraçavam em detalhe e equilibrando as despezas absorventes das récitas italianas com as assignaturas extraordinarias das récitas francêsas e allemãs.

A esse golpe de audacia, os adversarios replicaram, murmurando : *Não terá assignantes.* E o snr. Anahory teve todos os assignantes de que carecia. Foi preciso então variar de prophecia e os descontentes vatici-

naram, sobre a leitura do *elenco*, o insuccesso da nova época lyrica.

Finalmente, com o seu vestibulo transformado n'um *foyer* apparatoso, com os seus criados e guarda-portões de libré, S. Carlos abriu e todos os alviçareiros emmudeceram dominados por essa arte incomparavel da terra de França, que nas lettras como na musica mantém, através dos seculos, desde as barbaras canções de Gesta ás melodias de Massenet, o apanagio da clareza, que é a suprema elegancia da belleza.

Ha muito que em S. Carlos se não cantava em francês. Houve assignantes cujos ouvidos melindrosos se magoaram com a limpida linguagem de França e que suspiraram pelas *primas-donnas* de Milão.

Mas, passada a primeira surpreza e depois do insuccesso relativo do « Werther », a recita da « Lakmé » foi a definitiva consagração d'essas noites de arte delicada, sem vozearias de celebridades, mas de um tão equilibrado encanto, com que a companhia francêsa está educando na escola requintada das boas regras um publico em que vinte annos de gorgeios italianos tinham compromettido quasi o senso esthetico.

* * *

13 de Dezembro.

A audição do Chemineau em S. Carlos.

Toda a Lisboa que póde pagar o prazer caro de uma noite de musica assistiu em S. Carlos, terça-feira passada, a um d'esses espectaculos inolvidaveis, que veio juntar mais uma pagina de gloria aos annaes do theatro e definitivamente consagrou com estrondoso exito as récitas francêsas, inauguradas em 15 de novembro com Marguerite Carré entre uma glacial atmosphera de espectativa, e a estas horas concluidas com as récitas triumphaes do « Caminheiro ».

Quando, no dia seguinte á sua chegada a Lisboa, o compositor Xavier Leroux me foi apresentado pelo emprezario de S. Carlos, na sua friza de bôcca, onde assistia com o barytono Bourbon á audição d'essa romantica « Mignon » de Ambroise Thomas, em que a elegancia requintada da arte francêsa tão maravilhosamente revestiu o « Wilhelm Meister » de Gœthe, não tive, a bem dizer, qualquer surpreza, aliás commum no conhecimento pessoal dos grandes artistas. Richepin,

n'um artigo escripto nas vesperas da audição do « Chemineau », descrevera-o tal como vinha encontral-o : um gigante, com a grenha romantica de um zingaro, a tez meridional de um italiano, de energica e inspirada cabeça, com um olhar que expellia luz e, sob o bigode aspero e farto, a bôcca delicada de um sentimental.

A mão forte que o artista me estendeu não tinha talvez outra similhante n'aquella sala trasbordante de aristocratas e politicos. A mão d'esse artista era a mão pesada e rude de um trabalhador. Tinha a musculatura de um belluario. Era a mão da victoria, empolgadora e massiça.

A musica escripta por aquella mão vigorosa teria de ser poderosa e franca, independente e energica, *honesta* e limpida; e, se um assumpto musical devesse captivar o temperamento arrebatado d'esse gigante sanguineo, pléthorico de vida, esse seria, com certeza, mais do que nenhum outro, o poema dramatico de Richepin, com os seus barbaros conflictos de interesse e de amor, jogados entre protagonistas ruraes, guardando todos os impetos e todos os instinctos originarios d'esse grande animal vertebrado, que a si proprio se chamou, não sem justificado orgulho — o Homem.

Depois das elegancias lyricas da « Manon », da « Mignon », e do « Werther » e da phantasia colorida da « Lakmé », a intensa opera rustica de Leroux, cuja sentimental vehemencia a minha ignorancia mal entrevira na glorificação enthusiasta da imprensa francêsa, vinha bruscamente arrancar o auditorio de S. Carlos do preciosismo convencional das amorosas ornamentaes de Gœthe e de Prévost e pôl-o frente a frente com a figura esfarrapada de um maltez vagabundo e a delirante paixão de uma camponia.

Como iria o publico preconceituoso de S. Carlos receber esse drama sombrio, onde as estamenhas succediam ao brocado das anquinhas, os rusticos cajados aos espadins de salão e as blusas borgonhezas ás casacas de velludo e aos bofes de rendas?

Lisboa conhecia o « Caminheiro » de o vêr representado, ha sete annos, em D. Maria, por Ferreira da Silva e por Virginia, n'uma soberba traducção de Julio Dantas; e nos corredores de S. Carlos, alguns janotas, a quem já escandalisára a « Louise » de Charpentier, desdenhosamente vaticinavam o desastre da opera, que viria sepultar, com o epitaphio de um fiasco, as récitas francêsas e calar os numerosos defensores d'essa incomparavel escola de França, com que a empreza arejára a nossa,

hoje unica, scena lyrica, infeccionada pela musica da decadencia italiana.

A apparição de Xavier Leroux, na ultima récita, tão applaudida, da « Mignon », em que a voz melodiosa e quente de Fély Dereyne e o seu lindo perfil de medalha tão facilmente triumpharam da orgulhosa sapiencia e da insensibilidade dos ultimos intransigentes, alarmou o tribunal de lindas mulheres frivolas, que pontificam e sentenceiam nos camarotes, e cujos dedinhos enluvados tantas vezes têem repetido o gesto inflexivel com que as Vestaes, nos espectaculos romanos do Circo, exigiam a morte do luctador vencido.

O seu vulto de athleta e a sua grenha de zuavo garibaldino — Leroux nasceu em Roma, de mãe italiana — desconcertaram as previsões das cabecinhas imaginativas, penteadas laboriosamente pela cabelleireira, com fitas de setim e galão de ouro a serpear entre as tranças, enroladas á grega. O musico, que tão dôcemente cantára as aventuras conjugaes e amorosas da « Reine Fiammete »; o suave poeta lyrico da « Evangeline » e da « Venus e Adonis », presumia-se que fosse uma figura romantica e esbelta, moldada no figurino convencional dos homens fataes, feiticeiros de corações e juguladores de mulheres.

Todos os binoculos confluiam para a friza,

onde o vulto gigante de Xavier Henrique Napoleão Leroux — um nome que sôa como um alexandrino — contrastava com a morbida elegancia do emprezario de S. Carlos. E eu sentia a convergencia das suas lentes obstinadas, atraz das quaes fuzilavam pupillas curiosas, no momento em que Leroux sacudia na sua mão vigorosa de musico e minha debil mão de romancista.

Tendo chegado na vespera, ás onze horas da noite, pelo *sud-express*, o compositor não desperdiçára tempo. De manhã, estava já em S. Carlos, em contacto com os seus interpretes, insufflando-lhes o ardor apaixonado, que haveria de animar, n'um conjuncto scenico incomparavel, todas as figuras do vehemente drama lyrico, n'essa prodigiosa récita do dia 8. Diante das paginas da partitura, os musicos quedavam perplexos, receosos das exigencias do auctor, centuplicadas pelo orgulho da sua obra e pela ambição do triumpho, e entre si se interrogavam se elle seria, como o regente Catherine, uma creatura fria, destituida d'essa capacidade de suggestão, que é o mais nobre distinctivo dos dirigentes. Mas Leroux empunhou a batuta e logo, aos primeiros acordes, essa orchestra de soberbas aptidões inconscientes, da qual o *maestro* Catherine não soubera arrancar a execução proporcionada e per-

feita de um só trecho musical, através dos esplendores de estylo das partituras de Massenet, de Ambroise Thomas e de Delibes, milagrosamente se transforma, contagiada pela vehemencia calorosa do dominador, cuja alma parece diluir-se por todos os instrumentos, inveterar-se nos violinos, dando firmeza ás mãos indecisas dos executantes e desvendando de repente esse dom apprehensivo, quasi divinatorio, da raça portuguêsa, que logo se inflamma quando uma faisca de genio a empolga, a conquista e a levanta.

A orchestra tornava a vêr um regente da mesma especie enthusiastica, energica e suggestiva de Mancinelli e transmudava-se n'uma conjugação disciplinada de movimentos e de valores, enriquecida de sonoridade, illuminada de cambiantes, como um grosseiro esquisso que vai desapparecendo sob as polychromias da palêta até se transfigurar na definitiva belleza de um quadro, com todas as suas gradações de luz e côr.

Em poucas horas, o compositor conquistára os executantes e os interpretes, interessando-os no seu triumpho e preparando acceleradamente, no praso de cinco dias, esse desempenho admiravel, que ia ser a resposta victoriosa da arte francêsa aos que ainda saudosa e impacientemente suspiravam pelos

artificios melodicos da « Fedora » e da « Tosca ».

A vinda annual a S. Carlos de uma companhia lyrica francêsa é, desde agora, mais do que um comettimento viavel, uma obrigação indeclinavel.

A saudade por essas dezesete récitas — contando com a audição popular do « Chemineau », esta noite, a preços que permittem ás classes menos favorecidas, e estranhas á oligarchia elegante de S. Carlos, o gôzo espiritual de ouvir a obra-prima de Leroux — está já reclamando da empreza e da sua iniciativa audaciosa outras noites de igual ou superior encanto, o que implica uma salutar revolução na praxe tradicionalista de um theatro, preso desde o seculo XVIII, com raras excepções, ao exclusivismo da escola de canto italiana.

Esta reforma sahiu do terreno das probabilidades para a elaboração antecipada de um programma na noite de 8 de dezembro. Foi, indiscutivelmente, o successo ruidoso do « Caminheiro » que lhe abriu... o *caminho*. Até essa noite, já agora célebre, o publico de S. Carlos ouvira quatro operas francêsas que haviam figurado no repertorio italiano do theatro, e uma das quaes, a « Mignon », fôra em excepcionaes condições, ha muitos annos, alli mesmo cantada na lingua original. A au-

dição empolgante do « Chemineau », succedendo com um anno de intervallo á audição da « Louise », deixou clara e definitivamente entrevêr os desconhecidos thesouros musicaes e as emocionantes surprezas que nos reserva o contemporaneo repertorio da arte francêsa, sobre a qual, ha tanto tempo, o critico musical das « Novidades » vinha chamando as attenções, com a obstinação fanatica de um apostolo.

Essa propaganda generosa teve o remate glorificador da récita do « Caminheiro »; e nenhuma outra opera, na sua emancipação de escolas, na sua originalidade pittoresca, no seu energico poder emocionante, na sua sentimentalidade communicativa e na sua grandeza sombria, poderia melhor servir á conquista de um publico cujos favores foi sempre preciso arrebatar do imprevisto e pela violencia.

Sabe-se o que é, no poema dramatico de Richepin, o « Caminheiro » : uma grandiosa figura de vagabundo, tocada de um transfigurador arroubo de epopeia, que acaba por lhe arrancar os attributos humanos da realidade, deixando-lhe a immaterialidade de um symbolo, que difficilmente se traduz com a palavra gasta e polluida de *Liberdade*. Elle o diz :

« Tenho por bom costume
« Ser livre e pôr-me a andar, como as cabras montezes,
« Quando bem me appeteça... E appetece-me as vezes.
« E' tambem véso meu morder quando me mordem,
« E mandar bugiar quem me der uma ordem! »

Seria fastidiosamente longo, a esta altura, pormenorisar o conflicto dramatico em que intervem, no poema de Richepin, este nomada, emancipado de toda a escravidão social, desde a da familia á do trabalho, e cuja passagem culminante, a do 3.º acto, em que o vagabundo reconhece o filho, preparada com uma segurança soberba de processos, por instantes faz viver o pathetico drama nas regiões da arte onde dominam e habitam, n'um altivo isolamento, os genios da tragedia.

Ninguem tomaria a sério que eu pretendesse analysar o trabalho musical de Leroux, elaborado sobre esse thema agreste, insufflado de um épico lyrismo.

Mas ninguem dirá, dos que tiveram a ventura de assistir ás audições do « Caminheiro », que a nossa commoção não baste para supprir a nossa incompetencia, ao affirmarmos que não era uma fragil batuta de marfim que Leroux apertava na sua mão vigorosa de gigante, durante as inolvidaveis audições da sua opera, mas sim os corações latejantes dos espectadores, que elle martyrisava n'um di-

vino supplicio, que humedeceu de lagrimas os olhos os mais aridos.

* * *

27 de Dezembro.

As recitas do "Roi" Por coincidencia singular, quando na politica portuguêsa está em scena uma crise ministerial, que ha-de dar que fallar aos historiadores futuros, taes e tantos são os ensinamentos que d'ella resultam, no theatro D. Amelia representa-se essa satyra magistral que é « Le Roi ». Mas como tudo na nossa terra se desfigura e corrompe, quer seja na essencia ou na apparencia, um capricho de traductor deu á comedia, obra prima da ironia e do scepticismo francêses, o titulo indigena de « Rei da Gafanha ».

Porque esta intervenção tão inesperada como inverosimil do districto de Aveiro na *charge* humoristica dos escriptores pari--zienses? Porque mysterio subtil o « Roi de Cerdagne » assim se transfigurou no « Rei da Gafanha? » Pois não aggrava a nacionalisação artificial do titulo da peça quaesquer injustificados receios de um mal-entendido,

cuja propagação se quiz talvez, com esse artificio pueril, evitar?

O facto não teria importancia de maior se não fosse manifestação da moda, vulgar em traductores de theatro, de desfigurar, muitas vezes sem motivo justificado, o titulo original da obra que trasladam. Ha poucos dias ainda, um jornalista dos mais distinctos e dos mais escrupulosos em versões de theatro, hesitando inexplicavelmente ante a traducção litteral da « Mademoiselle Josette ma femme », mascarava a comedia de Paul Gavault et Robert Charvay no *travesti* de « Minha mulher noiva de outro ! »

Entendo eu que não póde reconhecer-se ao traductor, mesmo quando elle é, como o sr. Mello Barreto, um escriptor de indiscutivel merito, o direito de assim desfigurar o nome baptismal de uma obra de Arte; e mau é que o exemplo para esses attentados, quasi quotidianos, venha d'aquelles que melhor podiam, com o prestigio do seu nome, censural-os e pôr-lhes côbro.

Esta inoffensiva rabugice não nos impede de fazer justiça á intelligencia e á probidade com que estão sendo traduzidas algumas, não todas, das obras do repertorio francês. Quanto ao publico que as applaude, esse será o primeiro a considerar com o seu inculto des-

dem pela litteratura, que o unico direito que ao traductor não deve conferir-se é o de traduzir peças que o não divirtam e onde não haja em consideravel quantidade esse sal gaulez, que só crystallisa nos *boulevards* de Pariz.

Ah! esse sal, como elle o prefere hoje á lagrima — a essa lagrima facil do romantismo, que fez a fortuna dos velhos emprezarios de Lisboa!

Difficilmente o repertorio sentimental reune hoje um auditorio sufficiente para pagar as despezas ceraes do espectaculo. Do Colyseu dos Recreios, onde Carmen de Villars se expõe em *maillot*, o publico só vai ao D. Amelia para examinar com os binoculos Angela Pinto no 2.º acto do « Ladrão », ou sublinhar com rumorejos de risos as situações escabrosas de « Le Roi ».

A vida não é um romance! — exclamava ha poucos dias na imprensa um convertido dos sentimentalismos theatraes de ha vinte annos, que lhe seccaram as glandulas lacrimaes. Não; a vida não é um romance; mas quanto de romanesco não tem ainda a vida n'estes tempos prosaicos, e quanto é consolador verificar que da legião desbaratada dos romanticos alguns ficaram ainda, credulos e fieis, n'este seculo dos aéroplanos, em que, apesar

de tudo, a sceptica França se sensibilisa com a santificação de Joanna d'Arc!

O novo consul de Hespanha, conde de Torrijos.

Foi a um d'estes sobreviventes romanticos, que ha tempos me fallava da novella archiphantasista de Richepin, « Les Débuts de César Borgia », que eu tive a felicidade de poder dizer á queima-roupa, no entreacto de uma d'essas peças francezas, onde não ha, para bem da empreza e de traductor, o mais vago arôma de romantismo :

— Os Borgias? Mas alli tem você um Borgia!

E indiquei-lhe, com discreta simplicidade, o camarote do consul de Hespanha, D. José de Alcala Galiano, conde de Torrijos.

O meu romantico sorriu, entre incredulo e attonito. Um Borgia em Lisboa, n'um camarote do D. Amelia, no anno de 1908, era cousa que lhe parecia inverosimil. Em vão os seus olhos procuravam o gôrro de pluma, a capa aventurosa, o gibão de brocado, a espada negra dos filhos de Alexandre VI e de Vannozza Catanei, e apenas encontravam um homem envelhecido, envergando prosaicamente uma casaca e conversando urbanamente com as senhoras, como um grande

fidalgo que é, ao mesmo tempo, um grande poeta e um homem de grande espirito.

Comtudo, eu não illudira aquella alma credula que vinha talvez de sonhar com a *Lucrecia* vampiro, de Victor Hugo, a esposa de tres maridos, cujas averiguadas virtudes Ariosto contou no seu « Orlando Furioso », e que no seu ducado de Ferrara reuniu uma côrte de lettrados, de sabios e de artistas, onde não consta que a esposa fiel, tão odiosamente celebrada pela imaginação delirante dos romanticos, presidisse a essas fabulosas orgias de que Richepin nos dá o monstruoso modêlo na sua novella-folhetim.

Era, na realidade, um Borgia que n'aquelle camarote do D. Amelia conversava com as senhoras : o descendente longinquo da poderosa familia, que por duas vezes sentára um representante no throno de S. Pedro, que déra um santo á Igreja e um genro ao rei de Navarra. Successor no titulo de seu tio avô o general conde de Torrijos, o seu nome de familia não é menos que Alcalá-Galiano e Borja, sendo, por um dos costados, descendente do sabio e heroico Alcalá-Galiano, que morreu commandando uma náu hespanhola na batalha naval de Trafalgar, e neto de D. Antonio Alcalá-Galiano, um dos promotores da revolução contra o rei José, embaixador em

Lisboa em 1851, ministro do interior no gabinete Narvaez, e cuja vida romanesca e irrequieta de politico, decorrida entre revoluções e exilios, dramaticamente finalisa n'um conselho de ministros pela ruptura de um aneurisma.

O outro costado entronca-o na prole illustre dos Borjas, de Aragão, d'onde sahe o Papa Calixto III, cujo sobrinho Rodrigo, ascendendo ao solio pontificio sob o nome de Alexandre VI, dá origem á estirpe italiana dos Borgias, que em breve floresce em principes e duques.

Pois não era um lance romanesco o que, sem intervenção da phantasia, eu preparava a esse ingenuo romantico, apontando-lhe alli, a dois passos, n'um camarote de theatro, aquelle consul artista, cujo sangue heraldico remontava até ás grandes figuras theatraes d'esses mesmos Borgias, que intervinham na monstruosa novella de Richepin? E não era de repente, evocada por uma verificavel realidade, uma revoada de romantismo que passava n'esse candido espirito de phantasista, que n'aquella hora, emquanto retinia o timbre electrico chamando á sala os espectadores, via passar na penumbra do camarote, onde se fixavam os seus olhos, as sombras d'essa mysteriosa Lucrecia, filha de um Papa, cujo perfil

hespanhol Ticiano immortalisou, a protectora de Ariosto, a consorte de João Sforza, senhor de Pesaro, do duque de Besaglia, filho de Affonso II de Aragão, e de Affonso d'Este, duque de Ferrara; d'esse enygmatico Cesar, cardeal aos vinte annos, duque de Valentinois aos trinta e dois, alliado do rei de França, genro do rei de Navarra, e que, depois de haver submettido parte da Italia ao seu dominio, vai morrer em combate como um *condottiere*, resgatando com intrepidez bellicosa e o genio politico a lenda incestuosa e fraticida que o macúla; d'esse austero S. Francisco de Borja, vice-rei da Catalunha, filho da piedosa Joanna de Aragão, casado com Leonor de Castro, e que diante do cadaver de Isabel de Portugal, imperatriz da Allemanha, faz voto de renunciar ás grandezas da terra e envergar o habito sobre os seus brocados de grande de Hespanha, se um dia a morte de Leonor o deixar na viuvez?...

O panno subia lentamente, e forçoso foi abandonar o meu romantico amigo, com a certeza de que as realidades da comedia não tardariam a desvanecer a embriaguez do seu romanesco devaneio.

Mas no entreacto seguinte, quando eu bebia, no *foyer*, um café insipido e frio, mansamente, como uma doninha fascinada, o

moço romantico acercou-se da minha mesa, sentou-se a meu lado, despiu silenciosamente as luvas brancas e perguntou-me, com anciosa brandura, quasi com supersticioso respeito, se eu conhecia pessoalmente aquelle homem de barba grisalha, descendente do duque de Gandia e de D. Dionysio Alcalá-Galliano, o heroico commandante da Bahama.

Não; eu não tinha a honra de conhecer o descendente d'esse vago principe de Esquilache, vice-rei do Perú, auctor do poema épico « Napoles recuperada por el-rei D. Alonso » e dos canticos de Jacob e de Rachel; não, eu não conhecia o descendente d'esse indeciso cardeal Estevão Borgia, auctor da « Historia de Benevento », mas podia fallar-lhe do conde de Torrijos, o auctor de « Las diez y una noches », o traductor de Byron, o poeta satyrico do « Stereoscopio Social » e d'essa obra prima de fidalga ironia e de discreto sentimento, em versos francêses, inglêses e italianos, que tem o titulo modesto e tão pouco hespanhol de « Facettes... »

— Sim, meu romantico amigo, eis no que deu, logicamente, a descendencia dos Galianos eruditos e dos Borgias artistas : n'um poeta; e, logicamente tambem, dado o prosaismo de uma vida tão inimiga de sonhos como é a vida de hoje, n'um funccionario con-

sular, n'um simples, n'um prosaico consul... como Stendhal e como Eça! E não vá cuidar que, como o seu antepassado, esse solemne D. Francisco, vice-rei do Perú, este poeta desfira na sua lyra accordes épicos e que este grande fidalgo se entretenha a entoar heraldicos e orgulhosos alexandrinos aos prestigiosos espectros dos avós.

Não ha Galianos nem Borgias nos seus versos. Uma desgraça! Esse parente de santos, de Papas e de duques contenta-se em ser um grande poeta — um dos mais requintados poetas da Hespanha de hoje — e, tendo trocado a arrogancia da estirpe pela ironia de um philosopho, nem sequer a estas horas reparou que n'esta terra portuguêsa, onde ha tantos poetas, n'esta terra onde se faz tanta litteratura e onde se divinisa tanto cabotino, uma voz se não tivesse erguido ainda para o saudar como a um authentico principe das lettras!

1909

10 de Janeiro.

A Sociedade de Bellas Artes e o palacio de S. Pedro d'Alcantara.

A Sociedade de Bellas-Artes de Lisboa — a quem a cidade, como é notorio, deve a iniciativa de tantos melhoramentos, e cuja influencia tão salientemente se tem feito sentir na sua restauração esthetica, desempenhando um papel de tão grande relêvo na obra, ha muito reclamada pelos que lastimam vêr perdida para as prosperidades, os prazeres e os luxos da civilisação moderna esta favorita do sol, que é a capital portugueza, — acaba de oppôr o seu *veto* á projectada edificação de um palacio de festas no extremo da alamêda de S. Pedro de Alcantara, officiando, em conformidade com o seu sapiente parecer, á municipalidade. Achamos bem.

Um palacio de festas, em Lisboa, que tem tantos palacios e tantas festas, seria uma inutilidade irritante, seria um desafôro. Insurgindo-se contra a pretenção de entupir um recanto humido da vasta alamêda com um palacio, a benemerita Sociedade de Bellas-

Artes demonstrou eloquentemente, não só a sua noção exacta do progresso, como os escrupulos estheticos, que são seu apanagio prestigioso. Freneticamente a applaudimos, como os espectadores hontem applaudiram, no D. Amelia, o cançonetista Mayol. Na verdade, é necessario atrevimento para pretender edificar um palacio de festas em Lisboa. Mais um palacio! Positivamente, parece haver uma conjura apostada em comprometter Lisboa perante os estrangeiros e em evitar que a velha cidade das navegações, ambicionado porto de desembarque das carreiras da America do Sul, futuro porto-franco da Europa occidental, rejuvenesça, progrida e se embeleze. Um palacio! Para quê um palacio? A custo domamos a indignação perante o attentado de lesa-Arte que se pretendia consummar e contra o qual se ergueram, a tempo, as vozes austeras do juizo e as vozes harmoniosas do bom gôsto.

O leitor não mediu, talvez, ainda toda a enormidade do desacato que ameaçava Lisboa. Alguem queria no seu sólo sagrado construir... um palacio! É o maximo a que pôde atrever-se a petulancia. Já o anno passado se pretendeu edificar nas esplanadas do castello de S. Jorge, no sitio historico onde hoje se elevam os paredões horrendos das

casernas, um sumptuoso edificio, coroado de cúpulas, torreões, coruchéus e doiradas flechas, que ao mesmo tempo fosse, á similhança do que em outras cidades barbaras existe, um hotel para millionarios e principes russos, e templo de prazer e de alegria, com seu casino, seus cafés, restaurantes e jardins. Mas logo as mesmas vozes austeras de agora condemnaram a profanação planeada por dois homens do seculo XX, que intentavam arrancar a Lisboa um pouco do seu pittoresco caracter de burgo marroquino. A tempo foram, porém, patenteadas as intenções d'esses homens, que preparavam na sombra a invasão de Lisboa pelos damninhos exercitos de ociosos, que acampam na Riviera durante os mezes inclementes do inverno e invadem periodicamente a Suissa, mal aquece o halito do sol. Em nome da archeologia, rememorando com copiosa erudição os grandiosos fastos historicos da collina sagrada, que os guerreiros de D. Affonso Henriques escalaram, com as espadas nos dentes, por uma silente noite do seculo XII, obteve-se o fracasso do projecto impudente e a conservação das casernas, que continuam a usofruir os mais maravilhosos panoramas de Lisboa, impedidos ao publico por sentinellas bisonhas, que só permittem o accesso ás historicas ruinas com

o consentimento do official de serviço.

Para que se saiba que Lisboa é, na barbaria europeia, uma cidade hyper-civilisada, onde os pagãos construiram theatros e thermas, onde os musulmanos erigiram alcaçovas e onde os christãos fundaram a Sociedade de Bellas-Artes.

Mas eis que de surpreza, depois de vencida a aspera refrega contra os profanadores da collina militar de S. Jorge, nos chamam os alliciadores estandartes da civilisação para expulsar os barbaros da alamêda de S. Pedro de Alcantara.

Que importa que, tendo combatido ha mezes, em nome da historia, contra a pretenção de entregar á população o usofructo das surprehendentes perspectivas do vasto planalto do Castello, se invoque contra a edificação de um palacio em S. Pedro de Alcantara a injusta espoliação feita ao publico de alguns metros de um logradouro seu?

Mas o que vem a ser, perguntará o leitor que só conheça Lisboa através das photographias de Benoliel, essa alamêda em litigio, em cuja defeza se mobilisaram os homens de são criterio e de bom gosto? A alamêda de S. Pedro de Alcantara, que se estende desde a rua D. Pedro V até á calçada da Gloria, deve a sua existencia ás megalomanias

urbanas de D. João V e á intervenção providencial de uma esquadra de policia.

No primitivo e grandioso plano das Aguas Livres, a norte de S. Roque, perpendicular aos jardins do palacio dos Castellos-Melhor, deveria erigir-se uma *mãe de agua*, ou seja um immenso deposito para abastecer, por via de um aqueducto colossal, os bairros orientaes da Lisboa joannina.

A muralha formidavel ergueu-se, mas ficou amparando apenas um vasadouro de entulho. Mais tarde, volvido quasi um seculo, quando o quartel de policia se installou no palacio dos Ludovices, « os soldados encarregaram-se de limpar, desembaraçar e terraplenar o sitio, o que deu a ideia de ahi fazer um jardim. (1) »

Dividido em dois taboleiros, o inferior ajardinado á antiga, com ruas de buxo, ornamentadas de bustos romanos em plyntos de marmore; o superior arborisado no estylo classico das alamêdas — de S. Pedro de Alcantara é certo gozar-se um dos mais bellos panoramas que ainda restam a esta accidentada Lisboa, que deixou vedar, sem um protesto, quasi todos os bellissimos miradouros d'onde a vista

(1) Visconde de Castilho — « Lisboa antiga », vol. 3.º, pag. 352.

podia, a cavalleiro, contemplar a Tejo. Debruçam-se as duas esplanadas para o nascente, a pique sobre a ingreme rua das Taypas, dominantes á avenida da Liberdade e *vis-à-vis* das collinas que de S. Jorge vão até á Senhora do Monte, n'um dilatado *panno de fundo*, que se desdobra desde as sinuosas margens da Outra Banda até aos suaves declives de Valle do Pereiro.

Assim, o espectador abrange de relance uma das maiores e pittorescas perspectivas de Lisboa, com um retalho de rio, as torres romanicas da Sé — uma das quaes já com o seu coruchéu reconstituido, — o amphitheatro de casaria dos sitios de S. Christovão, S. Lourenço e Costa do Castello, as ruinas medievaes da fortaleza, o môrro da Graça com as suas torres e a vertente oriental do campo de Sant'Anna com os lindos palacetes, em estylo italiano, do pateo do Thorel.

Este o famoso logradouro, aonde trepam, invariavelmente, os poucos e apressados *touristes* que todas as semanas, na ida ou no regresso da America do Sul, desembarcam dos paquetes da Mala Real e das Messageries, para espreitar os progressos da famosa e nobilissima Lisboa, em cujo porto magestoso apparelharam as náus do Gama e de Cabral.

De ambos os terraplenos o mesmo hori-

sonte descortinam os raros transeuntes contemplativos, que têem por costume ir aquecer ao sol a sua ociosidade e a sua melancolia para a solidão bucolica do jardim ou para a área deserta da alamêda.

Ha pouco mais de um anno, dois d'esses transeuntes occasionaes, que por providencial acaso não eram nem ociosos nem melancolicos, lembraram-se — tenebrosa ideia que tiveram! — de chamar concorrencia a esse magnifico logradouro abandonado, e pediram á camara a concessão de alli construir varios pavilhões para divertimentos publicos.

Não rumorejou a imprensa do pedido singular. As vozes de bom criterio não se fizeram ouvir. A Sociedade de Bellas-Artes não acordou da sua benefica somnolencia.

Perante esse silencio approvativo, ouvida a repartição tutellar, que se limitou a exigir um deposito como garantia á execução do contrato, a camara deferiu o requerimento, approvando uma concessão da qual resultaria converterem-se a alamêda e o jardim de S. Pedro de Alcantara n'uma feirasinha permanente, mais propria de uma villa de provincia que de uma grande capital como Lisboa

Mas, a despeito do somno lethargico da Sociedade de Bellas-Artes, os concessiona-

rios reconsideraram e quiz um novo e bom acaso que se lhes deparassem os meios de transformar o projecto modesto, tão digno de atear as coleras dos esthetas, no grandioso programma de um palacio de festas, que occuparia o extremo norte da alamêda, e apenas encurtaria de alguns metros o logradouro dos ociosos, com a vantagem de decorar o vasto terrapleno com a fachada monumental de uma valiosa obra architectonica.

Ao projecto dos pavilhões de feira substituiu-se o de um edificio sumptuoso, em estylo Luiz XVI, com theatro, restaurantes, salão de baile, salas de exposição e de leitura, delineado pelo primeiro architecto perito do conselho municipal de Pariz, Le Curieux, auctor dos projectos dos casinos de Ostende, Monaco e Biarritz.

Mas então, quando se soube que capitaes estrangeiros condescendiam em construir em Lisboa um palacio, cuja propriedade reverteria para a municipalidade, volvidos cincoenta annos, um clamor indignado levantou-se. Colhida de surpreza, parte da imprensa secundou com a melhor boa fé esse movimento de hostilidade absurda, que nada justificava, sendo preciso que a nova camara republicana reconhecesse a utilidade de estudar o pedido de concessão, para que se

apagassem as labaredas da suspeição, que tinham ameaçado devorar n'um incendio de inflammadas indignações o projecto do grande architecto pariziense. Tranquillisada, inteirada da clareza de um negocio que se annunciára como escuro, a imprensa desarmou perante a evidente injustiça de uma campanha, a que faltava um nobre e sólido pretexto, abandonando á competencia da municipalidade a resolução exclusiva da pendencia.

E é então, quando já a cidade reclama esse palacio, que um mez antes repudiava, que a Sociedade de Bellas-Artes esfrega os olhos, acorda, e, ainda estremunhada, protesta, em nome da Esthetica, contra um projecto que tem a rubrica do primeiro architecto perito do conselho municipal de Pariz!

Não; francamente, eu não sei o que seria de Lisboa, a estas horas, se a Sociedade de Bellas-Artes não acordasse de quando em vez para vigiar as tropelias e os desacatos dos barbaros, e velar pelo renome da Esthetica!

* * *

20 de Fevereiro.

Uma entrevista com Affonso XIII.

Pode ser indifferente, em alguns paizes, para aquelle que procura destacar as grandes personalidades dirigentes do seu progresso, o conhecimento do chefe do Estado. Ha, de facto, chefes de Estado cuja acção, sobretudo nos regimens monarchicos, é por tal forma dubia e subalterna, que se dilue e apaga ante a acção preponderante ou decisiva dos seus estadistas. Outros ha, destituidos dos talentos que justificam a prerogativa da realeza e cuja influencia não é senão passivo reflexo das predilecções, a maior parte das vezes funestas, de seus conselheiros e validos, ou que, por falta de nitida comprehensão de sua missão politica, compromettem o equilibrio do regimen, divorciando-se da opinião publica e deixando de ser os representantes estaveis das grandes e tradicionaes aspirações dos paizes a cujos destinos presidem pelo acaso feliz do nascimento.

Como succede na Inglaterra, onde o soberano consubstanciou a supremacia do imperio na sua grandiosa pretenção de arbitro

de todas as questões mundiaes; como succede na Allemanha, onde o monarcha soube personificar o orgulho marcial da raça germanica e proteger com pertinacia, á sombra do seu poder militar, a sua expansão commercial; como succede na Italia, onde o rei, perante a nação endividada e empobrecida, se tornou o ostensivo paladino da sua restauração financeira e economica, — o papel politico da realeza, que os primeiros ensaios revolucionarios do liberalismo tinham obliterado, reconstituiu-se, e o rei voltou a ser, nas organisações monarchicas perfeitas — e só n'ellas — esse depositario fiel, vigilante, activo, das dominantes aspirações da nacionalidade, tal como Affonso XIII, aos vinte e dois annos, o está exemplarmente sendo n'esse Hespanha visinha e para nós quasi ignorada, onde, sem que na nossa imprevidencia o suspeitemos, se vae accelerada e laboriosamente restaurando, sobre escombros e rescaldos de erros e discordias quasi olvidadas, um dos mais solidos organismos politicos da Europa! Ai porém dos reis que, na hora actual, o não sabem ser! Mal vae para os soberanos que no momento contemporaneo não conseguem tornar-se os representantes e interpretes da opinião nacional, o resumo das aspirações collectivas das popu-

lações dos seus reinos e não legitimam ou attenuam a significação do seu privilegio com essa intima, entranhada concordancia de sentimentos, unica que devolve ao soberano a significação prestigiosa de um symbolo e d'elle faz como que o campeão da grandeza da patria.

Tendo de longe observado a influencia que Affonso XIII, mal saido da adolescencia, estava exercendo no seu paiz, e recusando-me a acceitar a razão fetichista com que o scepticismo portuguez tentava explicar esse sensivel prestigio que os acontecimentos diariamente multiplicavam — como se já não fôra passado o tempo dos fetiches ! — desde a primeira hora da minha chegada a Madrid que procurei obter uma entrevista do rei de Hespanha, sem que qualquer presumpção de conseguir do soberano hespanhol declarações sensacionaes me estimulasse, mas com o unico objectivo de expôr-me a esse *seductor de corações*, para experimentar até que ponto a sua fama emanava das suas qualidades pessoaes ou de uma lenda *ad hoc* entretecida para perante o povo engrandecer o filho posthumo d'esse outro *charmeur* irresistivel que foi Affonso XII.

A inesperada presença de uma Hespanha nova, que nós d'aqui entreviamos em ves-

peras de desagregação, e que eu encontrava disciplinada, possuida da consciencia dos seus destinos, absorvida n'uma gigantesca tarefa de engrandecimento, servida nas nobres e legitimas ambições por uma pleiada de homens excepcionaes, a quem um dia terão de ser reservados logares no pantheon da basilica da Atocha, impressionava-me e inquietava-me, tanto mais quanto é inilludivelmente certo que nunca as duas nações da peninsula apresentaram condições de vitalidade tão diversas, desde que Filippe II deparou no throno português com a senilidade d'esse espectro funesto que se chamou o cardeal D. Henrique. Um velho... uma creança : a mesma energia debil no throno, emergindo de uma identica catastrofe...

Um destino simultaneamente grandioso ou infeliz manteve, através dos tempos, as duas nacionalidades n'um equilibrio estavel de egualdade. As conquistas do territorio mantiveram-nas occupadas até aos prologos da Renascença, que as duas contribuiram para alumiar com os clarões de uma aurora que surgia da noite caliginosa da Idade Media, toda resoante de armas como uma trovoada. As descobertas e as dilatações ultramarinas conservaram-nas distrahidas até meiados do seculo XVI. A guerra da Catalunha, enfraque-

cendo o poder militar da Hespanha, facilitou o triumpho de 1640, que pôz termo ao *captiveiro dos sessenta annos.* E após esse prélio, jogado em enfiadas de batalhas, os mesmos males, os mesmos cuidados, os mesmos insuccessos equilibraram os destinos das duas nacionalidades, malogrando todos os projectos seculares de absorpção, que haviam chegado a constituir, em tempos velhos, a obcediante politica dos reis hespanhoes e portuguêses, traduzida em successivos *guet-apens* matrimoniaes, que o destino se encarregou, mais do que a vontade dos povos, de conjurar e destruir.

Pelas duas nações viu o seculo XIX repartidas as mesmas desditas. Desde a sorte commum das invasões napoleonicas até á laboriosa adaptação do liberalismo, com as guerras civis, as sublevações militares, as revoluções intermitentes, tudo, na successão d'esse seculo convulsivo, concorreu para manter distrahidas as duas nacionalidades d'essa ancestral obsessão da união iberica — que nunca creou raizes na alma popular, antes sempre fluctuou apenas sobre as cimalhas aérias dos thronos — ou para inutilisar as tentativas timoratas, como essa de que foi agente o bisbelhoteiro Fernandez de los Rios, que por vezes afloraram no de-

curso d'esses cem annos e que todas encontraram, a impedir-lhes o caminho, não só a invencivel repugnancia portuguêsa, como sobretudo esse providencial equilibrio da desventura, que o alvorecer do seculo XX vê, finalmente, desapparecer.

Pode a Hespanha, occupada no seu engrandecimento, ter esquecido ou repudiado a sua ambição secular, cada dia menos compativel com a noção moderna do direito. Mas não podemos nós, sob pena de pagarmos crudelissimamente este erro de optimismo, fechar os olhos sobre uma situação por tal maneira inédita no aspecto politico da questão do iberismo, que por completo a transforma, creando-lhe condições, embora longinquas, de probabilidade historica.

Em breves palavras é facil esboçar o quadro inquietador da peninsula, sob o ponto de vista de uma unificação que tantas vezes entrou nos ambiciosos calculos das chancellarias e tantas vezes foi clandestinamente discutida nos conciliabulos realengos, entre os pannos de Arrás do Escurial e do paço da Ribeira.

Portugal, privado do concurso de grandes estadistas, debatendo-se n'uma questão financeira gravissima e n'uma questão politica inquietadora, tendo a presidir aos seus desti-

nos um principe inexperiente, que um tragico infortunio improvisou em rei, é uma nacionalidade na decadencia. A Hespanha, servida por intelligencias e energias superiores, tendo conseguido normalisar a sua situação financeira e disciplinar os seus debates politicos, ajudada pelos recursos de uma raça espantosamente prolifera labutando n'um solo extremamente fecundo, tendo a guiar-lhe os destinos um soberano animado pelas mais varonis ambições de se glorificar engrandecendo a patria, é uma nacionalidade em prosperidade progressiva.

Esta disparidade annullou o providencial equilibrio da peninsula, da mesma fórma que o progresso catalão estimulou o recrudescimento da aspiração separatista, impondo á orgulhosa Hespanha a necessidade de entrar no caminho das transigencias, que por ventura a condusirá a um regimen confederativo, á semelhança da Allemanha, sob a hegemonia de Castella : o que mais avultará o nosso perigo. Esta é a lição que convem meditar, pois que um dia nos podemos vêr, em face das exigencias hespanholas, na situação em que a Hespanha se encontra perante as reclamações catalãs. Está ausente do nosso pensamento o attribuir á nação hespanhola quaesquer calculos tendenciosos vi-

sando a autonomia quasi oito vezes secular da terra portugueza — que na quasi totalidade da sua extensão não arrebatamos aos sceptros de Leão e das Asturias, mas conquistamos palmo a palmo aos mouros em luctas sanguinosas. Todavia, parecem-nos de sobra os motivos de alarma ao vêr ao lado de um paiz depauperado, que consome em dissenções intestinas, peores do que guerras, as derradeiras forças, e malbarata na *lucta pelo governo* as energias que deveria consumir na *lucta pela vida*, erguer-se, alvoroçadamente, como uma nova Italia, um paiz animado pela fé absoluta no triumpho, que as alegrias corajosas de um monarcha juvenil, aconselhado por estadistas eminentes, conduz resolutamente para a victoria.

Dada esta situação dispare, que nos colloca n'uma subalternidade de victima dentro da organisação absorvente d'essa futura confederação hespanhola, para que a presente lei de Administração Local presumivelmente encaminha a gloriosa e ostentosa nação de Carlos V, era legitimo o interesse com que, depois de nos termos acercado de Maura, procuravamos vêr de perto esse rei, que não faltava quem teimasse em apontar-nos, acima dos homens de Estado, como a explicação cabal da evolução progressiva da Hespanha.

Mas Affonso XIII caçava em Ventosilla, nas propriedades do duque de Santoña, e a minha impaciencia só logrei moderal'a com a promessa da audiencia solicitada, que se realisaria logo após o regresso do soberano do palacio do Oriente.

Não era para mim um desconhecido o rei de Hespanha. Chefe do gabinete do ministro das Obras Publicas por occasião da sua visita official a Lisboa, em 1903, para o soberano hespanhol redigira eu, a pedido do sr. Polo de Barnabé, seu ministro em Lisboa a esse tempo, uma relação biografica das principaes personagens da côrte e da politica com quem o moço rei ia encontrar-se, e n'essa qualidade de secretario de ministro e na de deputado tivera então ensejo de vêr com facilidade e frequencia o monarcha hespanhol. Mas em 1903 o filho da rainha Christina era apenas um timido adolescente, cujo caracter se estava ainda constituindo, e difficil seria, ao contemplal'o com a sua pallidez diaphana e a solemnidade ingenua, — que tanto recordava, auxiliada pela surprehendente resurreição das feições peculiares á casa d'Austria, os retratos de Filippe IV joven e dos Infantes D. Carlos e D. Fernando, pintados por Velasquez, — prevêr que d'aquelle corpo esbelto e fragil, d'aquella aristocratica e delicada figura, mar-

cada pelos estigmas ancestraes dos Habsburgos, resultaria a vivacidade hespanhola, a coragem intrepida, a alegria exhuberante, a intelligencia arguta, o tacto inexcedivel do actual Affonso XIII. A esse tempo, a seu lado, no banquete da Ajuda, no coche de D. João V, na tribuna de S. Carlos, sentava-se o vulto marcial e avantajado de D. Carlos, cuja robustez de hercules mais em contraste deixava a delicada estructura do monarcha hespanhol.

Hoje, para que em tudo a mudança seja completa, nos agapes familiares de Villa Viçosa, Affonso XIII não encontra mais a estatura dominante de D. Carlos, mas o vulto pensativo e pallido d'esse Hamlet coroado, que é o rei D. Manuel de Bragança, e no qual, perante as desventuras portuguesas, parece resurgir D. Sebastião — um D. Sebastião sem armadura e sem o desvario cavalheiresco do heroismo, — como no filho de Affonso XII parecem *physionomicamente* renascer os Filippes... do museu do Prado.

Entre o adolescente, que recebia, desfalcado das colonias, o patrimonio real, e cujo reinado se inaugurava deparando com as intimações da Catalunha, as ameaças do anarchismo e as dissidencias dos partidos, e o rei popular, que passeava a pé pelas ruas de Barcelona, que conquistára a Hespanha,

palmo a palmo, com a seducção da sua presença, com as alegrias da sua esperança, com as vigilantes curiosidades da sua intelligencia — procurando converter-se no representante das aspirações progressivas do seu povo e renovando-lhe, por uma habilissima cathequese, as ambições militares — havia a interposição de seis annos, cujo aproveitamento laborioso decidira os destinos, por um instante indecisos, da Hespanha, no concerto das grandes nações historicas da Europa.

Esse novo rei, totalmente desconhecido para mim, eu precisava vêl'o, não querendo ajuizar d'elle através de apreciações evidentemente parciaes, interessadas em exagerar-lhe as qualidades e em attribuir-lhe talentos com que é de uso engrinaldar, para as faceis idolatrias do povo, a imagem dos monarchas. E já, para essa entrevista anciosamente esperada, eu me prevenira com indagações sobre a vida da côrte preconceituosissima de Hespanha, cujas etiquetas inflexiveis e cujo fausto anachronico, á primeira vista pareciam dever constituir muralhas impenetraveis á infiltração das correntes democraticas modernas, isolando a realesa da salutar convivencia com a vida exterior. A minha ignorancia, pondo em confronto a côrte modesta das Necessidades e a côrte

theatral do palacio do Oriente, conjecturava, centuplicados, os males das camarilhas a dentro das paredes macissas dos paços de Filippe V. Por isso a minha surpresa fôra grande quando reconheci os erros a que as minhas inducções me haviam conduzido. Uma camarilha, no sentido de uma organisação palatina com cargos vitalicios, desempenhados por um nucleo restricto de officiaes e de fidalgos, e cuja permanencia, ás semanas, no paço, forçosamente cria ao soberano uma atmosphera de influencia perniciosa, enclausurante, é cousa que não existe no palacio do Oriente. Os *grandes* de Hespanha successivamente se revezam no serviço, com o caracter de instabilidade que provém de não exceder de um dia esse exercicio inherente da *grandeza*, e tantos os que o disfructam por direito proprio que raras vezes no espaço do mesmo anno a mesma personagem é chamada a desempenhal'o.

E como se fôra pouco essa organisação previdente, que acautéla o soberano das suggestões e das influencias dos valídos, tão cathegoricamente os politicos em todos os tempos reivindicaram para elles a iniciativa e o exclusivo tratamento dos negocios politicos com o rei, que, para não quebrar essa tradição, dada a insistencia do soberano em

fazer nomear o general Polavieja, chefe da sua casa militar, para o cargo de confiança politica de chefe do estado maior central, o presidente do conselho pedia a demissão collectiva do gabinete, declarando nas camaras, desassombradamente, os motivos que a isso o haviam compellido.

A vulgarisação d'estes factos salientes, que poderiamos multiplicar em exemplos numerosos, basta para calar os rumôres com que se commentou a passagem recente do conde de La Union por Lisboa, attribuindo-lhe uma importancia de cujos exageros os hespanhoes deviam ter sido os primeiros a sorrir. Realmente, a vinda do conde de La Union ao paço das Necessidades, que logo se disse sêr, com essa precipitação de que enfermam as imaginações portuguêsas, o secretario do rei de Hespanha, e que n'essa qualidade e com essa cathegoria de emprestimo passou pelo emissario secreto, o embaixador privado, de um pacto entre os dois soberanos, no qual existiria a clausula, subtrahida ás indiscreções das chancellarias, de uma intervenção intempestiva de Hespanha nos negocios de Portugal, não podia ter uma tão grave significação politica, não sendo arriscado conjecturar que o official da secretaria de Affonso XIII houvesse apenas sido o mensa-

geiro precursôr da entrevista de Villa Viçosa — onde se quer fazer acreditar que apenas se debateram assumptos matrimoniaes entre o filho do assassinado de fevereiro e a victima, só por milagre salva, do attentado da *calle* Mayor.

Dissémos *official de secretaría* e calculadamente lhe designámos assim a cathegoria para alivio dos que, n'essa fabula do conde de La Union, entreviam já o juvenil soberano hespanhol, como um Damocles, de espada suspensa sobre o nó gordio do nosso problema politico.

O rei de Hespanha não tem, com a importancia e significação especial que esse cargo palatino assumiu em Portugal, um secretario particular. Tem uma secretaría, servida por funccionarios do ministerio dos Negocios Estrangeiros, e de que faz parte o conde de La Union, secretario de legação. Quando o diplomata Merry del Val — irmão do cardeal do mesmo nome, secretario de Estado da Curia romana, — teve de abandonar a direcção da secretaria real para occupar no ministerio o cargo de chefe da secção do Commercio, que lhe competia por escala, Affonso XIII indicou simplesmente para o substituir o funccionario de maior cathegoria em serviço na sua secretaría: D. Emilio

Maria Torres, conde de La Union, 2.º secretario de legação, e que hoje exerce as funcções de chefe da secretaría real.

Mas não ficam por aqui os exemplos salutares que a côrte formalista de Hespanha pode dar-nos, sobretudo se compararmos as omnipotencias territoriaes das grandes casas nobres hespanholas com os patrimonios modestos da melhor nobreza portuguesa, e verificarmos que um duque de Medina-Celi ou um duque de Ossuna são menos arrogantes n'essa Hespanha archi-catholica, em que a sumptuosidade é um distinctivo de raça e onde os nobres conservam nos seus castellos e solares as armaduras dos antepassados, que um *rond-de-cuir*, director geral da nossa terra, em dia de recepção da Ajuda, empavonado na farda; e que nunca um d'esses *grandes* de Hespanha, que guardam nos titulos resoantes o echo de batalhas gloriosas, se arriscaria a conspirar nas antecamaras do paço contra um chefe de governo ou se atreveria a proteger, a coberto da sua hierarchia palatina, a candidatura politica de qualquer charlatão ambicioso. Exige a tradição, ciosamente mantida, que o presidente da Camara, quando officialmente vá ao paço, alli entre democraticamente de casaca e *gravata preta*, mesmo quando seja tres vezes

grande de Hespanha e cavalleiro do Tozão de Ouro, e essa etiqueta liberal nitidamente revela a noção escrupulosa dos direitos e das prerogativas, que a cada um conserva no seu logar e tão superiormente distingue, perante o nosso atropello de funcções, a sociedade hespanhola.

Quanta illusão inveterada pelo habito de olharmos a Hespanha como a ampliação dos nossos proprios erros e defeitos, se me varria ante o espectaculo convincente d'essa outra Hespanha, disciplinada e sensata, que os meus olhos attonitos abrangiam! E que mais era preciso para acabar de desvanecer a minha cegueira do que saber que esse opulento duque de Santoña, em cujas propriedades de Ventosilla caçava o descendente de Carlos V, esse grande de Hespanha casado com a filha do duque d'Alba, D. Sol Stuart Fritz-James, não passava do filho de um grande industrial?

Por isso a minha surpresa era já débil quando, no dia 2 de fevereiro, para assistir á *capilla publica* que todos os annos, no dia da Senhora das Candeias, se celebra no palacio real, vi abertas á multidão as escadarias do paço e agglomerarem-se nas galerias — decoradas com tapeçarias flamengas dos seculos XV e XVI, representando a his-

toria de Scipião, a conquista de Tunis, o Apocalipse e os Peccados Mortaes, uma turba-multa em grande parte acudida dos bairros pobres da ponte de Toledo e a que não faltava sequer, como nota pittoresca, um mouro sordido.

Diante dos alabardeiros impassiveis, o povo livremente transitou pelas galerias, entre a pompa esplendorosa dos Arrazes; e sem um estremecimento de receio o soberano, fardado com o uniforme de lanceiros e ostentando a banda vermelha do Merito Militar, que nunca mais deixou de usar nas grandes ceremonias depois do attentado da *calle* Mayor, atravessou pelo meio do povo, em lento passo, regulado pelos accordes solemnes do hymno real, tocado pelo regimento de Presbranjesky.

O rubor subiu-me então ás faces, ao recordar a fuga de opprobrio a que uma politica de panico submettera um rei de dezenove annos, através das ruas de Lisboa, envolvendo-o n'um esquadrão galopante de cavallaria, com corseis a chaparem-se nas calçadas, murchando assim á nascença, na alma de um principe imberbe, a flôr varonil da valentia... A dignidade serena com que o rei de Hespanha atravessava as galerias do seu palacio, abertas livremente á multidão, bastava para diffe-

rençar o nosso pequeno paiz, debatendo-se em pugnas estereis á beira de um abysmo, d'esse outro paiz visinho, que soube a tempo dignificar as suas luctas intestinas, subordinando-as ao criterio de ordem, sem o qual não ha progresso social que logre impôr-se.

Finalmente, no dia 8, á noite, quando de volta do theatro da Zarzuela, aonde fôra assistir aos bailados da estonteadora Truhanowa — a bailarina russa que na Grande Opera de Paris, com tão escandaloso exito, dançára a *Salomé* com a nudez marchetada de joias, — eu recolhia ao hotel para jantar, encontrei a participação da mordomia, em que o marquez de Torresilla me comunicava que S. M. Catholica, D. Affonso XIII, se dignava receber-me no dia seguinte, ás 12 horas.

Na sua edição nocturna, o *Heraldo* dava já a noticia de que o rei de Hespanha ia partir para Villa Viçosa, a encontrar-se com o rei de Portugal, e a coincidencia d'essa significativa entrevista dos dois monarchas no historico solar dos Braganças, de onde D. João IV viera, em 1640, para Lisboa, a aproveitar dos beneficios de uma revolução que o presenteava com o sceptro, mais estimulava as impaciencias da minha curiosidade. Certamente a minha imaginação, posta a trabalhar, mesmo excitada pelos bailados da Truha-

nowa, não concedia a esse *tête-à-tête* de soberanos a importancia politica que não deixariam de atribuir-lhe os jornalistas penetrantes da minha terra, mas em vão chamaria em meu auxilio a superabundante fantasia de um romancista para encontrar o pretexto de uma insinuação matrimonial a esse encontro dos dois reis na bellicosa sala dos Duques, do paço de Villa-Viçosa, onde não faltam as alabardas, as espadas, os arcabuzes e os morteiros.

Sabido como é exigua a iniciativa permittida aos reis constitucionaes nas grandes questões de politica internacional, em que interveem apenas como actores, afigurava-se-me que, se algum acontecimento de capital importancia politica viesse a resultar d'esse encontro dos dois chefes de Estado da peninsula, como proemio a pactos officiaes, elle emanaria apenas da *qualidade* dos conselhos que Affonso XIII, com a experiencia de quasi sete annos de realeza, não deixaria de dar, a titulo de amigo, ao juvenil rei de Portugal, e que nunca exhorbitariam do caracter discreto que impunham as conveniencias, mesmo no ambito dos interesses dynasticos de uma alliança.

N'essa vasta sala de jantar do *Grande Hotel de Paris*, onde, havia uma semana,

estava vendo passar as caravanas de estrangeiros, que todos os dias do anno enchem de exclamações de maravilhada surpreza as galerias do museu do Prado, e para quem a sociedade de hoteis Ritz está construindo em Madrid um hotel explendido — porque na Hespanha essas iniciativas da civilisação não encontram como nas barbarescas terras de Portugal o obstaculo das opposições indigenas, — eu pela ultima vez assistia ao espectaculo de animação da *Puerta del Sol* e da *calle de Alcalá*, comparando-a mentalmente á melancholia d'esta Lisboa de quatrocentas mil almas, que tão impressivamente reflecte, no tedio e na penumbra das suas ruas pouco menos que ermas, o caracter abatido de um povo que parece aguardar, com o despresivel fatalismo de um arabe do deserto, que o despejem na fossa commum da Historia com os seus estadistas irrisorios e os seus quatro milhões de analfabetos. E ainda uma vez a saudade d'esta patria infeliz, de cuja idolatria o nosso coração não poderá nunca libertar-se, nos conduzia á visão confortadora, estimulada pelas prosperidades alheias, de um Portugal refeito desde as bases e de uma Lisboa magnifica, onde viessem hibernar os millionarios, acudidos ao chamariz do seu clima calido de estufa...

Era com os intimos jubilos d'esse sonho optimista que ainda no dia seguinte atravessavamos Madrid, desde a *Puerta del Sol* á *Plaza de Oriente*, onde se ergue, em frente do Theatro Real, no mesmo sitio do Alcazar destruido pelo terremoto de 1466, o palacio dos reis de Hespanha, mandado construir por Filippe V sobre os projectos de Juvara e Saqueti.

Do vasto terreiro de entrada, que uma gradaria de ferro fecha no extremo das alas Leste e Oeste, vinham os accordes magestosos do hymno hespanhol, tocado pelas bandas de infantaria e charangas de cavallaria, no decurso da quotidiana e apparatosa ceremonia do render da guarda. A escolta de lanceiros, com dolmans azues guarnecidos de astrakan e os pequenos capacetes allemães scintillando ao sol, rendia as sentinellas. O povo circulava livremente na immensa praça d'armas. Vendedores de laranja, de amendoim e de castanhas agglomeravam-se, como n'uma romaria, em frente dos portões de ferro confiadamente abertos, e distinguiam-se ao fundo, atrás das portas de vidro do vestibulo, os alabardeiros de serviço, perfilados, de calção e tricornio, empunhando as decorativas alabardas, como uma scena de theatro, montada n'um palco gigantesco, por um enscenador magistral.

A singela declaração de que tinhamos audiencia abriu-nos caminho com maiores facilidades do que as concedidas ao contribuinte nos *harens* burocraticos do Terreiro do Paço. No ultimo patamar da escadaria, em cuja aboboda Giaquinto pintou a estridente allegoria do triumpho da Religião e da Egreja Catholica, os alabardeiros indicaram-nos á esquerda uma pequena antecamara para onde abria a porta, forrada de velludo carmezim, do salão sumptuoso de entrada. No relogio de bronze da chaminé de marmore verificamos que faltavam ainda dez minutos para o meio dia. Apenas á parte que communicava o salão com outra sala menor, de paredes revestidas de velludo azul com flôres de liz e decoradas com os retratos dos ultimos reis de Hespanha do seculo XVIII, estacionava um lacaio. Os irradiadores de ar quente mantinham uma temperatura de primavera nas grandes salas desertas, cujas amplas janellas deitavam para a praça d'armas, e de onde a vista alcançava o zimborio de S. Francisco o Grande. Forrado de velludo lavrado, em florões vermelhos sobre fundo amarello, e adornado com tapeçarias hespanholas da Real Fabrica de Madrid reproduzindo composições naturalistas de Teniers, o vasto salão tinha por unico mobiliario tre-

más de talha doirada, guarnecidos de serpentinas de bronze cinzelado e talhas de porcelana, extensos bancos e tamboretes estofados com o mesmo opulentissimo velludo das paredes, e ao centro, sob os mil pingentes scintillantes do lustre enorme, que todo irradiava, batido pelo sol, as luminosas flamulas do prisma, uma mesa preciosa, que faria empallidecer de gula um antiquario.

Ao meio dia, com essa pontualidade britannica que a rainha Victoria parece ter trazido comsigo de Inglaterra para a côrte de Hespanha no seu enxoval de noiva, abriu-se a porta de sacrario, forrada de velludo, que da sala azul communicava com o salão das recepções, e onde o ajudante d'ordens, de serviço, verificou a inclusão do meu nome no boletim das audiencias, avisando-me de que El-Rei me receberia logo depois do antigo ministro conde de Romanones.

Por instantes, na sala esplendida, cuja porta da esquerda abria para uma enfiada de outras salas, de paredes recobertas pelas esmaecidas côres de velhas tapeçarias hespanholas e flamengas, ficamos apenas os tres : o conde de Romanones, o ajudante do rei e eu, não demorando que se nos juntasse o camarista de serviço, fardado, com a banda da Conceição a tiracolo e a chave doirada,

distinctiva do cargo, na portinhola bordada do uniforme.

Nos altos espelhos, que encimavam as credencias Luiz XV, reflectiam-se bustos de imperadores romanos e pesadas serpentinas de bronze, em estylo Imperio; e do remate da apologia movimentada e enigmatica do tecto um pesado lustre descia sobre a mesa central, cujos pés elegantes emergiam de uma cêsta doirada plantada de espedistas. O retrato de Affonso XII, por Casado del Alisal, representando o filho de Izabel II encostado ao bastão de commando, fardado de capitão-general, fazia frente ao da rainha Christina.

Lacaios de farda agaloada circulavam sem rumor sobre os densos tapetes da Real Fabrica; e em breve a sala enchia-se, como um palco. Entre as sobrecasacas, exigidas pela etiqueta matutina, destacavam os uniformes : esses aparatosos uniformes hespanhoes, que são o ultimo expediente do velho fausto castelhano, e entre os quaes sobresahia o entroncado vulto de um cavalleiro de Calatrava com o seu manto branco, de cruz vermelha e lanceolada no hombro, e o argentino capacete theatral de um Lohengrin. As conversas, interrompidas por um instante, á passagem da princeza Beatriz de Battenberg,

reatavam-se n'um tom de familiaridade por completo isento d'essa *morgue* palatina que ainda é de uso protocolar n'algumas côrtes, e mesmo *miss* Cockrane, dama da princesa, e cuja linda cabeça branca, de quadro de Watteau, tão singularmente se harmonisava com a moldura, toda seculo XVIII, do salão, deplorava, a rir, perante uma affluencia tão grande á audiencia, o official de serviço, offerecendo-se para *apporter des biscuits aux affamés*...

Para quem vivesse na persuasão romanesca de que a côrte de Hespanha, immobilisada na etiqueta inflexivel dos Filippes, persistia apegada á mesma martyrisante lithurgia que Victor Hugo evoca no *Ruy Blas*, o apparecimento da rainha n'uma sala contigua e as suas frescas risadas desvaneceriam depressa essa illusão.

Acompanhada por sua mãe, a princesa Beatriz, pelo duque de Santo Mauro, seu mordomo, de *miss* Cockrane e da sua dama, a rainha sentara-se para escolher uns retratos que um photographo lhe trouxera; e eu pude á vontade, durante longos minutos, observal'a. Da *gampe* verde de um vestido Imperio, que lhe dissimulava a gravidez, o seu busto gracioso, coroado pelo turbilhão loiro dos cabellos, destacava sobre o fundo

indeciso, côr de folhas seccas, das tapeçarias, como um retrato animado de La Gandara. A luz da janella acariciava a sua pelle rosea de setim e fazia reluzir a meada de oiro dos seus finos cabellos cendrados. Nunca a Inglaterra teve certamente uma mais linda princeza, nem nunca a Hespanha uma mais linda rainha. Mas, sobretudo, o que mais fazia resplandecer a sua belleza, humanisando-a, era a alegria de noiva, que propagava áquella physionomia heraldica de idolo a contagiosa animação da felicidade.

Sentia-se, *respirava-se* por todo o palacio a influencia do rei juvenil e enamorado, do rei alegre e valente, do rei bem hespanhol, que admiravelmente auxiliava a obra laboriosa dos seus estadistas fazendo circular a fé nos destinos da patria por todas as provincias de Hespanha e incitando as energias unanimes do povo n'essa obra fascinadora de progresso, de que soubera fazer-se, a tempo, o paladino. Já a silhueta oiro e verde da rainha Victoria se perdia ao longe, na penumbra solemne das ultimas salas, quando a minha vez de audiencia chegou.

Ao fundo de uma pequena antecamara forrada de damasco carmezim, ficava o gabinete, em estylo Imperio, onde, desde a porta, avistei o rei, perfilado, retribuindo-me

a mesura com a continencia militar. Alto, com um corpo agil, desenvolvido pelo *sport*, a face glabra, com leves arrepios de bigode na commissura dos labios, o mento estygmatisado por um ligeiro prognatismo dos Habsburgos, o nariz burbonico, e, com todo esse conjuncto varonil de grande raça, a expressão seductora, affabilissima, que herdara de seu pae, o rei de Hespanha pareceu-me inteiramente outro do que eu vira em Lisboa dançando a quadrilha de honra na sala do throno da Ajuda. O calção á hussare e a bota á Chantilly, estreitamente cingida ás pernas magras e musculadas de gymnasta, accresciam-lhe a elegancia. A linha vertical do thorax e a largura dos hombros, conquistadas pelo exercicio, completavam agora com proporções solidas de columna o capitel aristocratico da cabeça. Era um homem. O movimento marcial que o immobilisára por um momento em continencia, n'uma *tenue* hieratica, revelava uma firmeza viril, não isenta de magestade. Era um soldado.

Aquella hirta linha militar desvaneceu-se, porém, como por encanto, mal eu passára o limiar da porta. E surgiu o *charmeur*. Affonso XIII estendera-me a mão, cordialmente, indicara-me um pequeno canapé, sentara-se n'uma cadeira; e como eu esboçasse

um movimento de respeitosa recusa áquella distincção, logo soube encontrar a phrase de espirito para apoiar a intimativa da sua gentileza.

— Por causa das correntes de ar... Não queira experimentar as do Palacio do Oriente...

Tendo assim logo dissipado esse molesto embaraço que sempre estorva e banalisa a primeira conversa entre desconhecidos, e que a sua cathegoria de rei mais agravava, Affonso XIII levantou-se, foi buscar acima da mesa uma caixa de prata com cigarros, que pousou no canapé, a meu lado; e com uma cortezia que nada tinha de affectada, antes revelava um feitio naturalmente franco e seductor, elle proprio, rei de Hespanha, accendeu o cigarro do homem de lettras.

Posta n'estes termos cordiaes uma conversa, que eu temera iria decahir n'essa banalidade a que estão condemnados os reis nas suas relações com os estranhos, pude emfim collocar as minhas phrases de agradecimento e confessar a impaciencia com que, durante dez dias, aguardára aquelle momento de conhecer de perto o rei de Hespanha. Contára eu que n'esse rumo o dialogo iria avisinhar-se de assumptos palpitantes, mas a minha espectativa malogrou-se.

O ministro de Hespanha no Rio de Ja-

neiro, com quem Affonso XIII estivera na vespera, falara-lhe da importancia mantida no Brasil pela colonia portuguêsa, e interessava-o saber se a emigração para as colonias d'Africa se egualava ou ultrapassava a emigração para a America.

Sem rodeios lhe dissemos a verdade. Ao passo que annualmente sahiam para o Brasil uns trinta mil trabalhadores ruraes, as colonias continuavam anemicas de colonos, confinadas nos recursos exiguos de uma emigração na sua maior parte burocratica.

— Não importa! — commentou o rei com optimismo. — Tempo virá em que affluirão á Africa esses que agora vão para o Brasil, onde tambem o seu trabalho não é perdido para Portugal. E são uma garantia colossal para o futuro, esses grandes dominios coloniaes: verdadeiros reservatorios de riqueza.

E de novo eu procurava um meio de libertar a conversa d'esse incidente falho de interesse, quando Affonso XIII abertamente me interpelou:

— *Et les affaires du Portugal?*

Não pude dominar o movimento instinctivo de fitar o rei, no receio de lhe surprehender o arrependimento tardio por aquella pergunta que revelava, sem dissi-

mulações hypocritas, uma curiosidade vivissima. Mas na sua physionomia intelligente havia apenas o repouso da espectativa.

Evidentemente, Affonso XIII não aguardava as minhas revelações para formular um juizo sobre a crise politica portuguêsa, não ignorando a minha falta de cathegoria nas fileiras dos exercitos combatentes que se degladiavam em desordem para além das suas fronteiras bem guarnecidas de soldados.

Á sympathica *crânerie* d'aquella pergunta não podia eu corresponder com a impostura que as conveniencias porventura me impunham; e embora sem ter em grande conta a importancia que assumiria o meu depoimento, na minha qualidade de testemunha, lealmente, como se tivesse jurado sobre os Evangelhos — depuz.

Preoccupado em não desperdiçar palavras, esforcei-me por definir a crise portuguêsa como a reacção de um paiz, que se sente ignominiosamente morrer entre os triumphos da civilisação universal, contra a immobilidade governativa que lhe jugula as iniciativas e lhe afoga os ultimos alentos. O dramatico processo epilogava-se, nos seus quesitos fundamentaes, entre a nação e o Terreiro do Paço. A força do partido republicano provinha menos do prestigioso *elenco*

dos seus adeptos, pouco numerosos para as exigencias consideraveis do governo, que da adopção, como programma, de todas as grandes reivindicações de um povo que não queria morrer ás mãos egoistas dos caciques eleitoraes, debaixo do joelho dos grandes regedores politicos. Ao regimen restava o recurso de ir pedir ás novas gerações a sua facil audacia e a sua corajosa actividade para o emprehendimento de um conjuncto de reformas capaz de transformar desde os alicerces a vida nacional, e que impelisse para o trabalho as derradeiras energias de um povo decidido a desbaratal'as no tremendo sacrificio, talvez improfiquo, de uma revolução.

Affonso XIII, que ouvira até ahi, imperturbavelmente, sem pestanejar, o meu depoimento, interrompeu-me então :

— O actual governo apresentará ás Camaras um orçamento com *deficit* ou *superavit ?*

— Infallivelmente com *deficit !* Nem a monomania de parcimonia do conselheiro João Franco obteve o milagre de extinguir o *deficit...*

— Não o deixaram chegar lá...

— Pelo caminho em que ia, era duvidoso que lá chegasse. E' que o problema, em Portugal, não consiste apenas em reduzir des-

pesas, mas em applical'as bem, creando novos elementos de trabalho e de riqueza fóra do recurso fiscal já exhaurido. Economica e financeiramente, Portugal precisa de administradores. Politicamente, precisa de estadistas. E a difficuldade está em poder fazer-se simultaneamente administração e politica. Para diffundir riqueza é necessario antes de mais nada estabelecer a disciplina. Não sabemos por onde principiar. E' um problema difficil. Se nós temos ainda até um grande *deficit* alimenticio e mais de 40 0/0 de territorios incultos!

— E sabe a quanto sobe em Hespanha essa percentagem? A 65 0/0! Cá tambem é preciso trabalhar, cultivar! E uma das minhas preoccupações é essa : a de promover a reducção progressiva do territorio inculto...

— Com a differença de que em Hespanha existe já um conjuncto de providencias para acudir a esse mal, e em Portugal não...

O receio de que no espirito d'aquelle rei nosso visinho a verdade dolorosa das nossas desventuras andasse desfigurada pela versão europeia que nos afronta, levou-me a pôr em confronto com a esterilidade dos nossos estadistas, apenas occupados em consolidar as suas influencias politicas e em favorecer

as suas ambições pessoaes, a obra intrepida e fecunda de Maura, repartindo o poder com as mancumunidades das provincias e abrindo por toda a nação verdadeiras escolas de administração e de civismo.

— Em Hespanha vê-se o poder central, personificado no chefe dos conservadores, despojar-se voluntariamente de uma parte das suas prerogativas de mando para as devolver ao povo. Em Portugal vê-se o governo, inspirado pelo chefe dos liberaes, monopolisar cada dia mais despoticamente o poder e exercer a tutella mesmo sobre a instituição secular dos municipios. Quando em Portugal assistimos ao desenvolvimento liberal do programma de Maura, o nosso sentimento reparte-se entre a vergonha do nosso quietismo e a surpresa admirativa d'essa evolução. Que seja o chefe do partido conservador quem se bata tão denodadamente pela lei descentralisadora da administração local, eis o que, no nosso atraso, nos surprehende.

— E a mim tambem! — exclama o rei, sorrindo.

Animada pelo successo, a minha audacia começou então procurando acercar a conversa de um capitulo entre todos perigoso, mas de interesse primacial para o meu inquerito de analysta. Inesperadamente, eu encontrava

no palacio do Oriente um rei sem preconceitos — isso se me afigurava — e cautelas timoratas, que sabia pôr em pratica essa sciencia subtil de dirigir a conversa e dominal'a. Eu ia tentar trazel'o ao terreno das minhas conveniencias...

A proxima visita a Villa-Viçosa não deixaria de fazer avultar os rumores que a vinda a Lisboa do conde de La Union tinha já provocado. Procurar adivinhar até que ponto a hypothese de uma intervenção, embora clandestina, do soberano hespanhol na politica portuguêsa era admissivel, eis o que n'aquelle momento — encontrando-me decidido a ir até á *gaffe* — me obcecava.

Sendo-me porém impossivel tomar a iniciativa de dirigir a conversa para o assumpto escabroso de que tanto desejava approximal'a, o meu estratagema teve de reduzir-se a aproveitar o primeiro ensejo, ainda que debil, de me referir ao desalento que n'esta hora de desassocego voltára abater as energias portuguêsas, salientemente nas novas gerações — predestinadas a serem as victimas, *resignadas ou revoltadas*, dos erros do passado, e á frente das quaes avultava a pensativa tristesa do proprio rei. Essas gerações inquietas precisavam de ser apaziguadas com esperanças, tonificadas de alegria...

O olhar de Affonso XIII trespassou-me. Senti nitidamente que esse olhar argucioso me penetrava, como quem procura adivinhar as feições de um rôsto occulto por uma mascara.

Podia ter recuado a tempo. Avancei. Pretendia provocar a Affonso XIII o protesto expontaneo e quanto possivel energico contra as insinuações de uma intervenção politica de Hespanha nos negocios de Portugal, mesmo sob o aspecto de uma influencia pessoal exercida de soberano para soberano, pois que era evidente que um commum interesse, n'aquelle momento historico, ligava as duas dynastias da peninsula.

Insisti na evocação da figura do rei de Portugal, que pela ultima vez, na recita de S. Carlos em beneficio das victimas de Messina, vira no camarote real, entre as acclamações dos espectadores, pallido como a propria imagem da Desventura.

— Foi n'esse espectaculo que falou o conselheiro Alpoim? — indagou Affonso XIII, que nunca mais deixára de fixar-me. E como eu respondesse que não, o rei de Hespanha, sacudindo a cinza do cigarro, disse nervosamente :

— Não se assistem aos horrores a que assistiu o rei de Portugal com a indifferença com

que se vêem touros da barreira... D. Manuel não é um desanimado. Em quasi todos os instantaneos reproduzidos na *Illustração Portueguesa*, relativos á viagem ao Porto, se vê o rei a sorrir.

— Pode-se sorrir sem alegria... Mas quando se é por natureza alegre, então a alegria é uma força communicativa e impulsionadora... Vossa Magestade tem essa alegria...

— E' um engano! Eu não sou alegre...

— E entretanto, se ha alguem que tenha o direito, quasi dever de o sêr, é V. M., assistindo á progressiva prosperidade do seu reino, presidindo, como soberano, a uma verdadeira restauração economica da Hespanha, sentindo-se rodeado de uma pleiada de notabilissimos homens de governo... Pode V. M. não ser alegre, mas tem, como ninguem, as expansivas apparencias da alegria, mesmo na valentia e na temeridade... Assim pudesse V. M., como amigo que é do rei de Portugal, communicar-lhe essas optimistas energias de mocidade e aconselhal'o...

— Ahi está uma cousa a que não me considero com direito! — exclamou Affonso XIII, interrompendo-me. Um rei não pode, mesmo a titulo de amigo, aconselhar um rei. Zélo muito a minha independencia e a minha liberdade de acção para me auctorisar a des-

acatar as do meu semelhante. N'esses casos, invocar a amisade é apenas procurar atenuantes para um erro. Um rei não pode procurar conselheiros fóra do seu paiz. Nem o rei de Portugal precisa dos meus conselhos.

E com um ardôr, que por completo de novo o transformava, Affonso XIII fez de D. Manuel o elogio caloroso, despojando-se de todas as suas qualidades para com ellas engrandecer o amigo. Depois, meneando a cabeça :

— A Hespanha atravessou tambem crises terriveis e conseguiu applacal'as. Ardentemente desejo as prosperidades de Portugal e em absoluto confio n'ellas. A sorte de um paiz irmão não nos pode ser indifferente. Mas conselhos, não ! Não sei admittil'os nem dal'os !

Ambos ficámos por um momento silenciosos, como comprehendendo que tinhamos ido, elle nas concessões, eu na inconveniencia, até aonde nos era consentido.

Não me teria sido difficil manter a entrevista, que terminava, no diapasão banal a que de costume as submette a preconceituosa etiqueta de uma audiencia real. Mas se assim perdera em cordealidade, em compensação lucrara em interesse.

Lembrando-me da antecamara, que meia hora antes vira repleta de gente, fiz mensão de levantar-me. O rei, porém, como se não

quizesse despedir-me sob a impressão das ultimas palavras que lhe ouvira, deteve-me com uma pergunta que parecia desviar para bem longe o thema da conversa, mas que na verdade o reatava :

— Veio de Lisboa a Madrid em automovel? Em quantas horas?

— Approximadamente quatorze de marcha effectiva.

— E as estradas?

— Optimas em Hespanha. Excellentes pistas para corridas.

— Sem lisonja?

— Sem lisonja.

— E pode-se andar depressa de Badajoz a Elvas?

— Quanto se queira.

Pois não era em Villa Viçosa que Affonso XIII pensava ao perguntar-me o estado das estradas e *si on pouvait filer* entre as muralhas arruinadas de Badajoz e a scenographia militar de Elvas?

Agora, porém, a audiencia terminára. A mão do rei de Hespanha estendeu-se-me n'um movimento franco; e já da porta, pela ultima vez, vi Affonso XIII, perfilado, n'essa attitude hieratica, em que parecia pousar para um retrato.

Na solemne antecamara revestida de bro-

cado vermelho e oiro, apenas encontrei os officiaes de serviço. Um lacaio abriu-me a porta que communicava com a sala azul. Os alabardeiros indicaram-me um novo caminho de sahida; e n'essa mesma noite abandonava Madrid com apprehensões que ainda hoje se não desvaneceram...

* * *

26 de Setembro

Os Jogos Floraes de Salamanca.

O dia amanhecera de chuva. Já na vespera, ao terminar a lide dos terriveis Miuras, um chovisco ligeiro obscurecera o céu sobre a doirada Salamanca. Mas a noite, precocemente fria, varrera as nuvens agoirentas; e quando, no regresso do paço episcopal, onde fôra convidado a jantar pela infanta D. Isabel o jury português, atravessavamos a velha cidade dos palacios, dos mosteiros e das igrejas, os grandes astros passeavam entre os turbilhões fulgidos das estrellas e ainda na sumptuosa Plaza Mayor, illuminada, as salamantinas e as charras, os poetas e os toureiros, os cathedraticos da Universidade e os brilhantes officiaes do esquadrão de

cavallaria de Albuera enchiam as arcadas com esse bulicio peculiar ás multidões hespanholas, que núnca mais, uma vez ouvido, esquece, e onde ha rumores de leques, de tacões e de esporas, sonoridades de voz e murmurios de risos, em combinações estridentes que nenhum outro povo obtém da alliança da palavra ao movimento.

A caminho de casa, através d'essa comprida rua de Zamora, em que os palacios alternam com os conventos, o meu companheiro ia narrando as historias heroicas que, como almas immortaes, animam ainda os organismos cariados dos velhos solares de Salamanca, das salas capitulares dos seus mosteiros, das aulas canonicas da sua Universidade.

Aqui, Maria « La Brava », á frente dos seus homens de armas, vingava o homicidio dos filhos; alli se recolhera, a penitenciar-se, Santa Thereza de Jesus; mais além, frei Luiz de Leão, subindo á cathedra, de volta dos carceres da inquisição, pronunciara as palavras sublimes e desdenhosas do esquecimento... E na glacial serenidade da noite de outomno, a cidade dos doutores, cujas vetustas paredes ainda ostentam os vermelhos caracteres romanos dos *victors*, glorificando os licenceados illustres, parecia despren-

der dos seus monumentos centenarios, — desde a torre mourisca *del Clavero* ás cupulas bisantinas da *Catedral Vieja*, desde as cornijas rendilhadas do palacio dos vice-reis do Mexico á cupula severa de S. Domingo, em cujo convento Christovão Colombo, como ultimo argumento á dialectica dos theologos, puzera a concurso o problema irrisorio de sustentar um ovo em equilibrio — esse immanente espirito de tudo o que existiu e que a imaginação póde, por um sobrenatural milagre, reviver!

Ha cidades que são grandiosos mauzoléus da historia. E' uma d'ellas Salamanca. As suas muralhas, agora demolidas, foram os amparos de um berço onde se creou a fortaleza do heroismo, onde se alimentou a sêde da sabedoria; onde, desde a investida de Annibal, correu o sangue; onde, desde a passagem de S. Fernando, jorrou a luz.

No seculo XIII, Alexandre IV saudava-a como um dos quatro luminares do mundo. Pelas suas quelhas medievaes circulou toda a estirpe da intelligencia da peninsula. Nas suas aulas claustraes se preparavam os legisladores e os theologos. Ella era a mãe veneranda da sciencia. Quasi inconscientemente, o olhar com que a abrangemos obscurece-se de evocações grandiosas. As suas pedras côr de topa-

zio e côr de mosto parecem guardar ainda nos seus póros calcareos a resonancia das cavalgadas, o estrepito dos cortejos, o alarido das procissões.

Em parte nenhuma como em Salamanca se tem a emoção impressionante da immobilidade. Dir-se-hia que Salamanca é uma mumia, conservada intacta através dos tempos. O sangue circula ainda nas suas arterias. A humanidade, com as suas paixões, as suas miserias, os seus amores e as suas discordias continúa a pullular no seu organismo decrepito. Mas a sua physionomia tem a archaica impassibilidade de uma cidade adormecida e que ha mais de dez lustros se absorve no sonho esplendido do seu passado. Os theatros representam comedias de Lavedan e de Capus, zarzuelas de Chueca e de Valverde? Embora. Ella não perde a sua compostura hieratica.

Ha nove seculos que os architectos do conde D. Ramon edificaram, ao estylo de Bisancio, as cupulas da sua primeira cathedral. Ha nove seculos que o sol a pule e doira. E se para sempre se desvaneceram as grandiosas sombras que a habitaram, ella conserva ainda, nos seus thesouros e relicarios, o crucifixo barbaro que o Cid levava suspenso do pescoço para a carnificina das batalhas, sobre a lo-

riga de ferro, e o estandarte branco que o cardeal Anaya levou ao concilio de Constança. Devassar Salamanca é entrevêr, a uma luz ora diffusa, ora vivaz, o ossuario da historia.

Em Santo Espirito, debaixo de artesoados esculpidos por artifices mozarabes, podemos sentar-nos no mesmo banco medieval em que se sentavam, ha quatro seculos, as commendadeiras de S. Thiago, viuvas dos cruzados. Na capella de Santa Barbara podemos descansar na velha cadeira monumental dos doutores, assente nos degraus puidos do altar, em frente do rude tumulo sobre o qual o doutorado meditava tres dias antes do exame supremo que ia conferir-lhe as honras universitarias.

A cada passo, nos claustros e nas naves,um nome de prelado magnifico ou de glorioso heroe resôa na voz do cicerone, perante uma lage rasa ou um tumulo armariado.

Aqui, o sepulcro de D. Mafalda, filha de Affonso VIII, morta em 1204; mais adiante, o de D. Fernando Affonso, deão de Santiago e arcediago de Salamanca, irmão do rei de Castella Fernando o Santo; além, o de D. Diego Maldonado, condemnado á morte por D. Pedro o Cruel... E a alliança do monumental e do lendario espantosamente amplia a grandeza

sombria dos edificios. Por toda a parte ha eccos que repercutem as vozes do pretérito...

E era n'esta cidade de prodigiosas evocações que iam realisar-se os jogos floraes hispano-portuguêses.

A suggestão do ambiente historico singularmente preparava o espirito para o anachronismo sumptuoso e galante do torneio poetico. Isolados d'esse scenario archaico, os jogos floraes teriam certamente perdido, a meio de um seculo tão inimigo de devaneadores e de poetas, a sua belleza espiritual. Mas Salamanca ia propagar-lhes a gravidade da sua alma solemne. Esse armisticio de poesia entre a barbaridade das touradas e a voluptuosidade das verbenas, revelava a persistencia d'essa nobre capacidade idealisadora de Hespanha, que nunca apagou o seu nimbo de luz sobre o tumulto violento dos seculos.

Em Portugal, uma tentativa d'esta natureza sossobraria no ridiculo e no insuccesso; seria considerada como um certamen pueril, explorado pela *verve* dos caricaturistas.

Em Hespanha, a rainha acceita-lhe a presidencia; o chefe do partido liberal vae de Madrid a Salamanca para assistir ao triumpho dos poetas, e um senador, D. Antonio Lopez Muños, ergue a palavra para consa-

grar, n'um repto admiravel de eloquencia — d'essa eloquencia hespanhola que foi, por heranças atavicas, a inspiradora de Victor Hugo — a força social do idealismo, como propulsora suprema da civilisação.

A grande lição que para o scepticismo e a decadencia portuguêsas representava o exito d'essa festa espiritual, mais nos engrandecia o receio de que a chuva viesse comprometter-lhe o esplendor ou adial-a, privando-nos de assistirmos como testemunhas e modestos comparsas á rara ceremonia. Mas ao meio dia a trovoada aclarou os céus enevoados.

O sol resplandeceu sobre a velha e douta Salamanca, dourando as suas cupulas e flechas.

As pombas da cathedral ergueram vôo, abateram sobre os eirados da gigantesca Clerezia. E ás quatro horas da tarde,embora de novo as nuvens tivessem voltado a obscurecer o céu, as bandas de musica entoavam o hymno hespanhol, os arautos abocavam as trombetas e a infanta D. Isabel entrava no sumptuoso portal da Renascença, que abre para essa maravilha architectonica que se chama o claustro dos Irlandêses. Atraz caminhavam o decrepito cardeal da Irlanda, os prelados inglêses, os bispos de Salamanca e de Cidade Rodrigo, os cathedraticos da Universidade e o cabido da Sé.

Ao fundo do pateo fôra armado um throno do mesmo estylo do claustro, em cujos degráus, forrados de velludo branco, se distribuira a « Côrte de Amor », constituida pelas mais lindas mulheres de Salamanca, ostentando, como idolos, o traje da charra, recamado de oiro.

E era de facto a Salamanca antiga que renascia n'aquelle torneio de poesia, ao som das trombetas dos arautos, vestidos de dalmaticas !

Quatro poetas portuguêses receberam n'essa tarde os premios que haviam ganho no concurso; e quando vimos as suas negras capas de estudantes subirem, entre a côrte de amor, as escadas do throno, não podémos emudecer as vozes de commoção que de dentro de nosso coração nos fallavam.

Conheceram esses poetas a glorificação estimulante da victoria.

Possa essa hora de triumpho alimentar-lhes através da vida, n'esta terra portuguêsa tão inimiga de poetas, o amor da Arte e o culto da poesia.

* * *

10 d'Outubro.

A Lisboa que viaja.

Ainda a familia real está na nevoenta Cintra, onde espera a visita da princeza Helena de Orleans, e é só agora, quandos os ventos de léste e do nordéste abrandam, que as villegiaturas elegantes dos Estoris e de Cascaes principiam a tornar-se, de logares de supplicios, em mansões paradisiacas, com as suas noites tépidas e serenas e a sua enseada côr de saphira, onde se inauguraram este anno, nos barcos de recreio — ultima palavra da moda! — as vêlas de sêda vermelha.

Em Lisboa, os theatros continuam fechados, á excepção do Colyseu, e é ainda nas estações de caminho de ferro que se encontra, á hora do *sud-express* ou dos *tramways* dos suburbios, essa população dissipadora e evidente, soffrega de prazeres e de exhibicionismo, que alimenta, com a apparato do seu luxo, com a poeira dos seus automoveis e com os *cancans* da sua vaidade o simulacro de fausto citadino de que se orgulha a capital portuguêsa. Todos os verões e cada vez de modo mais sensivel se despovôa a irrequieta

Lisboa até aos primeiros frios de novembro. Este exodo crescente já não se limita aos arredores, mas em grande parte ultrapassa as fronteiras, contagiado pela febre universal de viajar, que tão tarde contaminou um povo de antigos navegadores, que primeiro entre todos os do occidente, depois do grego, do romano e do phenicio, foi, como nenhum outro, um povo buliçoso e nomada, seduzido pelo exotismo, e cujas digressões aventurosas pela Ethiopia, pela Persia, pela India, pela China e pelo Japão constituem nos seculos de quinhentos o seiscentos o primeiro sensacional capitulo da historia do *turismo*, hoje banalisado pela agencia Cook e methodisado pelo Baedeker.

Ha vinte annos, a Lisboa que viajava reduzia-se ao corpo diplomatico, a dez estroinas e a cinco duzias, se tanto, de familias. Hoje, toda a gente que tem uma mala, foi pelo menos uma vez a Pariz. Ir a Pariz passou a ser para o lisboeta uma obrigação social, e de um sei mesmo que, apeando do comboio no caes de Orsay, com quinhentos francos no bolso, e rebocado por um corretor de hotel para uma hospedaria da margem esquerda, nunca passou as pontes durante os dez dias que lá viveu e regressou a Lisboa sem ter avistado sequer os Campos Elyseos, o

bosque de Bolonha, o Luxemburgo e as Tulherias, a praçá da Concordia e a avenida da Opera! Este lisboeta timorato é uma excepção, pois que, ao envéz da sua ridicula aventura, quasi todos os seus patricios, com mais ou menos francos na algibeira, os semeiam n'esse campo fecundo e voraz que se estende das *vitrines* do *Bon-Marché* e do *Louvre* ás bilheteiras do *Moulin-Rouge* e da *Boite-à-Fursy*, e das mesas do *Café de la Paix* aos tamboretes *modern style* do Maxim.

Os deslumbramentos de uma civilisação, cujos beneficios estamos condemnados a não usofruir, invencivelmente arrastam, como borboletas fascinadas pelo resplendor de uma luz, não só os homens ricos, para quem o viajar é uma elegancia , mas os homens pobres, para quem o viajar é um sacrificio, para essas colmeias onde se fabrica o mel dulcissimo de todos os prazeres humanos. E é innegavel que d'esse confronto entre as grandezas e as prosperidades alheias e a nossa decadencia, sob este céu tão lindo e entre paizagens tão bellas, deriva a revolta agitada dos que, todos os dias, ao repassar a fronteira, evocam e repetem o dito mordente e desdenhoso attribuido ao rei D. Carlos e com que o soberano, a tel-o proferido, quizera porventura lastimar a falta de iniciativa civilisa-

dora dos dirigentes da politica e da opinião, que assim haviam privado o paiz do usofructo de um destino esplendido a que o fadava a sua situação geographica excepcional.

N'um tempo em que o cosmopolismo é um dos grandes factores do progresso, nós continuamos a embaraçar a acção invasora do estrangeiro, temendo-lhe a concorrencia, difficultando-lhe o accesso, oppondo os obstaculos de legislações archaicas ás mais universaes conquistas da civilisação.

Entra em Portugal o primeiro aeroplano.

Ainda agora o encalhe do biplano Voisin, do aviador Zipfel, na alfandega, onde ninguem sabia como despachar a machina voadora, constitue um episodio tristemente eloquente da nossa desdenhosa inercia official, perante os grandes triumphos da sciencia.

A Inglaterra, a Allemanha, a França, a Belgica e a Italia, ao annunciarem-se os primeiros torneios da aviação aerea, não hesitaram um momento. Abriram as fronteiras ás machinas voadoras, ciosas de não crearem embaraços e não recusarem estimulos á expansão do milagre, que definitivamente dáva ao homem o dominio dos ares, convertendo-o n'um *semi-Deus que vôa!*

Em Portugal, o homem ainda não ascendeu da sua categoria fiscal de contribuinte. Emquanto os outros começam a voar, nós continuamos a patinhar.

Houve, é certo, um poeta, antigo estudante da Polytechnica, que um dia, em Lisboa, teve a idéa odiosa de resolver o problema da estabilidade dos aeroplanos e que construiu no quartel de engenheria um modêlo da machina voadora, com que obteve desarmar a incredulidade dos mais scepticos, obtendo ascensões e viragens em condições surprehendentes, accionando as helices com a propulção elementar de um elastico torcido. Os jornaes annunciaram o prodigio.

O poeta aviador teve a sua hora de evidencia. E quando chegou o momento de reclamar o auxilio do Estado para a construcção do apparelho — que não custaria mais de 30:000 francos — o Estado voltou-lhe as costas e não houve um Mecenas generoso que se offerecesse para custear as despezas modestas da construcção do aeroplano portuguez.

Mas a multidão encherá amanhã as tribunas do velho hippodromo de Belem para assistir pela primeira vez ao espectaculo impressionante de vêr elevar-se do sólo uma machina mais pesada do que o ar.

A pouca extensão do terreno, o seu declive,

as suas sinuosidades improprias ao exito das experiencias, provavelmente reduzirão o aviador ao expediente de executar pequenos vôos, com *atterrissages* repetidas, o que tudo despirá ao espectaculo a sua maior grandeza.

E não é triste que essa grande festividade, em que se convida o povo a assistir a uma das mais extraordinarias conquistas da civilisação, perca o seu caracter solemne n'uma habil especulação industrial?

Não é para lastimar que em logar do biplano Voisin, tripulado por Zipfel, não seja o biplano Gouveia, tripulado pelo seu inventor, que, sob o mesmo céu em que pretendia elevar-se a passarola de Gusmão, inaugurasse em Portugal o milagre do vôo humano?

Voar! Mas na verdade já se pensou no que deve ser esse extases de orgulho, que divinisa o homem, de ascender na atmosphera e poder passear entre as nuvens, nos clarões da aurora, nas chammas do meiodia e nas penumbras do crepusculo?! Emquanto, porém, não fôr dado a todos os mortaes esse goso superhumano, terei, como o leitor, de limitar as minhas ambições ao prazer platonico de imaginar essa plenitude de orgulho que a creatura humana deverá gozar ao sentir elevar-se como uma ave gigantesca entre as aves minusculas, revoltear nos espaços, redimida do seu des-

tino ancestral, pairando sobre a terra, a meio caminho d'esse céu mysterioso e insondavel, para cujos luminosos turbilhões ha milhares de annos ella anciosamente ergue o olhar prescrutador. Voar! Sentirmos adejar nos flancos as monstruosas azas; movermo-nos no ether com a fluctuante leveza das pennugens; e não já suspensos da inconsciencia volatil de uma esphera de hydrogenio, mas abrindo caminho por entre as nuvens, navegando nos elementos imponderaveis da atmosphera com a mesma segurança com que navegamos nos oceanos, harmoniosamente baloiçando os immensos remigios, diante dos quaes, como mosquitos, tomadas de panico, as aguias fugirão. Voar! Ter a illusão de que o milagre theologico se cumpre e que as nossas almas deixam a terra para ascender no espaço... Mas d'esta vez ainda foi só a minha imaginação que voou, ajudada por este fragmento de aza que é uma *penna!*

* * *

24 d'Outubro.

O assassino de Ferrer.

— Assasino! Verdugo! Inquisidor! — são as apostrophes que de todas as partes desabam sobre o primeiro ministro de Affonso XIII.

E perante esse clamor de maldições e de improperios, a nossa memoria evoca a figura insinuante, de tão nobre expressão de intelligencia, do chefe do governo hespanhol, com quem nos avistámos em Madrid, no mez de março, quando ainda nada presagiava a guerra de Marrocos e o presidente parecia ter ascendido ao zenith da sua omnipotencia politica, em vesperas de vêr triumphar no parlamento a concepção grandiosa da lei chamada da administração local; quando as opposições, desarmadas, o accusavam de lisonjear a aspiração separatista da Catalunha e de preparar com as suas concessões imprudentes o desmembramento da Hespanha; quando o corpo diplomatico acreditado em Madrid o considerava unanimemente um dos maiores estadistas da Europa contemporanea; quando em todo o prestigio do seu talento e da sua bravura, em plena victoria da sua politica de equilibrio e de tacto — elle era o super-homem que a Providencia se tinha comprazido em crear para fundar os alicerces da nova Hespanha e inaugurar a gloria do novo reinado.

Antes de nos acercarmos do chefe do governo hespanhol, preparando-nos para resistir ás suggestões quasi sempre enganadoras de uma hora fugaz e amavel de entrevista, tinhamos procurado todos os ensejos para

analysar de longe esse homem proeminente, sobre o qual tanto divagavam os jornalistas de Portugal.

Vimol-o no senado e no congresso, durante as sessões memoraveis em que respondeu a Moret e a Sol y Ortega, no debate das mancummunidades administrativas.

Vimol-o resolver nas camaras, com a habilidade e a presteza de um prestidigitador emérito, com expedientes fulminantes, conflictos que em Portugal assumiriam proporções escandalosas.

A sua arte de contrascenar e de ouvir um discurso opposicionista era um inimitavel prodigio. Diante da sua cortezia primorosa abatiam-se todas as iras. O seu sorriso valia tanto como a sua palavra. Como o seu verbo, a sua expressão era eloquente. Tinha o talento de saber escutar.

A natureza dotára-o com todas as faculdades physionomicas e moraes da seducção. Tinha a tyrannia das sereias.

O proprio rei de Hespanha nos confessára a sua surpreza perante a generosa, quasi revolucionaria orientação liberal do chefe do partido conservador, que em plena camara dos deputados, interrompendo a apologia rhetorica da Liberdade em que se entretinha um adversario, o emmudecia com a affirmação

de que a Liberdade era uma tão definitiva conquista do direito dos povos, que já nenhum partido podia fazer d'ella o essencial motivo de um programma. E, resumindo a sua ideia com um poder fulgurante de synthese, Maura improvisava a phrase célebre: « A Liberdade fez-se conservadora! »

Podéramos examinar attentamente os recursos de reflectida prudencia, de sorridente bonhomia e de affabilidade natural, do homem polido e amavel, erudito e distincto, que a opinião, fóra de Hespanha, accusava de ser um reaccionario impulsivo e violento; e só então lhe haviamos solicitado a honra de uma entrevista, que logo nos concedera.

Essa preparação a julgavamos indispensaval, recordados da impericia de analyse da maior parte dos jornalistas estrangeiros, que a Portugal tinham vindo estudar *de visu* a dictadura do ultimo reinado.

E não foi sem uma irreprimivel curiosidade que, finalmente, por uma d'essas glaciaes manhãs do inverno madrileno, em que as neves do Guadarrama parecem encerrar a cidade n'um envolvente frigorifero, depois de um passeio no « Retiro », batemos á porta do presidente do conselho de Hespanha : um rez-do-chão n'um dos novos predios da *calle Lealtad*, diante de cuja fachada monu-

mental aguardavam algumas carruagens de visitantes matinaes.

Como n'um vestibulo de theatro, logo á entrada encontramos as cadeiras e os cabides do bengaleiro e do *rack* tomados com chapéus.

Eram nove horas e meia, e a nossa surpreza foi immensa ao deparar com o laborioso movimento de secretaría d'aquelle lar, que tinhamos visionado como um refugio de tranquillidade e merecido repouso.

A casa de Maura era como que um annexo do ministerio.

Um criado fardado indicou-nos o caminho, através de um longo corredor, sobre que abriam as portas da bibliotheca e das salas, transformadas em gabinetes dos secretarios particulares da presidencia.

Os irradiadores de ar quente mantinham á atmosphera ennevoada de fumo um calor suave de estufa.

Estavamos agora n'uma vasta sala onde o mobiliario antigo harmoniosamente se associava a todos os confortos da vida moderna.

Continuavam a ouvir-se o borborinho das conversas e o rumor dos passos, que enchiam o largo corredor de entrada, quando um reposteiro se afastou e veio ao nosso encontro o presidente do conselho, estendendo-nos a

mão com esse sorriso captivante, que é um dos segredos da sua arte de agradar.

Vestindo com a mais desembaraçada elegancia, sem o menor vestigio de affectação, Maura divulga, ao primeiro relance, as qualidades viris de um caracter obstinado e voluntario. Não seria difficil a uma chiromante lêr na sua mão forte e cuidada a nobreza e a coragem, a decisão e o talento. Contrastando com a barba branca, talhada á Guise, a sua pelle conserva uma frescura juvenil. Os olhos azues têem a luz viva de uma intelligencia accêsa, e a sua voz, exercitada nas luctas parlamentares, possue todo o teclado, sonoro, vibrante, grave e suave da expressão vocal, capaz de subir sem esforço da blandicia á apostrophe, da maxima brandura ao mais rigoroso doesto.

Era, pois, aquelle o reaccionario Maura! Encontravamos na nossa frente um homem que se confessava empenhado em resolver antecipadamente alguns dos graves problemas sociaes e politicos do futuro; decidido a ousar a descentralisação administrativa do Estado, a arrebatar o poder local ao caciquismo, a favorecer as aspirações autonomistas das provincias... Maura apparecia-nos, não como um reaccionario intolerante, mas como um espirito eminentemente progres-

sivo, preoccupado em disciplinar a Hespanha, em propagar o exercicio democratico do civismo com a promulgação da lei do voto obrigatorio, e energicamente resolvido a não permittir que os desatinos dos turbulentos impedissem a evolução pacifica da prosperidade da nação, que elle sonhava com essa fé contagiosa, que gera os milagres, reconduzir á supremacia antiga, influindo na politica europeia, participando de todos os privilegios que usofruem os povos fortes.

Ao primeiro ensejo que se nos offerecera, alludiramos aos acontecimentos politicos de Portugal; e estamos vendo ainda o gesto de censura de Maura! Não; o tempo dos governos oppressivos passára, havia muito. Mal do estadista que tentasse governar contra a opinião publica. Os ministros eram apenas os mandatarios da vontade nacional. A opinião publica era ainda a unica garantia e a suprema justificação do estadista. O erro da dictadura fôra justamente o de não ter sabido abdicar no momento preciso. Como era possivel eliminar o parlamento quando os ministros não são senão os executores das resoluções parlamentares?

. . . .

Surge, porém, a guerra, a agitação da Catalunha, a crise delirante de Barcelona.

A opinião publica insurge-se contra o despotismo repressivo de Maura... Relembrados das suas palavras austeras, emquanto na Europa e na America o invectivavam como ao phantasma odioso da Intolerancia resurgido no mundo moderno, a cada momento nós esperavamos a noticia da sua resignação do poder. E esse nobre gesto, que reconcilia as suas acções com as suas doutrinas, elle acaba de o ter, abrindo o parlamento que ia ser o seu tribunal, provocando a discussão dos seus actos, dando-se por vencido, com maiorias esmagadoras nas duas camaras, logo que lhe facultam o ambicionado pretexto da demissão.

Ninguem póde pôr em duvida a sua coragem energica, que se defrontou impavida contra as ameaças da anarchia. Mas desde que o chefe de um partido politico, em nome da opinião publica, o accusa de comprometter a patria com os seus erros, então o homem intemerato não hesita e vai resolutamente depôr nas mãos do seu rei a resignação do ministerio, submettido á comminatoria sentença da opinião publica, que o expulsa do poder!

Quiz o acaso que ha poucos dias conhecessemos o homem que o derrubou e o substitue. Ha um mez que nos encontramos com Moret

em Salamanca, durante as festas dos jogos floraes hispano-portuguezes. No banquete dado em sua honra no Circulo Mercantil, e onde, com tão elevada eloquencia, elle fez a apologia das lettras, saudando os poetas laureados e evocando as glorias humanistas da velha cidade universitaria, apenas se sentava de permeio entre nós dois o senador liberal Lopez Muñoz.

Tendo estado, havia mezes, em Lisboa, hospedado em casa do secretario da legação de Hespanha, Lopez Roberts, que habita, na rua Formosa, o palacio do marquez de Pombal, o actual presidente do conselho de Hespanha contou-nos a impressão que sentira ao encontrar-se debaixo dos mesmos tectos que tinham abrigado o ministro de D. José, o inimigo encarniçado dos jesuitas; e para os que acreditam no espiritismo, póde ser porventura interessante ligar essa suggestão de Pombal com os acontecimentos que abriram a Moret o caminho do governo...

* * *

7 de Novembro.

O Viagem Real

O rei, acompanhado pelo ministro dos negocios estrangeiros e pela sua comitiva, passa esta noite as fronteiras de Portugal com destino a Madrid,

aonde vai visitar, primeiro entre todos, como mandam a cortezia e a praxe, o soberano da nação visinha, de que a descendencia historica, ainda mais do que a situação geographica, nos deu na genealogia das nações o parentesco de irmã.

As visitas reaes são, como acto politico, de recentissimo uso. Até ao seculo XIX algumas vezes os reis appareciam nas capitaes das nações estrangeiras, mas como foragidos, usurpadores ou victoriosos inimigos. Quando muito, em casos excepcionaes, se encontravam nas fronteiras para contratar allianças matrimoniaes ou de guerras, referendar tratados ou concertar expedições. Mas rarissimo se viu visitarem-se os monarchas por méra cortezia.

A tradição impunha aos soberanos a permanencia no reino.

A prudencia, de cautella a sublevações e revoltas, não os animava a transpôr o limite das raias, quando não fosse na frente dos exercitos, com o arnez das batalhas.

E' assim que até ao seculo XIX só tres reis de Portugal sahiram dos seus dominios, se não mettermos em linha de conta as investidas bellicosas das fronteiras, a começar nas de D. Affonso Henriques, que se prolongaram no decurso dos primeiros reinados com

successivas entrevistas reaes para conclusão de pazes, como o encontro solemne de Samora, d'onde sahiu, embora dissimulado pela vassallagem do senhorio de Astorga, o reconhecimento da independencia portuguêsa.

E' D. Affonso IV o primeiro soberano de Portugal que vae a Hespanha com as honras indisputadas de monarcha. Mas não o levam intentos de pura cortezia. Essa viagem fazia-a com a sua cota de malhas e a sua loriga de ferro, á frente da sua cavallaria e peonagem, para salvar Castella com a façanha heroica do Salado. Nos paços de Sevilha mal têem vagar os dois soberanos para cumprir os ceremoniaes da etiqueta. Recebido como o redemptor enviado por Deus para libertar Castella da destruição imminente, logo Affonso IV parte com Affonso XI a rechaçar os mouros de Abul-Hassam, não acceitando como premio do serviço memoravel, no quinhão das presas opimas, mais que uma cimitarra e um captivo. Depois de 1340, só cento e trinta e seis annos mais tarde um rei português sahe do seu reino de visita a um soberano estrangeiro.

Em agosto de 1476, Affonso V embarca em Lisboa com destino a Marselha. Acompanha-o uma frota de dezeseis naus e cinco caravellas, levando a bordo dois mil e qui-

nhentos soldados e quatrocentos e oitenta fidalgos para seu serviço!

Diante d'este esplendor ostentoso de um rei portuguez do seculo XV, « *ce povre roy de Portiugal* », como lhe chama desdenhosamente Filippe de Commines, a despeito da grandiosidade do seu fausto, que dizer da modesta comitiva de D. Manuel, partindo para Hespanha, Inglaterra e França acompanhado apenas de um ministro, do seu mordomo, de um camarista, de um ajudante de campo, de um official ás ordens e do seu secretario!

Desembarcado Affonso V em Collioure, porque o não deixaram os ventos entrar em Marselha com a sua esquadra magnifica, vêem ao seu encontro emissarios de Luiz XI, que o aguarda em Tours. E' o unico ponto em que a pragmatica das viagens régias se mantém nos organismos politicos modernos. Não deixa, porém, de ser interessante, a partir da recepção de Collioure, comparar com 433 annos de intervallo as viagens dos dois soberanos de Portugal e as diversas condições em que se realisam.

Mal que pisa o sólo de França, Affonso V é por toda a parte recebido com as honras devidas ao proprio rei. Os governadores entregam-lhe as chaves das cidades e abrem aos

presos as portas das cadeias. Seguido de immensa comitiva, precedido pelas auctoridades francêsas e pelos prebostes, Affonso V segue pela estrada romana de Perpignan a Narbonne, de Narbonne a Montpellier, Besiers e Nimes. Na cidade de Lyon vem visital-o o duque de Bourbon, que lhe offerece torneios e banquetes. A Roanne manda-lhe Luiz XI uma embaixada incumbida de dar ao rei de Portugal as boas vindas. Fallando o francês com desembaraço e elegancia, amador das bellas lettras, comprazendo-se no convivio dos humanistas, Affonso V visita todos os conventos do percurso, entretem-se a examinar as riquezas bibliographicas das bibliothecas e archivos. Ninguem suspeitaria, ao vêl-o apear da liteira ou do cavallo á porta dos mosteiros, que elle é o mesmo indomavel combatente de Toro, que á sombra do estandarte real abre caminho á espada por entre as hostes de Fernando e Isabel. Ultimo dos reis cavalleiros do Occidente, elle personifica, na sua bravura bellicosa, no luxo dissipador, na leviandade impulsiva, na distincção das maneiras, na cultura do gôsto e no ingenuo orgulho, todas as qualidades proeminentes e todos os defeitos insanaveis da realeza medieval, que quaesquer prélios suppunha derimir com o heroismo.

Chegado a Tours, aguardado ás portas da cidade pela flôr da nobreza de França, participam-lhe que Luiz XI se não encontrava na cidade por ter ido a uma romaria de sua devoção.

Fica interdicto e perplexo o rei, sem comprehender as subtilezas d'aquella pragmatica, que tinha as apparencias de um vexame infligido publicamente ao visitante. Mas logo o seu sentimento se desvanece. Hospedado no paço com as honras devidas a um soberano, Luiz XI quizera apenas, por um requinte de cortezia, inverter os papeis da comedia apparatosa que ia representar-se, e vinha elle, rei de França, visitar no seu paço o rei de Portugal.

Quando já Luiz XI estava á vista do castello, pretendeu ainda Affonso V descer polidamente ao seu encontro. Não lh'o consentiram os fidalgos francêses da comitiva.

Finalmente, á porta do aposento, surge o vulto sinistro de Luiz XI. Vinha com um só barrete na cabeça, tendo já d'ella tirado um barrete e duas grandes carapuças, e trazia um saio curto de máu panno, á cinta uma « espada de armas » com a guarnição de ferro limada, nos pés espóras do mesmo jaez da espada e ao pescoço uma béca de chamalote amarello forrada de cordeiras brancas. E

ambos os reis, com os barretes nas mãos, se abraçaram inclinando os joelhos muito baixo (1)...

Seria longo acompanhar, ainda que a largos traços, a peregrinação de Affonso V pela França, durante os treze mezes por que se prolongou a sua visita a Luiz XI, aos arraiaes de guerra de Carlos o Temerario, e a Pariz, onde os programmas das festas incluiam uma visita solemne á Universidade, um « Te-Deum » em *Notre-Dame*, uma sessão no parlamento, uma ceremonia de doutoramento em theologia no paço episcopal, além de festins innumeraveis, cortejos de gala, uma visita ao Chatelet, ás prisões e ás camaras.

Em novembro de 1477, Affonso V desembarcava em Cascaes, de regresso da sua missão mallograda, abatido de animo, arrependido da sua aventura tresloucada, vendo apagar-se o seu sonho ambicioso de uma realeza iberica, que tão perto estivera de vêr realisado.

Um seculo depois, em 1576, um novo rei de Portugal põe-se a caminho para Hespanha, a visitar Filippe II. É D. Sebastião. A entrevista tem logar no mosteiro de Guadalupe e n'ella se concerta, contra a vontade e os

(1) Ruy de Pina — « Chronica de D. Affonso V. »

conselhos do soberano hespanhol e do duque de Alba, a expedição funesta que ia acabar no desastre de Alcacer-Kibir.

Nunca mais, até ao seculo XIX, um rei português sahe do seu territorio. Com excepção da primeira, as viagens reaes tinham custado á nação apenas opprobrios e infortunios. Mas se os reis portuguêses não passaram mais as fronteiras, em compensação os reis estrangeiros entraram em Portugal. O momento não é o mais proprio, quando el-rei D. Manuel é hospede de Affonso XIII, para rememorar a entrada triumphal de Filippe II em Elvas, em 1580, a sua visita a Villa Viçosa, onde a duqueza de Bragança recebe o filho de Carlos V com o fausto arrogante de uma rainha, e essa outra memoravel entrada de Filippe III em Lisboa, no anno de 1619, atravessando as ruas empavezadas, por entre acclamações pagas a ouro e aconselhadas pelo medo.

Não são assim as viagens reaes do nosso tempo; e se ainda a recente visita do czar ao rei de Italia evocou, pelo apparato das precauções e a sua etiqueta de panico, a lembrança archaica de outras éras, por isso mesmo constituiu um acontecimento de curiosidade e de surpreza universaes.

Testemunhos ostensivos da cordealidade das nações, as visitas dos soberanos têem

sobretudo servido para pôr em presença os chefes de Estado e os seus ministros em conferencias onde se debatem os mais graves capitulos da politica internacional. As grandes allianças contemporaneas foram todas contrahidas n'esses conciliabulos; e se esta prática subtrahe ainda hoje aos povos a interferencia nos seus destinos perante as capitaes eventualidades da guerra, é incontestavel que poderosamente concorre para alimentar a confiança reciproca entre as nações, favorecendo a unanime aspiração de paz e de concordia, que hoje constitue a suprema politica das chancellarias.

Não vai, porém, d'esta vez o rei de Portugal ás côrtes de Madrid e de Londres — ao que se affirma, — para renovar allianças ou assistir a estipulação de tratados. Diz-se que D. Manuel vai á Inglaterra para conhecer a sua noiva : essa futura rainha de Portugal, que todos fazemos votos para que nos recorde, pelas virtudes e influencia benefica, essa outra puritana princeza de Inglaterra, que deu a D. João I a inclita geração das navegações e das conquistas.

Póde este encontro de dois noivos equivaler, no futuro, pelo mais fructuoso dos tratados. Nunca os amores de um rei são indifferentes ao seu povo; e se um paiz hoje no mundo

existe cujos exemplos salutares de liberdade e de ordem nos convenham, esse é sem duvida a Inglaterra, aonde D. Manuel, rei de um paiz revolucionado, vai procurar a consorte do seu thalamo e do seu throno.

* * *

5 de Dezembro.

As Fabulas da imprensa estrangeira sobre Portugal.

Se ha leitura que pelo imprevisto tenha o poder de interessar o leitor mais exigente de impressões raras, essa é, com certeza, a dos artigos que a imprensa europeia ou americana de longe a longe publica sobre o fabuloso paiz de Portugal. A nossa terra, por mais que esta revelação escabrosa melindre a nossa vaidade, continúa sendo para o jornalista europeu uma nação que o seu encyclopedismo desconhece, de cuja situação geographica tem uma vaga noção e que um pariziense espirituoso do terceiro imperio definia como apenas sendo « um campo de batalha onde os inglêses derrotaram os marechaes de Napoleão ! »

Mas um artigo sobre Portugal não o encontramos todos os dias n'essas omnipotentes gazetas, que são o diario vertiginosamente elaborado da civilisação universal.

Por isso, quando o ensejo se apresenta, como agora, com o motivo da viagem real, para gozar os excepcionaes deleites da opinião jornalistica da Europa sobre o modesto paiz que descobriu o caminho das Indias, que colonisou o Brasil, que conquistou para os seus reis o mais grandioso titulo que jámais usou um monarcha do Occidente, não o devemos desperdiçar, sob pena de nos resignarmos a perder o melhor dos themas para o exercicio hygienico do riso.

A sobriedade e a ponderação inglêsas, alliadas a um conhecimento mais lucido do nosso paiz, conseguem manter quasi sempre as referencias a Portugal n'um equilibrio de verdade apparente.

Jornaes ha mesmo, como o « Times », que têem da nossa vida contemporanea, nos seus diversos aspectos politico, economico, financeiro e social, opiniões conscienciosas, resultantes de laboriosos inqueritos a que redactores especialmente mandados a Portugal sagazmente procederam. Assim, na recente visita de el-rei a Inglaterra, os principaes orgãos da informação inglêsa, sem prolixidades, antes com britannica concisão, fallaram de nós sem recorrer ás surprezas hilariantes da phantasia.

Não assim a França. Mal o moço soberano

desembarca em Calais e pisa essa gloriosa terra francêsa, que elle tão amavelmente se obstina em lembrar que é a patria da rainha sua mãe, logo o scintillante jornalista de Pariz o cumprimenta, o entrevista, o persegue, até obter a phrase ou o sorriso de que a sua penna phantasiosa vai fazer o artigo sensacional, exuberante de anecdotas, para saciar as curiosidades do cerebro do mundo.

E não são só os jornaes que assim, com essa graciosa petulancia e com essa leviandade audaciosa, servem aos seus leitores, como n'um restaurante, *histoire à la carte.* Aqui temos o ultimo numero das « Lectures pour Tous », a popularisada revista da veneravel casa Hachette, publicando um artigo com todas as apparencias austeras da sapiencia e no qual, sob o titulo « O rei de Portugal vem a França », nos conta alguns casos e nos divulga alguns pormenores inéditos e surprehendentes da vida de S. M. Escutemos a veneravel revista.

Logo para principiar, evocando a tragedia de fevereiro, diz-nos a casa Hachette — e ainda bem que nol-o diz, porque por completo o ignoravamos, — que D. Manuel foi ferido no queixo por uma bala. E é com o braço ao peito, a face envolta em ligaduras — *le bras en écharpe, la joue bandée* —

que, segundo o historiador da revista francêsa, o rei adolescente preside á primeira reunião do conselho de Estado. Logo adiante o *yacht* « Amelia » é chrismado com o nome de « Alexandra » e el-rei apparece-nos como uma juvenil reencarnação de Herculano, rebuscando, em passa tempo predilecto, os poeirentos archivos do reino. Um rei bibliothecario. Já cá nos tardava isso ! Mas o jornalista com subtileza comprehende a necessidade de rehabilitar perante o leitor esse rei juvenil de quem a sua phantasia não hesitou em fazer um archivista e, sem ceremonia, com o engenho de um comediographo, descreve o seguinte episodio, que constitue o *clou* do seu artigo :

« Pouco tempo depois da sua subida ao throno, o rei de Portugal passeava a pé por Lisboa. Uma florista, reconhecendo-o, atira-lhe todas as flôres do seu cabaz.

« Então, resolutamente, rompendo o cordão de soldados que o preservava do contacto da multidão, o rei avança para a florista e beija-lhe galantemente a mão.

— « Que imprudencia ! — murmuram os dignitarios, mal recobrados do medo.

— « Mais vale ser imprudente que descortez — responde o joven rei. — Por acaso

esqueceis que descendo de Henrique IV de França? »

Não; creia o jornalista francês que ninguem em Portugal e muito menos os dignitarios da côrte esquecem que el-rei é o vago e longinquo descendente do heroico e galante Henrique IV.

Mas d'aqui lhe asseguramos tambem, reprimindo o riso, que a sua anecdota é tão pueril como absurda. Os reis que invocam a sua descendencia de Henrique IV para beijar a mão ás floristas de Lisboa, não são reis d'este paiz. São reis de libreto de opera-comica.

Naturalmente, ao collaborador das « Lectures pour Tous » não aproveitará a nossa respeitosa correcção ao seu capitulo de historia, porque as linhas d'esta carta timorata não reflectirão nos seus oculos sapientes.

E d'ahi, quem sabe? Não acabamos nós de lêr, com commovida admiração, no « Figaro » do dia 29 de novembro, a nossa escripta modesta traduzida na lingua universal de França e assignada benevolamente pelo grande nome litterario da escriptora, por tantos titulos illustre, que se chama Jane Dieulafoy?

E' ainda um artigo sobre el-rei e quasi receamos qualifical-o de excellente, pelo despretencioso motivo de que esse artigo, assi-

gnado pela esposa do célebre archeologo Dieulafoy, é nosso. Nosso no conceito e na fórma, na adjectivação e no tempo dos verbos, com as unicas variantes essenciaes de syntaxe... Seriamos ingratos se aqui não deixassemos consignada a homenagem, embora humilde, da nossa gratidão á escriptora eminente que não hesitou em substituir ao nosso nome obscuro a gloria do seu nome, apossando-se das expressões balbuciantes de um chronista ignorado e adoptando-as com a fidelidade da mais escrupulosa traductora...

E ha quem depois d'isto se aventura a contestar que, se ha leitura que pelo imprevisto tenha o poder de interessar o leitor mais exigente de impressões raras, essa é, com certeza, a dos artigos que a imprensa estrangeira de longe a longe publica sobre o fabuloso paiz de Portugal?

Como esclarecimento áquelles a quem não chega o tempo para folhear diariamente os jornaes *bem informados* da Europa, devemos acrescentar que a França mantém o *record* do absurdo em tudo quanto nos diz respeito. Não foi um jornal francês que ha quatro dias, com a gravidade de um velho diplomata, annunciava o casamento do rei de Portugal com a princesa Victoria de Battenberg... casada com o filho do rei Jorge da Grecia?

Casamento... Casamento... Hum! « Quem quer casar com a carochinha?... »

1910

30 de Janeiro.

O Cometa de Drake.

Cinco e meia da tarde. Apenas uma vaga claridade diurna impede ainda a transformação da penumbra em noite densa. O vento norte vareja os altos eucalyptos do parque de Palhavã. Já se accendem os candieiros.

No crepusculo, o palacio de snr. Henrique Monteiro de Mendonça — onde na proxima sexta feira se vão reunir, no unico grande baile de mascaras d'este Entrudo, todas as alegrias de Lisboa — parece engrandecer-se, elevando entre as cinzas do poente a sua immensa fachada de alvenaria clara.

O lume precursor de Venus accende-se no horisonte. E de repente, na penumbra mais espessa, á direita do planeta, uma estrella surge, fulgurando, espalhando no céu um rasto de luz ainda tenue. E' o cometa de Drake.

Vertiginosamente, á medida que a noite fecha a sua pesada palpebra sobre as ultimas claridades solares, a estrella caminheira distende pelo firmamento a sua cauda transpa-

rente de luz; e ao passo que o scintillante nucleo desce na linha do horisonte, a projecção luminosa ascende, alarga, como o jacto electrico de um holophote, adornando o planispherio com um astro novo, que nunca mais, talvez, olhos humanos verão.

Anno de tempestades, anno de calamidades, anno de revoluções, anno de guerras: anno de cometas! Já ninguem impedirá que a imaginação popular associe aos desastres da terra o phenomeno celeste.

A annunciar a chegada do cometa mysterioso, as aguas pluviaes desabam copiosas, engrossando as correntes dos rios, alagando os campos, submergindo os caes, inundando as cidades, arrastando os navios, semeando a ruina. Meio Portugal foi devastado pelas cheias.

Pariz está bloqueado pelas aguas. Os gêlos descem das regiões polares, boiam no Atlantico como alvas montanhas errando ao capricho das ondas.

Anno de cometas: anno de cataclismos e miseria! E as almas supersticiosas, avistando no céu a fita luminosa do cometa de Drake, anciosamente aguardam a chegada do outro, que vem perto e de que este apenas é o precursor inesperado.

Com uma velocidade de 156:000 kilome-

tros á hora, desenrolando pelo firmamento, n'uma área de milhões de kilometros, a sua cabelleira luminosa, o cometa de Halley precipita-se para o sol, na sua periodica revolução sideral, e já os grandes telescopios acompanham na sua marcha velocissima para o perihelio a estrella errante, cuja deslumbrante apparição o homem nunca viu sem intenso terror, attribuindo á sua influencia sinistra as violencias, as revoltas e as catastrophes...

Que admira que o homem das cavernas tenha elevado para os céus o olhar atemorisado, ao vêr surgir, por uma noite silente das primeiras idades, entre a pulverisação luminosa das estrellas e o lume ardente dos astros, o estranho meteoro? Que admira que mais tarde os guerreiros barbaros de Attila — o « Flagello de Deus » — ao avançarem sobre os guerreiros germanicos, romanos e gaulezes nos Campos Catalaunicos, tremessem ao avistar, como um signal divino, a cauda luminosa do cometa? Que admira que 600 annos mais tarde os normandos de Guilherme o « Bastardo », desembarcados nas costas de Sussex, enchessem a planicie de Hastings com as suas resas na vespera da batalha, contemplando com supersticiosa fé o signal miraculoso, que enchia de claridade o firmamento?

Mas para admirar é que o homem do seculo XX, o semi-deus que mediu as orbitas elipticas e parabolicas dos cometas, que analysou as suas luzes, que decompôz ao espectroscopio os seus elementos, que calculou as suas velocidades, se submetta ainda ao panico infantil que acobardou a valentia indomavel dos hunos e que fazia ulular de terror, nas suas furnas, o homem primitivo.

E, comtudo, o inverosimil assombro, eil-o a propagar-se, com a virulencia epidemica do medo; e a exploral-o vêde os milhares de pennas que activamente, nos jornaes dos quatro continentes, escrevem os empolgantes capitulos do sensacional romance-folhetim que tem por titulo « O fim do mundo pelo cometa de Halley ! »

E' já difficil, a estas horas, fazer desvanecer nos espiritos impressionaveis a perplexidade perante o cataclismo annunciado. Não são poucos os que, embora incredulos sobre a phantasista collisão do planeta com a estrella vagabunda, admittem a possibilidade de ser a terra envolvida na nebulosa de um cometa, que nos seus gazes hydrocarbonatados, accendidos pelo calor solar ou pela electricidade, asphyxiariam toda a creação, destruindo de subito o formigueiro humano, que ha millenarios, sobre a crosta debil da

terra, anda infatigavelmente construindo a orgulhosa torre da Sabedoria, que de seculo para seculo, n'um gigantesco esforço, a aproxima mais da Divindade.

O problema, que os astronomos procuram antecipadamente resolver, resume-se em averiguar se a cauda cometaria ultrapassará em extensão os vinte e seis milhões de kilometros que separam do nosso planeta, no ponto de maxima aproximação da sua marcha, o cometa de Halley, e se os elementos gazosos ou de simples irradiação solar que constituem o appendice luminoso pódem, envolvendo a terra, alterar por tal fórma a composição atmospherica, que d'essa alteração resulte o fim da humanidade pela asphyxia ou o envenenamento pelos gazes hilariantes, obtidos pela absorpção do azote.

Estas derradeiras hypotheses entram já, porém, nos dominios imaginativos dos romancistas á Julio Verne, e o proprio Flammarion, que é o mais romanesco dos astronomos e o mais sabio dos novelistas, desenganou as espectativas dramaticas dos que ensaiavam espalhar o annuncio criminoso do cataclismo eminente.

Não; o cometa de Halley, que a 18 de maio, na sua marcha regressiva, passará a cinco milhões e duzentas mil léguas da terra, vai

apenas illuminar com mais intensa claridade as noites amenas da primavera; e nenhum astronomo, ao vêl-o caminhar como um asteroide minusculo nas profundidades do firmamento, entre os turbilhões resplandecentes dos mundos, tem medo da sua fulgurante cauda de holophote, cuja fluida nebulosa não intercepta sequer á pupilla vigilante dos telescopios a luz indecisa das mais remotas estrellas.

E' quasi certo que a terra, dentro de quatro mezes, atravessará a nebulosa cometaria, como um obuz atravessa um nevoeiro.

Mas o phenomeno não será, ao que parece, inédito, pois segundo os calculos e observações de Liais, confirmadas por grande numero de astronomos, o nosso planeta e o seu satellite passaram ás seis horas da manhã de 1861 através da cauda transparente de um cometa, sem que se houvesse constatado mais do que uma ligeira aurora boreal; e é fóra de toda a duvida que o cometa de Lexell passou em 1769 e 1779 a cento e cincoenta mil leguas apenas de Jupiter, sem que o grande planeta ou algum dos seus satellites levemente soffressem com a sua passagem através da cauda luminosa projectada no espaço pelo incandescente nucleo cometario.

D'esses factos parece resultar que a ate-

morisada *traine* do cometa de Halley, que ameaça varrer a atmosphera da terra, é immaterial, não passando de um simples clarão.

Mas supponhamos por um momento que o panico invadia os observatorios astronomicos; que os calculos de todos os observadores do céu constatavam a imminencia de uma collisão sideral entre o cometa e a terra. A communicação seria confidencialmente dirigida ao respectivo governo pelo observatorio que primeiro tivesse obtido a previsão da tremenda, irremediavel catastrophe.

Admittamos, de hypothese em hypothese, que esse observatorio era o de Heidelberg, d'onde a 10 de outubro passado, o astronomo Max Wolf avistou o cometa de Halley em decima quarta grandeza e meia, antes de todos os outros observatorios o terem presentido. Logo o ministerio, presidido pelo imperador, se reuniria na sala dos conselhos do palacio de Potsdam, a fim de discutir as providencias a tomar. Estariam presentes ao magno concilio os mais notaveis astronomos da Allemanha, convocados por telegrammas expedidos pelo proprio imperador. N'um grave discurso, pacientemente preparado — pois que, com as suas palavras, iria porventura fechar-se a historia da humanidade! — Guilherme II deixaria entrevêr a esperança n'um

erro de calculo, cuja verificação annullaria a sentença temerosa.

Mas logo, levantando-se a convite do imperador, o director de Observatorio de Berlim desvaneceria as esperanças do soberano. O cometa avançava, com a velocidade de 2.600:000 kilometros por dia, sobre a terra e, a menos que se não désse uma improvavel variante no itinerario do gigantesco astro vagabundo, o seu nucleo incandescente envolveria o planeta... Então, aquelles homens, aquelles moribundos, que tinham apenas poucos mezes de vida, entreolhar-se-iam emmudecidos de terror, comprehendendo a inefficacia de todos os recursos da sciencia e da força para desviar da sua orbita aquelle mundo cego, que se precipitava sobre a terra, espalhando por milhões de kilometros a sua cauda flammejante.

O conselho seria levantado sobre a unica resolução de participar a todos os governos a espantosa noticia, occultando-a ás populações. Mas já os grandes equatoriaes revelavam aos astronomos estupefactos o phenomeno terrivel; e apesar dos governos fazerem vigiar pela policia e pelas tropas os observatorios, tentando assim impedir a divulgação do terrivel annuncio, a verdade transpira, diffunde-se, n'um murmurio que

velozmente enche o mundo inteiro, apesar do silencio da imprensa, dos desmentidos officiaes, das declarações solemnes dos governos. Os observatorios são assaltados pelo povo. Os soldados, mandados a reprimir os amotinadores, arremessam as armas no desvario do mesmo panico irreprimivel que enche as cidades e que destroe subitamente todas as noções sociaes da disciplina e da ordem. Ameaçados, os astronomos confirmam a verdade pavorosa; e a humanidade, igualada pela universal sentença, na visão do holocausto commum, no collectivo desespero contra o aniquillamento inevitavel, subitamente retrocede á barbaria...

Mas para que gastar imaginação nos prognosticos do successo inverosimil? Emquanto a *aigrette* luminosa do cometa de Drake, como um satellite annunciador do cometa de Halley, todas as tardes, á hora em que Venus se accende na penumbra mortiça do poente, risca o céu com a sua luz doirada, Lisboa discute as récitas de Carnaval, com a «Viuva Alegre », em S. Carlos, e as costureiras, debruçadas sobre as Singer, acabam os vestidos cujas caudas de sêda e tulle, mais perigosas do que as caudas luminosas dos cometas, varrerão os *parquets* da sala Imperio e do salão Luiz XVI, durante o baile de sexta-

feira, no palacio do snr. Henrique Monteiro de Mendonça...

* * *

20 de Fevereiro.

O ultimo carnaval da Monarchia.

Quando madame Catulle Mendés, tão elegantemente vestida por Paquin, veio a Lisboa fallar da velha canção francêsa, um grande e espirituoso artista — o snr. Ramalho Ortigão — vendo a somnolenta fadiga em que cahia a seu lado um espectador seu amigo, quasi adormecido pelo accorde monotono da dôce voz pariziense, que parecia um incessante fio de agua cahindo de uma pequenina gargula côr de rosa, observou com ironica gentileza :

— Era de justiça offerecer a esta senhora uma *corbeille* de virgulas e pontos finaes...

Ao semsaborão Entrudo lisboeta, como á capitosa pariziense, tão deliciosamente penteada á Sapho e tão maravilhosamente vestida pelo grande costureiro da *rue de la Paix*, era conveniente que se offerecesse uma *corbeille* de espirito, onde mãos amigas disfarçassem um manual de civilidade.

Ha quantos annos este velho entrudo de

Lisboa, sem inventiva e sem graça, cumpre o seu programma inalteravel, sahe á rua com os seus *chéchés* nauseabundos, as suas cégadas sordidas, os seus janotas insolentes, os seus tremoços, as suas *cocottes* de areia e as suas tradicionaes obscenidades ! D'esta vez, como sempre, uma multidão excitada pelo tumulto das vozes e do rodar dos trens acotovelou-se na ingreme ladeira do Chiado, cumprindo o annual fadario de contemplar os duellos do « Turff » e do « Tauromachico » : as duas instituições do janotismo fidalgo, que tão ciosamente mantéem as tradições do Carnaval miguelista através da rhetorica invasão da democracia. Como de costume, os dois clubs da alta ronda fizeram com insolencia corajosa a sua obrigação e foram autoados. Das suas varandas inaccessiveis demoliram-se duzias de chapéus e contundiram-se duzias de cidadãos. N'um desvairado desafio aos seus excessos elegantes, um jocoso anonymo deitou fogo a um carro adornado de algodão em rama, que ardeu como um *punch*, enleando em serpentinas de labaredas e polvilhando de *confetti* ardentes dez mulheres aterradas.

A pouco mais se reduziu este anno o noticiario do Carnaval das ruas. Houve, porém, quem lhe abrisse, condoído da sua miseria, as portas de casa; e com certeza nenhuma

o hospedou com mais magnificencia do que o palacio do snr. Henrique Monteiro de Mendonça, que a estas horas matinaes eu vejo da minha janella, voltado ao sol, que o acaricia e doira, desde as arcarias da varanda ás escadarias amplas do *hall.*

Ás onze horas da noite de sexta-feira Magra, as carruagens e os automoveis contornavam o parque Eduardo VII pela avenida Antonio Augusto de Aguiar, passavam os arvoredos da quinta de Palhavã, por onde passeavam ha dois seculos os bastardos de D. João V, subiam a rua Marquez da Fronteira, até que, nas sombras densas da noite, o claro palacio surge, edificado n'uma breve eminencia, entre o seu parque enorme, rescendente a violetas. Como nas ruas de uma cidade de luxo, os trens o as *limousines* circulam á vontade nas áleas areadas, n'um abafado rumôr de penumaticos sobre o macadam cylindrado, e disciplinadamente, como n'uma scena theatral pacientemente marcada e ensaiada, os automoveis e as carruagens enfiam pelo atrio. A mão ligeira de um porteiro abre as portinholas; pés calçados de setim, de lhama de ouro e prata descem os estribos, e as luzes electricas do vestibulo illuminam os vultos lépidos, agazalhados em velludos e pelles, que arregaçam as caudas dos vestidos

e desapparecem entre as palmeiras e as tapeçarias do vestiario.

Depois, na escada, adornada com alluviões de camelias, como uma sébe florida, desprendidas dos casulos das *sorties*, as mulheres deixam arrastar nos degráus, como pavões multicôres, as caudas claras dos vestidos. Um sexteto toca na tribuna do *hall* a valsa da « Viuva Alegre ». O rumorejo das sêdas, o borborinho das conversas, os gorgeios dos risos parecem, associados aos accordes das rabecas, do violoncello e do piano, um côro produzido pela vibração de azas de mil insectos, que invisivelmente esvoaçassem em redor das lampadas electricas dos lustres. E na atmosphera luminosa, por onde andam já os perfumes de cem mulheres, combinando-se n'um só aroma, os pares deslisam, enlaçados, n'esse rythmico e musical idyllio que é a valsa.

O baile é, sem duvida, a suprema expressão da belleza e da graça, entre todas as fórmas cultuaes da convivencia humana. Mas o baile exige, para assumir a ornamental grandeza de uma solemnidade mundana, os scenarios sumptuosos que raras casas de Lisboa pódem hoje emprestar-lhe, sem fallar nos dispendiosos accessorios que constituem a sua ostentosa lithurgia. E foi em scenarios es-

plendidos que as convidadas da snr.ª D. Carolina de Mendonça podéram passear, ao clarão dos lustres, sobre os *parquets* encerados, os seus vestidos de baile.

A inauguração das salas do palacio do snr. Henrique Monteiro de Mendonça, com a *soirée* do dia 4, constituiu a mais bella festa d'este entrudo. Pelas suas proporções, o palacio da rua do Marquez da Fronteira, que é um dos magnificos edificios da Lisboa moderna, presta-se como nenhum outro para as reuniões ornamentaes e movimentadas das grandes recepções nocturnas.

Com o serem vastas, as lindas salas não perdem, na sábia disposição que lhes deu o architecto Ventura Terra e pela sciencia decorativa com que as revestiu o gôsto dos seus donos, essa atmosphera de conforto e de vida que é tão difficil manter nos convencionaes salões de dansa.

Entre o grande *hall*, em estylo inglês, com altos *lambris* de madeiras africanas, coroado pela escadaria, e o jardim de inverno, decorado como uma immensa estufa com umbellas de fetos e palmeiras, sob cujas ramagens e palmas verdes, em redor das mesas antigas cobertas de preciosidades, poltronas confortaveis do Maple alternam com canapés e cadeiras de verga colorida, — as tres salas

Luiz XV, Luiz XVI e Imperio parecem tres reconstituições eruditas de museu, a primeira com os seus espelhos fulgurantes e os seus estuques doirados de *bonbonnière*, a segunda revestida de sêda azul no estylo chamado « Princeza de Lamballe », a terceira com a austeridade classica de um aposento imperial de Fontainebleau.

N'esse scenario, entre as perspectivas desdobradas nos espelhos, onde se misturavam sombras frescas de jardim e tectos de *rocaille*, o olhar abrangia em relances de cyclorama o perpassar dos vultos coloridos das mulheres, de cabeças empoadas, de cabeças emplumadas, de cabeças enleadas de galões de ouro e prata; figuras do seculo XVIII extraviadas entre as casacas negras do seculo XX; uma graciosa e pequenina sécia do reinado de D. Maria I escapulindo-se, com as suas turgidas anquinhas e os seus brincos de diamantes, através das tres salas, como através de todo um seculo; uma ondina do Rheno passando como um metéoro, com os seus véus azues que as luzes inflammam em tons de luar, e a cuja esbelta elegancia vai bem o diadema que lhe cinge a airosa cabeça e a faz — como se chama Regina — duas vezes rainha...

N'este baile de entrudo não havia uma mascara, além das mascaras subtis e quasi im-

ponderaveis do pó de arroz. Foi debalde que os grupos gárrulos de dominós intercederam para que se abrissem as portas ás suas vozes enygmaticas e ás suas intrigas indiscretas. Demais, as mascaras, tirante as que andaram na via-sacra nocturna das *soirées*, e que de anno para anno em maior numero invadem as casas em ensurdecedores enxames, quasi desappareceram do carnaval lisboeta. Dir-se-hia que já não ha namorados nem intrigas de amor. A mascara do amoroso foi parar ás mãos do conspirador. Este anno, os *costumiers* tiveram um concorrente no juizo de instrucção criminal. As mascaras das associações secretas intimidaram as mascaras dos bailes publicos.

Não se infira, porém, que á decadencia da mascara corresponde a decadencia do entrudo. A mascara já não era mais do que a etiqueta convencional de uma *kermesse* delirante e impudica. Arrancaram-lhe a mascara, mas o entrudo ficou. Nunca como agora uma maior multidão enxameou as ruas durante as tres noites de carnaval. Os theatros fecharam quasi de madrugada e os primeiros electricos matinaes levaram para casa, em quarta-feira de Cinza, os ultimos noctivagos. Tendo principiado por ser a festa galante dos ricos, o entrudo acaba por ser a

festa orgiaca do povo. Por isso, a mascara é já um accessorio inutil. O povo é por sua condição anonymo. Não precisa disfarçar-se. Ninguem repara n'elle. Cada individuo é apenas a parcella de uma somma colossal: a multidão. Ha cincoenta annos, o entrudo era uma nova estação para as modistas. Hoje é quasi apenas o S. Miguel das tabernas e das hospedarias. O entrudo tornou-se para os opprimidos a festa annual do desvario e da desforra. E é a satyriase dos humildes que propaga á cidade, desde o accender das luzes, a aphrodisiaca animação que a enche de rumor até de madrugada, n'uma amorosa e excitada vigilia.

Moralmente, o carnaval corresponde ás funcções physiologicas de um drastico. Abre á reprimida brutalidade humana as valvulas providenciaes de uma anarchia inoffensiva, regulada pelos editaes da policia. Nas noites do entrudo, o Rocio é um terreiro de Anvers — a menos o pittoresco — que está a reclamar um Teniers, e por onde o diabo consoladamente passeia, esfregando as suas longas mãos de unhas ponteagudas.

O entrudo dos ricos, esse sim, que decahe, n'um retrahimento cada vez mais sensivel, e já o não salvam da sua agonia mortal esses *petits comités* de dominós, que se entretêem

ás noites em intrigas familiares, n'um escarcéu de bonifrates.

O entrudo foi uma das grandes festas do romantismo. Mas o romantismo, com as suas elegancias mundanas, a sua sociabilidade intensa, a sua prodigalidade dissipadora, o seu verniz litterario, o seu espirito gracioso e os seus idyllios sentimentaes, acabou. A paixão e a graça eram as musas d'esse entrudo luxuoso, para que a marqueza de Vianna tinha um guarda-roupa cheio de dominós de brocado e de damasco.

A traça arruinou os lindos dominós que occultaram nos grandes bailes da regeneração e do cabralismo essas lisboetas espirituosas, que foram a maior gloria do reinado de D. Maria II.

Se fosse possivel resuscitar dos seus armoriados jazigos dos Prazeres uma d'essas frequentadoras dos bailes de mascaras do Farrobo e leval-a a assistir ao baile de terça-feira gorda, em S. Carlos, ella adormeceria certamente de aborrecimento e antes da uma hora mandaria chamar a sua sége para recolher de novo cam a sua mortalha ao seu jazigo.

Esse baile funebre de terça-feira gorda, qual dos estroinas janotas de 1850 o visionaria assim — elles que o tinham dansado até

ás luzes da aurora com as damas da rainha e o haviam restaurado n'uma atordoadora aventura romantica, fechando-o, como uma festa particular, aos adventicios e aos semsaborões!

Na sala immensa, uma multidão aborrecida caminhava. A orchestra tocava no corêto do palco valsas que só as bailarinas dansavam, somnolentas, como peccadoras sem fé cumprindo penitencias. Raros dominós, dando o braço a mulheres suspeitas, com *antefaces* de velludo preto e *mantons* de Manilla, pareciam comparsas alugados a preço modico para dar uma nota pittoresca de carnaval a uma verbena sem animação.

Aos poucos, os camarotes iam-se despovoando.

Mas, de repente, á porta de entrada, sob a tribuna real, fechada como um immenso sacrario pelas pesadas cortinas de damasco côr de pérola, um roseo dominó assome, olhando a sala com vivos olhos azues, que resplandecem, como animadas joias, na mascara côr de rosa. E por entre a farça carnavalesca, na semsaboria funebre do baile, o roseo vulto avança, silencioso e esbelto, com o fascinador prestigio do mysterio, espalhando em volta um aroma de flôr.

Dominó côr de rosa, quem quer que tu sejas,

passaste através de tanta banalidade, de tanta fealdade, como sempre passam na vida as coisas bellas : mysteriosamente, fugazmente, como essas luzes extraviadas no céu, que a atmosphera accende na sua descida vertiginosa do ether e que logo se apagam á visinhança da terra. Deve ser feliz aquelle para quem calçaste os teus rosados pés, como a rainha da fabula, em doirados sapatos; para quem te envolveste, como um segredo precioso, em refulgente sêda; para quem guardaste, por detraz da mascara , como um clarão de aurora, os beijos da tua bôcca, a frescura perfumada da tua pelle e a luz carinhosa dos teus olhos. E quando mesmo não haja no teu coração feminino, mais do que a idolatria de ti propria, e que só para adorno da tua belleza e como tributo á tua esplendida vaidade te tenhas assim embalsamado de aromas, calçado de oiro e vestido de sêdas, tu foste, na tua sumptuosidade de idolo, na tua magnificencia de divindade, atravéz de tanta vulgaridade, a Belleza que passava; e tanto basta para que os meus olhos saudosos te não esqueçam e te revejam ainda, com o teu dominó resplandecente, vestida de luz da aurora, como um faisão passeando a sua aurea e maravilhosa plumagem entre a *basse-cour* d'aquelle baile, onde um *chantecler* sem

ideal e sem poesia apenas sabia entoar, no poleiro vermelho de uma frisa, como pregão de victoria, a palavra torpe de Cambronne!

* * *

3 d'Abril.

O incidente protocollar das Côrtes.

O incidente protocollar das côrtes, no dia do juramento solemne do herdeiro presumptivo, tão depressa banido das discussões jornalisticas n'uma terra em que tanto escasseiam os assumptos capazes de provocar em pennas exercitadas de jornalistas essa scintillancia de commentarios que constitue a gloria e a fortuna da imprensa pariziense, bem merece referencia n'estas frivolas memorias da vida de Lisboa. Em pleno seculo XVIII, os conflictos da etiqueta eram acontecimentos que os legistas examinavam com a attenção com que os astronomos hoje observam a mechanica celeste, que os poetas satyricos immortalisavam em odes, acrosticos e sonetos, e de que os salões se apoderavam em interminaveis conversas onde resplandecia essa subtil casuistica, armada de espirituosas ironias, em que era fertil a ociosidade mundana de uma sociedade que ele-

vára a conversação á dignidade de uma arte.

Trinta annos depois de extincto o grande seculo das ideias fecundas e dos amores estereis, em que tão intensamente viveram os corações e os cerebros, no momento em que a platonica miragem da realeza dos povos succedia ao desenlace da omnipotencia dos reis, o incidente parlamentar do juramento teria ainda provocado caudaes de eloquencia e afogueado os tribunos da democracia victoriosa. Hoje, n'uma éra de utilitarismo sceptico, essa questão de hyssope não logrou sequer impressionar as multidões indifferentes, e se houve alguns fidalgos e alguns deputados que a discutiram, todos sabem o pouco que têem que fazer em Portugal os legisladores e os cortezãos, para perceberem que essa discussão foi mais propriamente um passatempo.

Sabe-se no que consistiu o incidente protocollar das côrtes. O snr. conde de Penha Garcia, grande do reino pelo seu titulo, ministro de Estado honorario e presidente da camara dos deputados, pretendeu reivindicar para o poder legislativo, no palacio dos eleitos do povo, a prerogativa de acompanhar o soberano até á sala das sessões, com prioridade de gerarchia á sua comitiva e mais personagens palatinas.

Organisado o cortejo real, a deputação eleita pelas duas camaras acompanhou o monarcha, substituindo-se ao seu sequito. Debalde o snr. conde de Tarouca, que na ausencia do snr. conde de Figueiró empunhava o bastão branco de mestre de ceremonias, tentou fazer acompanhar o monarcha dos seus officiaes-móres, convidando a deputação parlamentar a preceder o cortejo real. Inflexivel, o presidente da camara dos deputados manteve-se á esquerda do rei, que estacára indeciso, immobilisado pela surpreza da reivindicação inesperada, talvez melindrado pela lição de direito politico que á sua côrte estava sendo infligida na sua presença, — e forçoso foi que o monarcha, hospede do parlamento, transigisse, ordenando que a côrte avançasse.

Teve razão o presidente da camara? Uns o affirmam com o argumento de que o rei, em ceremonias de significação politica como aquella e sendo na mechanica do Estado o depositario do poder moderador, não póde sem desaire deixar prevalecer sobre o poder legislativo a sua côrte, que não possue funcções politicas arbitradas pela Constituição. Outros o negam, contestando a soberba da dialectica liberal, com o argumento de que a côrte é apanagio da realeza e que divorcial-a do

monarcha outra coisa não é senão attentar contra as regalias legaes do soberano e exercer uma interferencia illegitima em questões privativas do ceremonial e da praxe.

Parece, porém, averiguado que o presidente da camara, insuspeito de radicalismo, conformou o seu procedimento com a tradição, restaurando uma regalia abandonada e que desde D. João VI as côrtes populares haviam reclamado da monarchia sem contestação do soberano, fundando-se ainda no ritual parlamentar de Inglaterra, onde o rei, nas suas visitas officiaes a Westminster, para a abertura solemne do parlamento, se faz exclusivamente acompanhar pelos communs e pelos lords. Mas quer prevaleça ou não a reivindicação do snr. conde de Penha Garcia, ella significou a tentativa, embora incomprehendida, de reformar e corregir a indisciplina hierarchica a que, desde ha muito, por motivos que seria tédioso enumerar, se acham submettidas as relações entre o paço e a politica, como uma sobrevivencia obsoleta dos orgulhosos conflictos entre a nobreza de espada e a nobreza de toga. São por demais conhecidas as rivalidades de proeminencia e as luctas de antecamara que por todo o reinado de D. Maria II se urdiram no paço, motivadas pelo accesso dos politicos ás digni-

dades palatinas. Houve mesmo um instante em que a nobreza receou vêr-se esbulhada dos seus tradicionaes direitos, perante a arrogancia ambiciosa dos democratas, nobilitados pelo liberalismo. Mas, para salvaguarda da fidalguia, o melhor da nobreza estava a esse tempo intimamente envolvido na politica, e a aristocracia liberal dos Loulé, Saldanha, Sabugosa, Sá da Bandeira e tantos mais, se por um lado temperou os ciumes dos demagogos, por outro lado amparou as prerogativas ameaçadas das grandes familias da côrte, cujo poder artificial a democracia destruira.

As desavenças ciumentas entre os fidalgos e os politicos constituiram no inicio de todos os regimens liberaes fundados sobre as ruinas dos regimens absolutos uma causa de perturbação incorragivel, que em Portugal teve o seu episodio mais dramatico na audiencia concedida por D. Maria II a Passos Manuel no paço de Belem, cercado este pela guarda nacional e pelo povo amotinado. N'essa hora theatral, a democracia soube revestir-se de magestade. A fé vehemente do tribuno portuense resgatou em gestos de nobre belleza, perante a vergonha da côrte, todos os delictos da demagogia. Mas não tardou que essa democracia inflexivel se corrompesse até

cahir nos excessos ridiculos das pretensões aristocratas.

Desde esse dia, a etiqueta tornou-se embaraçosa. As ambições dos politicos em ascenderem aos titulos nobiliarchicos revogavam as suas reivindicações á supremacia das funcções politicas sobre os direitos da nobreza hereditaria. Essa aspiração fátua equivalía ao reconhecimento solemne d'essa mesma aristocracia, cujos privilegios elles tinham pretendido annullar. Não se limitava a justifical-os. Restaurava-os. A confusão das hierarchias tornava-se desde essa hora inevitavel. O conflicto de vaidades aggravava-se, perpetuava-se, radicava-se.

D'esse estado de incerteza na apreciação das gerarchias faz fé a anecdota espirituosa que o tempo deixou esquecer e que nos parece opportuno resuscitar, e de que são protagonistas o duque de Loulé e o duque de Avila, então ainda apenas marquez. E' um pequeno acto de comedia, cuja acção se passa em Pariz, por occasião da primeira exposição universal do imperio.

O marquez de Avila, conselheiro de Estado e delegado official do governo á grande exposição com que a França consagrava a prosperidade ephemέra do reinado de Napolão III, fôra convidado para jantar em casa de uma

nobre familia portuguêsa, então domiciliada em Pariz, n'um voluntario exilio. Para o mesmo jantar recebera convite o duque de Loulé; e a dona da casa, hesitando a qual dos dois dar o logar de honra, acabou por sentar á sua direita o duque, genro de um rei de Portugal, reservando a esquerda ao plebeu que o liberalismo fizera marquez.

O jantar foi excellente, servido com o ceremonioso fausto que o terceiro imperio restaurára com o exemplo dos famosos banquetes das Tulherias. Nem de leve, emquanto os escudeiros de casaca agaloada serviram nas travessas de prata os salmões côr de rosa, os faisões trufados e os *chaud-froid à la Morny*, o marquez de Avila deixou trahir o intimo despeito, que tanto lhe azedava a digestão das requintadas iguarias.

Mas logo que, servido o café nos salões, pôde acercar-se a sós da dona da casa, o politico, que ruminára entre o Bordeus e o Champagne a sua polida censura, observou com o melhor dos seus sorrisos que o jantar fôra esplendido e só o penalisava vêr esquecidas n'uma tão nobre casa portuguêsa as regras protocollares, que lhe asseguravam pelo seu titulo de conselheiro de Estado a proeminencia sobre o duque de Loulé.

— Desculpe V. Ex^cia^, minha senhora, esta

pequena lição de etiqueta, mas os conselheiros de Estado têem na nossa terra, depois de mortos, honras de principe!...

E já o marquez de Avila sentia consolado o seu despeito vaidoso com a reprimenda, quando, sorridente e inspirada, deixando cahir sobre a sua saia de balão as mãos luminosas de anneis, a fidalga responde, attenciosissimamente :

— Perdão, marquez, mas os meus criados estavam prevenidos para que no caso em que V. Ex[cia]. morresse durante o jantar fosse immediatamente transferido para a minha direita, como um principe!

Quarenta annos mais tarde, uma parenta d'essa mulher espirituosa foi menos feliz ao dirigir-se, depois de um banquete na Ajuda, a um ministro que se permittira a liberdade de sentar-se quando as damas da côrte ainda permaneciam de pé, pois que o politico respondia ao reparo com esta fulminante impertinencia :

— V. Ex[cia]. é criada da rainha; eu sou convidado do rei...

1911

O hiate "Amelia". Todas as manhãs, ao abrir para o sol que nasce as janellas do meu gabinete de trabalho, os meus olhos se dêmoram a contemplar o colorido scenario que se desdobra desde o rio — onde a madrugada vae acordando do somno da noite os vapores das carreiras do Seixal e de Cacilhas e levantando sobre as aguas as palpebras brancas das vélas, — até aos cómoros do castello de S. Jorge, onde as brisas matinaes do outomno fazem palpitar o panno verde e vermelho da nova bandeira sobre um céu enevoado, que ainda conserva as côres azul e branca da bandeira antiga. A principiar no pequeno jardim, com a sua nespereira anã, de parque japonez, abrigando um canteiro de açucenas e nardos, que evaporam dos calices carnudos os seus arômas dôces, as ruazinhas empedradas de basalto e a sua cascata encastoada de buzios, de vieiras, conchas e caramujos, quantos bastidores e repregos no polycromo scenario theatral, de multiplicadas perspectivas, que envolve o horizonte n'um panorama de colossal presepio até aos coruchéus brancos de S. Vicente, em cuja crypta

dorme, já corrompido pela sanie, sobre o catafalco de velludo negro, no seu sarcofago de tampo de crystal, que as emanações cadavericas embaciaram, debaixo de um enorme docel de flôres murchas, o assassinado de fevereiro!

Por detrás dos terraços do antigo palacio do barão de Quintella, onde Junot instalou a sua côrte marcial, avista-se o frontão do theatro da Republica — antigo D. Amelia — edificado nos terrenos em que os duques de Bragança tiveram os seus paços citadinos e onde o velho nome — já velho! — desapparece pudicamente velado por uma larga tira de panno a que o sol e as chuvas de onze mezes desbotaram as côres dos labaros triumphaes da Revolução. Depois, em mais longinquo plano, sobrepostas aos telhados pombalinos da Baixa, apontam as duas torres da Sé : a da direita ainda envolta em andaimes, com a bandeira republicana acenando ao vento; a da esquerda, já coroada pelo funil hexagonal da restauração romanica, dominada pelo anjo enorme do catavento, cujas azas abertas em vôo se recortam, movediças, nos clarões roseos da aurora.

Mas diante d'este scenario pictural, não sei porque fascinação irresistivel e todos os dias renovada os meus olhos pousam de prefe-

rencia, se immobilisam e longamente contemplam o vulto airoso e branco do *Amelia*, ancorado em frente do Terreiro do Paço, e que entre os escuros cruzadores parece um prisioneiro.

Infamado por uma licenciosa lenda de que o não redimiu a dramatica viagem a Gibraltar, dir-se-ia, quando as marés docemente agitam a sua silhueta feminil, que elle se esforça por escapulir-se do captiveiro, insociavel no meio d'aquelles navios republicanos cuja vigilancia o affronta e intimida...

Construiram-no para sêr uma mansão fluctuante de prazer e de luxo, ostentando nos topes as orgulhosas insignias dos clubs aristocraticos da ilha de Wight, para vogar em Cowes e no Mediterraneo, em excursões de recreio e paradas de *sport*.

Um dia, nos seus mastros finos, içaram as vermelhas flamulas reaes de um soberano, trouxeram-no para um grande rio reluzente de sol, e para o vaidoso hiate, baptisado com o nome de uma rainha, começou uma existencia nova, de ruidosa gloria e de pequena fadiga. O seu nome foi inscripto no orçamento de um Estado; discutiram-no no parlamento; occuparam-se d'elle os conselhos de ministros; incensaram-no com a homenagem fumegante das salvas; envolveram-no no prestigio de

amorosos mysterios; frequentaram-no os reis, as rainhas, os principes, os almirantes... e as cantôras de S. Carlos. A sua vida, como a dos privilegiados, era suave e sedentaria. De mez a mez sahia a barra até Cezimbra. No outomno fazia a sua villegiatura em Cascaes. Ordinariamente repousava na Junqueira, no seu discreto ancoradouro do caes das Galeotas, em frente da Cordoaria. Durante quinze annos foi um pequeno paço fluctuante, illuminado a luz electrica, todo resoante da melodia das pianolas, embalsamado de flôres como um jardim, para onde um rei, *grand seigneur* epicurista, fugia da convivencia tediosa dos politicos, que lhe reduziam o thrôno em cisco emquanto elle reduzia a cinza os seus charutos.

Não nascera para uma vida laboriosa, para arrostar com mares bravos, para se sujar em tarefas grosseiras e fundear em portos coloniaes... No meio dos navios de guerra, decahido do seu esplendôr, com os seus pianos e gramophones emmudecidos, elle era desde 5 d'outubro um simples objecto de museu, uma reliquia historica, de que a austera e parcimoniosa Republica não sabia o que fazer. Aquelle ocioso hiate de recreio, edificado para o prazer, parecia dever resistir pela natureza da sua propria fragilidade a todas as tenta-

tivas do utilitarismo democratico em adaptal'o ás suas conveniencias. Do passado subvertido, só elle parecia conservar com intransigencia os privilegios abolidos. Podiam arvorar-lhe a ré, sobre o vasto camarote de D. Carlos, a vistosa bandeira republicana. Elle ficava, incorregivelmente, o utensilio dispendioso da opulencia, inadaptavel ao trabalho e á modestia, mantendo a sua divisa epicurista : « *Je ne sers qu'au plaisir.* » E pois que elle, como um servo que fica fiel aos seus amos desapparecidos, assim se mostrava rebelde á conversão democratica, a unica solução era vendel'o, expulsal'o do Tejo, onde a sua presença parecia um desafio á moral.

O governo deliberou vendel'o. Inspeccionaram-no com a mesma meticulosidade com que um mouro examina n'um mercado de escravas uma hetaíra para o harem. Avaliaram-no e puzeram-no em praça como um objecto sensacional, digno de excitar as gulas do snobismo yankee. Esperava-se que a historia das suas aventuras faria correr de Nova York e do Tamisa licitadores avidos de adiquirirem o hiate da fuga, ainda perfumado pelo aroma das hospedas reaes. Não demoraria que qualquer *lord* inglez ou millionario americano subisse com a desenvoltura de um amo os cinco degráus da sua escada,

que tantas vezes haviam estremecido sob os passos pesados de D. Carlos e onde tantas vezes tinham pousado os pézinhos leves de amorosas visitantes.

As insignias republicanas seriam substituidas pelas flammulas do *Royal Yacht Squadron* ou do *New-York Yacht Club*. Novamente as pianolas espalhariam os seus doces sons por todo o hiate e os garganteios da Pacini e os trinados da Darclé e da Belincioni repercutiriam no *fumoir* e no salãozinho real, emittidos pelo gramophone com que o marquez de Soveral presenteara o amphytrião sybarita do *Amelia*. De novo haveria flôres nos seus aposentos minusculos e, liberto do captiveiro, fazendo negaças á democracia, o branco hiate ver-se-ia reintegrado no seu destino de mansão fluctuante de gôso, a que não haviam conseguido subtrahil'o as revoluções, até acabar, n'uma enseada da Mancha ou da bahia de Hudson, como acabam todos os que abusam dos prazeres : em decomposição.

No convencimento de que elle não demoraria em sahir a barra para nunca mais voltar, com a dispensa cheia de garrafas de Mumm e as *cabines* cheias de americanas, por mais de uma vez pensaramos em descrever aquelle recinto em que se jogou a sorte da

realeza, naquella mesma pequenina sala de jantar onde, nas manobras de Lagos, vestindo a farda de almirante honorario das esquadras britannicas, D. Carlos, saudado pelo estrondo das salvas, bebera á prosperidade da marinha da Inglaterra — bem longe de sonhar então que, sentados áquella mesma mesa em que pousava a sua taça de *champagne*, a rainha sua esposa, a rainha sua mãe, o rei seu filho e o infante seu irmão haviam de comparecer, fugitivos, perante um conselho de officiaes que os condemnaria ao exilio!

Foi com effeito na sala de jantar do « Amelia » — o mais vasto aposento do hiate, — que depois do embarque da Ericeira se reuniu em conselho a officialidade, composta do capitão de fragata Moreira de Sá, servindo de commandante, do capitão de fragata Vellez Caldeira e do primeiro tenente conde da Ponte, para resolverem com a familia real o destino do navio. Deixando Mafra, o rei manifestara a intenção de se dirigir ao Porto e nesse sentido dera instrucções a alguns dos seus dignitarios. Comparecendo perante os officiaes, o rei fugitivo declarára, apoiado pelas duas rainhas, desejar aportar á capital do Norte, onde tentaria a sorte das armas. Mas já áquella hora, a rota fatal de Gibraltar

estava na mente do commandante do « Amelia »! O infante D. Affonso, posto ao par do projecto de seu sobrinho, desapprovara *in continenti* a aventura temeraria. Vinha da vigilia sobresaltante de Cascaes, succumbido de animo, sem haver desembainhado a espada virgem de general, e tudo se lhe afigurava irremediavelmente perdido. « *Para Gibraltar é que é preciso ir!* » — fôra o seu grito egoista e pusillanime. Era uma sentença. O recurso do desterro inspirara-lh'o evidentemente o commandante do hiate, defendendo-o com os mesmos argumentos com que logrou vencer a vontade debil do soberano, affirmando-lhe que o fragil « Amelia », privado de defesa, se arriscava no rumo norte a ser perseguido pelos cruzadores revoltosos, sem contar que a escassez de carvão não permittiria, no caso de ser impossivel ancorar a salvo no Porto, o attingir-se Vigo — como se a rota de Gibraltar não fosse mais demorada e não exigisse maior quantidade de combustivel que a do Porto e Galliza!

O rei, porém, ainda insistia, sentindo o desaire daquella capitulação sem combate.

Então, para calar de vez aquella vóz tremula, que não sabia ordenar, o commandante solemnemente declarou :

— Levamos a bordo toda a familia real

portuguêsa. Temos a responsabilidade das vidas de vossas majestades e alteza. O nosso primeiro dever é salval-as.

E o capitão Moreira de Sá rematava a sua declaração com esta ameaça formal, dirigindo-se ao monarcha succumbido :

— Se vossa majestade insistir em ir para o Norte, atiro-me pela borda fóra !

Erguendo a face desfigurada, a rainha D. Amelia pergunta :

— Para onde iremos, então?

E a voz do juiz profere a sentença sem apelação :

— Para Gibraltar !

Não violemos agora em todos os seus pormenores os segredos desta scena historica, que um dia teremos de contar desenvolvidamente.

Este acto do drama revolucionario passava-se num compartimento de seis metros quadrados, sob uma claraboia de vitraes coloridos. Cadeiras inglêsas do Maple, com os assentos de marroquim escarlate, um pequeno fogão a um canto, entre duas poltronas de repouso, dois grandes aparadores, um guarda-louça de nogueira encerada em estylo da Renascença e uma pianola electrica entre as duas vigias, eram toda a mobilia da pequena sala, que communi-

cava de um lado, por um largo corredor, com o vestibulo minusculo da entrada e, da parte da ré, por outro corredor sombrio, com o camarote real. Espessos tapetes vermelhos do Oriente cobriam os soalhos. No friso do *lambris* de nogueira resplandeciam salvas e bandejas de prata. Os espelhos dos aparadores Renascença reflectiam a baixella alinhada nos marmores cinzentos. Dessa salinha modesta, como de todo o hiate, o bom gosto de D. Carlos sabia fazer um paraizo digno do discipulo de Epicuro que o habitava. Quatro annos antes, naquella mesma salinha que ouviu na tarde historica de 5 de outubro os suspiros e os soluços das rainhas proscriptas, por uma noite estrellada do outomno de 1907, antes de partir para Villa Viçosa, D. Carlos recebera talvez pela ultima vez as frequentadoras secretas do seu hiate. O gramophone cantára nessa noite as mais alegres canções dos *music-halls* de Londres e dos *cabarets* de Montmartre. Resplandecendo de luz, cheia do perfume das mulheres e do aroma das flores, pela derradeira vez a salinha de jantar do « Amelia » ouvira o ruidoso saltar das rolhas do *Champagne*... Nunca mais D. Carlos havia porém de sentar-se nas suas cadeiras profundas, lendo ao calor do fogão os seus predilectos *maga-*

zines inglesês ou jogando epigrammas com as suas platonicas amigas... Depois do regicidio, um confidente do monarcha assassinado dirigiu-se de noite ao hiate real, fundeado na Junqueira, reuniu a correspondencia confidencial que encontrou nas gavetas e armarios do quarto de D. Carlos e do *fumoir*, queimando-a no pequeno fogão da salinha historica onde havia de ser julgada e condemnada a dynastia dos Braganças...

A historia do « Amelia » está intimamente ligada á historia do ultimo periodo da monarchia portuguêsa. E' um barco historico. Mas segundo parece, tal qualidade não é recommendação bastante para um hiate. Posto em praça ninguem o quiz. Os millionarios americanos e os lords inglêses desdenharam-no. O « Amelia » morreu. E' agora o aviso « 5 de Outubro ». Esperemos que elle não tenha de entrar em guerra... Desmaiaria ao primeiro tiro. Pobre canhoneira republicana, por cujo convez tantas vezes arrastaram as caudas dos vestidos de baile !

* * *

3o d'Abril.

Os aposentos do rei D. Carlos. O quarto das Necessidades.

A figura, que pela sua excepcional saliencia hierarchica, preside á historia dos ultimos vinte annos da vida portuguêsa, é o vulto enigmatico de D. Carlos, sobre o qual hão de convergir as analyses dos psychologos, no anceio de penetrarem e explicarem a sua natureza mysteriosamente complexa, mixto de soberanas qualidades e copiosos defeitos. Tudo o que tender a facilitar o estudo d'essa alma, ainda confusa pelo enevoado das paixões que a obscurecem, tanto em halitos de calumnia como de lisonja, constituirá depoimento valioso no definitivo julgamento da Historia.

Não pretendemos entrar agora no labyrintho d'essa biographia escabrosa, que exigiria vastos espaços descriptivos e lentas investigações de uma indiscreção inopportuna. Mas, apropriada ao caracter d'estes apontamentos cabe a descripção de alguns intimos quadros em que se moveu a figura do monarcha assassinado.

Do aposento que D. Carlos occupava no palacio, antes de haver transferido a sua habitação para o edificio contiguo chamado do Convento, já pouco resta hoje. Quando os inventariantes nomeados pelo governo revolucionario para arrolar os bens dos paços reaes entraram nas Necessidades, quasi nada encontraram do que fôra o quarto do soberano. Esse quarto, onde se alojára Eduardo VII por occasião da sua vinda a Lisboa, e que D. Carlos definitivamente abandonára desde as visitas do rei de Saxe e do principe de Hohenzollern, preferindo-lhe a independencia dos deshabitados aposentos de seu avô D. Fernando, constituia no paço como que uma zona fatidica.

Creára-se contra elle uma superstição incoercivel. Fôra alli que, na tarde de 1 de fevereiro, tinham sido depostos os corpos do monarcha trucidado e do principe real Luiz Filippe. Nunca mais, depois disso, os sobreviventes da hecatombe haviam passado aquelles funebres limiares. Aquelle quarto como que se transformára num sepulcro. Enchiam-no, se não já os corpos, as sombras obcediantes dos mortos. Era um pantheon. D. Manuel não se aventurava a respirar-lhe o ar de crypta. E, como a sua existencia incommodava, vedaram-lhe o accesso com uma

parede de pedra e cal, como quem tapa um tumulo, reduzindo-o a uma passagem exigua, communicando com uma vasta sala em construcção, em cujos tectos e paredes se applicára a talha da sala do Capitulo dos Jeronymos, adquirida por D. Carlos nas demolições internas do palacio Foz.

Os que lhe ignoravam a existencia podem á vontade circular no palacio em sua procura. Não o encontrariam, de tal arte o eliminaram da topographia do paço. Reintegremol-o nella. Ensaiemos, descrevendo-o, reconstituil-o. Nelle se representou uma das scenas mais patheticas da tragedia que epilogou a aventura dictatorial do franquismo. Não deixarão de evocal-o os historiadores vindouros. Auxiliemos-lhes a tarefa difficil, dando-lhes as linhas geraes para as conjecturas dos detalhes, pois que já não é a estas horas possivel produzir o inventario minucioso do quarto real desapparecido.

Entrando o portão do palacio, que abre para o largo das Necessidades, atravessemos o grande pateo, adornado de palmeiras, onde se postavam as sentinellas a cavallo. Ao fundo do pateo abre-se uma ampla passagem sob arcadas, com duas portas lateraes, envidraçadas. A escadaria da esquerda conduz em dois lances de suaves degraus, por onde se

desenrola uma passadeira vermelha, — e separados por um patamar sob tectos em abobada, sobrecarregados de estuques em fundo côr de rosa pallido, onde sobresáem os heraldicos dragões estylizados do escudo brigantino, — á sala dos archeiros, a que logo se segue a sala do porteiro da camara, communicando com a pequena sala de espera. Tem esta ultima sala duas portas. Uma á direita de quem entra : é a entrada privada dos antigos aposentos do rei, conduzindo ao quarto por um corredor estreito. A outra, no angulo opposto, communicando com a sala Imperio, que por sua vez communica com a sala Azul, ou do Conselho, e a pequena sala do Throno, reservada quasi exclusivamente ás ceremonias diplomaticas da entrega das credenciaes e ás recepções quotidianas do soberano. A' direita do throno, armado em velludo carmezim, fica a porta que antigamente dava accesso ao quarto de D. Carlos.

Hoje, empurrada a porta, decorada no estylo da Restauração, encontra-se um corredor : fragmento a que ficou reduzido o aposento.

Sombrio, rodeado de altos silhares de talha Renascença, obra de Leandro Braga, com as paredes adornadas de armas, de faianças e de quadros, se lhe faltava o esplendôr

real, que inutilmente se procuraria através de todo o paço das Necessidades, havia nelle esse luxo um pouco exhibicionista de colleccionador, essa exuberancia de adornos que tanto se harmonizavam com o temperamento voluptuoso e *italiano* de D. Carlos, lisonjeando a sua retina de colorista. Se não fôra o leito — um pequeno leito precioso da época de D. João V, de páu santo, com columnas sustendo um baldaquino de brocado com franja de seda, — o quarto poderia passar pelo *atelier* flamengo de um artista sumptuoso, de tal modo, sobre o alto rodapé de talha, as *rapiéres* toledanas, os pratos de Urbino, as pinturas gothicas e das Renascenças italiana e allemã cobrem a seda vermelha das paredes, numa prodigalidade excessiva. E no ambiente, dôce, activo, persistente, o aroma de Chypre, que impregnava todos os aposentos em que vivia ou por onde se demorava o rei...

Alli, n'uma *chaise longue*, o deitaram na tarde fatal de 1 de fevereiro, em frente do cadaver do principe seu filho, que repousava no precoce somno da morte sob o docel da pequena cama D. João V. Dalli o levaram, já embalsamado, aos hombros de lacaios fardados, rodeado de archeiros, para a capella do paço, donde um immenso cortejo o con-

duziu para entre as cinzas e a sanie dos antepassados, ao pantheon de S. Vicente, onde o seu corpo decomposto espera, no enorme catafalco coberto de corôas funebres, que um phrenologista venha procurar nas circumvoluções do seu craneo a explicação scientifica do seu caracter complexo...

Mas esse quarto museu, resplandecendo de pratas e de esmaltes, com a sua estante de livros coroada por airosas figurinhas de Saxe, com a *chaise-longue* profunda, coberta de colchas roçagantes, de cabeceira ajoujada de almofadas sumptuosas, esse quarto de parada, com os seus sevéros contadores e buffetes do seculo XVII e a sua cama tão ornamentada de *rocaille* joanina — esse quarto onde recolheram o seu pesado cadaver, ha muito não era a habitação do monarcha sybarita, que uma lenda transformára ante os seus subditos num pachá monstruosamente sensual, para quem a patria não passava de uma industria, cujos rendimentos dissipava em monstruosas orgias.

Coincidindo com a alteração brusca da sua politica, o intimo scenario da sua vida egualmente se modificára. Desde os primeiros dias do seu ultimo e fatidico ministerio que deixára aquella pompa pretenciosa e recolhera aos deshabitados aposentos do avô. Naquelle paço

privado, onde improvisára uma côrte de celibatario, um novo D. Carlos apparece. O seu quarto é alli de uma modestia extrema. A uma sumptuosidade de principe da Renascença succede a jovial sobriedade de um philosopho optimista — porque elle só, entre o seu povo fatalista ou sceptico, professava convicto o culto intelligente, benefico e sensato do optimismo. Nenhuma exigencia de pompa nesse proximo descendente do megalomano D. João V. Era quasi o desconforto. Mas tudo parece bem para elle. Deixem-no tranquillo : elle está contente. Bastaria o confronto entre aquella morada despretenciosa e a fatuidade luxuosa do aposento antigo para documentar a crise moral que principiava a emancipal-o do seu indifferentismo de desilludido e o impellia para as temeridades de uma politica pessoal, que suppuzera ser, tardiamente, o caminho unico que conduziria o paiz á salvação, por sobre as ambições mesquinhas e os conflictos immoraes dos partidos politicos, decidido, como parecia estar, a dizimal-os e a reconstituil-os, saneados dos seus vicios adquiridos e de origem.

No corredor de D. Fernando, entre o *atelier* e o museu oceanographico, os aposentos de D. Carlos nada tinham que se harmonizasse com a cathegoria social de um

soberano. Havia alli um luxo unico : o asseio. Esse parecia bastar-lhe.

Era entre a bibliotheca, o *atelier* e o museu que repartia as horas, poucas, que lhe sobravam do exercicio das suas funcções de monarcha, das recepções quotidianas e do seu passeio da tarde á Avenida.

Deitando para pateos interiores do palacio, essa habitação do convento não possuia sequer, para lhe resgatar o desconforto, a espectaculosa belleza dos panoramas do rio, da cidade ou do parque. Era triste. Ante aquellas janellas só perpassava, na primavera, a aérea valsa das andorinhas. Nem uma ramaria de arvore, nem uma nesga do Tejo para entreter os olhares daquelle pantheista, que tanto amava a natureza. De inverno, aquelles quartos sem sol tornavam-se glaciaes. A alguem que lhe lembrava a conveniencia de nelles se installarem caloriferos, respondia com um encolher de hombros, sorrindo. Para quê? Estavam bem assim. Satisfaziam-no.

Quando se fizer a historia pormenorizada deste ultimo periodo do reinado de D. Carlos, que prepara a extincção da monarchia, a habitação do rei servirá para esclarecer grandemente a sua conducta. A enfermidade alterára-lhe a serenidade do caracter. Sabia-se

diabetico. Acommettiam-no crises de *spleen*. Tinha horas de uma tristeza sombria, que contrastava com a sua habitual jovialidade. Muitas vezes, antes de se deitar, recolhendo do theatro, entrava no *atelier*, e emquanto os prelos dos jornaes, na sua tremenda faina nocturna, imprimiam os artigos affrontosos contra elle, o rei sentava-se ao orgão e tocava...

* * *

O atelier e os aposentos do convento

No largo do Rilvas, subida a segunda rampa da calçada das Necessidades, um portão de ferro, de tres corpos, fecha o pateo das cavallariças : o pateo das Côrtes, chamado. Ficam á esquerda as installações do gado; as das carruagens á direita, vedadas com gradeamentos decorados de trepadeiras. Ao fundo, na parede que encerra o quadrilatero, uma passagem em abobada, com a loja do porteiro á direita. Perpendicular a este pequeno tunnel, a porta que dá accesso aos aposentos do rei : uma porta discreta, entre duas lampadas electricas — a mesma a que se apeou D. João VI, na volta do Brasil, para a recepção imperativa do Congresso revolucionario.

Esta topographia theatral tem a vantagem de ser clara. Não a repelle o assumpto. Não é sobre um palco que vamos correr o panno?

Aberta a porta, entra-se num amplo corredor com silhares de azulejo do Rato. Nos paineis, como motivo de decoração acentuadamente seculo XVIII, entre molduras de volutas e *rocaille*, bandos de pequeninos, rechonchudos Amôres, retezando os arcos, erguendo os fachos, hesitando em ser anjos ou deuses, voando com azas de borboleta em paizagens de bosque e paraizo. Uma decoração singularmente apropriada a um voluptuoso retiro de aventuras galantes. Admitta-se que eram dantes todos aquelles ladinos Amores immaculados cherubins, que a passagem das frequentadoras do *atelier* real desmoralizou, de tal modo póde surprehender essa prole erotica de Venus num corredor austero de convento. Certo é porém — vale a pena lembral-o! — que o mosteiro foi mandado construir por D. João V : o sultão luxurioso de Odivellas...

Na extremidade do corredor fica a bibliotheca dos Nerys, onde em 1821 se reuniram as conflictuosas côrtes do vintismo — de que provém a actual denominação do pateo, hoje occupado pelas cavallariças do palacio. Á

direita, as portas communicam com as vastas salas onde D. Carlos installára o seu magnifico museu oceanographico, transferido depois da sua morte para o edificio da Liga Naval. Alli projectava alojar-se a rainha D. Amelia, na previsão do proximo casamento do rei D. Manuel, a cuja consorte cederia os seus bellos aposentos da galeria dos Espelhos.

O largo corredor da entrada bifurca em angulo recto com outro mais extenso e apertado corredor, pelo qual proseguem os pagãos roda-pés de azulejo, com as suas farandolas de Amores brandindo os fachos e despedindo settas. Reposteiros vermelhos cobrem as portas numerosas. Buffetes, contadores e armarios de talha, pejados de louças preciosas : faianças italianas, hollandezas e hespanholas, ornamentam em um alinhamento de museu o corredor immenso por onde resoaram os passos e as vozes dos primeiros e atrabiliarios parlamentares portuguêses. Na rosea penumbra, que se aclara em doirada luz á medida que se avança para a janella do fundo, os reflexos metallicos das pratos hispano-arabes da collecção de D. Fernando têm scintillações brandas de chammas. Toda a mythologia da faiança italiana do seculo XVII esplende na nudez das Venus, das Dianas, das

Minervas e das Junos, entre as molduras floridas dos pratos de Urbino. Nas paredes ha quadros. E' o chamado corredor de D. Fernando, e são os aposentos de D. Fernando que o rei occupa.

Alli, ao lado do museu, do *atelier* e da bibliotheca, livre de vigilancias indiscretas, podendo receber, com a invejavel liberdade do menos privilegiado dos seus subditos, as visitas predilectas, accommodando-se com risonha bonhomia á modestia daquella installação provisoria, onde se acolhera por occasião das visitas do principe de Hohenzollern e do rei de Saxe, e que nunca mais, depois disso, abandonára, elle sentia-se tranquillo e podia representar com mais verosimilhança a comedia da sua felicidade postiça.

Na extremidade do corredor, em frente da porta que por uma escada de caracol, de corrimão doirado, communica com o palacio, — e que uma simples volta de chave intercepta em absoluto, em plena emancipação de todas as relações importunas com o paço, — fica o *atelier;* e quantos corações, deante daquella porta branca com corôas reaes nas placas das fechaduras, não estremeceram de emoção, nesse irreprimivel sobresalto que antecede as entrevistas do prazer ou do amor!

A terceira porta abre para a pequena

sala de entrada, contigua ao *atelier*, e communicando pela esquerda com o quarto de banho e o gabinete de trabalho, pois que a segunda, a contar da janella, pertencendo tambem ao *atelier*, a véda pela parte interior um *cosy-corner* monumental, proprio ao descanço indolente de um hercules.

Tem a saleta de entrada uma janella. Enchem-na dois moveis banaes, que não se coadunam com os habitos de elegancia do artista que é D. Carlos : — um armario de cantoneira, em mogno polido, e um guarda-fato de *palissandre*, em estylo Imperio. Nas paredes : pasteis, estudos, esquissos em aquarella e á penna, um retrato da rainha — o primeiro da série que se desenvolve pelos restantes aposentos, em contraste com a ausencia completa de retratos do rei que se observa nos aposentos particulares de D. Amelia...

O quarto de banho, a seguir. Portas de espelhos; uma tina de esmalte branco; um lavatorio. O quarto de um homem que se lava, que tem o culto escrupuloso do aceio.

Segue-se o gabinete, amplo, com duas janellas; e quanto mais se penetra na intimidade dessa morada real, mais se avoluma a impressão de que esses aposentos de um rei, que nelles vive um pouco *à la bohème*, reve-

lam um D. Carlos totalmente diverso desse que a opinião publica, mesmo a mais esclarecida, visionava.

Uma grande estante de talha com livros, entre os quaes sobresahe a collecção da *Revue des Deux Mondes*, encadernada, toma a parede em frente das janellas. Sobre a estante, retratos de senhoras, com dedicatorias de respeito ou de affecto, em caligraphias angulosas, obliquas, cursivos traçados por mãos saturadas de perfume, tratadas por manicuras, resplandecentes de aneis, e em que se decifram os nomes de madame Schneider, de madame de Marois Ganay, de Kethina Gélanger, de Natica Sister Kange, de mrs. Dudley...

Uma commoda Luiz XIV, o armario de faiança branca com armação nikelada que é o deposito de charutos do fumador insaciavel, algumas cadeiras antigas e um buffete completam a mobilia summaria do gabinete real, onde a presença de D. Carlos era evidentemente apenas transitoria. Mas ainda quando essa persuasão nos allivie da surpresa daquelle simplicidade pouco exigente, sente-se a ausencia confrangedora de conforto a que o divorcio familiar o condemnara e fica-se perplexo, de tal modo é modesta aquella habitação favorita onde o rei

viveu, com o seu accommodaticio optimismo, como um celibatario.

Regressando á salinha de entrada, fica á direita a porta do *atelier*. E' uma sala de proporções identicas ás do gabinete, com duas janellas dando para o pateo das Armas e que através dos stores descidos filtram uma luz macia e discreta de alcôva.

Logo á primeira inspecção do olhar avultam um *cosy-corner* e um divan immensos, verdadeiros leitos de repouso, cobertos por uma infinidade de almofadas de todas as dimensões e de todas as côres : em velludo, em brocado, em damasco, em setim, evaporando ainda um perfume dôce e activo de Chypre... Das paredes, sobre o *cosy-corner*, como as cortinas de um thalamo, pendem colchas bordadas a ouro, a prata e a matiz, com uma capa de asperges digna de apparatosamente agasalhar a sumptuosidade byzantina de Theodora. Sobre os estofos de tons amortecidos, onde murcharam as flôres, desmairaram os torçaes e escureceram os ouros, suspendem-se armas mouras, de coronhas embutidas de prata e de longos canos tauxiados, alfanges que lampejam, pratos cujos esmaltes polychromos reluzem. Ao fundo, num sóculo, abrigada num nicho sombrio, a estatua de Motta Sobrinho —

O despertar — cuja mudez parece animar-se, vivificar-se na penumbra. Nos vãos das janellas, mesas antigas, aconchegadas á luz. Um orgam, no meio do aposento, toma o espaço exiguo que os divans lhe deixam devoluto. Na porta que dá accesso ao corredor, um lambrequim arabe de velludo escarlate, bordado a ouro e prata, parece um fundo scenographico armado para as apparições das visitas elegantes do rei. No chão, sobrepostos, tapetes persas e de Arrayolos, sobre cujas flôres desbotadas podiam caminhar sem arrepios de frio as plantas côr de rosa dos modelos. Não falta a um canto o classico calorifero de gaz, indispensavel num *atelier* onde se repetia com tanta frequencia o gesto de Laïs. Entre as duas janellas, sobre um buffete da Renascença, ha faianças e retratos : o do infante D. Affonso com a dedicatoria : « *Ao meu querido irmão* »; o da princeza Isabel : « *Recuerdo de una cuñada muy loving* »...

O tecto cobre este esconderijo de arte e de amor com uma apologia sem belleza, onde uma figura desharmoniosa desfralda entre nuvens uma bandeira com o escudo real. Num dos vãos da janella, sobre a mesa predilecta, onde elle lê, onde elle desenha, onde elle escreve, D. Carlos alinhou, de pé, nas suas

singelas e pequeninas armações de metal e de vidro — multiplicação do phantasma amoroso que ainda passeiava em cariciosos passos de saudade sobre a sepultura do seu coração! — todos os retratos que a rainha lhe mandara de França como noiva e o grupo tirado em Cannes, em 1886 — o anno do casamento, — e em que elle, juvenil, frisado e loiro, veste a farda de capitão de lanceiros. As dedicatorias têm uma simplicidade virginal. São antes a fixação de datas intimamente memoraveis, marcando as *étapes* vertiginosas de um noivado que em breve attinge o desenlace do casamento: « *Amélie*, 19 *janvier* 1886»; « *Amélie*, *Chantilly*, 19 *février* 1886 »; « *Amélie*, *Cannes*, *mars* 1886 »...

E taes retratos, alli, naquelle recinto diffamado, apparecem nas suas armações de vidro, de pé sobre a mesa real, como um embaraçoso enigma para os que sobre D. Carlos têm a opinião disforme que resultou da divulgação calumniosa de uma fabula.

Sobre as cadeiras amontoam-se os livros, as caixas de cylindros do orgam-pianola, as pastas com desenhos, estudos, esquissos: marinhas e mulheres núas; frémitos de agua e de nudez; mares de saphira e de esmeralda, epidermes côr de nacar e de opala. A sua arte circumscrevia-se ao culto

dessas duas divindades : a *Natureza* e a *Mulher*. O seu dilettantismo não podia satisfazer-se com os exclusivos, abnegados enlevos da Arte. Esta era apenas para elle o accessorio intelligente e requintado dos deleites mais substanciaes do seu pantheismo e do seu sensualismo. Alli, naquelle *atelier-alcova*, entre os divans perfumados de serralho, os seus lapis de pastelista quasi só se entretinham na reproducção da mulher, para o que não lhe faltavam manequins complacentes.

O « Amelia », esse era o seu *atelier* das marinhas. Difficilmente se obteria que, por espontaneo capricho, elle desenhasse no paço um dorso de onda ou no hiate um collo de mulher. Por isso o que alli enchia as gavetas e as pastas, no momento em que os arroladores da Republica empurraram a porta do santuario e lhe violaram os segredos, era, numa accumulação de sensuaes lembranças, todo um copioso *elenco* de mulheres nuas, o estudo obstinado da nudez, vedado durante a sua vida, pela sua natureza convencionalmente escandalosa, ao conhecimento do publico, e que é do melhor, como colorido e technica, que resta do seu esparso legado de rei artista...

* * *

14 de Maio.

O palacio da Pena aberto ao povo.

Contemplado da villa ou de mais vastas distancias, que esfumando-lhe os contornos o deixem todavia estampado nos céus transparentes da manhã, na luz de ouro do meio dia, na penumbra suave do poente ou na refulgencia transfiguradora das noites de luar, o castello da Pena tem, com a sua immensa e accidentada silhueta romantica, o aspecto ao mesmo tempo bellicoso e festivo de um palacio-baluarte, contra cujas muralhas se feriram assaltos e em cujas salas, ao clarão dos tocheiros e ao som de clavicordios e theorbas, deslisaram, dançando, as figuras hirtas e byzanthinas de castellãs medievaes... Ou então, mirando-o no alto da montanha, desdobrado na sua peanha de escarpas, com a floresta aos pés, a imaginação o visiona em dias de caçada, com os pateos cheios de falcoeiros e de pagens, trompas resoando nos terraços, matilhas de galgos ladrando nos adros, os sinos cantando nas torres e o cortejo venatorio descendo a rampa, passando a ponte levadiça, n'um tinir de guizeiras e de armas.

Creou-o assim, enganador e theatral, a phantasia germanica de D. Fernando, o Coburgo sybarita, ha pouco mais de meio seculo, como um emprezario que monta uma peça historica. Infallivelmente, quando olhado de perto, logo todos os devaneios retrospectivos se mallogram e depressa se reconhece, não sem mágua, a miragem scenographica em que se illudiu, fascinada, a imaginação. Mas as decepções da realidade são largamente compensadas pelo assombro do panorama amplissimo que envolve de indescriptiveis maravilhas esse palco armado sobre penedias, no cume da montanha, e fica-se, n'uma hypnose de extases, enlevado na contemplação infatigavel dos espaços onde lampejam brilhos aquaticos de mar, sombras rumurosas de florestas, as planicies verdes de Mafra, as ameias do castello dos Mouros, as areias longinquas das praias, o fulgor prateado do Tejo, as ramagens densas dos arvoredos, d'onde ascendem, como cantos perennes, as musicas afinadas das aguas.

Comprehendem-se então as intenções do principe germanico, de pôr em harmonia com a visão grandiosa da paizagem esse palacio miradouro, cheio de terraços e varandas, espreitando por todo o quadrante a inenarravel maravilha da natureza. Não podia ser outra

a vivenda destinada a decorar, espectaculosamente, a montanha cantada por Byron n'um enlêvo de hymno.

Todos sabem que por pouco menos de setecentos mil réis adquiriu D. Fernando, em 1838, em arrematação publica, o pequeno convento de Nossa Senhora da Pena com a sua capella, hospedarias, cêrca, terras de semeadura, pinhaes e mattas.

O terremoto de 1755 demolira em parte o pequeno mosteiro. Quando foi da extincção das ordens religiosas, nenhum monge lá existia já, dos dezoito que comportava o convento edificado por D. Manuel para os frades Jeronymos. Era pouco ,mais do que uma ruina o que o rei comprára. Apenas a igreja, onde se guardava o famoso retabulo de jaspe e alabastro, mandado fazer por D. João III, se mantinha quasi intacta, com as suas paredes forradas de azulejo branco e verde, o tecto de laçaria de pedra com os reaes brazões manuelinos nos artezões doirados e purpurados. Mas a ruina era bella. Com os seus portaes de ogiva, os seus dois claustros, as suas fontes, os seus pateos rodeados de ameias, os seus alpendres de columnas, d'onde a vista alcança, nos dias claros de estio, até ás tremulinas do oceano, a thebaida dos Jeronymos conservava as

caracteristicas historicas do estylo monastico e guerreiro dos fins do seculo XV, com reminiscencias romanicas e mouriscas, apenas ao de leve retocadas pela influencia nascente do Renascimento. Foi em volta d'esse nucleo architectonico, inspirado por elle, que a phantasia teutonica do principe allemão creou o palacio romantico com liberdades de estylo a que apenas presidia o programma de levantar, dominante aos panoramas circulantes, qualquer coisa de grandiosamente decorativo e scenographico.

O primeiro cuidado de D. Fernando, para levar a cabo a construcção da sua morada de cavalleiro romantico, — esse outro *Walhall* que o seu delirio artistico de opulencia visionava, como o palacio que Wotan fizera construir pelos gigantes Fasolf e Fafner, — foi o de rasgar no collo da montanha, desde S. Pedro, a estrada — hoje chamada do Almirante Candido Reis — por onde deviam subir os materiaes.

Depois, pelo seio da floresta, os carros de bois, durante mezes, transportaram custosamente toneladas de pedra, e a torre do relogio começou subindo nos ares, quadrada e macissa, dominando progressivamente os horisontes. Em 1841, a torre estava concluida e principiado o tunnel de ingresso ao pateo da

Rainha e que, transposta a ponte levadiça, imprime ao castello o melhor da sua physionomia feudal com as suas sinuosas rampas de abobada, por onde se pensa ir vêr descer uma cavalgada medieval, com palafrens trazidos á redea por escudeiros vestidos de velludo. No anno seguinte, o adro da igreja era ampliado, erguendo-se sobre os rochedos que o cercavam do lado do norte a grossa muralha coroada de arcadas mouriscas.

Em 1844 iniciava-se, finalmente, a construcção do palacio, ligando-o á torre do Relogio e aos edificios do mosteiro restaurado. Extraviada em plena phantasia architectonica, a concepção primitiva do palacio já sensivelmente se modificára, emancipando-se da harmonia de um estylo condizente com as edificações manuelinas. Era agora um mixto de estylos contradictorios, com porticos copiados da Alhambra, janellas da Renascença allemã, columnas salomonicas e ogivas gothicas; mas tudo subordinado intimamente á producção de um conjuncto de imponencia theatral, mais destinado aos longinquos effeitos de perspectiva do que ao exame dos detalhes.

Para a decoração interna d'esse palco colossal de drama historico, era necessario que uma fortuna de Creso estivesse ao serviço da

megalomania romanesca de D. Fernando. Mas o contraste entre as fachadas grandiosas e a modestia das salas impressiona com uma decepção de palco scenico. Quando se espera encontrar, ao cabo de corredores decorados de armaduras e de trophéus venatorios, salões forrados de tapeçarias flamengas, depara-se com uma casa de campo modesta e clara, sem um vestigio sequer de sumptuosidade real, quando seria preciso transportar para os salões a Armaria de Madrid, com todos os seus heroicos manequins equestres, vestindo as couraças de Carlos V, para pôr em harmonia condigna com as grandezas exteriores a intimidade solemne do palacio.

Tal como se encontra, o castello da Pena é rigorosamente uma scenographia para ser contemplada da plateia : uma plateia vastissima, que abrange o littoral, desde o cabo Carvoeiro ao cabo da Rocca, e se distende em redor da serra n'um arco de circulo que parte de Lisboa para além da Ericeira. A movimentação de uma côrte, embora reduzida, como era a dos ultimos reis de Portugal, tinha ainda o condão de animar o castello com um pallido simulacro de esplendôr, nos curtos mezes em que o habitava a realeza. Hoje, porém, deshabitado, como o vimos no domingo, invadido por uma multidão po-

pular de romaria, esse palacio para cavalleiros da Tavola Redonda, que está a pedir guarda-roupa e musica de Wagner, confrange e entristece. Esses visitantes que o devassam e analysam, que folheiam sobre as mezas os numeros das illustrações francezas e ingl zas *da ultima semana de setembro*, conservadas como reliquias chronologicas em volta das lampadas Carcel, certamente não profanam com as suas exclamações pueris, com as suas curiosidades malevolas, com os seus commentarios crueis nenhuma especie de templo em que sombras de divindades habitem. Por aquelle palacio, onde a rainha D. Amelia padeceu, desde a noite sobresaltada de 3 de outubro á madrugada afflicta de 5, os transes lancinantes da espectativa, quasi constantemente debruçada sobre o telephonio, a indagar dos progressos aterradores da revolução, nenhum grande successo historico até esses dias perpassára. Mas para manter esse palacio de villegiatura, onde seria dispendiosamente ridiculo hospedar nos mezes de verão o chefe de uma democracia — pois que tudo alli, n'aquella heraldica pompa decorativa de castello feudal briga com o espirito igualitario de uma republica, — o Estado, como a casa real, gasta sem proveito um conto de réis por mez. O preço é exhorbitante para

sustentação de um recreio de que pouco se póde utilisar o povo, dadas as difficuldades de transporte para esses jardins suspensos, que requerem luxos de carruagem ou de automovel. Por ser assim, o castello de D. Fernando tem o seu destino traçado na adaptação a um hotel-casino, á similhança do Bussaco : um Ritz para americanos millionarios, lords touristes e principes russos, quando o governo, emancipado dos escrupulos que até hoje têem impedido a regulamentação do jogo, entregue os Estoris, Cintra e Cascaes a uma empreza exploradora do prazer humano, que converta as praias da enseada n'uma Riviera e ponha o palacio da Pena em communicação com a estrada da Guia por meio de *tramways* electricos, creando na foz do Tejo, a oitenta horas de Londres e a seis dias de Nova York, o mais sumptuoso e o mais bello dos *rendez-vous* do luxo cosmopolita.

E para que perder tempo? Para que prolongar essas romarias populares ao castello do rei consorte, n'uma exhibição improductiva de victoria democratica, sem ensinamento moral de especie alguma, só para que a burguezia se recoste nas poltronas em que a ultima e desgraçada rainha de Portugal padeceu a crise de desespero de 4 de outubro, n'essa mesma Cintra onde vivera o ine-

briante idyllio nupcial da sua lua de mel, n'aquelle mesmo palacio onde velára, com as dedicações incomparaveis do amor, o seu Carlos, então idolatrado, que melhor fôra para ella lhe tivesse sido então arrebatado pela febre typhoide a ter de acabar, quinze annos mais tarde, fulminado a tiro, como uma féra...?

A occasião é excepcionalmente favoravel para lançar a semente d'esse projecto e velozmente fazel-a fructificar. Está em Lisboa reunido o congresso do turismo : a industria fructuosa dos paizes bellos.

Porque espera o governo? Aquelles terraços da Pena estão a pedir restaurantes ao ar livre, sob toldos coloridos, com orchestras de zingaros e mesas cobertas de flôres.

Foi n'um d'esses terraços — o mais bello de todos, voltado ás serenidades do sul e em frente do qual se eleva o monte coroado pelo diadema do castello dos mouros, — que essa visão do Casino esplendido se compôz no meu espirito ao deparar entre a multidão sombria que passava, inventariando as delicias usofruidas pelos reis, sentada n'uma cadeira de verga pintada de *ripolin* verde claro, apoiando as mãos faúlhantes de anneis a um guarda-sol de sêda branca, uma estranha e formosa mulher meditativa, que contem-

plava o panorama theatral da serra, emergente de entre as ramarias buliçosas do arvoredo.

Toucava-lhe a cabeça doirada uma especie de mitra vermelha, d'onde lhe pendiam sobre o pescoço de deusa duas borlas de missangas multicôres : qualquer coisa de bizarro e original que lembrava a carapuça veneziana dos gondoleiros e o barrete classico da Phrygia. O seu corpo airoso e forte de estatua moldava-se n'um vestido de sêda azul como um enorme gladio na bainha — de que a sua cabeça de divindade fosse o pômo e os braços harmoniosos as esculpidas guardas. Da fimbria d'essa bainha de sêda azul, cingida aos quadris, travada nos joelhos, espreitava um pé de creança, guardado n'um sapato ponteagudo de verniz, e via-se-lhe a alvura da epiderme transparecer através da renda preta da meia. Duas grandes contas de coral côr de rosa colavam-se aos lobulos das suas orelhas coloridas, sob a meada loira de cabello que extravasava da mitra de palha vermelha. E essa cabeça de idolo, onde se combinavam o oiro das madeixas, o escarlate do toucado e o côr de rosa da pelle, presentia-se cheia de vôos de pensamentos, como um céu de primavera todo fremente de revoadas de andorinhas. Uma bôa de pennas de avestruz

tingidas de azul descahia-lhe dos hombros lapidados, aninhava-se-lhe no regaço; e os seus olhos, onde se fundiam tons de saphyra clara e de esmeralda, tinham uma expressão de ironia, esclarecida pelo sorriso altivo da sua bôcca de Gioconda.

Como se ella fôra uma antecipada hospeda d'esse futuro grande hotel que a minha imaginação visionava, eu olhava-a com uma insistencia indiscreta, surprehendido de a encontrar extraviada n'aquelle terraço real franqueado ao povo, com a sua rebuscada elegancia de figurino.

Ficava bem alli, á sombra das muralhas theatraes, rodeada pela scintillação luminosa dos azulejos. E eu multiplicava-a em centenas de outras mulheres identicas, assim revestidas de *toilettes* bizarras, povoando os terraços, os miradouros, as varandas e os alpendres do castello, debruçadas nas muralhas, passeando nos terreiros senhoreaes pelo braço de homens loiros, de *casquette* e calças de flanella, ou jogando o *tennis* nos *courts* do parque, elasticas e ageis, ou fumando cigarros « Laferme », sentadas nos parapeitos mouriscos, emquanto os criados de libré passavam com as bandejas de prata, servindo os *cocktails* e as *soda and whisky*...

Que melhor destino para coroar a exis-

tencia d'este falso palacio feudal, no fundo um pouco *snob* e *rastaquoére*, com todo o seu ar de *bric-á-brac* architectonico?

Depressa o programma do concurso de concessão, os cartazes em Londres e Nova York, os annuncios no « Times » e no « Standartd », os prospectos na « Cunard Line » e na « Royal Mail »...

E' preciso que, quanto antes, no fim da avenida Candido Reis, n'essa jacobina Cintra — que durante tantos annos viveu e prosperou á custa da aristocracia e da realeza! — esteja « The Castle of Pena Hotel » e que a estranha e formosa mulher de doirados cabellos lá encontre em breve, para distrahir o seu *spleen* de princeza desthronada, o abysmo attrahente de uma banca de rolêta, toda faiscante de libras...

* * *

28 de Maio.

O Conde d'Arnoso. A sua morte.

— Diga a El-Rei que se não vou despedir-me á Ericeira é para que não veja em mim, n'essa hora dolorosa, o espectro que o accusa de não ter sabido vingar a morte de seu pai!

Estas palavras, fielmente reproduzidas, se-

não na sua contextura syntaxica, pelo menos na sua significação, as proferiu o general reformado Bernardo Pinheiro Correia de Mello, conde de Arnoso, antigo secretario do rei D. Carlos, recentemente morto no seu solar de familia, ao dizer para sempre adeus, em Cascaes, ao preceptor Kerausch, no momento em que este partia para a Ericeira, a juntar-se ao seu real discipulo fugitivo. E, para melhor ter a certeza de que o professor austriaco não hesitaria em transmittir ao soberano deposto essas nobres, melancholicas e sevéras palavrás, o conde de Arnoso pedia-lhe que o avisasse, logo que se houvesse desobrigado da incumbencia. Lucraria assim a certeza de que não tinham sido interceptadas as suas palavras pelo respeito cortezão do valído e se não haviam tresmalhado no caminho, atingindo o seu destino e justificando perante o monarcha destronado a ausencia, na hora da amargura, do fiel amigo do rei seu pai.

Quando, porém, o preceptor Kerausch chegou á Ericeira, coberto pelo pó das estradas, já a familia real embarcára no « Amelia » e o hiate ia longe, correndo apressado para o mar alto, pois a ajudar os fogueiros estava, n'essa tarde dramatica, o Panico. Foi só em Gibraltar, tres dias depois, que o mestre de D Manuel pôde cumprir a sua promessa e

telegraphar ao conde de Arnoso, a participar-lh'o.

Esse telegramma devia ter tremido nas honradas mãos do antigo favorito, lançado ao ostracismo pela opinião politica e palaciana, que envolvera na mesma condemnação inexoravel todos os alliados da funesta dictadura, liquidada no duplo homicidio do Terreiro do Paço. Não era, porém, a vibração de um jubilo vingativo que assim fazia tremer nas mãos do conde de Arnoso o telegramma do preceptor austriaco da familia Orléans. Aquelle rei que retirava, abandonado na hora da provação pelos seus officiaes e soldados; aquelle pallido soberano que na hora do transe da realeza não encontrara a seu lado os estimulos viris da resistencia — era o filho do rei que durante vinte annos servira com as dedicações cegas da idolatria e cuja morte soubera, mais do que ninguem, inconsolavelmente carpir. Aquelle monarcha predestinado pela Providencia a rematar com lagrimas amargas um ephemero reinado que emergira ensanguentado por um crime, elle o vira quasi nascer n'esse fatidico paço de Belem, na mesma hora de agouro em que se proclamava a republica no Brasil. Assistira a toda a sua infancia. Brincára-lhe nos joelhos. Vira-o crescer. E quantas vezes

D. Carlos o não teria feito confidente dos amoraveis projectos que sobre a cabeça adorada do filho a sua paterna ambição de rei entretecia ! Com toda a sensibilidade de que era capaz o seu coração sensibilissimo, elle amava o filho de seu amo. Por isso mesmo que o amava, sempre secretamente o pungira vêl-o sacrificar ás razões do Estado e ás conveniencias do throno os legitimos resentimentos da sua orphandade. E porque o amava, quizera poupar-lhe na hora suprema da provação o remorso de não ter sabido — ou antes, de não ter podido ! — cumprir melhor do que o seu officio de rei o seu dever filial.

Este ignorado episodio, reduzido até hoje ao conhecimento de um pequeno circulo de intimos, exemplarmente define esse caracter raro, que soube resuscitar em plena época de opportunismo egoista, tão adversa ás generosidades do idealismo, uma virtude antiga, mais do que nenhuma outra generosa : uma d'essas virtudes classicas, que exigem, para florescer, almas estoicas. Essa virtude é a amisade. Ninguem melhor do que elle a praticou em condições que representam, n'esta hora de decadencia moral, um exemplo que, á semilhança das claridades intensas, projectadas de imprevisto na escuridão ambiente, deslumbra e assombra.

E' cedo ainda para avaliar em toda a sua grandeza essa paixão altiva, que consumiu o secretario de D. Carlos. Ella requer perspectivas vastas, que só o tempo executa. Estamos demasiado na sua proximidade para lhe medirmos as dimensões. Desde 1 de fevereiro de 1908 até 21 de maio de 1911, através de todas as vicissitudes, sem um desfallecimento, elle caminha por entre as hostilidades geraes, como um porta-bandeira que abrisse passagem com o estandarte no seio do inimigo, transportando intacta a sua dôr fiel, batendo-se por um morto, expondo por elle a vida, sacrificando por elle tudo quanto habitualmente o homem defende á custa do proprio sacrificio do dever.

E isso elle o faz, não com o sentimentalismo elegiaco de um coração que desfallece, mas com a virilidade de uma alma que se dedica. Quando, dias passados sobre o regicidio, quando já solicitou a sua reforma militar, quando já se emancipou dos seus cargos palatinos, quando se despojou de todos os seus privilegios sociaes — excepção unica do pariato, pois lhe era precisa aquella tribuna aos desabafos da sua indignação, — elle desce á cidade e se mostra no Chiado, a ninguem dá a impressão de um favorito desthronado. E' antes o paladino que se exhibe na arena

antes do combate. Emmudece todas as lamentações com a dignidade varonil da sua attitude. Desvaneceu-se-lhe o sorriso, com que d'antes acolhia os proprios importunos. A tez morena embaciára-se levemente de bilis. O olhar, entre as palpebras mortificadas pelas lagrimas, tinha um desusado fulgôr aggressivo. Longe de o deprimir, o infortunio como que o rejuvenescera.

Habitava dentro d'elle uma energia moral que irradiava. A sua dôr tinha o orgulhoso pudôr de parecer feminil. Essa dôr, elle armára-a. Era uma dôr guerreira.

Desde esse primeiro dia, o conde de Arnoso começou voltando o rosto a todos quantos, entre os conhecidos e amigos, considerava, embora remotamente, os cumplices do regicidio. A sua mão passou a estender-se apenas aos acolytos do seu culto. Inflexivelmente dizimava as relações até quasi se reduzir ao isolamento. E, se é certo que esse regimen systematico de rompimento, que adoptára, não poucas vezes o instigou a injustiças, não menos verdade é que o altivo escrupulo com que preservava a sua dôr de amigo das profanações de contactos suspeitos demasiadamente o justificava a quasi unanimidade dos detractores de D. Carlos.

No momento em que um algoz desconhe-

cido o executava, o impavido monarcha tinha contra si desflagrada uma immensa conjuração de antipathias e de rancores. Muitos dos que, após a morte, lhe velaram o cadaver, enfeitados de gran-cruzes e commendas, nas vesperas do regicidio o aggrediam, apontando-o á execração publica como um despota intoleravel, cuja immoralidade igualava o scepticismo.

Exarcerbando a sua dôr, havia essa opinião hostil, contra a qual a cada passo se chocava a sua idolatria. Isso quasi legitimava aquella attitude aggressiva, que tão nobremente defendeu, batendo-se aos cincoenta e quatro annos contra um esgrimista magistral e juvenil, pela simples recusa de um apêrto de mão.

Ninguem mais do que elle vivera tão permanentemente na intimidade de D. Carlos. Ninguem mais do que elle pudera analysal-o, ajuizal-o, penetral-o. Por mais enigmatica que apparecesse ás maiorias a individualidade contradictoria do rei, e por menos accessivel que fosse ao estudo essa alma orgulhosa e retrahida, ninguem admittirá que, através de uma convivencia de quasi vinte annos, tendo-o acompanhado em todas as viagens de soberano, recebido a todas as horas do dia e da noite, confidente inevitavel de muitos dos

seus segredos, testemunha inviolavelmente discreta dos seus erros, victima por vezes da sua volubilidade de humor, elle o não tivesse minuciosamente conhecido, e conscienciosamente podido, n'esse inquerito quotidiano de tantos annos, fazer o balanço entre os seus defeitos e virtudes. A vehemencia do seu culto equivale a uma rehabilitação.

Não se estimam assim, com aquella fidelidade inconsolavel, os homens maus. E' da propria natureza do amor o sêr cego. A amisade, essa não se alimenta de enganos.

Seria preciso admittir que o conde de Arnoso não tivesse, por incapacidade moral, a percepção nitida do Bem, para despresar o significado eloquente da sua dedicação fetichista. E sobre elle não ha duas opiniões. Os adversarios como os amigos, durante a vida como na hora da morte, lhe reconhecem a integridade do caracter, a sagacidade de uma intelligencia difficil de illudir, o seu irreprimivel despreso pela hypocrisia, e esses thesouros de coração que d'elle faziam o amigo incomparavel, para quem a amisade era uma verdadeira vocação sentimental. E certamente elle comprehendia o quanto a fidelidade apaixonada do seu culto, entre a frieza ingrata dos esquecidos e as antipathias inflexiveis dos inimigos era precisa ao seu rei,

que continuava servindo em S. Vicente de Fóra, como servira nas Necessidades.

« *A unica coisa boa de D. Carlos é o Arnoso* » — declarara Guerra Junqueiro, n'uma das suas frequentes explosões de rancor contra o monarcha. Com o seu affecto elle defendia o cadaver do seu amo, exasperadamente empenhado em apparecer bello e nobre n'essa tragica vigilia á memoria ultrajada do assassinado, convencido de que a nobreza da sua attitude refluiria sobre elle. E era um espectaculo impressionante o vêr aquelle homem, insensivel ás ameaças, interromper periodicamente o festim dos politicos com o seu funebre e corajoso panegyrico. E' assim que o ha-de vêr a Historia, a esse Pylades extraviado entre os homens ingratos e egoistas de hoje, ultima figura nobre da nobreza, de pé nos degraus do catafalco real, novo Cyrano esgrimindo contra a Pusilanimidade, o Egoismo e a Ingratidão humanas, e morrendo na hora em que para elle, derrubada a monarchia, terminára a missão de paladino.

Pertenciamos ao numero d'aquelles que o conde de Arnoso affastára do seu coração e da sua convivencia, condemnados não sabemos porque imaginario delicto a não podermos apertar a sua mão honrada. Razão maior para a nossa tristeza de agora. A todos elle

nos ensinou a ser amigos na vida e na morte. Não desaprenderemos a sua nobre lição!

* * *

25 de Junho.

A familia Pinheiro Chagas.

Entre os 6:000 homens que o brigadeiro Pizarro e o intrepido Sá encontraram reunidos no Campo de Santo Ovidio, na manhã de 3 de julho de 1828 — reliquias do ephemero sonho de Liberdade da Junta do Porto, de que viera acordal-a o exercito miguelista de Povoas, a quem a rainha Carlota Joaquina recommendára lhe cortasse como um molho de cravos algumas cabeças jacobinas, — havia um pallido mancebo de 20 annos, que cursava a Universidade, e que aos primeiros rebates da aventura liberal sentára praça, ao lado de José Estevão, no batalhão academico. Chamava-se Joaquim Pinheiro Chagas e o registo da matricula universitaria dizia-o filho de um medico de Lamego, o D. Manoel Pinheiro. Era um poeta. Quinze annos depois, no palco do D. Maria, recitaria uma ode a Catão, na récita de homenagem a Garrett. Trinta annos mais tarde, seria o secretário dedicado do

melancholico rei D. Pedro V. Vinha de Coimbra imberbe e enthusiasta, e o seu primeiro amor era a Liberdade, por quem jurára, n'uma crise arrebatada de civismo romantico, vencer ou morrer.

Era no tempo em que ainda se luctava e morria com belleza. Batera-se no exercito de Refoios como um heroe — um d'esses heroes romanos de que a imaginação academica, superalimentada de humanismo classico, — andava n'essa época fascinada. Mas ás legiões liberaes, abandonadas pelos caudilhos, embarcados no « Belfast » com rumo á Inglaterra, só agora restava o recurso da fuga, atravez de um paiz inimigo, por onde ia ser forçoso abrir caminho a tiro e á coronhada. Partiram.

Aos vinte annos, o poeta estudante tinha diante de si uma perspectiva : o desterro ou a forca. Tendo trocado a capa universitaria pela farda de soldado, os claustros escolares pelos reductos e trincheiras, as serenatas do Choupal pelas alvoradas das batalhas, no seu juvenil impeto patriotico prodigamente jogara tudo, a começar pela vida. Déra-se á Patria, com a mesma paixão com que, na sua idade, o homem se entrega á mulher. Nos seus altares depozera o coração virgem e a alma intrepida. Pela primeira vez agora, a

sua coragem momentaneamente vacilava. Não de medo, mas de vergonha. Fugir, embora com as armas na mão, affigurava-se-lhe profanar o seu ideal. Com os olhos lacrimosos tomou logar nas fileiras. Já não era um exercito que retirava; era uma tribu de emigrantes que partia. Famintos, extenuados pelas marchas, os 6:000 homens invadiam, sob a braza causticante do estio, a região miguelista do Minho, arcabusados pelas guerrilhas. Ia ser preciso assaltar Braga, tomar, uma a uma, as ruas da passagem até á estrada do Cávado. Finalmente, o exercito alcançava Santa Maria do Bouro. Passado o mosteiro, o panorama transfigura-se. Ao dobrar uma arresta de monte, surge, de imprevisto, a cordilheira cinzenta do Gerez, coroada de espigões. A tarde cahe. Soam trindades. N'um ultimo arranco, depois de varrida a rectaguarda a tiros, o exercito attinge, já de noite, a povoação encurralada na ravina, por onde se escôa entre penedos o estrondoso rio espumejante.

Era, emfim, a serra e para traz d'aquellas montanhas o exilio! Pizarro e Sá mal deixam repousar as tropas estropiadas e famintas. Antes que se accendam as luzes solares da aurora, resoam as ordens de partida; e entre os restos do batalhão academico, o moço

Joaquim Pinheiro Chagas, com a farda rota, sujo de polvora e de poeira, contempla, elevado, o panorama grandioso. O horror da catastrophe não lhe obscurece o olhar extasiado. Apagara-se no céu o luar de opala. Apenas os astros e as grandes constellações scintillam na escuridão azulada das alturas, que vão gradualmente clareando ao avisinhar da aurora, cujas luzes precursoras e indecisas as asperas montanhas interceptam ainda. O rumor das aguas principia a misturar-se ao frémito das folhagens. Por um instante parado no alto do monte da Preguiça, deixando passar a artilharia, que vai ser preciso abandonar nos carreiros invios da serra, o pallido namorado da Liberdade fita, emmudecido, o espectaculo surprehendente que desde o céu se desdobra até aos ultimos planos do horisonte, fechado pelo mar encapellado das serranias.

Como esmaecidas projecções electricas, já os fulgores da madrugada illuminam as cumiadas dos montes, toucados pelos diademas de fragas, e que veem banhar nas espumas do rio as fimbrias dos seus rumorosos mantos de arvoredo.

Por toda a parte, descendo as ravinas, a agua canta como melodiosas aves. O exercito fugitivo embrenha-se sob os oscillantes toldos

verdes. De pé, enormes, espalhando por vastas áreas a sua densa sombra, os carvalhos seculares — heroes sobreviventes dos incendios, ostentando ainda as cicatrizes das laveradas — parecem vigiar o crescimento da prole, como os patriarchas da floresta. Alguns, dobrando ao peso dos annos, inclinam os troncos venerandos, carcomidos pelos linchens, entre a mocidade esbelta e vigorosa dos arvoredos novos. N'aquelle labyrintho de frondes, a visão cada vez mais se restringe. Victoriosa, a floresta assalta as encostas em phalanges cerradas, até aos altos cumes onde balouçam á viração as folhagens dos medronheiros. Pela rude vereda que ladeia o rio, sob as ramagens humedecidas pelo orvalho da noite, passando os corregos nas pontes em cujos taboados resoam as ferraduras dos cavallos, os soldados da Junta do Porto seguem taciturnos, segurando as armas pelos canos, roendo nacos de pão duro. Já ao longe, passada a clareira de Leonte, se divisa a portella do Homem, pois que a chan domina o extenso thalweg até Albergaria, abrangendo para o norte a serrania gallega.

Subitamente, o céu escurece de nuvens. Um vento agreste sopra nos corredores dos cerros, transindo os fugitivos. Relampagos incendeiam os espaços. Fulgôres de mica

scintillam nas corôas graniticas dos montes, por cujas encostas as legiões romanas, acudidas de Astorga, invadiram a Lusitania, ha dois mil annos. Copiosa, a chuva começa a cahir dos céus escurecidos.

Desviando os olhos dos soldados que choram e fraquejam, surdo á fusilaria que estrondeia entre os desertores revoltados, que arremessam as armas para os abysmos, — sorrindo para uma longinqua esperança, o joven paladino da Liberdade cuida entrever nas nevoas mysteriosas do futuro o triumpho explendido do seu sonho. Sangram-lhe os pés da caminhada. Roe-lhe a fome o ventre. Gela-lhe as carnes o frio. Que importa? A humanidade tem periodicamente os seus Christos. Ha sempre um Calvario a subir para se attingirem os grandes ideaes. As redempções não se fazem sem martyres. Para que a sua descendencia não conheça as agruras do exilio e as crueldades da guerra, elle se exila e soffre e combate. E os seus dôces olhos de visionario parecem avistar á luz dos relampagos celestes os netos longinquos, cuja ventura pacifica generosamente está conquistando com as inclementes desventuras... Depois, nos pontões de Plymouth, o mesmo sonho de esperança lhe dulcifica as noites do exilio. Com elle navega para os Açores;

com elle se alista na expedição do conde de Villa Flôr; com elle desembarca no Mindello; com elle faz o cêrco do Porto, intervem em todas as batalhas, participa de todos os perigos. E, como o soldado da Liberdade é um poeta, no dia da victoria a sua lyra canta a gloria dos seus feitos, que repercutirão na sua prole, no encadeamento ininterrupto das gerações...

Herda-lhe o filho a lyra resoante. As musas assistem ao casamento do filho do major Pinheiro Chagas, secretario do rei D. Pedro V. No dia 5 de setembro de 1863, o moço alferes de infanteria 16 — o mesmo regimento que inicía a revolução de outubro! — leva ao altar a noiva pallida, cujo busto gracioso emerge da crinoline como um lyrio.

Quando, um anno depois, a esposa do poeta dá ao antigo soldado do batalhão academico o seu primeiro neto, o heroe do Mindello bemdiz todas as luctas passadas. Para que resplandeça a gloria do filho inspirado e para que aquelle innocente tenha uma vida de paz, é que elle luctára e soffrera. O seu sacrificio tinha conquistado as recompensas de Deus para a sua descendencia. E como quarenta annos antes, ao entrar no exilio pela serra do Gerez, a tempestade o encontrára sorrindo para uma alegre esperança, assim a

morte o encontra sorrindo para longinquas visões de felicidade. Os seus olhos, antes de para sempre se cerrarem, avistam as venturas dos descendentes e levam para as escuridões da morte, sob as palpebras, os clarões d'essa aurora.

Com o mesmo heroismo com que o pai luctára pela Liberdade, o filho lucta pela Gloria. Durante trinta e dois annos, o homem de genio exhaure de luz o cerebro sublime.

No lar do inspirado, os filhos multiplicam-se. Raul, Mario, Alice, Edgardo, Alvaro, Frederico e Valentina veem brincar no collo do historiador e do poeta. Para alimentar a sua ninhada, a aguia revolteia, infatigavel. Cada dia balouçam mais alto os seus poderosos remigios. Como o pai, que a engrandecera pelo heroismo, elle engrandece a patria pelo talento; e a dadiva de luz avulta ainda maior que a dadiva de sangue. Pobre, elle enriquece a nação. Orador, dramaturgo, poeta, romancista, historiador, jornalista, um dia não se passa na sua vida longa em que do manancial do seu cerebro não jorre a belleza com que, victima do seu genio, tem de pagar o pão da sua prole. E d'este modo, creando os filhos, duplamente beneficia a patria. A sua eloquencia illustra o parlamento — esse parlamento que o heroismo paterno concorrera

para doar á nação. Fazem-no ministro do rei — filho d'aquella outra rainha por quem o pai se batera aos vinte annos. O seu genio tornou-se um bem da collectividade, que o explora.

Que galardão lhe reserva a patria agradecida? Elle nada quer. Tudo generosamente lhe dá, sem retribuição. O seu unico fito parece ser o de legar aos filhos, á falta de fortuna, um patrimonio de gloria, trespassando-lhes a divida incobravel da patria, deixando-os crédores da nação.

E, na hora da morte, pobre como um proletario, o poeta reune em redor do leito mortuario os sete filhos amados. A pequena Valentina chora. Elle sorrie, enlevado na contemplação da sua obra de vida. Como o desterrado de Plymouth, como o soldado do Mindello, trabalhára e luctára e soffrera para que a ventura fosse propicia áquella obra dilecta do seu sangue... No delirio da morte, as suas descarnadas mãos de idealista parecem arrancar da fronte os loiros gloriosos que a cingem, para adornar os cabellos de Alice e Valentina. Um por um, ao coração que vai deixar de bater, cinge os cinco herdeiros do seu nome, para que elles sejam, como o avô, valentes; para que elles sejam, como o pai, bons. E a sua alma apaga-se; os olhos fecham-se-lhe; a voz que soou nas academias, nos con-

gressos, nos parlamentos, que commoveu Pariz, que enthusiasmou Madrid, para sempre se cala e nos labios brancos expira.

Que é feito hoje da geração illustre? Onde param os descendentes do homisiado da Galliza e do auctor da *Historia de Portugal?* Raul, no exilio; Mario, no exilio; Alice, no exilio; Alvaro, no exilio; Valentina, no exilio. Frederico, esse, á frente dos seus camaradas de armas, corpo gentil para onde porventura transmigrára a alma heroica do avô, suicidou-se, preferindo a morte ao prejurio. Um só dos sete filhos que rodeavam o leito mortuario do escriptor glorioso, hoje ainda vive na cidade onde se eleva o monumento á memoria de seu pai: Edgardo. O resto, — toda a prole de Pinheiro Chagas — foi envolvido pelo tufão revolucionario, que o varreu da patria.

Esta é uma das mais melancolicas paginas de revolução de outubro.

* * *

25 d'Agosto.

A politica do dinheiro

Mr. J. Jonhston Sackville é um homem alto, loiro como uma espiga, que se veste com a sóbria elegancia de um lord, e que vos examina, de todas as vezes que

vos falla, com a escrupulosa insistencia de quem quizera comprar-vos, deixando-vos a impressão, depois que esse olhar azul e glacial vos fitou, de que nenhuma ideia e nenhum segredo vos fica pertencendo, de tal modo o sentis penetrar em vós, n'uma devassa infallivel de adivinho. Tendo feito ao funccionamento do seu machinismo cerebral, em beneficio dos seus pensamentos, o sacrificio de todos os superfluos sentimentos que difficultam o caminho da vida, mr. J. Jonhston Sackville considera-se em condições de poder analysar os acontecimentos e os homens com o desembaraço e a infallibilidade de um oraculo, reduzindo todas as grandes convulsões das nacionalidades e todos os transes do individuo a uma unica causalidade : o dinheiro.

Filho de um pequeno industrial de Glasgow, este sceptico philosopho, verdadeiro *gentleman* pelo aprumo impeccavel das maneiras e pela correcção exorbitante do vestuario, — talhado por um dos alfaiates artistas de *New Bond Street*, cujas dynastias se orgulham de haver vestido Brummel, Byron e meia duzia de principes de Galles, — dos vinte aos trinta e cinco annos, nas Bolsas de Nova York, Philadelphia e S. Francisco, organisando e desorganisando Companhias, inventando diariamente uma nova operação

industrial, este Edison do negocio juntou cinco milhões de dollars e regressou á sentimental Europa como Christo voltou a Jerusalem : para a redimir. Considerando que a sua missão se amesquinhava trabalhando para pequenos grupos de capitalistas ávidos e de accionistas soffregos, mr. Sackville pertendeu pôr o seu genio ao serviço das grandes collectividades e, como um philantropo de nova especie, enriquecer os povos, praticando a sua utilitaria theoria de que o primeiro dever do Estado é propulsionar o desenvolvimento da riqueza e que toda a legislação deve tender a facilitar ao individuo a conquista do dinheiro.

Tendo organisado todo um systema economico-social para uso dos povos, no qual a politica se convertia totalmente em administração, o reformador millionario procurou na Europa, entre os paizes decadentes, aquelles em que mais se faziam sentir as consequencias da miseria publica e que ao mesmo tempo mais probabilidades offerecessem ao exito da sua grandiosa experiencia.

Justamente a Turquia acabava de executar, entre os applausos e as admirações da Europa, um d'esses movimentos de avanço que os povos mais cultos não conseguem effectuar sem convulsões sanguinosas e que,

libertando-a do despotismo dos sultões autocratas, que dos coxins dos harens administravam o imperio em seu proveito, a preparavam para resolver em condições excepcionalmente favoraveis o problema da sua miseria. Mr. Sackville mandou fazer as suas malas, conferenciou com as direcções dos seis grandes Bancos inglêses, de cujo concurso entrevira a necessidade de utilisar-se para lançar nas praças da Europa as grandes operações que velozmente planeára, telegraphou para Nova-York immensos despachos em cifra, transferiu para o Banco Ottomano, á sua ordem, meio milhão de libras e embarcou em Plymouth, no seu hiate « Happiness », com destino a Constantinopla.

Dois annos mr. J. Jonhston Sackville residiu em Therapia, em frente do Bosphoro, e no espaço de setecentos dias setecentas vezes conferenciou com os numerosissimos visirs, pachás e beys, usufructuarios das conquistas da joven Turquia, demonstrando-lhes as vantagens do systema prodigioso. Mas os negocios consideraveis que promoveu, as operações fructuosas que planeou, os grandes projectos financeiros que lançou e de que foi o inspirador e o conceptor occulto ou declarado encontraram para se desenvolverem n'um gigantesco plano homogeneo, n'um ver-

dadeiro programma de administração official, os obstaculos que lhe interpozeram as más vontades da Europa, reflectidas nos meios financeiros, contra os processos de mal disfarçada tyrannia com que no imperio ottomano se exercia o regimen fallacioso da Liberdade. E assim, depois de haver contribuido para que se fizessem as concessões dos caminhos de ferro da Romelia e da Anatolia oriental, de Tripoli-Homs e de Soma-Pandirma, o reformador desistiu da applicação do seu methodo n'aquelle paiz de despotas e de barbaros e regressou a Inglaterra, com mais cem mil libras e a mesma fé inabalavel no seu systema de beneficiar a enriquecer os povos, que até esse dia só o beneficiára e enriquecera a elle.

Ora, acontece que mr. J. Jonhston Sackville deixou hontem Lisboa pelo *sud-express*, depois de passear por Cintra, por Cascaes e pelos Estoris, de haver transposto a pé os caes, desde Santa Apolonia a Belem, n'uma inspecção meticulosa, de haver examinado as novas avenidas até ao Campo Grande, de ter visitado toda a bacia do Tejo, desde Cacilhas a Aldeia Gallega e ao Barreiro, de ter contemplado a cidade, longamente, do miradouro de Almada e de se haver mesmo aventurado até Setubal, para visitar o castello de

Palmella e gozar, depois dos panoramas surprehendentes da Pena, os panoramas incomparaveis que entre o Sado e o Tejo, da serra da Arrabida ao Oceano, como scenarios de magica se desenrolam, feericamente illuminados pelo resplandecente sol de Portugal.

A mesma esperança de poder, emfim, experimentar e applicar o seu systema de politica economica, que o conduzira ao Bosphoro no seu hiate « Happiness », o conduziu ao Tejo n'uma *cabine* de luxo de um paquete da Royal Mail. Mas, d'esta vez, não trouxe, como então, o cheque de meio milhão e as vinte malas do seu guarda-roupa indescriptivel de *dandy*. Chegou quasi subrepticiamente, hospedou-se no Avenida Palace, requisitou um interprete á agencia Cook e, sem ruido, evitando as entrevistas dos jornaes e as conferencias dos ministros, com a discreção de um *detective* indagou, examinou, analysou Portugal como um negocio, sem folhear as estatisticas, sem interrogar os banqueiros, sem entrar no London and Brasilian Bank, sem se fazer annunciar ao snr. Weinstein, ou ao snr. John, ou ao snr. conde de Mozer. Durante quinze dias, os inflammados patriotas da *Brasileira* viram passar ás noites aquelle inglez loiro como uma espiga, com um ramo de nardo na lapella do *smoking*, que depois do

jantar descia invariavelmente a pé do hotel ao Terreiro do Paço, onde ficava meia hora a contemplar os effeitos do luar sobre as aguas do Tejo, como qualquer poeta lyrico, e voltava ao Rocio a escolher um *taxi* que o levasse, aos solavancos, do Lumiar a Algés, pela estrada de circumvalação. E, n'esses passeios solitarios, concentrado, mr. Sackville fazia calculos mentaes, onde milhões de libras se agrupavam e repartiam e se multiplicavam e dissolviam em combinações gigantescas, emquanto no seu gabinete do ministerio das finanças o snr. José Relvas se exhauria na invenção do processo engenhoso de custear os luxos dispendiosos da civilisação com os saldos negativos dos orçamentos.

Foi no *fumoir* deserto do *Avenida Palace* que, na vespera da sua partida de Lisboa, a sorte nos favoreceu com o encontro e as confidencias d'este estadista-financeiro, compenetrado, não sem sobejo motivo, de que todos os problemas politicos não passam de aspectos de problemas economicos e que da distribuição equitativa do dinheiro exclusivamente dependem a cultura do direito, a manutenção da ordem, a prosperidade, o predominio e a gloria dos povos.

Bebendo aos golos uma taça de *Pommery* gelado, mr. J. Jonhston Sackville, que ter-

minára n'esse dia o seu inquerito, verificando nos mappas a situação geographica de Lisboa com referencia aos Açores e á Madeira, como pontos de escala para a navegação da America do Sul e Panamá, condescendeu em confiar-nos o resultado das suas observações, que serão assumpto de uma obra, sem duvida destinada a um exito sensacional nos meios politicos e financeiros, e onde desenvolverá, applicando-o a Portugal, o seu methodo de politica economica.

— A sua terra — diz-nos mr. Sackville — é o paiz ideal para a applicação dos meus principios. Infelizmente, os senhores atravessam n'este periodo uma crise de metaphysica politica, que seria loucura tentar suster. E' preciso deixal-a derivar, amortecer no seu impeto actual, e só depois, quando a improfiquidade de tanto idealismo doutrinario para resolver o unico problema concreto da pobreza do povo e do Estado se tornar manifesta, os homens generosamente práticos encontrarão as condições exigidas para serem escutados. A monarchia liberal cahiu, ao que ouço, por não ter sabido em setenta annos resolver a questão economica e a republicana até hoje não teve tempo sequer de a examinar. O que o meu methodo tem de original é apenas o subordinar ao seu principio, in-

flexivelmente utilitario, todas as falsas concepções da politica.

Necessariamente, em oito dias, não posso ter adquirido noções seguras sobre os valores transaccionaveis do paiz; mas em Lisboa, para começar, é com facilidade que se obtêem alguns milhões de libras. Que possuem os senhores em Lisboa? Um porto de mar que pode vir a ser, em importancia, o primeiro da Europa; um clima que não encontra igual no littoral do Mediterraneo; uma peripheria que, mesmo votada ao despreso, é um paraizo. Ora, tudo isto vale dinheiro. Em dois annos, Cascaes e os Estoris podem converter-se n'uma estonteadôra cidade do prazer e do luxo mundiaes, ligada a Lisboa pela mais monumental avenida até hoje traçada em cidades da America ou da Europa. Ahi têem trabalho para vinte mil operarios. Ouço dizer que ha n'este paiz pobre o preconceito ridiculo contra o jogo. Mas joga-se desenfreadamente a loteria : a grande roleta dos desesperados. E que lhes importa que as bancas dos casinos engulam rios de oiro, se esse oiro lhes não pertence? Um Monte-Carlo para estrangeiros, no Estoril, deixaria em Portugal, annualmente, cinco milhões de libras.

Seria a prosperidade do commercio, a transformação de Lisboa n'uma cidade es-

plendida. Só a edificação da avenida de Lisboa a Cascaes representaria para o Estado, em venda de terrenos, alguns milhares de contos. O littoral do Tejo até ao mar quer-se que seja um jardim entre aguas e palacios. O porto commercial recuaria para o norte do Terreiro do Paço. Custaria tres milhões? Bagatella! Concedam-se entrepostos para as cargas da America e do Oriente na margem sul. O capital estrangeiro accudirá em torrentes. Internacionalisem Lisboa. Faça-se d'este paiz de maravilhas, de Setubal a Cintra, uma nova Suissa meridional para turistes. Falta-lhes oiro? Chamem-no. A pobreza cura-se como a anemia. Coryntho viveu sempre mais feliz do que Sparta. Enriqueçam. E verão resplandecer a liberdade. Distribuam dinheiro. E verão renascer a ordem.

Admitte-se que esta capital da Europa, no momento em que as praias da Belgica e da França, as montanhas da Suissa, as cidades da Italia regorgitam de forasteiros prodigos, só possua para se divertir a feira sordidada Avenida?

Mas n'este ponto da dissertação immoral de mr. J. Jonhston Sackville, interviemos, pallidos e indignados:

— Só a feira da Avenida? E então a eleição do presidente da republica?

E' com esta ignorancia petulante que os estrangeiros nos julgam, mesmo quando dispõem como este millionario *blagueur*, de dotes de observação apreciaveis...

* * *

7 de Setembro.

O reconhecimento da Republica pelas potencias da Europa.

Já não é segredo inviolado de chancellaria o facto significativo de devermos á iniciativa da Inglaterra o acto simultaneo do reconhecimento por parte das grandes potencias da Europa. Foi o « Foreign-Office » que entendeu dever advertir as nações continentaes da opportunidade de sanccionarem o novo regimen estabelecido em Portugal pela revolução de 5 de outubro, considerando definitivamente esgotados os motivos que, com apparencia de legitimidade, podiam avocar-se até então para a recusa do reconhecimento.

Votára-se a Constituição; elegera-se o presidente; constituira-se o primeiro gabinete constitucional da Republica. Se dissensões existiam entre o povo portuguez, não se manifestavam com a intensidade indispensavel para se avistarem do estrangeiro.

O paiz achava-se na sua maxima área pacificado. As pretendidas maiorias monarchicas das provincias, denunciadas pelas proprias missões officiaes de propaganda republicana, não se haviam pronunciado fóra do ambito restricto da conspiração malograda da Galliza, provando assim a sua debilidade manifesta para inquietarem as novas instituições, que acabariam por absorval-as, integrando-as na corrente democratica conservadora.

Uma longa espectativa de onze mezes deveria ser considerada mais que sufficiente para salvaguardar os preconceitos e as susceptibilidades monarchicas da Europa. E as chancellarias acceitaram como bons estes argumentos, annuindo unanimes á resolução da Inglaterra.

Foram, porém, apenas as razões ponderosas da justiça que influiram na conducta da Gran-Bretanha? Evidentemente esta está em harmonia com as tradições da politica internacional da primeira grande nação parlamentar da Europa, da escola magistral do parlamentarismo europeu. A patria de Cromwell, alliada secular de Portugal, mais uma vez honrava os seus principios, e a sua iniciativa era tanto mais legitima quanto é certo que os tratados existentes entre os dois povos inglês e português — e nunca se viu

alliança entre entidades ethnicas e moraes mais dispares — lh'a outorgavam de direito.

Mas, outro motivo se póde, com verosimilhança, adduzir para explicar essa iniciativa. E' que os interesses politicos da Inglaterra imperiosamente a aconselhavam, não só a dar ao governo português esta significativa prova de deferencia, que fortaleceria a sua influencia, como a evitar que a Allemanha e a Hespanha lhe disputassem a situação privilegiada que em Portugal disfructa desde o longinquo accordo celebrado em 1353, entre Eduardo III e os mercadores e communidades das cidades e villas maritimas portuguêsas, assignado em Londres por Affonso Martim Alho.

Este accordo representa o primeiro passo dado para os tratados solemnes que se lhe seguiram, não obstante a sua ausencia de caracter internacional. Consagrando a communidade de interesses commerciaes estabelecida entre os dois povos medievaes, — que já tinham pelejado juntos na conquista de Lisboa mercê da arribada ao rio Douro de uma frota de expedicionarios inglezes, partida de Dartmouth com destino á Syria, — o accordo de 1353 constituiu como que o prologo da liga famosa assignada entre o Mestre de Aviz e o soberano inglês, em que

aquelle se obrigava a mandar gratuitamente dez galés de guerra ás costas de Inglaterra — eramos então uma potencia maritima — contra a cessão de seiscentos archeiros britannicos. Consolidada esta alliança pelo matrimonio de D. João I com a puritana Filippa de Lancaster, fonte materna da dynastia de Aviz, Portugal encontra-se já incluido no tratado de Bellingham. A contar d'este ponto, os convenios succedem-se, convertidos em verdadeiras allianças, até ao diploma célebre de 1703, conhecido pelo nome do negociador inglês John Methuen. O tempo não fez senão consolidar a lettra d'esses accordos diplomaticos; e, se o conflicto de 1890 passageiramente os abalou, em breve os matuos interesses commerciaes e ultramarinos que attrahiam as duas nações coloniaes os consolidaram novamente, interpretados pela habilissima e arguta politica internacional do rei D. Carlos, a quem Eduardo VII declarou em Lisboa considerar como o um dos mais argutos diplomatas do seu tempo, cujas opiniões muitas vezes ouvira com proveito.

Ora esta secular preponderancia da Inglaterra, por cujos beneficios generosamente sempre lhe concederamos excepcionaes privilegios, ariscava-se a periclitar, mau grado

todas as razões subsistentes para a manter.

A contar da implantação da republica, a Hespanha e a Allemanha haviam passado a ser as ostensivas alliadas do projecto de uma restauração da monarchia. Alimentaram-no, protegeram-no, animaram-no. Essa conducta obedecia á defeza de interesses politicos dignos de consideração, e em politica não ha sentimentos, ha raciocinios. Uma vez res- taurada a monarchia, era legitimo que as duas nações reclamassem para ellas a transferencia da influencia até hoje exercida sobre nós pela Inglaterra. O eixo da nossa politica internacional deslocar-se-ia de Londres para Berlim. A Allemanha, nossa irrequieta visinha na Africa Occidental, obteria de chofre a supremacia naval do occidente da Europa, com os ancoradouros de Lagos e Lisboa e os pontos estrategicos da Madeira e Açores.

Dada a plethora da população e da producção industrial allemã, exigindo uma expansão de territorios e de mercados, teria sido um bem ou um mal essa aproximação imposta pelas circumstancias? Não falta quem a considerasse um inestimavel beneficio, apoiando-se em que a Inglaterra, dispondo de uma população relativamente diminuta em relação á colossal extensão dos seus dominios, es-

palhados pelos cinco continentes, e encontrando n'elles um derivativo natural para as suas actividades e uma applicação remuneradora para os seus capitaes, em muito pouco poderá concorrer para o nosso desenvolvimento economico, ao passo que a Allemanha, avida de encontrar desaguadouros para a torrente da sua população activissima, não deixaria de nos beneficiar com importantes auxilios, recompensando-nos dos privilegios e das vantagens que lhe concederiamos, quer abrindo amplamente aos productos da metropole e das colonias os seus mercados, quer fornecendo-nos os capitaes indispensaveis ao nosso resurgimento financeiro e economico.

Esquecem estes apologistas da alliança allemã que a communidade de interesses creados entre a Inglaterra e Portugal em quasi todas as nossas possessões, na vigencia de seculares allianças, não consentiria sem irremoviveis perigos esse divorcio imprudente. Póde affirmar-se que a estabilidade do imperio colonial português, entre a desenfreada cubiça das grandes nações coloniaes, a devemos á intervenção salutar da Inglaterra. As declarações solemnes proferidas por Eduardo VII na sessão memoravel do Tribunal do Commercio, em 1904 — sessão provocada pela iniciativa intelligentissima do snr. Simões de

Almeida, a esse tempo presidente da Associação Commercial de Lisboa, — vieram esclarecer o essencial beneficio da alliança britannica, como era o da manutenção integral dos nossos dominios ultramarinos.

O reconhecimento da republica portuguêsa pelas potencias, vem encontrar a nossa politica internacional em condições inilludivelmente difficeis. Essa cordealidade de relações estabelecida pela politica de D. Carlos, que era um *charmeur*, dissipou-se. Um grande e intelligente esforço se torna necessario para readquiril-a; e tudo aconselha a que se recorra aos mesmos processos e aos mesmos pontos de vista que constituiam a originalidade da politica international do penultimo rei português.

Evidentemente, elle tinha sobre os restantes diplomatas as vantagens das suas ligações de familia, da sólida amisade que o ligava a Eduardo VII, com quem se correspondia assiduamente n'uma cordealidade fraternal, e as condições intellectuaes de argucia e de bom senso que, na opinião unanime dos que com elle privaram, eram os distinctivos da sua perspicaz mentalidade, que nem inimigos declarados, como Fuschini, lhe recusam.

Para evidenciar esse senso prático que pre-

sidia á sua politica, bastará contar esta curta successão de factos, que se relacionam com a visita a Lisboa do rei de Inglaterra.

O presidente da Associação Commercial pensára na conveniencia de se fazer incluir no programma dos festejos ao soberano da commercial Gran-Bretanha uma manifestação do commercio de Lisboa, dando-lhe uma significação utilitaria. Consultado o chefe do governo, este hesitou, oppondo ao projecto objecções protocolares. Debalde, o representante do commercio de Lisboa lhe ponderou quanto os reis inglesês prezavam a actividade commercial do seu imperio e a conta em que tinham a sua omnipotencia, que ia até ao compromisso de lhe defenderem os interesses na formula do juramento.

Pois não era no *Stock Exchange*, o templo official do commercio, que se fazia a proclamação dos soberanos á *City?*

Não se animando a resolver um assumpto que se lhe afigurava uma infracção á etiqueta, o presidente do conselho que era o preconceituosissimo Hintze, lembrou que o director da Associação Commercial de Lisboa se entendesse directamente com o rei e, expondo-lhe a sua pretenção, lhe solicitasse o auctorisado conselho.

Aquelle, ante a perspectiva de uma confe-

rencia com D. Carlos, considerou o seu projecto condemnado. Mas uma surpreza o aguardava no paço das Necessidades. Logo ás primeiras palavras, o rei perfilhava o projecto do presidente da Associação Commercial de Lisboa, considerando-o excellente e proprio para incutir na opinião publica a noção necessaria do alcance economico e politico da proxima visita do chefe de Estado da Inglaterra. O seu desejo era de que d'essa visita resultassem para a nação beneficios evidentes, que consolidassem as sympathias dos dois povos n'uma sólida alliança de interesses reciprocos. Não só elle aprovava a iniciativa da Associação Commercial, como ia communical-a, jubiloso, a Eduardo VII!

Poucos dias depois, com aquelle correcção captivante, de *gentleman* que era um dos predicados da sua educação primorosa, D. Carlos transmittia ao presidente da Associação Commercial a annuencia do rei de Inglaterra, que se considerava particularmente lisongeado pela projectada manifestação do commercio português. Tratava-se agora de redigir a mensagem que devia ser lida a Eduardo VII, e o senhor Simões de Almeida, encarregando-se de a redigir, pretendia provocar com esse documento uma resposta explicita do monarcha inglês. A tarefa era árdua. Como a

cumpriu a culta intelligencia do presidente da Associação Commercial de Lisboa, ninguem o ignora. A mensagem, lida na sessão do Tribunal do Commercio, á hora do embarque de Eduardo VII, era em tudo digna d'essa solemnidade. N'ella se fazia com lucidez a historia das relações politicas e commerciaes dos dois povos alliados e se expunham com uma sinceridade altiva as aspirações actuaes da nacionalidade portuguêsa. Mas não havia sido sem embaraços que essa mensagem, nos termos em que fôra redigida, pôde ser lida a Eduardo VII. O chefe do governo, a quem, como da praxe, ella tinha sido préviamente apresentada, desapprovára-a, aconselhando modificações, que por completo lhe alterariam a significação. O snr. Simões de Almeida foi então procurar o rei ao theatro de S. Carlos e submetteu ao seu estudo o documento. N'essa mesma noite, D. Carlos submettia-o por sua vez ao exame de Eduardo VII e ás duas horas da noite o presidente da Associação Commercial recebia em sua casa um telegramma do paço, participando-lhe que, de commum accordo, os dois soberanos mantinham a mensagem nos precisos termos em que se achava redigida.

Não é necessario recordar as declarações

terminantes com que Eduardo VII respondia dois dias depois, em seu nome e no do seu governo, a esse notavel documento. Ellas estão na memoria do paiz.

Quanto nos seria conveniente conseguir n'esta hora de perplexidade, mais de sete annos passados sobre as palavras estimuladoras do rei Eduardo, a sua confirmação nitida e formal pelo governo de Jorge V!

* * *

22 d'Outubro.

As opiniões do meu amigo Sackville.

Ainda o paquete não se soltára das amarras que o prendiam ao caes de Southampton e estavamos escrevendo no *smoking-room* uma breve carta para expedir da escala proxima de Cherburgo, quando alguem, que a principio não reconheceramos, veio encostar-se ao marmore cinzento do fogão e nos saudou com o ritualista *good-morning.*

Voltamo-nos. Era Mr. Johnston Sackville, o auctor do methodo de politica economica, com quem nos encontráramos em Lisboa no mez de julho e com quem tiveramos, no *fumoir* do Avenida Palace, na vespera da sua

partida de Portugal, a conversação por tantos motivos pittoresca de que já demos o resumo ligeiro. Tinhamos viajado desde Londres no mesmo comboio vertiginoso, que traz os passageiros da Royal Mail da estação de Waterloo ao caes do Itchen, sem nos vêrmos. Iamos ser companheiros de viagem, e já eu, fechando a carta, mentalmente me preparava para averiguar os motivos consideraveis que nos devolviam a Portugal, n'estes tempos perturbados de guerra, o eminente psychologo dos negocios, a quem um espirituoso amigo meu chama o « Bourget dos numeros », quando o afortunado millionario, que desistira de salvar a Turquia, me declarou que ia ao Brasil organisar o *trust* das minas de brilhantes do districto de Diamantina.

— Apenas para me distrahir — esclareceu com uma altivez risonha. Desde que as minas do Griqualand-West, do Orange e do Transvaal haviam começado a despejar diamantes para o mercado, a importancia das minas brasileiras diminuira enormemente. Contra a sua producção actual, avaliada em meio milhão de libras annualmente, a Africa do Sul, pelas minas da Companhia De Beers, das de Jagersfontein e da Premier lançavam na Europa diamantes no valor de cinco milhões esterlinos. Mas essa operação dos jazigos dia-

mantiferos brasileiros não era senão o tirocinio para mais vastas operações que premeditava, como o monopolio das esmeraldas da Colombia e dos rubis da Birmania!

Alguns argentinos que tomavam *cock-tails*, recostados nos sophás de marroquim do *smoking-room*, fitavam já com surpreza aquelle financeiro elegante, vestido como um principe, que fallava em milhões com a naturalidade com que podia fallar do nevoeiro, que áquellas horas envolvia o estuario magestoso de Southampton Water.

Sahimos ambos para o *deck*. O sexteto de bordo tocava o hymno inglês. O paquete afastava-se brandamente do caes, onde accenavam lenços em despedida. Então, depois de um olhar de adeus á Inglaterra — esse grande sanatorio moral, aonde foramos retemperar a energia abatida — confessamos a mr. Sackville a esperança que tiveramos, ao encontral-o a bordo, de que se dirigisse a Portugal tentar o ensaio decisivo do seu methodo de reforma das nações decadentes pela applicação á politica dos seus principios economicos.

O homem de negocios deixou de sorrir, cruzou os braços, e collocando-se na minha frente ficou por um instante silencioso, a olhar-me. Ignoro o que n'aquelle momento de concentração elle pensava de mim e dos por-

tuguêses. Eu tambem, ao mesmo tempo, o contemplava, mas para lhe admirar o vinco impeccavel das calças, a luz viva da esmeralda que lhe resplandecia na gravata branca, o fresco botão de rosa que lhe floria a lapella do jaquetão cintado. Ninguem diria ao perpassar por aquelle janota de Mayfair, vestido pelos alfaiates de Piccadilly, que quinze annos antes partira de Liverpool para Nova-York apenas com dez libras no bolso e a sua intelligencia no cérebro, e que com este capital, bafejado pela sorte, que é a amiga dos obstinados, conseguira multiplicar aquelles duzentos shellings em dois milhões esterlinos. E o contraste entre aquella energia soberba de combatente e aquella quasi feminil elegancia de vestuario, que dissimulava sob os aspectos inoffensivos de um janota, socio dos Clubs de West-End, frequentador de corridas de cavallo e das ceias do Carlton, o conquistador soffrego de oiro, bastava para constituir um thema propicio a demoradas meditações. Elle, porém, não me deu tempo a que a minha analyse se decompozesse em pensamentos conceituosos. Tomando-me o braço, na menos britanica das cordealidades, e levando-me a seu lado pelo *deck*, que as cadeiras dos passageiros ainda não obstruiam, começou, como na noite em que o encontrára

no Avenida-Palace tomando o seu *whisky and soda*, a pensar alto.

— Que podia elle, que podia um homem sensato ir fazer a Portugal? Suppuzera, mezes antes, ao regressar de Lisboa, que a eleição do presidente e o advento de um ministerio sem responsabilidades e sem compromissos revolucionarios servissem de pretexto para que se produzisse um grande esfoço no sentido da paz. As noticias que ainda n'aquella manhã, na curta viagem entre Londres e Southampton, lêra no « Daily Mail » e no « Times », tinham-no elucidado.

Sem modificar sobre Portugal a opinião utilitaria que me confiára por occasião da sua « visita de ceremonia » á republica, reconhecia que o momento não era propicio para fallar em assumptos práticos de dinheiro a uma nação que tanto parecia deleitar-se com os divertimentos prejudiciaes da discordia. Portugal era uma nação anemica de dinheiro. Mas o dinheiro teve sempre um irreprimivel medo da guerra. Ao menor tumulto, retrahe-se. Elle era um homem de dinheiro; por isso mesmo, pacifico. A primeira coisa que havia a fazer, em Portugal era prégar a paz, impôr a paz, inaugurar a tyrannia da paz. Como? Não importa. Todos os meios lhe pareciam excellentes, quando da sua adopção resultasse a

harmonia. Os governos, como os regimens, segundo o seu criterio, só valiam pela quantidade de prosperidade que produziam.

Não; elle não ia a Portugal, emquanto por lá continuassem a dominar os que, privados de fortuna, eram por isso mesmo incompetentes para comprehenderem o valor social e politico do dinheiro. Tornava-se necessario que se rehabilitasse em Portugal a reputação do dinheiro. Só depois seria possivel attrahil-o.

E tendo parado por um instante para deixar passar uma sylphide de olhos glaucos e tranças côr de topazio, que evaporava de si, como certas flôres de estufa, um arôma dulcissimo, mr. Sackville, estendendo o braço para o estuario onde se dissipava a neblina e apontando ao longe as docas povoadas de navios, de onde surgiam os mastros, compactos como as lanças do quadro de Velasquez, proseguiu, com uma transparente exaltação chauvinista :

— Ah ! os senhores admiram a Inglaterra? E sabem qual é o segredo d'esta prosperidade colossal, que os maravilha? A ordem ! O inglez é o amigo exemplar da ordem; e essa ordem em tudo se reflecte á primeira inspecção superficial do olhar. Veja a terra. Não a podendo fazer productiva, o inglês tornou-a

bella. Com certeza não possue o vicio condemnavel de dormir quando viaja em caminho de ferro? Viu, pois, pelas janellas da carruagem, desenrolar-se a paizagem inglêsa? Um poeta diria que a Inglaterra é um parque. Não é. O que ella é, é um pasto. Mas essa pastagem, semeada de arvoredos sem par, tem com effeito o delineamento e o aspecto irreprehensivel de parques sem fim. Contemple agora este porto admiravel, constituido pelas embocaduras do Itchen e do Test, por onde passam annualmente cerca de 4:000 embarcações. Vê-se o methodo que preside á distribuição d'estes centos de navios arrumados nos caes e nas docas ou ancorados por toda a área immensa da Soutampton Water. No meio dos maiores cyclones de actividade, como nas docas de Londres, o trabalho executa-se com o forte e sereno rythmo que regula todos os movimentos da laboriosa vida britanica. Em parte alguma como aqui se póde sentir a expressão de poder formidavel que resulta do esforço commum, da uniformidade das vontades e das aspirações.

E os senhores, que constituem um tão pequeno povo, quasi uma grande familia, dividem-se, combatem-se, devoram-se! Em Portugal, os senhores contam cada um por si, como individuos. Na Inglaterra, nós somos

um povo. Os senhores são parcellas; nós somos uma somma! Os senhores, os latinos, chamam-nos *egoistas*, porque não somos exhuberantes e chamam-nos *glaciaes* porque não gesticulamos. Comtudo, a fraternidade do povo inglês e o seu humanitarismo são o nosso legitimo orgulho. E todas estas perfeições que conquistámos derivam do culto convicto da ordem. Affirma-se que a disciplina não é entre nós apenas a resultante do perfeito funccionamento de um modelar machinismo social, mas antes a expressão espontanea do proprio caracter britanico. Ora, a verdade é que não considero nenhum outro povo, quando disponha, como o seu, de uma capacidade civilisadora, demonstrada no decurso de uma historia notabilissima, incapaz de attingir as perfeições que fazem a nossa superioridade. A ordem que preside ao funccionamento da sociedade iglêsa não é um méro phenomeno do instincto; mas, sobretudo, do raciocinio. Resulta da comprehensão dos beneficios que d'ella revertem para a collectividade. A necessidade primeira do homem é viver. Todos os seus esforços instinctivamente tendem para tornar a vida agradavel e facil. Applique-se a esta universal aspiração humana o criterio da conveniencia e tem-se logo encontrado o coeficiente da ordem. Basta que ponhamos de

accordo os nossos interesses pessoaes com os da collectividade para que se installe, de consenso unanime, a disciplina. Nós, os inglêses, fomos, até muito mais tarde do que os latinos, sanguinosos e barbaros. Quando já os homens do continente conheciam a opulencia e cultivavam o luxo, nós, na nossa ilha ennevoada, vestiamo-nos de pelles e de ferro. Dos homens brancos eramos os ultimos barbaros. Mas depressa nos polimos. Hoje, muito mais do que os latinos, temos horror á violencia, detestamos a crueldade, difficultamos a guerra. Podemos orgulhar-nos de termos ensinado a Europa a amar, a respeitar e a proteger a creança. Nós, os homens frios, os homens rudes, os homens brutaes, temos o culto da infancia. Creamos o *Dreadnought*, mas inventamos tambem a *nursery*.

Agora, as palavras com que o elegante philosopho do utilitarismo continuava a compôr o seu hymno á Inglaterra, patria da ordem, perpassavam aos meus ouvidos como o zumbido de um insecto debatendo-se contra uma vidraça transparente. Evocando o Portugal inquietante para onde nos reconduzia a saudade e o dever, acudia-nos á memoria o episodio tão simples quanto significativo a que assistiramos, dias antes, ao desembarcar em Londres na estação de Waterloo.

O carregador que nos arrumava a bagagem volumosa no tejadilho do *cab* tentára por duas vezes, sem o conseguir, erguer nos braços uma grande mala repleta de livros. Então, sem que lhe houvessem solicitado o auxilio, um policia adiantou-se, curvou sobre a pesada mala o corpo de gigante e ajudou a içal-a para o *cab*. Os dois tinham-se defrontado, havia um mez, nas collisões da *grève* que convulsionava a Inglaterra. Porventura aquelle gigante loiro, representante da auctoridade e da ordem, descarregára sobre o proletario os seus sôccos tremendos de *boxeur*. Mas tudo passára e esquecera. *Bobby*, como um camarada bondoso, auxiliava no momento difficil, espontaneamente, sem dar ao seu acto humanitario a significação de um serviço ou de um favor, o seu irmão trabalhador.

E com esse simples gesto, ajudando a subir uma mala para o tejadilho de um *cab*, esse policia dera-me uma mais proveitosa lição que toda a eloquencia de mr. Johnston Sackville...

* * *

5 de Novembro.

Atribulações de um viajante na fronteira.

Temos um amigo, dos que maior logar occupam no nosso coração, que todos os annos viaja.

Até aqui, nada ha de surprehendente. Todos nós temos um amigo que annualmente nos deixa e nos escreve, durante um ou dois mezes, bilhetes postaes de França, da Suissa, da Italia ou de Inglaterra. Mas o nosso amigo não se limita a passear pela Europa, durante as férias. Desvairadamente deambula, e tão depressa nos abraça no Chiado como nos telegrapha de S. Sebastian, de Pariz ou de Londres. Quando o suppomos a jantar no *Tavares*, elle está, com a lapella da casaca florida, a examinar o *menu* do *Astoria* ou do *Waldorf*. Quando imaginamos ir encontral-o no *D. Amelia* ou na Avenida, elle está binoculando Mona Delza no *Palais Royal* ou fazendo a volta do lago, em *remise*, no bosque de Bolonha. Quando toda a gente viaja para gastar agradavelmente o seu dinheiro, elle viaja para agradavelmente o ganhar. Não é um *touriste*. É um homem de negocios : ou como tal, pelo menos, se consi-

dera. Excellente modo de vida este é, que o obriga, de vez em quando, a descer no *Quai d'Orsay* ou em *Charing Cross* para dizer duas palavras ao ouvido do seu banqueiro!

Conhecendo pelos nomes todos os empregados do *Sud-express*, todos os *maîtres-d'hôtel* dos paquetes da Mala Real, todos os *sommeliers* das luxuosas hospedarias onde habitualmente se aloja, nunca ninguem com mais facilidades e maiores commodidades viajou. A melhor *cabine* era a d'elle; a melhor mesa a d'elle; e até nos dias em que elle viajava, o *Sud-express*, esforçando-se por agradar-lhe, chegava sempre, pontualissimamente, á hora da tabella.

Mas, de repente, toda esta sábia organisação de conforto se desarticulou. A republica creára a este viajante insaciavel e incorregivel, que tem o vicio do deslocamento, — como aliás a todos os que se atrevem á aventura de entrar e sahir de Portugal pelas fronteiras terrestres, — uma série de embaraços que mergulharam no desespero este apaixonado do commodismo.

Como toda a gente sabe, desde que o *Sud-express* attinge, vindo de Lisboa, a linha divisoria da fronteira, delegados do governo entram nas carruagens para exigir dos passageiros, exactissimamente como na Russia, o

passaporte ou documento correspondente, em que se exare a sua identidade. Não satisfeitos com o severo cumprimento d'esta formalidade, em absoluto contrária á doutrina constitucional não revogada ou suspensa, os zelosos funccionarios procedem a interrogatorios, umas vezes summarios, de outras vezes indiscretos e fastidiosos, a que o viajante é constrangido a responder de bom humor, sob pena de lhe ser interceptada a passagem, com a consequente devolução para Lisboa. Isto se passa com os que se ausentam de Portugal, quando parece que seria um beneficio para a republica deixar livres as portas de sahida aos que lhe são declarada ou occultamente hostis. Ha sempre conveniencia em afastar de nós os inimigos...

Quando, porém, se entra, as coisas assumem caracter de uma maior gravidade. Ao exame dos documentos de identidade e ao interrogatorio imperativo vem juntar-se a revista minuciosa das bagagens, praticada não já apenas com o antigo criterio fiscal, mas principalmente com o rigoroso e desconfiado criterio policial.

Tudo é escrupulosamente revisto, não vá imiscuir-se, entre os frascos de *toilette* e o estojo das unhas, a Browning ou o Smith-Wesson prohibidos. As buscas não se circumscrevem

ás *valises* de mão e aos restantes volumes que ordinariamente acompanham o viajante. Descem á inspecção das proprias carruagens, suspeitas de vehiculos de contrabando revolucionario. Desde o *tender* da machina ao vagão-restaurante, tudo é cautelosamente examinado. E ai de quem não traga o seu passaporte devidamente visado pelas auctoridades diplomaticas da republica ou de quem tenha extraviado na folia de Pariz o precioso bilhete de identidade obtido, como salvo-conducto, no governo civil de Lisboa ! A sua presença no comboio é logo assignalada para o ponto de destino e não valem desculpas para evitar ao imprudente uma visita á policia...

Estas são coisas necessariamente convenientes á segurança do Estado, pois que se executam em opposição ás proprias leis, que concedem o livre transito das fronteiras terrestres e maritimas sem passaporte, e pois que se observam com manifesto prejuizo do paiz, como espectaculo pouco tranquillisador que constituem aos olhos de estrangeiros.

Sabe o governo os motivos, por certo imperiosos, que o determinam a este rigorismo pouco compativel com as liberdades de uma democracia, e seria de mau gôsto que se atrevesse um folhetinista a censural-o, por mais extraordinario que pareça o contraste entre

as formalidades *moscovitas* das fronteiras de terra e a recepção intelligente, captivante, que o viajante maritimo encontra no modelar posto de desembarque da Rocha do Conde de Obidos.

Mas o nosso amigo — que só déra pela republica quando pela primeira vez, em Villar Formoso, o arrancaram da leitura de um romance de Bourget para lhe exigirem o passaporte, — nunca pôde submetter-se com resignação a estas praxes incommodas. Sobretudo, o exame da bagagem punha-lhe os nervos em exaltações hystericas, tendo de fechar os olhos para não se arripiar de horror com a vista de duas mãos grosseiras remechendo-lhe a roupa, amarrotando-lhe as gravatas, devassando-lhe os segredos mais intimos das malas, com os quaes nada tinham que vêr a politica ou a Alfandega.

Viajar passou a ser para elle um acabrunhador sacrificio, depois que verificára a incorruptibilidade dos funccionarios que na fronteira exerciam, por conta da republica, as funcções impertinentes de agentes da policia e cujo zêlo patriotico ia até cheirarem os seus frascos de perfume e desdobrarem os seus lenços. De todas as vezes que no caes de Orsay ou no Rocio subia o estribo da carruagem da Companhia dos Grandes Expressos Euro-

peus tinha — elle m'o asseverava ha dois mezes, n'uma carta alarmantemente neurasthenica, escripta de Bruxellas, — authenticas palpitações de coração. E, certamente, n'esse d'antes sereno e jovial homem forte, não era o medo que assim o tornava, n'esses dias de viagem, infelicissimo, mas a perda das suas regalias de *habitué* do *Sud express*, que nunca furtára aos direitos uma caixa de charutos, que nunca lêra o artigo de fundo de um jornal e que uma vez respondia na Italia, a um diplomata que pouco antes fôra transferido de Lisboa, e lhe perguntava quem era o chefe do governo português áquella data : — « Não sei. Ha dois mezes era o Campos Henriques; o mez passado era o Sebastião Telles; mas este mez não sei quem está de serviço ao governo... »

Não; não era o medo de um conspirador compromettido ou de um contrabandista imprudente que o faziam transpirar de angustia nas visinhanças temerosas de Villar Formoso. O que lhe tirava o somno ao atravessar a Hespanha e lhe tirava o apetite ao atravessar a Beira Alta, era a visão da revista policial, inexoravel, ás suas malas, e do interrogatorio impertinente dos policias amadores, que, não contentes em examinar-lhe o passaporte, queriam saber para onde elle ia,

os motivos que o levavam a trocar o dôce clima de Portugal pelos nevoeiros londrinos ou pelos miasmas parizienses. Debalde ensaiára todos os estratagemas para corromper e captar os inimigos da sua commodidade. Comprara, de uma vez, antes de embarcar, todos os jornaes republicanos que um vendedor lhe offerecera no Rocio. Espalhára-os, como certificados da sua fé democratica, no sophá azul da *cabine*. Chegado, porém, a Villar Formoso, o agente radical encarregado do serviço de vigilancia, vendo á superficie a « Lucta » e a « Republica » e suspeitando-o de « bloquista », fizera-lhe passar um quarto de hora inquietante; e era sempre, depois do mallogro do seu estratagema, com um mau humor azedo que ingressava na patria, suspirando saudoso pelos tempos em que se podia voltar de Pariz sem que na fronteira os interesses do Estado impozessem tão rigorosos exames ás *valises* dos viajantes.

Inesperadamente, porém, essa providencia dos felizes, sempre solicita em remediar as pequenas contrariedades da sua ventura, veio em auxilio do meu amigo. Encontrando-o hontem n'um restaurante, chamando-me para a sua mesa logo elle me contou, com um ineffavel sorriso de felicidade, que, finalmente, reentrára nas suas commodidades de outr'ora.

Não mais as mãos dos agentes policiaes lhe revolveriam as malas. Não mais lhe perguntariam com arrogancia o que ia fazer a Pariz. Descobrira o salvo conducto milagroso, que em vão, durante mezes, procurára.

Avidamente o escutamos. Filiára-se aquelle *dandy*, tão desdenhoso de politica, na Carbonaria?

Era bem simples. Um dos funccionarios da legação de Pariz, seu amigo de infancia, pedira-lhe, no caes de Orsay, na hora de embarcar, para ser portador de papeis urgentes, embora sem importancia politica, destinados ao chefe do governo. Prompto accedera ao pedido. Na mala de mão guardára o volumoso sobrescripto, lacrado com o sêlo official da chancellaria, e até á fronteira não pensára mais no thesouro inestimavel que com elle viajava entre as suas gravatas inglêsas e as suas loções parizienses. O nervosismo de sempre acommettera-o, quando em Villar Formoso vira apparecer á porta da *cabine* os seus cabrions indagadores.

Mas, então, uma inspiração genial illuminára-o. Abrindo a mala, patenteando-a aos olhos prescrutadores dos agentes, disséra :

— Pódem os meus amigos revolver á vontade. A unica coisa de importancia que

aqui levo é esta carta para o presidente do conselho.

E exhibiu-a, com a solemnidade de quem era portador dos mais graves segredos do Estado.

Os homens logo recuaram, de chapéu na mão, com a submissão de serventuarios. E nem a primeira phalange de um dedo mergulhou na mala sagrada, onde d'antes as rudes mãos remechiam, desordeiras e desconfiadas!

Abençoando em todo o percurso da Beira Alta o enviado da providencia, que no caes de Orsay lhe confiára a carta milagrosa, o meu amigo, restaurado nas suas commodidades, almoçou esplendidamente e optimamente jantou, emquanto o *Sud express* descia a Extremadura. Assim, contente e feliz, desembarcou em Lisboa; e pousando sobre as suas cinco malas a *valise* de mão, que encerrava o talisman, segredára para o funccionario aduaneiro que, assistido pelos agentes de policia, dirigia a inspecção meticulosa das bagagens :

— Era favor que me revistassem as malas sem demora, pois que ainda esta noite preciso de entregar ao presidente do conselho os documentos urgentes de que sou portador...

E, como em Villar Formoso, retirando da

valise o prestigioso sobrescripto, viu espalhar-se no rosto do funccionario da Alfandega a expressão reverente do respeito.

Dez minutos depois, sem que uma só das cinco malas lhe fosse aberta, apeava do automovel á porta de sua casa. E, afinal, o sobrescripto, ao que podia ajuizar-se pelo tacto, apenas continha, de mistura com amostras de fazendas, catalogos de casas de modas: o preciso, todavia, para impedir o accesso das suas malas de roupa branca ás mãos indagadoras da policia e do fisco...

* * *

19 de Novembro.

O palacio do Presidente.

Quando poderia pensar o « Manteigueiro », ao construir nos fins do seculo XVIII o opulento palacio da rua da Horta Secca, á esquina da rua da Emenda, que, decorrido pouco mais de um seculo, o habitaria o presidente da Republica portuguêsa ! E não porque a palavra *republica* fosse desconhecida ao antigo creado da familia Azevedo Coutinho, que no Brasil adquirira a sua fortuna de nababo. Quando o ambicioso plebeu — que obtivera do morgado de

Villar de Perdizes o titulo honorifico de primo com a condição de lhe legar por morte o palacio da Horta Secca e todos os seus bens! — mandava pintar por Pedro Alexandrino os tectos das salas e derreter peças de ouro para dourar os tremós, em Paris guilhotinavam-se um rei e uma rainha. A Republica, elle conhecia-a através daquella longinqua orgia sanguinosa de França, contra cujo deleterio exemplo se afadigava Pina Manique, prohibindo a leitura dos encyclopedistas e perseguindo os jacobinos. Mas, por certo, nunca elle previra para o seu palacio o destino que lhe estava reservado de alojar um fidalgo Arriaga, eleito presidente da Republica. No seu tempo, nesse final de seculo XVIII em que reinava D. Maria II, os Arriagas eram dos mais fieis vassallos da corôa e mesmo uma Arriaga — a mesma ladina açafata a quem se refere Beckford, — era creada da rainha. Os tempos mudam; os destinos das familias modificam-se; e como os grandes nomes familiares que se perpetuam acompanhando a sorte vária das gerações, assim as casas ficam, como o palacio da Horta Secca, abrigando, ha cento e trinta annos, um merceeiro rico; em 1810, as ambulancias do coronel Peacock; em 1835, os dançarinos da Assembléa Lisbonense; em 1855, os convi-

dados do marquez de Lille, embaixador de França; em 1911, o sr. presidente da Republica...

Destino accidentado, o deste predio, que hoje guarda nas suas salas o rumôr discreto das conferencias politicas das crises ministeriaes e por cuja escadaria teem subido, no espaço de um seculo, imperatrizes e demagogos, diplomatas e carbonarios, os caceteiros miguelistas e os aguazis da regencia... Se fôra possivel resuscitar e reunir nos seus salões os seus habitantes e frequentadores de mais categoria, que sumptuoso baile *costumé* se não fazia ! Desde a peruca e a casaca de seda do fundador, dos chales-mantas e dos *carrikes* do romantismo, dos uniformes dos officiaes inglêses de Beresford, das casacas azues dos diplomatas da Restauração até ás sobrecasacas dos estadistas republicanos, que de trajos, de uniformes, de *toilettes*, com que compor uma revista da moda através de tres seculos ! Mas só a fachada do já agora historico edificio, cujo penultimo locatario foi o ministro do Brasil, sr. Costa Motta, se mantem inalteravel, como quando em frente do seu portal estacionavam os coches, as *estufas* e as berlindas do antigo regimen, as liteiras do miguelismo, as séges e as traquitanas do romantismo : em que os estroinas de

1840 raptavam as bailarinas do S. Carlos.

Lá dentro tudo mudou. Apenas a escadaria é a mesma por onde arrastaram as espadas dos officiaes britannicos e as capas de baile das elegantes sentimentaes do tempo de Garrett. Até 1835, ainda as salas branca, vermelha, verde e amarella ostentaram os *plafonds* pintados por Alexandrino, as portas de madeira do Brasil, toda a pompa desbotada do estylo Luiz XVI, com os tremós onde o oiro começava a apagar-se e os espelhos onde o aço principiava a emergir. Mas as primeiras décadas do seculo XIX caracterizaram-se, em todo o sentido, por uma grande ancia de reforma. Ao homem que surgia das ruinas de um passado appellidado pelos rhetoricos de execrando, que fundára a sociedade nova sobre os escombros da sociedade destruida pelas revoluções e pelas guerras civis, eram antipathicos os scenarios da vida antiga. Só os pobres continuavam a servir-se do espolio de arte delicada que lhe legára o outro seculo. Os ricos, esses faziam derreter as baixellas patrimoniaes, fóra de moda, para as substituir pelos modelos deselegantes do pseudo-estylo da Restauração em que se corrompera o néo-classissismo do Imperio. A Assembléa Lisbonense, ao instalar-se no palacio da Horta Sêcca, refor-

mara-o por completo. Os estuques á italiana cobriram as pinturas antiquadas. Os mognos vermelhos, com ornatos de bronze, escorraçaram para os ferros-velhos as *bergères* acolchoadas de brocado e os alçados das credencias, onde se haviam sentado as sécias decorativas e onde se tinham contemplado os peraltas bocageanos. Assim, vandalicamente restaurado ao gosto da época, o palacio do Manteigueiro abriu as suas portas á sociedade animada, combativa, brilhante, do reinado de D. Maria II, para os bailes pittorescos do romantismo onde compareciam as infantas e as grandes familias da nobreza liberal : os Palmellas, os Terceiras, os Farrobos, os Villa Reaes, os Ficalhos, os Fronteiras, os Loulés. A imperatriz duqueza de Bragança — viuva de D. Pedro I do Brasil, — a propria rainha D. Maria II e o rei D. Fernando dignavam-se honrar os salões da Horta Sêcca com a sua presença. Por um momento, na recem-nascida sociedade do constitucionalismo, que não tivera ainda tempo de organizar a vida mundana da sua aristocracia, a Assembléa Lisbonense foi a sala de baile do bom tom, onde se ensaiaram as relações da burguezia financeira com a nobreza, segundo os preceitos democraticos da moda. Antes porém que *Correio das Damas* se occupasse dos grandes

acontecimentos mundanos decorridos nos salões da Horta Sêcca, o palacio já servira de palco a variados successos. Habitara-o, embora provisoriamente, em 1804, o poderoso conde de Caparica. Em 1810, o proprietario era intimado a cedel-o ao coronel Peacock, que nelle installou um hospital militar britannico. Era isso na Lisboa inglêsa da regencia, preservada das gulas napoleonicas pelos futuros soldados de Waterloo.

O miguelismo encontrou o palacio do Manteigueiro occupado pelo opulento negociante inglês João Fletcher, que dos telhados se entretinha a interceptar os despachos telegraphicos transmittidos ao governo, pelo systema de Chappe, sobre as operações militares do Porto.

Aquelles que hoje se queixam das prepotencias jacobinas e do perseguismo demagogico, certo fugiriam com familia e haveres da Lisboa sectaria e brutal dos caceteiros, que a esse tempo infestavam a cidade em caça aos liberaes, organizados em quadrilhas estipendiadas pelos mais facciosos miguelistas. Entre estes destacava pela imponencia terribilissima da malta assalariada o adjudicatario do contracto do tabaco, João Paulo Cordeiro, vizinho de João Fletcher, « cujo enthusiasmo por D. Miguel era tão acendrado,

— conta o snr. Pinto de Carvalho, — que por cada anno do bemaventurado reinado deste principe mettia nos dedos um anel com um solitario ». Dispendiosa commemoração esta era, que ameaçava com o tempo converter numa joalheria as mãos do miguelista, se no quarto anno a victoria de D. Pedro não tem impedido o ingresso de um quinto anel nos seus dedos já demasiados illuminados pelo fulgor de quatro brilhantes reluzentes.

Aos primeiros rebates do triumpho liberal, os caceteiros do miguelista eclypsaram-se, deixando abandonado ás represalias dos pedreiros livres o realista façanhudo, cahido de cama com o cholera. Valeu-lhe então no transe afflicto o inglês misericordioso. Transportado de noite para o palacio da Horta Sêcca, occulto nas aguas-furtadas, entre velas de navios, dalli escutou o vencido, com o coração oppresso, embrulhado nas lonas, os clamores da multidão, que em frente do palacio vinha reclamar, por entre vivas á liberdade e morras aos miguelistas, a entrega do foragido.

Oitenta annos mais tarde, em frente do mesmo palacio, o mesmo povo de Lisboa havia de vir, com a mesma exaltação patriotica, victoriar a Republica e amaldiçoar os ultimos defensores do throno do descendente

de D. Pedro, em cujas fileiras assentavam praça os descendentes de D. Miguel!

Ah! as casas têm tambem, como as familias, a sua historia, a sua fatalidade, o seu destino prospero ou infeliz; e o acaso que destinou o palacio da Horta Sêcca para habitação do primeiro presidente da Republica foi singularmente propicio aos folhetinistas: esses *reporters* da Historia! Pois quê! não vos impressiona, não vos convida a supersticiosas reflexões as coincidencias singulares e os contrastes surprehendentes que levam para o palacio da Horta Sêcca, pela mesma escadaria sumptuosa por onde subiram, em *toilette* de baile, a viuva de D. Pedro IV, a rainha D. Maria da Gloria e as filhas de D. João VI, o chefe da democracia de outubro? Com excepção dos paços reaes, não ha talvez outra casa em Lisboa onde mais tenham entrado os reis da ephemera dynastia constitucional. E é justamente essa casa que o presidente Arriaga escolhe para morar, como successor do ministro do Brasil, — que das suas varandas saudou os batalhões voluntarios da Republica, tal qual o rei D. Fernando saudára, no intervallo de uma quadrilha, em uma noite de baile da Assembléa Lisbonense, os batalhões da guarda nacional!

Ao percorrer as suas salas, onde difficil é

já descortinar vestigios das decorações magnificas com que em 1855 o marquez de Lille, embaixador de Napoleão III, substituiu os luxos emmurchecidos da extincta sociedade recreativa, o veneravel ancião de quem a Republica fez o chefe do Estado, não se privará certamente de evocar toda essa affluencia de vultos que perpassaram entre aquellas paredes, debaixo daquelles tectos que viram os parlamentares e os estadistas do cartismo e do setembrismo, os casacas-de-briche e os sansimonienses de 37, os irrequietos marechaes do liberalismo, e cuja obra destruida a revolução de outubro varreu para junto dos destroços do absolutismo, que as suas vozes e as suas espadas haviam derruido...

E' neste palacio, tão habitado de sombras, que o presidente offerece hoje o seu primeiro banquete official á Camara Municipal de Lisboa. Ao jantar seguir-se-ha uma *soirée* — palavra timida, indecisa, que significa o ensaio para os futuros bailes do modesto Elyseu da Republica Portuguêsa, em que os sigisbeus democraticos valsarão a tres tempos com as musas da revolução, emquanto os senadores e os ministros jogarão o bridge : esse mesmo jogo elegante e absorvente que D. Manuel se entretinha a jogar na sala Imperio das Necessidades, emquanto os repu-

blicanos armavam na Rotunda a ratoeira onde iria cahir a realeza...

* * *

O espolio espitolar do rei D. Carlos.

O uso que se tem feito das correspondencias particulares, de caracter secreto, pelos historiadores e memorialistas contemporaneos, vem de certo modo alterar o criterio a que se subordinava outr'ora a publicidade d'esses documentos. O que ainda ha cincoenta annos era considerado, por sua natureza intima e confidencial, alheio ás legitimas curiosidades da Historia, hoje, que esta se não limita á narrativa chronologica dos acontecimentos, mas procura pela analyse meuda dos caracteres, adoptando o processo dos romancistas, retratar as individualidades e devassar as determinantes mais subtis das suas acções, constitue verdadeiro material historico, como tal subtrahido aos privilegios da confidencia.

Até que ponto uma tão arrojada theoria pode prevalecer sobre os direitos de inviolabilidade da correspondencia privada, é este um assumpto em que a consciencia mais ou menos escrupulosa do historiador se substitue

a regras indefiniveis. Assim, no caso presente, não seria esteril o debate que tivesse por fim estabelecer os direitos que ao Estado assistem de arrecadar nos archivos da Torre do Tombo, embora a titulo de documentos secretos, a correspondencia feminina de D. Carlos, encontrada no paço das Necessidades.

Esta collecção epistolar, que enche uma grande caixa de lata, é tudo o que resta de um mais volumoso espolio — que os intimos do soberano destruiram após o regicidio, tanto no hiate *Amelia* como nos aposentos que o rei occupava no palacio, — e deve-se o ter escapado a essa destruição dedicada o achar-se guardada n'um cofre forte, que mais tarde foi mandado arrombar por um serralheiro, violando-se-lhe os amorosos segredos.

E aqui cabe enunciar, nitida, uma questão prévia : — pode, dignamente, um homem guardar como reliquias, sujeitando-as ás eventualidades do extravio, cartas de caracter intimo?

Embaraçosa pergunta esta para quem não pretenda julgar o caracter de um homem por um delicto em favor do qual se movem tantas circumstancias attenuantes ! Indispensavel é reconhecer que muitas vezes, a esses documentos, o homem não está apenas

preso por uma vaidade donjuanesca, mas por irreprimiveis saudades sentimentaes. A verdade é que D. Carlos colleccionava imprudentemente *toda* a sua correspondencia feminina e que a sua morte imprevista legou uma parte d'ella — a que os seus amigos fieis não conseguiram inutilizar, — a mãos legitimamente indiscretas, que tiveram a não menos imprudente paciencia de a catalogar e archivar, inscrevendo em cada masso de epistolas os nomes ou as iniciaes das signatarias.

E' um facto averiguado que a tendencia para archivar documentos de natureza intima está em razão directa da proeminencia social dos colleccionadores. Isto parece denunciar n'elles a consciencia de que as mais reservadas acções da sua vida possuem uma importancia *historica* que sobreleva aos preconceitos humildes e aos escrupulos timidos dos restantes mortaes. Terrivel habito, todavia, a que se podem attribuir tantos successos funestos e a profanação de tantos segredos melindrosos! A quem, mais do que ao proprio interessado em preserval'as, compete zelar as confidencias dos corações que se lhe abrem? Não pode parecer até certo ponto legitima a pretenção dos que — sôfregos de lançar á publicidade estes documentos de

caracter clandestino, — argumentam que o facto da sua sobrevivencia necessariamente implica a indifferença que os seus possuidores ligavam á sua revelação? Pois o processo summario de impedir a repercussão de uma carta confidencial não é ainda — e outro se não descobriu até hoje, — o de destruil'a? Não hesitamos em dar a nossa adhesão ao partido dos que classificam as cartas particulares em duas cathegorias : *as confidenciaes, que se queimam, e as vulgares, que se rasgam.*

D. Carlos não queimava as primeiras. Limitava-se a destruir as segundas. Uma das mais fortes componentes do seu caracter era a vaidade. Assim se comprehende que elle guardasse ciosamente esses trophéus do affecto e do amor, que tanto lisongeavam o seu orgulho de *jouisseur.* Que lhe lance a primeira pedra o homem que nunca arrecadou uma carta amorosa... E' entretanto necessario fazer-lhe a justiça de acreditar que teria sacrificado sem vacillações esse platonico thesouro, se algum dia se houvesse persuadido de elle que corria riscos de se extraviar da sua posse.

Porventura a pessoa ávida e humanamente curiosa, a quem a violação de um cofre de ferro fez entrar na posse de uma parte da cor-

respondencia intima do rei D. Carlos, reservava-se mentalmente a intenção generosa de devolver as epistolas ás suas auctoras imprudentes. Issose poderia deprehender do facto, averiguado, de haverem sido restituidas algumas d'essas cartas. As restantes, todavia, e numerosissimas, lá estão, classificadas, na caixa de lata em que os arroladores as encontraram, á espera da fogueira que as devore ou do archivo que as recolha...

Não só esses foram, comtudo, os documentos aprehendidos na busca laboriosa a que procederam os inventariantes das Necessidades. Como D. Carlos, a Rainha e D. Manuel tinham, inveterado, o habito methodico de colleccionar correspondencia e entre esta o governo seleccionou documentos politicos a que os jornaes têem feito sem ambiguidade multiplas referencias, pretendendo que de alguns d'elles se inferem os receios, que já assaltavam o soberano, de se ultimarem pela revolução as ameaças republicanas.

Desconhecemos a importancia e o assumpto d'esses papeis secretos, de que se apoderou o Estado, e entre os quaes já se affirmou existirem as cartas por D. Manuel escriptas a sua mãe, relatando pormenorisadamente as *démarches* politicas do monarcha no decurso das viagens officiaes ás côrtes de Madrid e de

Londres. Mas pouco depois que a commissão nomeada pelo governo para proceder ao inventario dos bens sumptuarios chamados da Corôa e dos que á familia de Bragança se reconhecesse pertencerem — destrinça difficil na parte que respeita á herança artistica de D. Fernando, entre a qual se conta o celebre quadro de Holbein, adquirido pelo marido de D. Maria II na egreja da Bemposta, — começou procedendo ao arrolamento do mobiliario do palacio das Necessidades, logo em Lisboa circularam rumores de descobertas sensacionaes, a que a fantasia, de mãos dadas com a maledicencia, exaggerava a significação moral e o alcance politico.

Sem contar o *Diario* da rainha D. Amelia, que breve tempo depois de apprehendido lhe era honradamente devolvido para Londres por intermedio da legação de Inglaterra, o documento capital obtido n'essas pesquizas por armarios, gavetas e cofres, parecia ser um livro em que o rei D. Carlos, nos primeiros annos do seu reinado, anotára impressões de caracter reservado sobre o pessoal das suas casas civil e militar : sobre a sua côrte. Dizia-se que n'esses breves apontamentos o rei denunciava uma perspicacia de observação, dotes de analyse e um poder de ironia que só podiam, aliás, constituir surprezas

para quem não conhecera na intimidade esse conversador emérito, cujo scepticismo elegante e illustração variadissima, alliada á indulgente bonhomia peculiar aos sybaritas, d'elle faziam, nas horas de bom humôr, um parceiro incomparavel de conversa. Como escriptor, porém, para ser um Saint-Simon, faltava a D. Carlos o estylo. A sua prosa era correntia e facil, adaptando-se, espontanea, ao pensamento, mas sem elevação artistica.

Salvava-a da banalidade o seu infallivel instincto do bom gosto. Era sobria, desafogada de imagens, mas resentia-se de uma *sans-façon* familiar, por vezes de contextura grammatical claudicante, que, se lhe communicava um despretencioso pittoresco, a invalidava comtudo para poder ser considerada com quaesquer meritos litterarios. Elle não era de modo algum um litterato, se bem que improvisasse versos com relativa facilidade — o que muitos ignoram, — como não era um compositor, embora com frequencia se entregasse no piano ou no orgão a fantasiosos caprichos sobre reminiscencias musicaes. Na carta, porém, que elle sabia escrever com um desembaraço elegante, as suas deficiencias de estylista eram compensadas pela vivacidade da expressão e pelo dom innato da clareza — vejam-se para exemplo as car-

tas celebres, vulgarisadas pela imprensa, dirigidas a Hintze Ribeiro : a carta dos *erros que de longe vêem*, e a da duquesa de Uzès, publicada pelo *Figaro*. Nenhuns documentos melhor do que a sua correspondencia, esparsa por mãos de amigos e de politicos, lhe revelam, sem retrahimento ou dissimulações, o caracter affectivo — como na carta escripta ao sr. conde de Sabugosa por occasião da morte dramatica de sua filha, — e a delicadeza sentimental d'esse Petronio, considerado por muitos como um Tiberio, e de que vae ser preciso, quando se applaquem as inevitaveis paixões humanas, refazer o retrato por completo, de modo a approximal'o, com as suas qualidades eminentes e numerosos defeitos, da verdade com que as gerações futuras poderão sem injustiça analysal'o.

Ora, essas paginas pseudo-sensacionaes de D. Carlos, essas pequenas biographias da sua *entourage* palaciana, agora encontradas nas Necessidades, nós de ha muito as conheciamos, favorecidos por um d'esses acasos que protegem os escriptores, acaso que hoje nos permitte soprar o baralho de cartas d'este pueril segredo de Estado. Taes apontamentos representam um subsidio historico de valôr méramente psychologico. A' parte a singularidade, que a muitos se affigurará es-

candalosa, de denunciarem as opiniões do rei sobre algumas das figuras mais em evidencia da ultima côrte portuguêsa, não lhes reconhecemos o alcance que os rumôres de Lisboa pretenderam emprestar-lhes. Simples desabafos como são, não possuem sequer actualidade. Remontam a um periodo circumscripto aos primeiros seis annos do reinado de D. Carlos.

Necessariamente, c rei dos ultimos annos, mais conhecedor dos homens e mais indulgente para com os defeitos humanos, de que elle proprio não conseguira emancipar-se, teria corrigido algumas d'essas sentenças e attenuado alguns d'esses epigrammas. O Tacito real nem sempre n'essas monographias concisas foi justo, se bem que não se possa pôr em duvida a sinceridade com que as redigiu. Como vae vêr-se, nada ou bem pouco existe n'este fragmento litterario de D. Carlos que legitime o alvoroço com que os gulosos de escandalo teem até hoje diligenciado conhecer o texto exiguo do caderno mysterioso em que o soberano anotára, n'uma hora ociosa, as suas intimas opiniões sobre os dignitarios da sua côrte. Os elogios mordazes á minuscula obra real são tão descabidos como injustificaveis as reticencias com que procuram viperinamente ampliar-lhe a im-

portancia os alviçareiros profissionaes do escandalo.

Trata-se, como dissémos, de singelas notas, que interessam o historiador apenas porque surprehendem, sem hypocrisia, alguns pensamentos reservados do rei. Se D. Carlos tivesse perseverado em traçar, através dos dezoito annos do seu reinado, os retratos dos homens que d'elle se approximaram, então sim, a obra teria em globo uma importancia historica consideravel. Mas o que d'estes apontamentos sobrios se infere pouco mais é do que a sua *verve* humoristica, sem lampejos sardonicos ou de satyra. Onde as suas vertiginosas biographias nos sensibilisam é quando a ironia se cala para deixar falar o coração, como nos retratos do conde de Villa Nova da Cerveira e do almirante Baptista d'Andrade.

Eis o texto integral do pequeno caderno apprehendido no paço das Necessidades, com a unica variante da eliminação das iniciaes que precedem cada uma das biographias :

Casa Civil de S. M. a Rainha

Duqueza de...

« *Uma* grande dame jusqu'au bout des ongles, *quando o quer ser — o que não é sempre... Extremamente leviana. Uma* to-

quée. *Organisação de artista... que não estudou. Faz esculptura e tem opiniões sobre arte, que nem sempre são as melhores. Tem-se falado muito d'ella em bem e em mal. Em bem é caridosa e creio que é a amiga dos seus amigos. Em mal... tem-se dicto tanto que nem sei o que diga. Em todo o caso tem muito geito para pôr as aparencias todas contra si e é bom pensar sempre que* quand tout le monde a tort tout le monde a raison. *No exercicio do seu cargo não tem o menor geito e não tem tambem sympathias. Resultado pratico : faz mal o seu serviço e faz mal á pessoa a quem serve. Conclusão : é bastante decorativa — não tanto como o marido — e é optima para vêr de longe a governar o seu carro.* »

Condessa de...

« *Boa pessoa. Não é tôla. Pouco instruida. Optima mulher. Optima mãe. Pode ser uma muito boa amiga, querendo-o. E' uma pessima inimiga. E' leviana. Fala demais sobre tudo e sobre todos, á força de querer falar sempre. Mette-se demais com a vida do proximo, segura de que não podem metter-se com a sua. E' correcta no seu serviço.* »

Condessa de...

« *Boa, mas de uma insignificancia completa e com bastante máu genio.* »

Conde de...

« *Bom rapaz. Pouco intelligente. E' socio da Academia por ter immensa vontade de ter talento. Como homem é direito e desembaraçado. E' honrado. Mas no seu modo de viver tem falta de senso moral e muitas vezes de senso commum, o que torna a mulher bastante infeliz. Em todo o caso um bom e leal amigo.* »

Conde da...

« *Optimo, leal, um caracter que já não é dos nossos tempos. Amigo certo, intelligente, vendo as cousas bem. Não tem senão um defeito : o ser bom demais.* »

X...

« *Uma joia. Foi um doido. Hoje é um homem sério e correcto. Intelligencia regular, mas graças ao seu grande sangue-frio vê o geral das cousas como poucos as vêem. E' de bom conselho sempre que lh'o saibam pedir.* »

Casa d'El-Rei

Conde de...

« *Intelligencia superior. Vê as cousas elevadamente quando se digna de ter esse trabalho. Tem optimo fundo, mas uma pessima encadernação. E' um optimo amigo e faz per-*

feitamente o seu serviço. Quando é necessario é convenientemente pratico. »

Conde de...

« *Um velho fidalgo com todas as suas qualidades e defeitos. Para elle o seu Deus é o seu Rei. Fará a maior asneira ou a cousa a mais compromettedora se fôr Elle quem mandar.* »

Conde de...

« *Foi um estudante* HORS-LIGNE. *Hoje está completamente perdido.* »

Marquez de...

« *Se ainda houvesse Triboulets estaria prompto a sêl'o. Caracter falso, desleal, egoista. Não tem um amigo. Não é amigo senão de si proprio.* »

Almirante...

« *Poderia chamar-se-lhe* « le chevalier sans peur et sans reproche. » *Não tem uma mancha na sua larga carreira civil e militar, e é o melhor dos homens.* »

General...

« *Foi um bom official. E' um caracter digno. Hoje está na decadencia.* »

Coronel...

« *Bom official de cavallaria. Muito ignorante em tudo o que não diz respeito ao seu*

officio. Extremamente desconfiado. Amigo dos seus amigos. Inconveniente no seu modo de falar. Homme à bonnes fortunes... *faceis.* »

E é tudo o que se contem no famoso caderno de D. Carlos. Estas confissões de um rei, que tão unanimemente foi considerado como incapaz de reverenciar a virtude, só concorrem para o tornar mais enygmatico perante os seus rancorosos detractores. Esperamos poder um dia contribuir para esclarecer com documentos e depoimentos inéditos o enygma desorientador da esphynge real, quando a politica nos consentir converter este *máu* rei n'um homem optimo...

* * *

3 de Dezembro

Lisboa incrédula e as chinêsas Ajus e Joé.

Com uma curiosidade a que se oppõe a doutrina constitucional, que expressamente prohibe se indague das crenças religiosas dos cidadãos, nos quesitos formulados para o recenseamento geral da população inclue-se o da religião professada pelos individuos que constituem a familia. Só ao facto de se haver precipitadamente adoptado, com modificações apenas su-

perficiaes, o modêlo dos antigos e defeituosos questionarios do tempo da monarchia, se póde com verosimilhança attribuir essa infracção manifesta da lei, que não corresponde sequer a nenhum interesse do governo. Comprehendia-se que tal pergunta se fizesse para esclarecimento das bases e orientação do diploma destinado a regular materia religiosa comprehendida no programma republicano da separação da Igreja. Mas independentemente d'essa contribuição demographica o divorcio espiritual entre as religiões e o Estado já se fez, e a não ser que se queira agora patentear pelos resultados colhidos do censo a anomalia de um paiz catholico na posse de uma lei manifestamente restrictiva do exercicio do catholicismo, não faz sentido esta illegitima curiosidade official.

Alguns hectares de terra portuguêsa existiam, é certo, em que, affirmavam alguns ideologos, tinha demonstrado o povo português uma invulnerabilidade absoluta á inquinação da fé religiosa. Era Lisboa. A capital portuguêsa era livre-pensadora; e, por mais numerosos que fossem os indicios em contrario, todos tendentes a demonstrar a incapacidade de Lisboa para professar o culto eminentemente intellectual do livre-pensamento, que exige uma immunidade absoluta ao fanatismo,

sob todos os seus aspectos theologicos e laicos, perseveravam os seus apologistas em mostral-a ao mundo atonito como a cidade redimida das perturbações do sobrenatural e da credulidade divina.

O famoso discurso pronunciado por Robespierre, no auge da sua omnipotencia terrivel, e acclamado por toda a França, em que o jacobino exalta com eloquente vehemencia o culto da divindade e a immortalidade da alma, seria assobiado em S. Bento. E' que depois de Robespierre os homens caminharam — em Lisboa ! Procure-se fazer uma ideia do que succederia ámanhã no parlamento, se um dos grandes apostolos da republica subisse á tribuna para pronunciar estas palavras memoraveis do accusador de Danton : « A ideia de Deus e da immortalidade da alma é um appêllo permanente á justiça ! E', pois, uma ideia social e republicana. Onde está o legislador que se tenha atrevido a nacionalisar o atheismo? Livremo-nos de quebrar os élos sagrados que unem os homens ao auctor de todos os sêres ! Que collocaram os impios inimigos de Deus no logar d'aquillo que destruiram? O cahos, o vácuo e a violencia ! Em vez de esclarecerem o povo, só pretendiam depraval-o. Se os meus principios são erroneos, ao menos me sirva de desculpa

que eu exalto o que todo o mundo venera. Vêde com que arte profunda Cesar, advogando no senado romano a causa dos cumplices de Catilina, se alonga n'uma digressão contra o dogma da immortalidade da alma, de tal modo essas ideias lhe parecem propicias para apagar nos corações dos juizes a energia da virtude, tanto a causa do crime se lhe afigura ligada á do atheismo! Cicero, pelo contrario, invocava contra os traidores o gladio da lei e a cólera dos deuses. Socrates, moribundo, disserta sobre a alma immortal. Leonidas, nas Thermopylas, ceando com os companheiros de armas, quando vai praticar a mais heroica resolução que jámais concebeu a virtude humana, convida-os para o proximo banquete da vida eterna. Só um scelerado, consciente da sua miseria moral, póde considerar o anniquilamento como o melhor dom da natureza! » (1)

Lisboa teria rido a *bandeiras despregadas*. A demagogia teria coberto de apupos o orador ridiculissimo. Para que Deus? Para repartir com elle a idolatria, que toda não basta para lisongear a ambição orgulhosa dos homens? Não; Lisboa transportára intacta

(1) Discurso de Robespierre na Convenção Franceza, no 18 floreal (7 de maio) do anno de 1793.

para o culto da republica a sua fé religiosa. Os ventos da verdade tinham de ha muito extincto na sua consciencia purificada esses ardores de barbaro fanatismo, que ha tres seculos a arremessavam para o Terreiro do Paço, a gozar o espectaculo horrendo dos autos-de-fé e que ha oitenta annos a desvairavam á sahida dos lausperennes e novenas, armada de cacetes, contra os pedreiros-livres.

O povo de Lisboa renunciára á tutella das religiões. Convencera-se da mystificação dos dogmas. Trabalho baldado seria pretenderem ludibrial-a com quaesquer avisos de milagres. Para a Lisboa sceptica do anno II da republica, o limite do prodigioso eram os prestidigitadores e os funambulos do Colyseu. A si propria, convencida pelo que lhe declamavam os seus perceptores politicos, Lisboa se decretava com jactancia as honras hypercivilisadas de atheia. Deus, dogmas, milagres — tudo coisas com que ella se divertira na infancia. Fosse embora o paiz a victima de superstições grosseiras. Lisboa era, n'aquella ganga, o brilhante luminoso, a materia purificada.

E já por todo o vasto mundo os philosophos observavam o surprehendente phenomeno da cidade avançada, da cidade modêlo,

que a todas as cidades do orbe se antecipára na emancipação da superstição universal, quando uma manhã, do vapor do Barreiro, desembarcam no Terreiro do Paço duas chinêsas sordidas, com cabaias verdes, os cabellos em trunfa trespassados de estyletes de aço, arrastando pela mão duas creanças somnolentas, que esfregam com os deditos sujos os olhinhos obliquos de suinos. Um chin vestido á europeia, ajoujado de trouxas, acompanha as pallidas filhas de Budha; e toda a familia exotica se faz conduzir no trem de um cocheiro demagogo, socio do Registo Civil, á hospedaria modesta de uma rua obscura, que só os moradores conhecem em Lisboa e de que todo o paiz vai ouvir fallar passados oito dias .

Na manhã seguinte, á hora em que os madrugadores ministros da republica descem dos automoveis da antiga casa real á porta das suas secretarías, as duas chinêsas estão no Terreiro do Paço, sentadas no parapeito do caes. Ao lado, n'um copo, têem umas finas espatulas de sandalo, uma caixa de porcellana com uns pós mysteriosos e um vaso onde oscilla um liquido incolor. E com isso apenas ellas vão provocar uma revolta e destruir a fama da cidade incredula !

Pouco demora que, attrahidos pelo exo-

tismo das cabaias, os carregadores do caes e os fragateiros se approximem. Em breve, um grande magote de curiosos rodeia Ajus e Joé, que pesquizam na assistencia o predestinado a inaugurar a sua fama de miraculosas curandeiras.

E, de repente, ambas ao mesmo tempo soltam um grito de contentamento. Um homem as espreita, surprehendido, com dois olhos vermelhos, atacados de conjunctivite granulosa, e logo as duas, por uma eloquente mimica, que a multidão interpreta sem custo, se offerecem para curar o padecente e restituir a plena vista ao semi-cego. Este, como hypnotisado, deixa-se operar sem resistencia e um rumor de espanto eleva-se quando Ajus, com a espatula de sandalo, começa extrahindo delicadamente das orbitas enfermas pequenos vermes brancos que rabeiam!

Como apostolos açodados em propagar o milagre, espontaneamente partem pela cidade, a prevenir os doentes conhecidos, alguns dos populares presentes. Em vinte e quatro horas a escuridão de cada cego se illumina em Lisboa de esperança. E' uma epidemia de fé que se propaga veloz. Como ás piscinas de Lourdes, á rua da Padaria acode uma multidão anciosa. Pela escada do Hotel Algarve, de manhã á noite, sóbem, tacteando

as paredes, cegos acudidos de toda a parte. Debalde a medicina declara que o milagre não passa de uma prestidigitação. E' contra a sciencia, a favor das curandeiras, que o povo se insurge. A superstição que dormia nos intimos recessos da Lisboa atheia, acorda em delirio. A fé, como um incendio, devora as cordas frageis que manietavam o povo aos altares da incredulidade.

Em vão os seus mentores prestigiosos o exhortam a não compromettter a sua fama. Pois que! Era aquelle o povo indemne ás influencias do sobrenatural, que olhava com desdenhosa piedade para as provincias do norte, escravisadas á superstição, e que d'antes lhes mandava, para lhes vigiar os accessos faniticos, as sentinellas rigorosas da carbonaria?

Mas do que seria então capaz essa Lisboa da impiedade, se em logar de duas chinêsas sordidas, que extrahem vermes das orbitas, por uma manhã luminosa surgisse no Terreiro do Paço e tomasse uma carruagem para a basilica da Estrella ou para os Jeronymos um certo curandeiro divino, a quem chamavam Christo — Lisboa lembra-se ainda de certo de ouvir falar vagamente d'este revolucionario judeu... — e que resuscitava os mortos, fazia andar os paralyticos, restituia a

luz aos cegos e, cousa mais milagrosa ainda, dizia aos homens que uns aos outros se deviam amar como irmãos, que uns aos outros se não deviam combater como inimigos?

Ah! Lisboa do atheismo, como vais tu, na papelêta do recenseamento, responder á pergunta sobre a religião que professas? Todos te conhecemos agora, e, embora lá escrevas que és livre-pensadora, nós sabemos melhor do que tu — o que tu és!

* * *

17 de Dezembro.

O tribunal das Trinas.

Uma vasta sala, illuminada por uma grande janella de cada lado. Ao fundo, sobre um papel mosqueado, tres bustos na parede: Bruto, Marat, Lepelletier. Sob o busto do matador de Cesar, o presidente sentado a uma mesa; o accusador publico á esquerda, tres juizes á direita: os cinco com chapéus de plumas tricolores. Abaixo do presidente, o escrivão. Do lado do accusador publico duas grandes mesas parallelas, assentes em esphynges aladas, em frente das quaes se senta o jury. Do outro lado, uma mesa identica: a do defensor. Atraz d'este, uma tri-

buna de seis degráus para os accusados, tendo ao alto uma cadeira para o réu principal. No hemicyclo, dois degraus abaixo do nivel da sala, os meirinhos sentados n'um banco. Em face do presidente, o publico. Eis o tribunal criminal revolucionario constituido pela lei de 10 de março de 1793, em Pariz, para julgar sem appellação os conspiradores, e installado na sala da *Liberdade*, a que outros tambem chamavam — talvez por escrupulo em adoptarem o sarcasmo horrendo, — a sala da *Igualdade*.

Estes homens legalisam o assassinio; matam com textos. Representam uma sinistra comedia judiciaria e são os fornecedores da guilhotina. Consentem a defeza; mas contaram de antemão o numero de cabeças. Dizem-se os executores da sociedade; mas são os despovoadores da França. Realistas, girondinos, hebertistas, dantonistas estão ainda a justificar-se perante estes juizes, quando já elles fizeram signal ás carroças do supplicio para se approximarem.

A escadaria do tribunal chama-se *a escada das Parcas*. Esta justiça distribue ao accusado um acto de accusação em que se lê á margem : « Cabeça para guilhotinar sem remissão. » Esta justiça, quando teme quaesquer desesperos de eloquencia, faz levantar qualquer

Antonello do banco dos jurados, para declarar que a consciencia do jury se acha sufficientemente esclarecida. Esta justiça, quando o accusado se obstina em não querer morrer. diz-lhe : « Ponho-vos fóra dos debates por insulto ao tribunal. » Esta justiça, Danton a satyrisa com um rugido orgulhoso : « Vamos ! nada de deliberações ! já vivi o bastante para ter direito a ir dormir para o seio da gloria ! » Esta justiça, que é a *toilette* da morte, Girey-Dupré desmoralisa-a, indo para o tribunal com a camisa aberta e o pescoço nú, prompto para o cutello, como se, em vez dos juizes, fosse defrontar-se com os carrascos. Estes homens subverteram a consciencia humana : o crime converteu-se em virtude, a virtude transmudou-se em crime, a palavra vale pelo acto, a intenção pela conjura, a suspeição faz prova, a commiseração é um delicto, o nascimento é um artigo de libello, a origem um motivo de sentença. A idade? Que importa a idade? A guilhotina mata no mesmo dia velhos e creanças. O sexo? O sangue que corre não tem sexo.

Aquelles homens severos, de plumas tricolores nos chapéus e capas de sêda preta até aos joelhos, fitam constantemente um espectador que toma notas. Este espectador que aquelles homens contemplam para revigora-

rem a insensibilidade feroz, é o fiscal do *comité* de salvação publica. O que elle redige é o relatorio diariamente mandado ao *comité* sobre a audiencia, o publico, o tribunal, o presidente, o accusador, os juizes e o jury. E estes homens, para que o terror os deixe viver, matam. Para as suas apavorantes parodias de justiça, estes homens crearam uma linguagem, ou antes uma algaravia. Vestem as suas hecatombes quotidianas com uma pompa de injurias, uma ampliação pedante de rhetoricos, onde se empilham os periodos redundantes, os epithetos artificiosos, as metaphoras empoladas e as vulgaridades ciceroneas. « Ainda ao menos — dizia Malesherbes d'estes debates de assassinos, — se aquillo tivesse senso commum ! » O ministerio publico, Fouquier-Tinville, dava instrucções, antes da audiencia, sobre o numero de carros necessarios para a execução. O jury era uma formalidade.

O tribunal era apenas a secretaría da guilhotina.

N'esta synthese descriptiva em que pouco alteramos o texto dos Goncourts na sua « Historia da sociedade francêsa durante a Revolução », evocamos com fidelidade o scenario, os actores e o argumento theatral dos julgamentos de conspiradores, taes como os pra-

ticára a revolução francêsa, a mãe feroz da liberdade.

Não faltam hoje vozes piedosas, vozes atemorisadas e vozes revoltadas, que, todas sob a influencia febril do exaggero, pretendem pôr em confronto o drama judicial das Trinas com a tragedia sinistra do Pariz de 93 — que já alimentava, obscuro, no seu seio, o despota equilibrador : o pallido official de artilharia, Bonaparte.

Não são estas benignas notas, tão por completo isentas de pedantismo, proprias para debater, n'uma dissertação politico-judiciaria, o caso das condemnações do tribunal de Lisboa. Que seja desproporcionada a applicação da mesma pena a um criado, que em 1911 é portador de duas cartas de Paiva Couceiro, e a um official que em 1891 se bate denodadamente com o regimento nas ruas do Porto contra as instituições; que seja desvirtuar o mandato de accusação de que a sociedade — não o regimen, não o governo — investe o ministerio publico, a declaração de que elle tudo fará no decurso dos debates para defeza da republica, isto são coisas que mais tarde a Historia ha-de analysar com a sua justiça serena e implacavel. A unica contribuição que podemos trazer ao longinquo exame dos historiadores é a de uma testemunha que viu,

que ouviu e que, guardando inviolaveis as suas opiniões sobre o que viu e sobre o que ouviu, não póde, porém, ser accusada de desacato á justiça precaria dos homens falliveis tentando, embora sem brilho, o descriptivo do scenario e dos actores do drama a que assistiu.

E que se não alvorocem as imaginações romanticas, os corações sentimentaes e as almas credulas. O tribunal das Trinas, installado n'uma sala do convento fundado em 1661 pelos flamengos Cornelio Wandali e sua mulher Martha de Bós, em coisa alguma se parece com o tribunal do Palacio da Justiça de Pariz. Juramol'o. Nem os bustos de Marat e de Bruto na parede, nem as mesas com esphynges de bronze, nem as plumas tricolores dos juizes sanguinarios... O scenario é diverso. Logo, o drama é differente.

A « escadaria das Parcas » é uma escada estreita, ziguezagueando em apertados angulos agudos, e communicando o pateo, adornado de azulejos nacionaes do seculo XVIII, com o dormitorio immenso, onde ao somno das asyladas succedeu o pesadêlo dos reus. Dos quarenta metros de extensão que a sala deve ter, menos talvez da quarta parte constitue o recinto da teia. As tres quartas partes restantes foram cedidas aos espectadores do

empolgante cinematographo judicial, onde as fitas dramaticas se succedem, vertiginosas. E esta desproporção entre a área do palco exiguo e a plateia profunda, que se engolpha na penumbra, dá logo de chofre, a quem a mede, a impressão exacta de que, n'aquelle drama, o publico é ao mesmo tempo actor primacial. Da multidão rumorejante e inquieta, arrumada nos bancos de caserna, de pé em cima d'elles, acotovellando-se, comprimindo-se, ora em oscillações brandas de ceára tocada pelo vento, ora em balouços de mar tempestuoso, chegam á teia um halito quente de mil anciedades, os fluidos thelepaticos das emoções, essa pressão imponderavel de mil vontades imperiosas, influentes, que actuam sobre as placas sensiveis das imaginações, impressionando-as.

Esse publico é alli o que era em Pariz o delegado do *comité* de salvação publica : o fiscal da justiça *republicana*. A um tempo juiz, delegado e jury, elle condemna, accusa, delibera.

Imponham-lhe silencio. Os seus olhos fallam, a sua attitude falla, a sua bocca fechada falla. Calem-se embora as cordas vocaes d'aquella áspera orchestra humana. O gesto, a expressão e o movimento são ainda uma linguagem. Vão dizer á onda que não rumoreje, ao vento que não sibile...

Contenham-no embora os soldados da guarda republicana e os officiaes de diligencias. Perante o juiz togado, elle é a omnipotencia obscura mas sensivel. De costas para elle, o réu sente-o, como o coelho sumido na urze sente o revoltear longinquo e ameaçador da aguia. Deante do jury elle é um outro jury, inexoravel. O tribunal é elle. A patria offendida é elle. A justiça é elle. E nunca mais espessa venda cegou a justiça symbolica...

Para que, sobre este espectador impressionavel ás paixões — que insensibilisam a piedade — os actores do drama judicial exercessem o dominio moral da influencia, seria necessario que o templo da Justiça mais se coadunasse em grandeza solemne á ceremonia que no seu ambito se representa.

Em parte alguma mais do que no tribunal se justificam as architecturas magestosas. D'antes ainda, o Christo na cruz transfigurava os tribunaes os mais humildes, em recintos sagrados.

Banido o Crucificado, forçoso é que para lhe substituir o divino prestigio, o homem emancipado da superstição religiosa eleve á Justiça os templos que elevava á Divindade. Nos povos de maior civilisação, o ceremonial lithurgico da justiça reveste-se de severas pompas decorativas. As togas vermelhas, os

arminhos e as cabelleiras dos juizes, as togas dos advogados, os uniformes dos meirinhos e bedeis, as capas pretas dos escrivães do processo dão á teia a solemnidade que se ajusta á gravidade do drama judicial.

Entrando um dia n'um tribunal inglês, desde o limiar da porta nos subjugou um respeito religioso. Cuidamos entrar n'um sagrado dominio. A luz coada pelos vitraes de altissimas janellas gothicas illuminava com theatral clarão a sumptuosa scena, a que presidia o juiz togado, com a sua cabelleira de cachos, atraz do qual se postavam, immoveis como estatuas, os meirinhos de calção e meia. Bedeis com cadeados de prata ao pescoço perfilavam-se ás portas de marmore, sobre que desciam reposteiros de velludo carmezim com o escudo de Inglaterra.

Os bancos eram de carvalho esculpido; o chão de mosaico. Ficamos um instante a olhar, a ouvir. Fallava o accusador : um homem glabro, de perfil romano; e quando, ás vezes, parcimoniosamente, o seu braço se erguia, em volta do pulso branco a renda branca da manga da sua beca de setim preto parecia colorir-se aos fogos polychromos dos vitraes. Accusava e dir-se-hia que discursava n'uma academia. Nem um gesto violento lhe desmanchava a linha ponderada, a

fleugma austera, a sobriedade humanitaria...

E tinha-se a impressão de que a justiça administrada n'aquelle templo de marmore, por aquelles homens calmos, diante de um auditorio mudo, deveria ser pura, meticulosa, exacta, superior ás paixões humanas, invulneravel ao erro.

Não assim no lobrego tribunal das Trinas. A' vastidão da sala impossivel nos é associar qualquer impressão de grandeza. Tanto poderia servir á camarata de um quartel, como á enfermaria de um hospital. O tecto de madeira, talhado em trapesio isosceles, é suspenso e apoiado em armações de ferro. Pequenas janellas quadradas illuminam diffusamente a sala de paredes caiadas. A's quatro horas da tarde, é preciso accender os candieiros de gaz, em fórma de aranha, que se lhe adaptaram á pressa. No extremo do salão sombrio, interceptando uma janella, sobre um estrado, fica a tribuna do juiz, que parece a mesma que no antigo theatro do « Principe Real » servia ás audiencias dos melodramas populares. Lá em cima, emergindo da mesa alta, a cabeça branca do juiz em frente de uma campainha. A penumbra envolve-o, quasi o apaga, como se elle não fosse alli, de facto, senão uma sombra. A' direita, em nivel

inferior, o réu e as bancas dos escrivães, a tribuna menor do ministerio publico, forrada de baeta vermelha. Em frente, a pequena bancada em amphitheatro onde se senta o jury. Aos pés do juiz, o escrivão do processo. A seguir, em face da mesa do advogado, collocada á direita da tribuna da accusação, quatro bancos. No primeiro, sentado, o réu. Frente a frente, respectivamente á direita do advogado e á direita do jury, os recintos reservados aos espectadores forenses e á imprensa. Eis o pretorio revolucionario. Não é pobre. E' peor. E' indigente. Tem o aspecto indissimulavel das coisas improvisadas. Não infunde respeito. Falta-lhe a clara honestidade da luz. Quando o dia obscurece, antes do accender do gaz, não se sabe bem o que aquillo seja. O que se passa alli n'aquelle ambito escuro? Que se representa n'aquella sala tetrica?

Tendo-se despido á justiça a solemnidade objectiva, a unica coisa que parece ter-se procurado e ter-se encontrado n'aquelle dormitorio de convento, é uma vasta sala de espectaculo, capaz de conter numero elevado de espectadores. E, como de antemão se sabia que estes haveriam de provir dos sub-sólos revolucionarios, acharam-na adequada á installação do cinematographo judicial. Para esse publico pouco exigente, aquelle armazem con-

vinha, qualquer mobiliario servia. Foi-se buscar ás arrecadações da Boa Hora o ferro-velho da Justiça. Compraram-se alguns metros de baeta transparente. Armou-se o pretorio. Infallivelmente, este havia de resultar deploravel. Tanto melhor, pois que a sua miseria mais se prestava ás expansões familiares da multidão.

Comtudo, n'este scenario execravel, representa-se um drama terrivel, embora destituido de magestade exterior. Algumas vezes o desgraçado que se senta no banco dos réus sahe d'aquella sala lobrega para a cella penitenciaria. Do alto d'aquelle pulpito de *guignol*, a voz do juiz tem proferido a sentença pavorosa : vinte annos de degredo... Como o crente que, vindo de mil leguas ao longe, ao subir ao monte do Calvario exclamava : « Pois é só isto? » nós tambem, ao entraramos na teia do tribunal das Trinas nos sentiamos perplexos. Como já a luz diurna fosse a declinar, a penumbra envolvia com o seu fumo a sala immensa. O accusador fallava, gesticulando, brandindo papeis como armas. Um Fouquier-Tinville de comedia, acabando a carreira n'um papel que exorbitava das suas aptidões : era evidente. Os actores estavam em relação com a *mise-en-scène*. Uma companhia modesta de theatro popular... « Todos os males

da patria provinham de não se haver feito a republica em 1640... » « Era preciso condemnar o réu d'aquelle dia para que se não dissesse que só os humildes sahiam d'alli punidos... » Absurdos? atrocidades? O povo applaudia. Da sombra onde se agglomerava, agitada, a multidão, vinha sobre o pretorio um borborinho condemnatorio. E de repente, no banco onde se senta a familia do réu, acompanhada por algumas testemunhas da defeza, os meus olhos avistam uma creança de olhinhos esgaseados de terror, vestida de preto como uma viuvinha de sete annos, que se agarra ao braço da mãe pallida e lhe limpa as lagrimas com os dedinhos minusculos.

E aquella creança piedosa, que limpava as lagrimas d'aquella mulher succumbida, era em frente d'aquella ferocidade a imagem redemptora de um futuro que todos os nossos Hébert e todos os nossos Fouquier-Tinville não poderão impedir que se avisinhe. Ah! quantos prantos terão de enxugar as mãos hoje ainda pequeninas das creanças; quantas feridas não terão de curar as mãos bemfazejas d'essas mulheres de ámanhã : d'essa geração de enfermeiras moraes, que tão cedo começa nos pretorios da justiça humana o seu tirocinio de piedade!

* * *

31 de Dezembro.

O desacato da igreja do Soccorro.

Se ha um momento, na profissão do seu sacerdocio, em que o padre catholico esteja intimamente em communicação com a divindade, esse é aquelle em que celebra a ceremonia da missa. Segundo a doutrina tradicional da Igreja catholica, resumida e definida no Concilio de Trento, a Eucharistia é, não só um sacramento, mas ainda mais, um verdadeiro sacrificio. Presente no altar, materialisado no pão e no vinho, Jesus Christo, — segundo o dogma ecclesiastico, cuja fé absoluta pelo menos ao sacerdote se impõe, — alli continúa e repete o sacrificio da cruz, sob a unica fórma já agora possivel : de uma maneira mystica e incruenta. A palavra sacerdotal, que parece invocar isoladamente, como se os separasse com violencia, o seu corpo sob o aspecto do pão e o seu sangue sob o aspecto do vinho, é a recordação e a imagem da morte. Assim, a missa consiste essencialmente na consagração das duas especies : a hostia de trigo e o vinho puro. O seu principal ministro é o proprio Christo, immolando-se no altar, como se immolou no Calvario.

Os padres nada mais fazem do que prestar-lhe o seu ministerio exterior, cumprindo o mandamento que de Jesus receberam os apostolos, para elles e seus successores, quando, depois de haver celebrado na Ceia a primeira missa, lhes disse : « Fazei isto em minha memoria ». O sacrificio eucharistico é, pois, o proprio nucleo da religião christã, desde que no altar, como na cruz, Jesus Christo se offerece para implorar e apaziguar Deus, em nome da humanidade que representa. Era necessario recordar préviamente esta significação maravilhosa da ceremonia da missa, tal como a Igreja catholica a interpretou e a revelou aos seus ministros, para bem se attingir a significação do que nos propomos a narrar.

Como de costume, que de ha tantos seculos vem, em alguns templos de Lisboa celebrou-se á meia noite do dia 24 a chamada *missa do galo*, commemorando o nascimento do fundador da religião christã, esse generoso Jesus, de quem Renan, ao terminar a *historia* da sua vida, diz que « todos os seculos proclamarão que entre os filhos dos homens nenhum maior do que elle jámais nasceu ».

Foram desusadamente concorridas, na Lisboa demagogica do anno II da republica, estas missas natalicias. Dando o exemplo

corajoso da sua fé recrudescida, milhares de crentes vieram ajoelhar nas igrejas e commungar nas mesas eucharisticas, approximando-se de Deus.

Que admira? Foi sempre nos periodos das perseguições que as religiões se engrandeceram e a fé se afervorou nos seus proselytos. Por mais bella que seja a moral de Jesus, ella não teria sobrevivido como doutrina religiosa, avassalando o mundo, se ao supplicio do Calvario se não tivesse seguido, alimentando-a com caudaes copiosissimos de sangue, o martyriologio dos dois primeiros seculos do christianismo.

Esses exercitos de crentes devorados pelas féras nos espectaculos dos circos romanos, queimados nos jardins de Nero para lhe alumiarem os cortejos libertinos, afogados no Tibre e degolados nos carceres; essas legiões mysticas de fieis, que beijavam as armas dos supplicios, que resavam sob as garras dos leões da Numidia, que entoavam canticos sagrados nas arenas, emquanto os tigres e as pantheras rastejavam, de fauces hiantes, para o repasto humano, ao clamor enthusiastico de todo o amphitheatro, foram os propulsores do christianismo.

E' esse formidavel holocausto que enche o prato da balança que inutilmente alguns le-

gisladores orgulhosos pretendem fazer sahir da sua immobilidade eterna lançando no outro prato as paginas impressas de um decreto. Nunca o homem conquistou sem inauditos sacrificios qualquer dos grandes, dos essenciaes beneficios que as sociedades humanas usufruem. Lei terrivel é essa que preside á conquista dos mais generosos ideaes!

A humanidade ascende, de hecatombe em hecatombe, para os paramos longinquos da perfeição. Junto de cada grande ideia triumphante ha um mar de sangue. Percorra-se a vastidão da historia com o olhar attento do pensamento. Os padrões commemorativos das metamorphoses humanas, na moral como na liberdade, são pyramides de cadaveres. O prestigio supersticioso da morte parece necessario para impôr ao respeito da posteridade inconstante as verdades definitivas. O sangue solidifica-as. Foi com o seu proprio sangue que os povos traçaram no sólo as linhas divisorias das nações. E sempre que o momento chega em que uma d'essas apavorantes convulsões de ideal se apodera do homem, eil-o transfigurado pelo delirio generoso, reproduzindo o heroismo de Christo no Calvario, subindo aos cadafalsos sem pestanejar de mêdo, encarando impavido a morte. Como a redemptora doutrina moral do christia-

nismo, a doutrina politica dos « Direitos do Homem », proclamada pela revolução francêsa, tem um martyriologio estupendo. Só os instrumentos de morte se modificaram. Em vez das féras, a guilhotina. Em vez da cruz, o patibulo. Em vez da degolação, o fuzilamento. Os pormenores variam. A tragedia é a mesma.

O exilio vem substituir as catacumbas. No fundo é a mesma coisa, pois que é a mesma a fé que inspira e fortalece as victimas, que alenta e impulsiona os apostolos.

Mais, porém, do que todas as crenças humanas, a crença religiosa transfigurou em todos os tempos o semi-deus ephemero da terra, o nobre vertebrado que se debate sobre a crosta do planeta, á luz dos astros e dos soes, arrebatando-o em sublimes transportes de heroismo. E' pelo seu Deus que mais a humanidade tem soffrido. Desde os captiveiros de Babylonia, nas biblicas idades longinquas, até aos massacres contemporaneos da Armenia, o homem padece na defeza da sua religião e pelo seu Deus verte em torrentes o seu sangue. Quando na França do Terror embateram em formidando conflicto as duas fés : a de Deus e a da Republica, viram-se os christãos, os sacerdotes, as religiosas caminharem para a guilhotina como para a re-

dempção, subindo os degraus viscosos do patibulo como se subissem a escada resplandecente de Jacob. Dir-se-hia que as almas se alegravam de libertar-se dos corpos. E n'esse assombroso depoimento de coragem, preciso é confessal-o, os jacobinos aparentavam a mesma estoica firmeza dos catholicos, os atheus encaravam a morte com a mesma intrepidez dos que suppunham partir para as regiões celestes. Em uns e outros havia a fé : a fé na Liberdade, a fé em Deus, que é a paixão ardentissima da alma.

E' pela falta d'essa fé fervorosa, d'essa fé convicta, d'essa fé impavida, quemuitas das paginas da revolução portuguêsa deixam de ter a dramatica belleza que é o prestigio nobilitante dos vencidos.

Viram-se, é certo, as salezianas de Belem receberem o povo, que lhes invadira o convento em 7 de outubro, ajoelhadas em frente do altar, revestidas dos seus habitos, commungando.

Viu-se o padre Fragues, capellão da legação de França, provincial dos lazaristas, quando a multidão assalta o Collegio de S. Vicente de Paula e assassina o padre Barros Gomes, ir heroicamente buscar os santos oleos para ungir o companheiro agonisante, sem que o aterrem as ameaças da plebe des-

vairada, e morrer como um sacerdote, quando tão facil lhe teria sido salvar-se pela fuga, como um desertor.

Mas, tanto as salezianas do Altinho como o lazarista de S. Vincente de Paula, victima do seu dever sacerdotal, não pertenciam á igreja portuguêsa.

Póde dizer-se que a benignidade com que se desflagrou o movimento revolucionario lhe não permittiu patentear a vocação do martyrio; e seria absurdo accusal-a de não ter, por méra theatralidade, offertado á gloria de Deus uma legião de novos martyres. Não lh'os pediram os triumphadores incruentes, que sahiram honradamente da lucta com as mãos quasi limpas de sangue.

Mas o que difficil seria testemunhar é que n'outros que não sejam os denodados combatentes da Rotunda, a fé tivesse abrazado as almas até a incandescencia do heroismo. E porque tinham a fé venceram. Evidentemente, a vida póde viver-se sem fé. Os scepticos tambem vivem. Mas nenhuma cousa grande jámais se commetteu sem a intervenção da fé, e profissões ha que essencialmente a exigem para o seu nobre exercicio. Acima de todas : o sacerdocio. Ora o caso succedido na igreja do Soccorro, na vespera do Natal, denuncia que no clero português ha desfallecimentos de

fé que gravemente o compromettem perante os detractores da religião.

Não venho contar cousa que se não saiba. No momento em que, no templo replecto de fieis, se celebrava a missa da meia noite, um grupo numeroso de populares invadiu a igreja, imitando o canto do gallo, galhofando ruidosamente, como se houvera entrado no baile de mascaras da Trindade.

Muitos conservavam o chapéu na cabeça. Alguns, aproveitando-se da semi-obscuridade da igreja, beijavam as mulheres ajoelhadas. Outros dirigiam facecias ao padre. Logo um reboliço enorme enche o templo.

Perseguidos pelas vaias dos profanadores, os fieis precipitam-se para as portas. Tudo foge em desatino, como deante das chammas devoradoras de um incendio.

Vai ficar, no altar, communicando com Deus, alheio ás miserias da terra, exhortando a divindade a perdoar os crimes dos homens peccadores, o sacerdote que celebra o sacrificio da eucharistia? Não está elle, n'aquelle momento solemnissimo, segundo os ritos e os dogmas da religião que professa e de que é ministro, em intima communhão com o filho de Deus? Para redimir a humanidade não está elle, sobre o altar, symbolicamente repetindo a tragedia do Calvario? Desertar, para elle,

não é mais ignominioso, do que para o porta-bandeira o fugir na hora de batalha? Que mais forte, que mais imponente armadura jámais revestiu o corpo de um guerreiro do que aquella que alli o cobre? Não tem elle a sua casula, a sua estola, o seu manipulo, a sua alva e o seu amicto? Mas o que se vê é o ministro de Deus, possuido de panico, embrulhar no véu o calice onde oscilla o sangue de Christo, envolver no corporal a patena onde ainda restam porventura particulas da hostia consagrada, e abandonar o tabernaculo, abdicar do seu dever, trahir a sua fé, negar com o seu mêdo a omnipotencia do seu Deus!

E deante do terror d'este sacerdote, o nosso espirito evoca a famosa sessão da camara dos deputados de França, quando o anarchista Vaillant, da tribuna do publico, arremessa ao hemyciclo uma bomba de dynamite, e que o velho Brisson, da sua cadeira da presidencia, impondo silencio, diz com o sereno estoicismo de um Socrates:

— A sessão continúa...